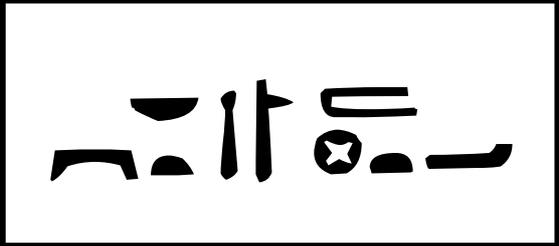
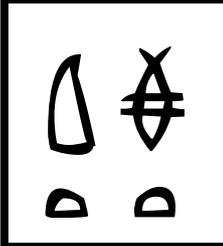


LIBER
 ABA
 LIVRO
 QUATRO
 SVB FIGVRÂ
 IV





**LIBER ABA
O LIVRO QUATRO**

Sub Figurâ IV



**A. A. A.
Publicação em Classe B - E**

Copyright © 1913 Aleister Crowley
Copyright © 1997 e.v. na língua portuguesa de *Abrahadabra Publicações*
Copyright © 2006 e.v. na língua portuguesa de *Amrit Publicações*

TRADUÇÃO E NOTAS:

*Frater Parsifal IX*º O.T.O.
Marcelo Ramos Motta

CO-TRADUÇÃO, REVISÃO E NOTAS:

Shakta Ádynátha Amánáska, 947
Rubens Bulad



**Amrit
Thelema, Yôga & Magick
www.amrit.com.br
MMVI era vulgaris**

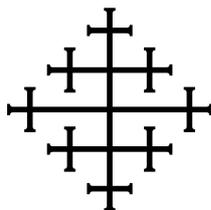


Publicação em Classes A, B, D & E



Ordo Templi Orientis



 *Baphomet*



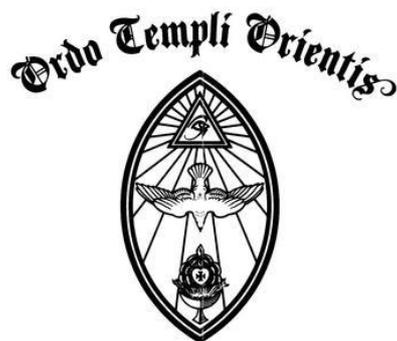
Livro Quatro

Órgão oficial de divulgação da A.:A.:



Faz o que tu queres há de ser tudo da Lei.
Amor é lei, amor sob vontade.
A palavra da lei é
Θελημα

Órgão oficial de divulgação da O.T.O.

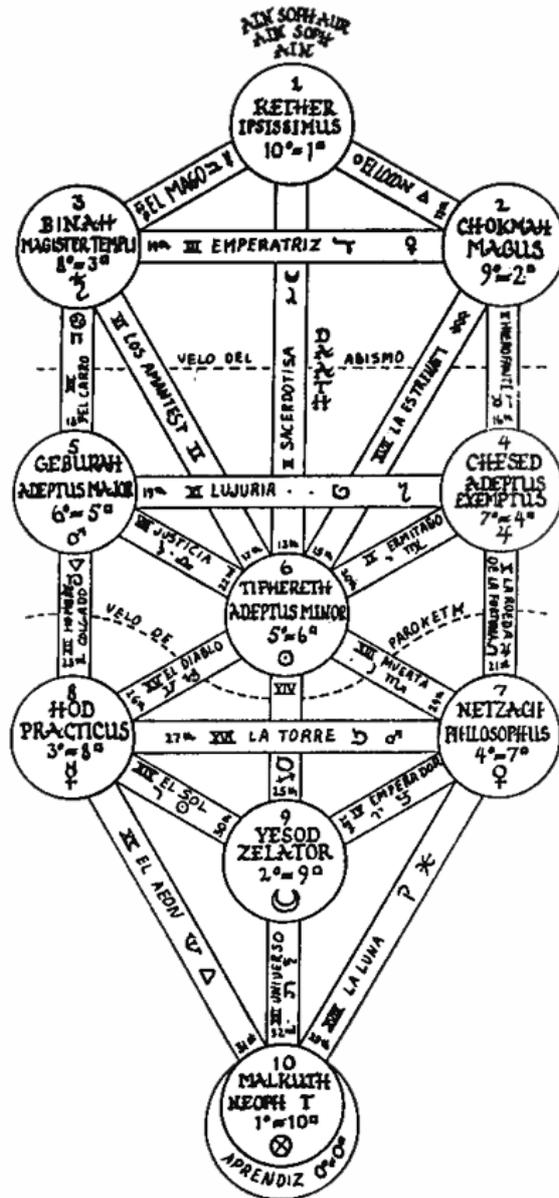


© 1997-2006 e.v. *Shakta Ádynátha Amánaska*, 947

Amrit Publicações

Órgão de divulgação da *Lei de Thelema* em Goiás
República Federativa do Brasil





Prefacio do Livro Quatro

Estes dois pequenos livros me impressionam hoje em dia como o fizeram há quarenta anos quando eu os li pela primeira vez. Eles agrupam em sua simples estrutura, clareza e profundidade em uma só unidade e da mesma forma ainda não existe escrito nada que se compare com eles na literatura ocultista.

O primeiro se ocupa da Yoga. Com um sistema metódico Aleister Crowley se preocupa em trazer a realidade para o tema tirando dele o mistério que o rodeava. Com grande clareza Crowley descreve cada passo com uma técnica de disciplina mental que conduz o estudante as mais longas alturas já conhecidas.

Nenhuma parte deste estudo foi discutida sem prévia experimentação por parte do autor.

A maioria de suas práticas da Yoga datam de 1901. Enquanto fazia suas viagens ao Himalaia para praticar alpinismo se deteve no Ceilão para visitar seu antigo mentos mágico-espiritual, Allan Bennett. Juntos, experimentaram e aprenderam as disciplinas da Yôga sob a supervisão de Sri. Parananda. O primeiro triunfo culminou na obtenção de Dhyána, um incrível orgasmo interior da mente. Nos anos seguintes, ele retomou as práticas de Yôga e com base nestas experiências ele escreveu Livro Quatro parte I. Esse é o melhor tratado ocidental de Yoga. É bem diferente dos tratados orientais dos Yôgis e Swamis que parecem determinados a complicar tudo. A parte II lida com o simbolismo mágico. A Magia em si não é tão fácil de entender como as puramente físicas e/ou mentais técnicas de Yôga.

Durante a década de 1920, Crowley escreveu a parte III sob o título de *Magick em teoria e prática*, onde, novamente, explora e explica o tema em um nível mais prático. Mas, para se entender a Magia, é necessário uma profunda compreensão deste trabalho. Para mim, este é um clássico.

Israel Regardie
21 de Março de 1969
Studio City, Califórnia



Introdução do Redator¹

O título original de maior parte deste tratado de Magia é *Magick, in Theory and Practic*.

Em 1929 ele foi editado de forma privada para alguns iniciados em duas versões: Uma versão completa de capa dura com as quatro partes e os apêndices² e outra dividida em quatro partes sem os apêndices.

Foi uma tiragem no total de mil livros que foram distribuídos pelas livrarias simpatizantes de Londres e nesta ocasião não houve críticas por parte da imprensa.

“As pessoas em geral querem um tratado de Magia”, escreveu Crowley. “Nunca foi feita um verdadeira tentativa desde a Idade Média desde as obras de Levi.” Ele esqueceu-se de mencionar o *Magus* ou *Inteligência Celestial* de Francis Barret no ano de 1801.

A obra não foi a primeira tentativa de Crowley em querer explicar a Magia em termos gerais. Em 1911 ele publicou de forma privada a primeira parte do *Livro Quatro* e no seguinte ano ele fez o mesmo com a segunda parte. ‘*Magick em teoria e prática*’ era na realidade [naquela época], a terceira parte.

Nas duas primeiras partes ele teve a ajuda de *Soror* Virakam (Mary d’Est Sturges), uma amiga de Isadora Duncan e Mulher Escarlata nesse tempo de Crowley. Ela não apenas o ajudou a escrever como também financiou a edição dos livros. *O Livro Quatro* tem ainda uma quarta parte [O Equinócio dos Deuses]. Esse, é um volumoso comentário sobre o *Livro da Lei*.

A primeira parte do *Livro Quatro* trata dos princípios gerais do Yôga, subdividindo-se em Ásana (postura), Pránáyáma (regularização do controle da respiração), Pratyahára (introspecção), Dháraná (concentração mental), Dhyána (meditação) e outros ramos do Yôga.

Entre 1902 e 1906 Crowley estudou profundamente Yôga sob a tutela de Gurus iniciados, por este motivo seu conhecimento sobre o tema não eram de forma alguma teóricos.

Yôga foi um tema discutido por Blavatsky que o estudou durante anos na Índia, porém, Crowley, se iniciou em ramos enigmáticos da Yôga – em diferença dela – que hoje conhecemos como Tantrismo,³ esse é um ramo da Yôga difamado e denegrado pala sociedade Teosófica de Blavatsky.³

¹ Nota de S.H. *Shakta Ádynátha Amánáska, 947*: Este tratado sobre Yôga, em especial a Parte 1 desta Obra, trata de *Rája Yôga*, que é uma das 108 modalidades de Yôga existentes. Um Yôga autêntico, antigo, pré-clássico, consiste em 8 Angas (partes), à saber: Mudrá (gesto reflexológico feito com as mãos), Pújá (retribuição de energia, ou trânsito energético), Mantra (vocalização de sons e ultra-sons), Pránáyáma (expansão da bioenergia através de respiratórios), Kriyá (atividade de purificação das mucosas), Ásana (técnica corporal), Yôganidra (técnica de descontração) , e Samyama (concentração, meditação e samádhi). O *Rája Yôga*, que é descrito nesta Obra de Crowley, é o Yôga Mental, e possui um número maior de técnicas mentais do que outras modalidades de Yôga. Rája significa Real (dos Reis). Consiste em apenas quatro Angas (partes): Pratyáhára (abstração dos sentidos), Dháraná (concentração mental), Dhyána (meditação) e Samádhi (hiperconsciência). Posteriormente, em torno do século III a.c., a estas quatro técnicas foi acrescentada uma introdução constituída por outras 4 (Yama, Niyama, Ásana, Pránáyáma), com o que codificou-se o *Ashtanga Yôga*, ou *Yôga Clássico*. Hoje em dia existem inúmeras deturpações deste tipo de Yôga.

² Nota de S.H. *Shakta Ádynátha Amánáska, 947*: “Magick” na realidade são as três primeiras partes mais os apêndices. O Leitor pode ainda encontra o “Liber ABA” que são as quatro partes mais os apêndices.

³ Nota de S.H. *Shakta Ádynátha Amánáska, 947*: Os Teosofistas denigrem o Tantrismo, assim como a grande maioria dos Hindus, pois o que foi ensinado a Blavatsky foi o Yôga *Védanta-Brahmachárya*, isto é, Espiritualizado e cheio de conotações Místicas. Este tipo de Yôga Medieval chega a ser nocivo para o estudante de Thelema. O Yôga Tântrico tende a ser Sámkhya, i.e., Naturalista. É um Yôga Pré-Clássico, Pré-Védico, Pré-Ariano, datado de cerca de 5000 anos atrás. Logo, é o mais autêntico.



Crowley foi mais fundo. No início do século XX ele aprendeu na *Golden Dawn* a tradição do ocidente com suas raízes no antigo Egito com influências da Qabalah judaica.

O K anglo-saxão no final de *Magick* era o conceito que Crowley usava para divulgar seu sistema particular de iniciação. O K é equivalente ao número onze em muitos alfabetos e onze é o número principal da Magia porque é atribuído aos qliphos – que devem ser conquistados antes de se poder executar a Magia. O K tem outras implicações mágicas: corresponde ao aspecto de poder ou *Shakti* da energia criadora porque o K é igual ao *Khu* no antigo Egito, o poder mágico. Especificamente é *Kteis* (vagina), o complemento da Baqueta (falo) que o Mago utiliza em determinados aspectos da Grande Obra.

A segunda parte trata das Armas Mágicas, sua construção, consagração e para que serve cada uma.

A terceira parte Crowley expõe seu próprio sistema de iniciação.

Até então vários autores tentaram revelar a verdadeira natureza da Magia, porém, coube a Crowley em *Magick* expor as *Chaves* para o adestramento das funções mágicas do Magista.

Segundo Crowley, *Amor sob vontade*, pode ser interpretado Kteis sob o Falo, é a Fórmula oculta do Aeon de Horus. Esta é a fórmula da Magia Sexual mais direta e mais potente e assim é claro que existe maior êxito, porém, como ele mesmo diz, pode ser a mais perigosa se usada de forma errada.

A *prima* idéia da Magia é permitir que o Mago tenha influência no reino que está por detrás das aparências para poder transformá-las. Em outras palavras, “*causar transformações em conformidade com sua Vontade*”. Para que isso seja feito, ele deve conhecer o Universo sutil Interior. A Árvore da Vida é um mapa deste Universo Oculto Interior que compreende Assiah, Yetzirah, Binah e Atziluth.

Neste livro o estudante poderá compreender que o Mago e sua *Shakti* (ou a Maga e seu Shakta) mesmo estando em plano físico exaltam sua consciência em níveis superiores de outras dimensões regidas por poucas Leis, ou seja, a potência de suas sexualidades lhes permitem transcender seus próprios níveis de consciência e estar diretamente em contato com o plano astral.

Outros sistemas fazem o mesmo tipo de exaltação de consciências com rituais cerimoniais, porém, aquele que pratica o sistema Thelêmico sobe ou desce para encontrar seu nível de consciência levando em consideração que, o êxtase é um estado metafísico em sua forma mais concentrada que é o *Samadhi*, é o produto ou fruto da união de opostos, que em si, é a meta do Yôga e da experiência mística.

Temos então sobre o plano físico as polaridades necessárias, Sol (a Besta) e Lua (BABALON), o espírito e a Carne. A Fórmula de Set, o êxtase da união do espírito e da Carne, o Sh & o T que Crowley explica neste livro. Essa é a verdade de sua Magia.

Ainda no sistema de Crowley encontramos: BABALON (*Babal = porta, On = Sol*) significa “*O Portal do Sol*”; Ela admite a *força solar* através de seu *portal, canal, passagem* e “*cat*” isto é, gata em inglês, *‘pudenta’*. Como a ‘gata’, Ela é a Lua, ou o Sol refletindo o “*Olho de Amenth*”; o *Olho Esquerdo do espaço* assim como o Sol é o direito.

O nome BABALON é numericamente equivalente a 156, enquanto que a forma corrupta ou apocalíptica BABYLON (Babilônia) soma 165 – um número que não possui qualquer significância particular qabalística. 156, por outro lado, leva várias idéias relacionadas com a função da “*Mulher Escarlata*”. Por exemplo, o número de TzIVN, ZION, a *Montanha Sagrada* e também o número da Cidade das Pirâmides sob a noite de Pã que deve ser penetrada e explorada através do mágico uso de BABALON. Também é, de acordo com Liber CDXVIII (418),



o número do *CHAOS*, que é uma concepção de singular importância na Qabalah, pois assim é um secreto nome da *Besta*. *BABALON* está assim identificada com o verdadeiro Senhor.

A *Cidade das Pirâmides* é *Binah*, a terceira Sefhira da Árvore da Vida. Refere-se a Saturno e, portanto, identifica a mais antiga concepção de 'Geratriz'. A final destruição do conhecimento de *Daath*, a falsa Sefhira, abre os portais da Cidade das Pirâmides.

Em outra forma de compreensão, a Cidade das Pirâmides compreende as séries de sessões piramidais – 156 em número – ao lado dos quatro lados das *Torres do Universo*.

É dito na tradição cristã que o Filho se senta ao lado direito de seu Pai. Isso nos faz indagar de que estaria ao lado esquerdo, pois afinal, esse Pai não teria só o lado direito...

Rubens Bulad

19 de Setembro de 1998

Marseille, France



**Publicado por ordem
da Grande Fraternidade Branca
conhecida como A.: A.:**

Testemunho de nosso Selo

N.:

Praemonstrator General



Uma Nota

Este livro não é um trabalho completo de *Frater Perdurabo*. A experiência demonstra que seus escritos são muito concentrados, obtusos e ocultos para aqueles de mente ordinária. Pensamos que estes apontamentos reunidos de nossas conversas casuais demonstram ser mais inteligíveis e convincentes e provê o estudante com um estudo preliminar para que possa se concentrar na Grande Obra desde o ponto de vista de alguns conhecimentos gerais e a compreensão de suas idéias na forma em que ele as figura.

A Segunda parte de “*Magick*” é mais avançada do que a primeira. Espera-se que o estudante conheça um pouco da literatura referente ao tema e que tome um ponto de vista inteligente do mesmo. Essa parte é realmente a explicação da primeira que em si, é somente um esquema.

Se as duas partes são estudadas com profundidade e compreendidas, o aluno obterá todos os fundamentos essenciais da Magia e do Misticismo.

Eu escrevi este livro dos ditados de *Frater Perdurabo* na Vila Caldarazzo, posilippo em Nápoles, onde eu estudava sob sua tutela. Essa Vila nos foi profetizada muito antes de chegarmos em Nápoles por aquele irmão da A.: A.: que me apareceu em Zurich⁴. Todos os pontos obscuros se esclareceram (os discursos foram agrupados). Antes de levarmos a obra para gráfica ela foi totalmente lida por várias pessoas de mais ou menos uma inteligência média e todos os pontos relativamente obscuros foram retirados.

Que todo o caminho esteja claro para todos!

Frater Perdurabo é o mais honesto dos Mestres de todas as religiões. Outros disseram: “*Creiam em mim*”, mas ao contrário, ele disse: “*Não creiam em mim*”. Ele não pede seguidores; ele os despreza e os rechaça. Ele quer um corpo de estudantes que confiem em si mesmos e que sigam seus próprios métodos de investigação. Se ele pode ajudar-lhes dando-lhes “*conselhos*” em suas dificuldades, seu trabalho foi realizado com satisfação.

É um absurdo ver aqueles que desejavam que os homens acreditassem neles. Uma língua persuasiva, uma espada eficiente ou tortura produziram esta “*fé*” que é contrária e destrutiva a verdadeira experiência religiosa.

Toda a vida de Frater Perdurabo está agora dedicada para que tu obtenha esta experiência viva da verdade para pô-la em ti mesmo !

Mary d’Est Sturges
Soror Virakam

⁴ Nota de *Frater Pasrsifal IX*: O nome deste irmão foi Ab-ul-Diz. Era uma inteligência desencarnada. Veja John Symonds, *The Great Beast*, CH. 12, Macdonald, 1917.



Há sete chaves para grande porta⁵,
 Sendo oito em uma e oito em outra⁶.
 Primeiro, deixa que teu corpo esteja quieto,
 Ligado pela força da Vontade,
 Rígido cadáver assim para que possas abortar
 Os impacientes bebês que atormentam a mente⁷.
 Logo, deixe que o ritmo da respiração seja baixo,
 Tranquilo, regular e lento;
 Para que teu ser esteja em tom
 Com a ondulação pacífica do grande mar.
 Terceiro, que vossa vida seja calma e pura,
 Movendo-se suavemente como uma palmeira sem vento.
 Que vossa Vontade de Vida esteja ligada
 Ao único amor das profundezas.
 Quinto, deixa a mente divinamente livre
 De sentido, observando sua entidade.
 Vigia a aparição de cada pensamento; realça
 Hora após hora tua vigilância!
 Intenso e agudo, volte-os para dentro,
 Não desperdices
 Nenhum átomo de análise!
 Sexto, sobre um pensamento fixado
 Aquiete qualquer sussurro do vento!
 Como uma chama reta sem a perturbação do vento,
 Inflama teu ser com uma palavra!
 Depois aquiete o êxtase,
 Prolonga a meditação progressivamente e forte
 Matando mesmo a Deus se ele distraísse
 Tua atenção do ato escolhido!
 Por último, junta tudo isso no sobre-humano poder
 O tempo que ao despertar na meia noite, floresceu!
 A unidade é. Mas assim mesmo
 Meu filho, não te desvies
 Não permita a falta de restringir sua expressão,
 Se tal acontece,
 Dispara teu olhar em direção a raiz escura de êxtase
 Descartando nome, forma, visão e tensão
 Inclusive desta suprema consciência;
 Atravessa o coração! Eu o deixo aqui:
 Tu és o Mestre, Eu venero
 Tua plenitude que gira ao longe,
 Oh! Irmão da estrela de Prata!

Crowley, “AHA”⁸

⁵ Nota de Frater O.M.: Os sete chakras do corpo humano. A *Grande Porta* é a porta da Libertação.

⁶ Nota de Frater O.M.: Quando os sete Chacras estão completamente despertos, formam uma síntese e ela é considerada a oitava.

⁷ Nota de Frater O.M.: Uma descrição do método de Yôga para obter consciência livre de pensamento.

⁸ Nota de Frater O.M.: Esta é só uma parte do poema de Crowley que foi publicado pela primeira vez completo no *Equinox*, Vol. I, N° 111, 1919. A palavra “AHA” indica a forma de Deus associada a Vênus. Também *Adonai Ha Aretz*: Deus manifesto sobre a Terra. Valor numérico = 7.



Primeira Parte

Livro Quatro:

Misticismo



Meditação

ou

A consecução do Gênio, ou Divindade, considerada como um desenvolvimento do cérebro humano

Introdução

A existência humana é cheia de sofrimento. Para mencionarmos um só fator secundário: todo homem é um condenado à morte; ele apenas ignora a data da execução. Isso é desagradável para qualquer um. Portanto, cada qual faz o possível para adiar a data, e sacrificaria tudo o que tem se pudesse anular a sentença.

Quase todas as religiões e filosofias angariaram seu sucesso inicial prometendo a seus aderentes a imortalidade como recompensa.

Nenhuma religião até hoje fracassou por não prometer o bastante; a presente derrocada de todas as religiões deve-se ao fato de que os devotos pediram para ver as garantias. O ser humano têm renunciado mesmo às grandes vantagens de uma religião bem organizada que confere um Estado do pondo de vista mundano, afim de não cooperarem com uma fraude ou uma falsidade; e até para não cooperarem com qualquer sistema que, embora não provado culpado de mentira, tenha sido incapaz de provar sua inocência.

Já que estamos mais ou menos na bancarrota, será melhor atacar o problema de novo, desde o princípio, sem idéias preconcebidas. Existirá qualquer verdade em todos os protestos das diversas religiões? Descubramos um jeito de submeter as afirmações delas ao teste da experiência.

Nossa primeira dificuldade esta na enorme riqueza de material para exame. Fazer um crítica de todos os sistemas seria uma tarefa interminável: a nuvem de testemunhos é por demasiado grande. Mas, toda religião é igualmente positiva em suas asserções, e toda religião exige fé. Esta nos recusamos por falta de provas científicas. Porém, podemos com proveito indagar se existe algum ponto sobre o qual todas as religiões em concordado; pois se existir algo em comum entre elas, é possível que este ponto em comum mereça uma séria investigação.

Esta claro que não encontramos isso nos dogmas das religiões. Mesmo a idéia – tão simples – de um ente eterno e supremo é negada por um terço da raça humana.

Lendas de milagres são, talvez, universais; mas estas, na falta de provas convincentes, são repugnantes ao bom senso.

Porém – e quanto à origem das religiões? Como é que afirmativas não provadas tão freqüentemente compeliram a aceitação por parte de todas as classes humanas? Não é isso, por si só, um milagre?

Existe uma forma de milagre que com certeza acontece: a influência do gênio. Não existe nenhuma analogia com este fenômeno da natureza. Não podemos sequer receber um “supercão” transformando o mundo dos cães, enquanto na história da humanidade isso acontece com regularidade e freqüência. Tomemos, então, três “super-homens”, todos os três brigando entre si: o que há de comum entre Cristo, Buda e Maomé? Existe algum ponto sobre o qual todos os três esteja de acordo?



Nenhum ponto de doutrina em comum, nenhum conceito de ética em comum, nenhuma teoria do “além” em comum; no entanto, na histórias de suas vidas, percebemos um acordo entre muitos desacordos.

Que acordo será esse? Buda nasceu príncipe e morreu mendigo. Maomé nasceu mendigo e morreu príncipe. Cristo permaneceu desconhecido até muitos anos depois de sua morte.

Biografias inúmeras Têm sido escritas por seus devotos, no entanto, existe um ponto de acordo na vida dos três: *uma lacuna*. Não sabemos nada sobre Cristo entre doze e trinta anos de idade. Igualmente, antes de ser profeta, Maomé desapareceu numa caverna. Buda deixou seu palácio e passou longos anos no deserto.

Cada um dos três, completamente desconhecido até desaparecer, voltou e imediatamente começou a pregar uma nova lei.

Isso é tão curioso que nos leva a perguntar se a biografia de outros grandes instrutores contradizem e confirmam essa coincidência.

Moisés levou uma vida pacata até matar um egípcio. Então fugiu para terra de Midian, e não sabemos nada sobre o que ele fez ali.

No entanto, mal voltou para o Egito e virou tudo de pernas para o ar. Mais tarde, também, ausentou-se no monte Sinai por alguns dias, e voltou com as Tábuas da Lei na mão.

São Paulo após uma aventura na estrada de Damasco foi para o deserto da Arábia, onde permaneceu muitos anos; e ao regressar, derrubou o Império Romano.

Mesmo nas lendas de selvagens encontramos o mesmo ponto de acordo: alguém sem a mínima importância vai embora durante um prazo curto ou longo, e volta como “o *grande curandeiro*”; mas não se sabe exatamente o que aconteceu com ele.

Descontando todos os outros detalhes como fábulas ou mitos, conservamos essa coincidência única: **Um ninguém se ausenta e volta alguém**. Isso não pode ser explicado de nenhuma maneira usual.

Não existe qualquer base para se crer que esses homens tenham sido, desde o princípio de suas vidas, criaturas excepcionais. Maomé dificilmente teria permanecido um condutor de camelos até os trinta e cinco anos de idade se tivesse possuído qualquer talento ou ambição. São Paulo tinha, originalmente, muito talento: mas ele é o menos importante dos cinco. Nem parece que eles tenham possuído qualquer das alavancas usuais do poder, tais como posição social, fortuna ou influência política.

Moisés era um homem relativamente importante no Egito antes de sair de lá; mas regressou um simples estrangeiro.

Cristo não foi à China casar com a filha do imperador durante seus anos de silêncio.

Maomé não estivera angariando pessoas nem treinando soldados.

São Paulo não tinha estado conspirando com algum general ambicioso.

Cada um deles voltou pobre; cada um deles voltou só.

Qual era a natureza de seu poder ?

Que aconteceu com eles durante sua ausência ?

A história não nos auxiliará a resolver o problema, pois a história nada diz.

Temos apenas coisas contadas por estes homens mesmos. Seria espantoso se nós verificássemos que essas coisas concordam entre si.



Dos grandes instrutores que mencionamos. Cristo se cala; os outros quatro nos contam algo, uns mais, outros menos.

Buda entra em demasiados detalhes para serem comentados aqui; mas um resumo, de uma forma ou de outra, ele se apoderou da força secreta do mundo, e amestrou-a.

Das experiências de São Paulo temos apenas uma alusão casual ao fato de que ele “foi arrebatado ao céu, e ouviu coisas que é proibido dizer.”

Maomé fala simplesmente da *Visão do Anjo Gabriel*”, que lhe comunicou coisas de “Deus”.

Moisés diz que ele “viu Deus”.

Diferentes como pareçam a primeira vista estas afirmativas, todas coincidem em anunciar uma experiência de tipo que há cinqüenta anos teria sido chamada de sobre natural; que hoje em dia pode ser chamada de espiritual, e que daqui a cinqüenta anos terá um nome científico, baseado numa compreensão do fenômeno ocorrido.

Os teólogos a têm explicado; mas de várias formas. Os maometanos, por exemplo, insistem em que Deus existe, e em que realmente mandou Gabriel com recados para Maomé. Os outros todos contradizem isto, e chamam os maometanos de mentirosos. E por causa da natureza mesma do assunto, provar a verdade ou a mentira é impossível.

A falta de provas tem sido sentida tão fortemente pelo Cristismo (e em grau menor pelo Islamismo) que novos milagres têm sido manufaturados quase que diariamente para apoiar a oscilante estrutura do dogma. O moderno pensamento materialista, rejeitando esses milagres, adotou teorias que sugerem epilepsia e loucura. Como se a organização pudesse provir a desordem! Mesmo se a epilepsia fosse a causa dos grandes movimentos que têm extraído do barbarismo uma civilização após a outra, isto seria um argumento em favor do culto da epilepsia.

Claro, grandes homens nunca se conformarão com os padrões de homens baixos, e aqueles cuja missão é reformar o mundo nunca poderão escapar ao título de revolucionários. As moedas de cada época sempre fornecem os termos de abuso. O condicionamento de Caifás era o judaísmo ortodoxo, e os fariseus disseram-lhe que Cristo “blasfemara”. Pilatos era um romano leal ao Império; a ele, acusaram Cristo de “subversivo”. Mais tarde, quando os papas tinham o poder, bastava acusar um inimigo de “herege”. Agora, os socialistas tentam provar que seus inimigos são “fascistas”, e em países “democráticos” atacamos a moralidade deles.⁹

Convém pois evitarmos a demagogia e retórica, e investigarmos com plena imparcialidade os fenômenos que ocorrem com esse grandes guias da humanidade.

Não é difícil compreendermos que estes homens, eles mesmos, não percebiam claramente o que ocorrera com eles. O único que explica seu sistema por completo é Buda, e Buda é o único que não é dogmático. Podemos também supor que os outros julgaram pouco aconselhável explicar o processo com demasiada clareza aos seus seguidores; São Paulo evidentemente foi desta opinião.

⁹ Nota de *Frater O.M.*: Pode-se acrescentar a essas palavras a atual organização moral da globalização. Tende-se – diacordo com a carta mundial de direitos humanos da ONU [baseada em Liber Oz] – a adquirir liberdade em todos os campos do desenvolvimento social, porém, como assim o vemos, a sociedade entra em estado de degeneração política em todo o mundo. As crises religiosas tentem – como na Idade Média – a estados paranóicos de salvação e por ela a morte bate as portas do Templo. Faz parte de nossa “época”, atacar, matar ou morrer para sobreviver. A liberdade – como vemos no decorrer da história – nunca foi conquistada porque o “meio” não deixa, ou seja, cadeias – psicológicas – são erguidas todos os dias.



Nosso melhor campo de pesquisa seria portanto o sistema de Buda¹⁰, mas este é tão complexo que nenhum resumo serviria. É no caso dos outros, que não temos os relatos dos Mestres mesmos, temos aqueles dos seus seguidores mais imediatos.

Os métodos aconselhados por toda essa gente mostram uma notável semelhança. Eles recomendam conduta virtuosa (definindo essa conduta de várias formas), solidão, calma, dieta moderada e finalmente uma prática que alguns deles chamam de “*oração*” e outros chamam de “*meditação*”. Note-se que as quatro práticas prévias são apenas para estabelecer condições favoráveis para a última.

Investigando o que eles tentam expressar pelos termos “*oração*” e “*meditação*”, verificamos que significa o mesmo. Pois, qual é o estado de meditação e oração? **É a restrição da mente e a um ato único, a um único estado ou pensamento.**

Se nos sentarmos quietamente, e investigarmos o conteúdo de nossas mente, perceberemos que, mesmo nas ocasiões mais favoráveis, as características principais são a divagação e distração. Quem tiver lidado com crianças, ou com mentes destreinadas em geral, saberá que a fixidez da atenção nunca está presente, mesmo onde existe grande inteligência e boa vontade.

Se, nossas mentes estando mais treinadas, decidimos controlar o pensamento divagante, verificamos que somos (mais ou menos !) capazes de manter os pensamentos em marcha, um atrás do outro, num canal estreito, cada pensamento ligado ao seguinte de uma forma perfeitamente lógica: mas se tentamos para a marcha verificamos que, longe de sermos bem sucedidos, apenas demolimos as margens do canal. A mente se derrama, e em vez de uma cadeia de pensamentos temos um caos de imagens confusas.

A atividade mental é tão grande, e parece tão natural, que é difícil compreender como alguém teve pela primeira vez a idéia de que tanta atividade é apenas uma fraqueza e um distúrbio da consciência. Talvez tenha sido porque, na prática (mais comum) de devoção religiosa, as pessoas tenham percebido que seus pensamentos interferiam. Mas de qualquer forma, é claro que a calma e o auto controle são preferíveis à inquietação. Charles Darwin trabalhando em seu escritório é uma criatura bem diversa de uma macaco pulando em sua jaula.

Em geral, quanto maior, mais forte e mais elevado na escala evolutiva um animal seja, menos ele se move; e quando se move, seus movimentos são lentos e cheios de propósito. Compare-se a atividade incessante de bactérias com a firmeza ponderada de um castor. Também, exceto nas poucas comunidades de animais organizados, tais como as abelhas, a inteligência maior é demonstrada por animais com hábitos solitários. Este fato, que é verdade no animais menos evoluídos, é tão evidente no homem que os psicólogos são forçados a tratar do estado mental das multidões como sendo totalmente diverso em qualidade de qualquer estado mental possível a um indivíduo isolado.

É libertando a mente de influências externas, quer acidentais, quer emotivas, que a tornamos capaz de discernir algo da verdade das coisas.

Percebendo isso, insistimos em nossa prática. Decidimos que vamos nos tornar senhores de nossas próprias mentes. Bem depressa percebemos que as condições são favoráveis a este fim.

¹⁰ Nota de *Frater O.M.*: Temos os documentos do Hinduísmo e os de dois sistemas chineses. Mas o Hinduísmo não teve um fundador único. Lao Zi é um de nossos melhores exemplos de um homem que entrou em retiro e teve uma experiência misteriosa; talvez o melhor de todos os exemplos, assim como seu sistema é o melhor de todos. Temos detalhes completos de seu método de treinamento no *Jin Gan Jing* e alhures. Mas ele é tão pouco conhecido que omitiremos considerações a respeito neste relato destinado ao grande público.



Talvez a primeira percepção será a de que todas as influências externas serão, em sua esmagadora maioria, desfavoráveis ao processo de conquista mental. Caras novas, cenas novas, nos inquietarão; mesmo os novos hábitos de conduta que adotamos com o propósito de sossegar a mente tenderão, no princípio, a agitá-la. Também, deveremos renunciar ao hábito de comer demais, e seguir a regra natural de comer apenas quando temos fome, escutando a voz interior que nos diz que ingerimos o suficiente¹¹.

A mesma regra se aplica ao sono. Se decidirmos controlar nossa mente, a nossa hora de meditação deve Ter precedência sobre qualquer outra atividade.

Teremos que fixar nossas horas de práticas, e tornar móveis nossas horas de lazer.

A fim de medirmos nosso progresso – pois verificamos que, como tudo o que tem haver com os processos fisiológicos, a meditação não pode ser apenas medita pelas sensações – teremos um caderno de notas, um lápis e um relógio. Então nos esforçaremos a anotar com freqüência, durante (por exemplo) quinze minutos de prática, a mente se desvia da idéia na qual tínhamos resolvido concentra-la. Praticaremos isto, digamos, duas vezes ao dia,; a medida que persistirmos, a experiência nos ensinará que condições são favoráveis à prática e quais não. Antes de termos feito isso por muito tempo, quase que infalivelmente ficaremos impacientes; perceberemos que temos que fazer uma porção de outras coisas a fim de auxiliar nossa prática. **Novos problemas aparecerão constante-mente, e terão que ser enfrentados e resolvidos.**

Por exemplo: certamente descobriremos que nos mexemos sem parar durante a prática. Perceberemos que nenhuma posição do corpo é confortável, se bem que nunca antes notamos isto em toda a nossa vida!

Esta dificuldade tem sido resolvida por uma prática chamada Asana, que será descrita mais adiante.

As memórias dos acontecimentos do dia nos incomodarão: devemos organizar nossos dias de forma a que nada de notável aconteça. Nossas mentes nos recordarão nossas esperanças, nossos medos, nossos amores, nossos ódios, nossas ambições, nossas invejas, e muitas outras emoções. Todas estas memórias têm que ser cortadas. **Não devemos ter qualquer interesse na vida a não ser aquietar nossas mentes.**

Esta é a finalidade dos votos monásticos usuais de pobreza, castidade, e obediência. Se você não tem posses, não tem nada que lhe cause ansiedade; sendo casto, não tem outra pessoa para lhe preocupar e distrair sua atenção; e se está voltado à obediência, o problema de como proceder não lhe afeta. Você apenas obedece.

Existem inúmeros outros obstáculos que você descobrirá à medida que prosseguir, e trataremos deles mais adiante. Mas, por enquanto, pularemos isso tudo para falar do momento em que você se aproxima do sucesso.

Nos seus esforços iniciais você poderá ter tido dificuldade em conquistar o sono, e ter se desviado do assunto de sua meditação a tal ponto que sem você notar a meditação poderá ter sido interrompida. Porém, muito mais tarde, quando estiver ficando mais perito, você ficará chocado ao perceber que se esqueceu por completo de si mesmo, do que estava fazendo, e até de onde estava! Você dirá: *“Puxa, eu devo ter dormido!”* ou então, *“Sobre o que é que eu estava mesmo meditando?”* ou *“Que é que eu estava fazendo?”* *“Onde estou?”*, *“Quem sou eu?”* Ou uma simples confusão e desnorreamento inexpressos podem atordoar você. Isto

¹¹ Nota de *Frater O.M.*: O estudante sério notará que a Magia não caminha no interior de um Magista se esse não se aperfeiçoar pelo sistema de Yôga proposto nesse tratado. Veja Liber Aleph, cap. 16. Deve também, se é sua Verdadeira Vontade, buscar alguém que lhe ensine os métodos de uma maneira prática, porém, além de tudo, que a experiência seja seu guia e compreenda que o verdadeiro instrutor está dentro, e não fora.



poderá lhe causar alarme, e seu alarme não diminuirá quando você retomar por completo à consciência normal e ponderar que acabou de esquecer quem era e o que estava fazendo!

Esta é apenas uma das muitas aventuras pelas quais você poderá passar; mas é das mais comuns. Quando ela ocorrer, suas horas de meditação estarão ocupando a maior parte do seu dia, e você provavelmente estará tendo constantes pressentimentos de que algo inusitado está para acontecer. Você poderá também estar amedrontado com a idéia de que seu cérebro está prestes a ceder sob a tensão; mas, a essa altura, você terá aprendido a reconhecer os verdadeiros sintomas de fadiga mental, e terá cuidado em evitá-los. Eles devem ser cuidadosamente distinguidos da preguiça!

Em certas ocasiões você sentirá como se houvesse urna luta entre a vontade e a mente; em outras, poderá sentir que elas estão em harmonia. Existe um terceiro estado, diferente dos dois primeiros, e sinal certo de que o sucesso está próximo: é quando a mente flui simplesmente em direção ao assunto escolhido, não como se estivesse obedecendo à vontade de seu dono, porém, como se fosse sem ordem ou instigação, ou como se estivesse sob controle de algo impessoal: como se estivesse caindo por seu próprio peso, e não sendo puxado para baixo.

Isto é, como um corpo em queda livre no espaço.

Quase sempre, no momento em que nos tomamos cômicos de que este estado está ocorrendo, a sensação cessa e o velho combate entre o vaqueiro vontade e o cavalo bravio mente recomeça.

Ao analisar a essência deste trabalho de controlar a mente, o estudante perceberá que duas coisas estão envolvidas: a pessoa que vê e a coisa que é vista; o conhecedor e a coisa conhecida; e acabará por considerar esta dupla como condição necessária de todo estado de consciência. Estamos demasiadamente acostumados a admitir como fatos demonstrados coisas sobre as quais não temos sequer o direito de dar palpites. Supomos, por exemplo, que os estados inconscientes são grosseiros e lerdos. No entanto nada é mais certo que, quando os órgãos de nossos corpos estão funcionando bem, eles funcionam em silêncio mental. Até o sono mais repousante é aquele sem sonhos. Mesmo no caso de jogos que necessitam de grande habilidade e destreza manual, as nossas melhores jogadas são seguidas pelo pensamento: “*Não sei como pude fazer isto tão bem!*”, e não podemos repetir essas melhores jogadas a qualquer hora. No momento em que começamos a pensar conscientemente sobre uma jogada, “*ficamos nervosos*”, e estamos perdidos.

Na realidade existem três tipos principais de jogadas: a má jogada, que associamos corretamente com a falta de concentração; a boa jogada, que associamos corretamente com a concentração intensa; e a jogada perfeita, a qual parece ser uma simples questão de sorte que não conseguimos compreender, mas na realidade resulta do hábito de fixidez da atenção se ter tomado inconsciente, independente da vontade, e assim capacitado a agir por conta própria.

Este é o mesmo fenômeno que mencionamos acima como sendo um bom sinal.

Por fim, algo acontece cuja natureza será discutida com mais detalhe adiante. Por enquanto diremos apenas que aquela consciência da dupla Ego e Não-Ego, vidente e coisa vista, conhecedor e a coisa conhecida, é aniquilada.

Em geral sente-se um enorme clarão, um som intenso, e uma felicidade tão grande que místico após místico têm esgotado todos os recursos da linguagem tentando descrevê-la.

É um nocaute absoluto da mente. É uma experiência tão vivida e tão tremenda que aqueles com quem ela ocorre ficam em grande perigo de perder o senso de proporção.



À luz desta experiência, todos os outros fenômenos da vida são como uma escuridão. Por isto, aqueles que a tiveram no passado fracassaram completamente em suas tentativas de analisá-la ou medi-la. A maior parte deles declarou, com exatidão, que, comparada com esta experiência, a vida humana normal é completamente sem valor. Mas eles foram adiante, e erraram. Argumentaram que, desde que esta experiência transcende o natural, ela deve ser sobrenatural, divina. Uma das tendências de suas mentes era a esperança de um “céu” tal como seus pais e professores lhes descreveram, ou tal como eles mesmos conceberam; e sem qualquer evidência científica para assim fazer, eles presumiram que “Isto é Aquilo”.

No Bhagavad-Gita uma visão deste tipo é, naturalmente, atribuída à aparição de Vishnu, que era o deus local naquela época.

Anna Kingsford, que estudou um pouco do misticismo hebraico, e era uma feminista, teve uma visão quase idêntica; mas chamou a figura divina que ela viu, alternativamente de “Adonai” e “Maria”.

Podemos agora perceber o que aconteceu com Maomé. De uma forma ou de outra, este tipo de fenômeno ocorreu na mente dele. Menos bem informado do que Ana Kingsford, porém de maior caráter, ele relacionou o acontecimento com a lenda da “Anunciação”, que com certeza ouviu relatar quando menino, e disse: “Gabriel me apareceu.” Mas, a despeito de sua ignorância, de sua total falta de concepção da realidade dos fatos, o poder da experiência foi tal que ele persistiu através da perseguição usual, e fundou uma religião à qual, mesmo em nossos dias, um ser humano em cada oito pertence.

A história do Cristismo mostra exatamente o mesmo fato significativo. Jesus Cristo crescera ouvindo as fábulas do “Velho Testamento”, e, assim condicionado, atribuiu suas experiências a “Jeová”, se bem que seu espírito gentil não podia ter tido nada em comum com a egrégora que estava sempre comandando o estupro de virgens e o massacre de crianças, e cujos ritos eram então, e em algumas partes do mundo ainda são em nossos dias, celebrados com sacrifícios humanos.¹²

Semelhantemente, as visões de Joana d’Arc eram inteiramente crististas; mas, como todos os outros já mencionados, ela encontrou algures a força para realizar grandes coisas.

Naturalmente, pode ser dito que existe uma falácia em nosso argumento: pode ser afirmado que toda essa nobre gente realmente “viu Deus”. Mas não se conclui disto que todo mundo que veja Deus venha também a causar grandes mudanças no mundo. De fato, a maioria das pessoas que afirmam que “viram Deus”, e que sem dúvida “viram” tanto de “Deus” quanto estes já mencionados, nunca fez nada além de ter suas “visões”.

Porém, talvez seu silêncio seja um sinal não de sua fraqueza, mas de sua força. Talvez esses “grandes homens” de que falamos sejam na realidade os fracassos da experiência iniciática. Talvez fosse melhor não dizer nada; talvez apenas uma mente desequilibrada desejasse alterar o *status quo*, ou pudesse crer que alterá-lo é possível. Mas existem aqueles que consideram, mesmo nos mundos celestes, a existência intolerável enquanto um só ser vivo não puder partilhar daquela alegria. Existem os que regressam do limiar mesmo da câmara nupcial para auxiliar aos convidados que se atrasaram.

Esta foi, pelo menos, a atitude adotada por Gautama Buda. Nem ficará ele sozinho.¹³

¹² Nota de S.H. Shakta Ádynátha Amánáska, 947: Veja Liber 888. Um estudo profundo de Aleister Crowley sobre o novo testamento.

¹³ Nota de Frater O.M.: O progresso humano tem sempre sido fruto do progresso científico do livre intercâmbio de idéias e descobertas, e nunca do espírito Sacerdotal de manter em segredo a verdade em benefício de uns poucos privilegiados, e mentir ao resto da humanidade.



Podemos também mencionar o fato de que a vida contemplativa está geralmente oposta à vida ativa, e um equilíbrio extremamente cuidadoso é necessário para evitar que uma absorva a outra.

Como veremos mais adiante, a “visão de Deus”, ou “União com Deus”, ou “Samadhi”, ou o que quer que concordemos em chamar essa experiência, tem muitos tipos e muitas gradações, embora exista um abismo intransponível entre a mínima dessas gradações e mesmo o. mais elevados fenômenos da consciência normal. Resumindo, nós afirmamos a existência de uma fonte secreta de energia que explica os fenômenos do gênio¹⁴. Não cremos em quaisquer explicações sobrenaturais, mas insistimos em que essa fonte pode ser alcançada se seguirmos regras definidas, pois o **grau de sucesso depende da capacidade do praticante, e não da “graça” de qualquer “Ser Divino”**. Afirmamos que o fenômeno culminante que determina sucesso é uma ocorrência no cérebro caracterizada pela união de sujeito e objeto. Propomo-nos a discutir este fenômeno, analisar sua natureza, determinar claramente as condições físicas, mentais e morais que lhe são favoráveis, descobrir suas causas, e assim produzi-lo em nós mesmos, para que possamos estudar adequadamente os seus efeitos.

¹⁴ Nota de *Frater* O.M.: Lidamos, neste esboço preliminar, apenas com exemplos do gênio religioso. Outros tipos de gênios estão sujeitos às mesmas condições, mas o pouco espaço à nossa disposição proíbe uma discussão mais extensa.



Capítulo I

Ásana

O problema que enfrentamos pode ser enunciado desta forma simples: Uma pessoa deseja controlar sua mente, ser capaz de pensar num certo pensamento durante o tempo que quiser, sem interrupção.

Como já mencionamos, a primeira dificuldade vem do corpo físico que persiste em chamar para si a atenção de sua vítima através de comichões e outras coisas. A pessoa deseja se espreguiçar, se coçar, espirar. Este incômodo é tão persistente que os hindus (científicos a seu modo) conceberam uma prática especial para neutralizá-lo.

A palavra asana significa postura; mas como todas as palavra têm causado discussão, seu significado exato se alterou com o tempo, ela tem sido usada com significados diversos por autores diversos. A maior autoridade sobre Yôga¹⁵ é Pátañjali¹⁶. Ele diz: “Asana é aquilo que é firme e agradável.” Isto pode ser interpretado como a descrição do sucesso na prática. Samkhya¹⁷, outro autor clássico sobre Yôga diz: “Postura é aquilo que é firme e fácil.” E diz também: “Que postura que é firme e fácil é uma asana; não existe outra regra.” Isto é, qualquer postura serve.

De certa forma isto é verdade, pois qualquer postura mais cedo ou mais tarde se torna intolerável. A firmeza e a facilidade são a marca de um definido estágio de progresso, como será explicado mais adiante. Os livros hindus, tais como o “*Shiva Sanhita*”¹⁸, descrevem uma quantidade de posturas: muitas, talvez a maioria, impossíveis para o homem ocidental mediano. Outros livros insistem em que a cabeça, o pescoço e a espinha devem ser conservados na vertical, eretos, por motivos ligados ao assunto de Prana, do qual trataremos adiante também. As posições ilustradas em Liber E formam o melhor guia.

O máximo em asana é praticado pelos Yoguis que permanecem a vida inteira numa só posição, sem se moverem exceto em caso de absoluta necessidade. Não devemos criticar tais pessoas sem um conhecimento completo de seus motivos. Tal conhecimento ainda não foi dado a público.¹⁹

Porém, podemos afirmar com segurança que desde que os grandes homens que já mencionamos não agiram assim, não é necessário que seus emuladores o façam. Escolhamos então uma posição que nos convenha, e observemos o que ocorre. Existe uma espécie de meio-termo equilibrado entre a rigidez e a relaxação muscular. Os músculos não devem ficar retesados; ao mesmo tempo, não devem ser deixados soltos. É difícil expressar a situação. Preparado para se mover talvez seja a melhor descrição. Um senso de alerta físico é

¹⁵ Nota de *Frater O.M.*: Yôga é um substantivo do idioma sânscrito, genérico para a forma de meditação que se esforça por UNIR sujeito e objeto, porque provem do indo-europeu *yog*, que deu origem a palavra inglesa *yoke*, à palavra latina *jejum*, e ao português, *julgo*. A palavra religião vem do latim *religare*, “reunir”, e contém o mesmo conceito.

¹⁶ Nota de *S.H. Shakta Ádynátha Amánáska, 947*: Pátañjali viveu em meados do século III a.c., e escreveu o *Yôga Sûtra*, dando início ao Yôga Clássico, de tendência *Brahmachárya-Sámkhya*. Seu livro foi traduzido para o Português por *Mestre DeRose*, na década de 1980.

¹⁷ Nota de *S.H. Shakta Ádynátha Amánáska, 947*: Aqui Crowley comete um erro extremamente grosseiro: *Sámkhya* não é o nome de algum autor hindu, e sim, de um sistema comportamental filosófico que era utilizado na Índia 3000 anos antes de Cristo, e que era também bastante usado nas técnicas de Yôga desta época (Yôga Pré-Clássico).

¹⁸ Nota de *S.H. Shakta Ádynátha Amánáska, 947*: Livro este de tendências Vêdânta-brahmachárya, traduzido para o português por mim em 1999 e revisado em 2004. Actualmente, alguns sites de “yôga” e alguns vagabundos de Juiz de Fora-MG metidos com Thelema tem se utilizado desta tradução e retirado o nome do tradutor.

¹⁹ Nota de *S.H. Shakta Ádynátha Amánáska, 947*: Alguns Ásanas não podem ter permanência máxima de 1 hora, a fim de não danificar os vasos sanguíneos. Passar deste tempo é puta idiotice e denota uma tendência *Brahmachárya* evidente.



desejável. Visualize-se um tigre prestes a pular, ou um remador atleta de prontidão, esperando o sinal de partida. Após certo tempo, haverá câimbra e fadiga. E então que o estudante deverá trincar os dentes e persistir imóvel. As sensações de coceira, etc., desaparecerão se forem resolutamente desprezadas, mas a câimbra e a fadiga aumentarão até cessar a prática. Podemos começar com meia hora, ou uma hora.²⁰ O estudante não deve se assustar se o processo de abandonar a asana após a prática exigir vários minutos de tremenda agonia.

Persistir na prática dia após dia requererá grande força de vontade, pois na maior parte dos casos verificar-se-á que o desconforto e a dor, em vez de diminuírem, tendem a aumentar.

Por outro lado, se o estudante não prestar atenção e não vigiar o corpo, um fenômeno oposto poderá ocorrer. Ele se moverá para aliviar a dor, sem perceber que está se movendo. Para evitar isto, escolha uma posição que seja naturalmente muito restritiva e difícil de manter, na qual pequenos deslocamentos musculares não sejam suficientes para trazer alívio. De outra forma, durante os primeiros dias, o principiante poderá até imaginar que dominou a prática! De fato, em todas essas técnicas yoguis, a simplicidade aparente é tal que o principiante tende a se espantar com a gritaria dos peritos, talvez mesmo a imaginar que possui qualidades excepcionais. Assim mesmo, um homem que nunca pegou num taco de golfe a vida inteira pode pegar o guarda-chuva e fazer uma jogada que amedrontaria o campeão mundial.

Após alguns dias, porém, em todos os casos, os fenômenos descritos aparecerão. A medida que você progride, eles aparecem mais cedo no curso da hora de exercício. A relutância em praticar poderá se tornar quase invencível. **Devemos prevenir o estudante contra a idéia de achar que alguma outra posição seria, talvez, mais fácil de dominar do que aquela que ele escolheu! Assim que a gente começa a mudar de uma posição para outra, estamos perdidos. Nunca alcançaremos o sucesso.**

Talvez a recompensa para tanta dor e desconforto não esteja longe, acontecerá um dia que a dor subitamente é esquecida, o fato da presença do corpo é esquecido, e a gente percebe que durante nossa vida inteira o corpo sempre tinha intrometido suas mensagens no limiar da nossa consciência, e que aquelas mensagens eram de desconforto e de dor. E percebemos neste momento, com uma indescritível sensação de alívio, que não só esta posição, a qual nos causou tanta dor, é o próprio ideal de conforto físico, mas que qualquer outra posição do corpo é desagradável. Esta percepção representa o sucesso na prática.

Não haverá mais dificuldade. Entraremos na asana com a mesma sensação, quase, com que um homem fatigado entra em um banho quente: e, enquanto estivermos na posição que conquistamos, poderemos confiar em que o corpo não nos enviará nenhuma mensagem que possa perturbar nossa mente.

Outros resultados da prática de asana são descritos por autores hindus, mas esses não nos concernem no presente. Nosso primeiro obstáculo acaba de ser removido, e podemos agora tratar dos outros obstáculos.²¹

²⁰ Nota de *S.H. Shakta Ádynátha Amánáska, 947*: Aqui Crowley fala uma asneira: Começar num Ásana e ficar por meia hora a uma hora, é no mínimo, absurdo. O Ideal é começar com 1 minuto, ou o tempo que conseguir, e ir aumentando aos poucos, nunca ultrapassando 20 minutos.

²¹ Nota de *Frater O.M.*: Algumas Ásanas para meditação são descritas por Crowley da seguinte maneira:

- (1) **Deus**: Sente-se em uma cadeira, cabeça e coluna eretas, joelhos juntos, mãos nos joelhos e olhos fechados.
- (2) **Dragão**: Ajoelhe-se com as nádegas descansando sobre os calcanhares, os dedos dos pés virados para trás, cabeça e coluna eretas, mãos sobre as coxas.
- (3) **Íbis**: De pé, segure o tornozelo esquerdo com a mão direita, ponha o indicador livre nos lábios, cabeça e coluna eretas.
- (4) **Raio**: Sente-se; calcanhar esquerdo comprimindo o anus, pé direito pousado nas pontas dos dedões com o calcanhar cobrindo os pênis, os braços estendidos ao longo dos joelhos, cabeça e coluna eretas.



Capítulo II

Pránáyáma e Mantra-Yôga

O elo entre a respiração e a mente será detalhadamente discutido na Segunda Parte deste livro, quando falarmos sobre a Espada Mágica; mas poderá ser útil se introduzirmos aqui alguns detalhes práticos.

Vários manuais hindus, e os escritos de Zhuang Zi apresentam notáveis teorias sobre métodos de controlar a respiração, e seus resultados. Mas neste nosso sistema cético, em que seguimos o método científico, é melhor que nos contentemos com afirmações que a prática de qualquer pessoa comprova.

Como a finalidade última da meditação é aquietar a mente, podemos considerar que uma aquietação de todas as funções corporais é uma medida preliminar útil. Isto já foi explicado no capítulo sobre asana. Podemos mencionar aqui que alguns yoguis levam esse controle das funções corporais ao ponto de atrasar e praticamente pararem batidas do coração. Quer esta habilidade seja desejável ou não, ela é inútil ao principiante; portanto ele deve se esforçar, antes de mais nada, por tornar sua respiração muito lenta e muito regular. As regras para esta prática são dadas em *Liber CCVI*.²²

A melhor maneira de marcar o compasso do ritmo respiratório, depois que alguma habilidade tenha sido adquirida usando um relógio para verificação, é através do uso de um mantra. Os mantras agem sobre o pensamento de uma forma muito análoga àquela em que *Pránáyáma* age sobre a respiração. O pensamento é amarrado a um ciclo que se repete: quaisquer pensamentos que tentam se intrometer são repelidos pelo mantra da mesma maneira em que pedaços de barro são arremessados de uma roda em movimento: quanto mais rápida for roda, mais difícil será grudar-se a ela o que quer que seja.

Esta é a maneira apropriada de praticar um mantra: pronunciemo-lo tão alto²³ e tão lentamente quanto possamos, dez vezes. A seguir,, não tão alto, e ligeiramente mais rápido, dez vezes mais. Continuemos este processo até não haver mais que um rápido movimento de nossos lábios: este movimento deverá ser continuado com velocidade crescente e intensidade decrescente, até que o murmúrio mental absorva por completo o murmúrio físico. O estudante estará agora completamente quieto, com o mantra correndo em seu cérebro; ele deve, no entanto, continuar a acelerar a velocidade até atingir seu limite no qual ele deverá persistir tanto tempo quanto puder. Então ele finalizará a prática invertendo o processo descrito acima.

Qualquer frase pode ser usada como um mantra, e é possível que os hindus tenham razão quando dizem que para cada um de nós existe uma frase particular que dá o melhor resultado. Algumas pessoas consideram que os mantras árabes do Corão, que soam tão líquidos, deslizam com demasiada facilidade, de forma que seria possível continuar um processo diverso de pensamento ao mesmo tempo em que se pronuncia o mantra, sem perturbar a execução deste (a idéia é meditar sobre o significado do mantra enquanto o pronunciamos). Talvez o estudante possa construir para si um mantra que represente o Universo em som, tal como o Pantáculo (veja Parte II deste Livro Quatro) representa o Universo em forma. Às vezes um mantra pode ser “*dado*”, isto é, ouvido de alguma forma inexplicável durante uma meditação. Certo estudante usou as palavras: “*E esforça-te por ver em todas as coisas a vontade de Deus.*” A outro, quando lutava por destruir pensamentos,

²² Nota de S.H. *Shakta Ádynátha Amánáska*, 947: *Liber RV vel Spiritus*, traduzido para o português e disponível em www.amrit.com.br

²³ Nota de S.H. *Shakta Ádynátha Amánáska*, 947: O importante é recitar o *Mantra* correctamente, em sânscrito, sem errar a pronúncia, e seja em voz alta, ou quase sussurrando: Pouco importa, o que conta é recitar de forma correcta, sem o menor erro. Outra coisa importante é a beleza da vocalização. Não saia gritando o *Mantra* como se fosse uma hiena, ou uma galha rouca. É anti-estético, e você irá ficar parecendo um animal do tipo “cachorro com dor de barriga”.



vieram as palavras “Empurra para baixo”, aparentemente referindo-se à ação dos centros inibidores que ele estava usando. Empregando esta frase, ele conseguiu o seu resultado.

O mantra ideal deve ser rítmico, poderíamos mesmo dizer musical: mas deve haver suficiente ênfase em alguma sílaba para auxiliar a faculdade da atenção. Os melhores mantras são os de comprimento mediano, pelo menos para os principiantes. Se o mantra é demasiado longo, a gente tende a esquecê-lo, a não ser que se pratique muito e durante muito tempo. Por outro lado, os mantras de uma só sílaba, tais como Aum, saem um tanto às sacudidelas; perde-se o senso de ritmo.²⁴

Eis aqui alguns mantras úteis:

1. AUM²⁵: É o som produzido aos expirarmos com força do fundo de nossa garganta enquanto fechamos gradualmente a boca. Os três sons representam os Princípios Criador, Preservador e Destruidor. Existem muitos outros pontos sobre este mantra, suficientes para encher um volume.

2. AUM TAT SAT AUM. Este mantra é puramente espondáico.



Significa “Ó aquela e Existência! Ó!” Uma aspiração da Realidade pela Verdade.

3. AUM MANI PADME HUM: dois troqueus entre duas cesuras.



Significa: “Ó a Jóia do Lótus ! Amém!” Refere-se a Buda e a Harpócrates²⁶, mas também ao simbolismo da Rosa Cruz.

4. AUM SHIVAYA VASHI: três troqueus. Note que “SHI” significa repouso, o aspecto absoluto (imanifesto), ou macho, da Deidade; “VA” é energia, o aspecto manifesto, ou fêmea, da Deidade. Este mantra portanto expressa o curso inteiro do Universo, o Zero através do Finito e volta ao Zero.

²⁴ Nota de S.H. Shakta Ádynátha Amánáska, 947: O Mantra AUM (Na verdade, é ÔM, mas esta palavra em dévánágarí é formada pelas sílabas A+U = Ô e M). E não é um mantra que “sai às sacudidelas, é um dos mantras mais poderosos que existem e deveria ter sido tratado de melhor maneira por Crowley.

²⁵ Nota de S.H. Shakta Ádynátha Amánáska, 947: Leia-se: ÔM. Jamais leia “aúm”.

²⁶ Nota de S.H. Shakta Ádynátha Amánáska, 947: Soou um tanto estranho um Mantra hindu representar um deus egípcio, mas tudo bem. Na verdade, Crowley quis fazer uma correlação entre dois sistemas diferentes, incorporando ao Thelêmico.





Dá o ciclo da criação. A paz se manifestando como poder, o poder dissolvendo-se em paz.

5. Allah. As sílabas deste são acentuadas por igual, com uma curta pausa entre elas, e são usualmente combinadas por faquires com um movimento rítmico, em vai e vem, do corpo. Significa “*deus*”. Sua soma é 66, a soma dos 11 primeiros números.

6. HÚA ÁLLAHÚ ALÁZI ÍLLA HÚA: Significa: “Ele é Deus, e não existe nenhum outro Deus senão Ele.”

Eis aqui alguns dos mantras mais longos:

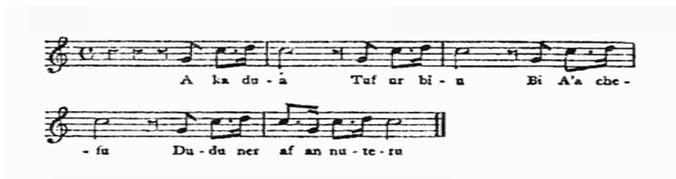
7. O famoso Gayatri:

AUM ! TAT SAVITUR VANERYAN
BHARGO DEVASYA DIMAHI
DHIYO YO NA PRADYODAYAT.

Pronuncie-se isto em tetrâmetros trocaicos. Significa: “*Ó! meditemos estritamente na luz adorável daquela divina Savitri (o Sol interior, etc.). Possa ela iluminar nossas mentes!*”

8. QÔL: HÚA ALLAHÚ ACHÁD; ALLAHÚ ASSAMÁD; LÂM YALID WALÂM YULÁD; WALÂM YAKÚN LAHÚ KUFWÁN ACHÁD. Significa: “*Ele só é Deus! Deus o Eterno! Ele não concebe e não é concebido! Não há nenhum como Ele!*”

9. Este mantra seguinte é o mais santo de todos que existem ou podem existir. É a Estela da Revelação.



A KA DUA
TUF UR BIU
BI AA CHEFU
DUDU NER AF NA NUTERU

Significa:

Ultimal Unidade demonstrada!

Adoro Teu poder. Teu sopro forte,
Deus supremo, terrível flor do nada,

Que fazes com que os deuses e que a morte
Tremam diante de Ti:

Eu, eu adoro a ti!

Estes mantras são suficientes para a escolha. Existem muitos outros. *Sri Sabapaty Swami* dá um em particular para cada uni dos chakras. Mas que o estudante escolha um mantra, e atinja perfeita mestria deste.



Nós nem sequer começamos a dominar um mantra antes que ele continue sem parar durante o sono. Isto é muito mais fácil do que parece.

Algumas escolas aconselham praticar um mantra com o auxílio de instrumentos musicais e dança. Certos efeitos notáveis são assim obtidos, no que concerne a “*poderes mágicos*”; se grandes resultados são igualmente freqüentes, é duvidoso. Pessoas desejosas de estudar tais métodos devem ponderar que hoje em dia o Saara está bem perto, e há sempre algum faquir milagreiro ansioso por se exhibir. Esta discussão da técnica paralela de mantra nos desviou bastante de Pránáyáma.

Pránáyáma é extremamente útil para aquietar as emoções e apetites, e quer devido à pressão mecânica que produz, quer devido á combustão completa que assegura nos pulmões, é admirável do ponto de vista da saúde física. Especialmente os distúrbios digestivos são facilmente eliminados desta forma. Purifica tanto o corpo quanto às funções mais baixas da mente. É impossível combinar Pránáyáma devidamente executado com estados de agitação emotiva. **Devemos recorrer a Pránáyáma imediatamente quando quer que, durante a nossa vida, a calma seja perturbada.**

Pránáyáma deve ser praticado certamente não menos que uma hora diária pelo estudante sério.²⁷

Quatro horas por dia é melhor, uma regra áurea; dezesseis horas é demais para a maior parte das pessoas.

De modo geral, as práticas que se faz andando são mais úteis à saúde que as sedentárias, pois as caminhadas ao ar livre são assim asseguradas²⁸. Mas algumas das práticas sedentárias devem ser praticadas, e combinadas com a meditação. Claro, se temos pressa em obter resultados, caminhar é uma distração.

²⁷ Nota de S.H. *Shakta* Ádynátha Amánáska, 947: Afirmar isto é outra coisa que não deveria ser dita. Nenhum iniciante faz 1 hora de Pránáyámas, aliás se conseguir 5 minutos já levou o troféu! Mas é compreensível Crowley dizer isto: ele era um Mestre, e segue os parâmetros de um Mestre, não o de um reles iniciante.

²⁸ Nota de *Frater* O.M.: Mas não, é claro, ao ar livre das cidades poluídas.



Capítulo III

Yama e Niyama

Os hindus colocaram estas duas consecuições em primeiro lugar no seu programa de treino. Elas representam as qualidades “morais” e ações boas que, supostamente, predisõem à tranqüilidade mental.

Segundo os hindus, Yama consiste em não matar, não mentir, não roubar, manter continência, e não aceitar presentes.

No sistema budista, Sila, “*Virtude*”, é da mesma maneira recomendada. As qualidades (para os leigos) são estas cinco: Não matarás. Não roubaras. Não mentirás. Não cometerás adultério. Não beberás líquidos intoxicantes. Para os monges, muitas outras são acrescentadas.

Todo o mundo no Ocidente conhece os mandamentos de Moisés; parecem-se bastante com os acima, **assim também os dados por Cristo no “Sermão da Montanha”. Os mandamentos de Cristo não são, porém, de autoria dele. O sermão inteiro está no Talmud.**

Algumas destas “virtudes” são simplesmente as “virtudes” de um escravo, inventadas pelos senhores para manter os escravos em ordem. O que é importante perceber sobre o Yama hindu é que a quebra de alguma de suas regras tenderia a excitar a mente.

Os Mestres ensinaram; os teólogos, subseqüentemente, têm tentado justificar os seus salários ou cargos “*melhorando*” o ensino dos Mestres. Uma importância “*mística*” tem sido atribuída a essas “*virtudes*”. Os dogmatistas têm insistido em que elas têm valor por si mesmas, e é assim que as “*religiões*” resultam de sistemas de Teurgia, sempre acompanhadas de formalismo, intolerância, e até de perseguições. Assim, “*Não matarás*”, que no sistema hindu originalmente significava “*Não excites tua mente caçando tigres ou participando de brigas*” já foi interpretado até como sendo um crime beber água que não seja filtrada, pois desta forma podemos matar alguma bactéria.

Mas uma preocupação constante com a idéia de não matar coisa alguma é em geral pior para a quietude mental do que uma luta corpo a corpo com um ladrão ou uma fera. Se o latido de um cão perturba constantemente nossa meditação, seria mais simples dar um tiro no cão e não pensar mais no assunto!²⁹

Dificuldades análogas com esposas têm levado alguns mestres a recomendar o celibato. Em todos estes assuntos, o bom senso deve sempre ser nosso guia. Nenhuma regra fixa pode ser estabelecida: as idiosincrasias individuais do estudante variam de pessoa para pessoa, de grupo cultural para grupo cultural, de época para época. “*Não aceites presentes*”, por exemplo, é bem importante para um hindu, que ficaria perturbado durante semanas se alguém lhe desse um coco de graça; mas o europeu médio recebe as coisas como elas vêm desde a adolescência, e é mal-agrado!

O único problema é aquele da continência, que é complicado por várias considerações, como a da energia nervosa, por exemplo. Mas a mente de todo o mundo está embaralhada quanto a este assunto, que alguns confundem com o erotismo, outros com a sociologia. Não será possível considerar com clareza o problema da continência enquanto ela não for compreendida como uma simples faceta do treino de um atleta.

²⁹ Nota de S.H. Shakta Ádynátha Amánaska, 947: Se o latido de um cão incomoda alguém fazendo Meditação, então o melhor é descarregar a arma na própria cabeça do meditante, e não no pobre cão, uma vez que ruídos externos não atrapalham: Pelo contrário, ajudam a manter a concentração. E uma vez em estado meditativo, não se percebe ruído algum, mesmo que uma bomba exploda a seu lado.



Podemos então deixar de discutir Yama e Niyama com este conselho: que cada estudante decida por si que maneira de vida e que código menos tenderá a lhe excitar a mente; mas, uma vez tendo se dedicado a seguir uma regra particular de vida, que persista em sua decisão, evitando o oportunismo; e que se precavenha contra se atribuir “*mérito espiritual*” pelo que faz ou pelo que deixa de fazer: qualquer Código é simplesmente de valor prático, relativo à intenção de acalmar a mente. Não tem nenhum valor absoluto ou intrínseco.

A higiene escrupulosa, que auxilia um cirurgião em seu trabalho, impediria um mecânico de carros de executar o seu.

Assuntos de ética estão adequadamente discutido em “*Tian Dao*”, em **Konx Om Pax**, e devem ser estudados ali. Veja também Liber XXX [Liber Librae] da A.:A.:e Liber CCXX [Liber AL vel Legis]. Ali está escrito: **Faz o que tu queres há de ser tudo da Lei.** Lembremo-nos de que, para os propósitos do verdadeiro treino em Yôga, o único valor de Yama e Niyama estará em que nos auxiliem a viver de tal maneira que nenhuma emoção ou paixão perturbe nossas mentes.



Capítulo IV

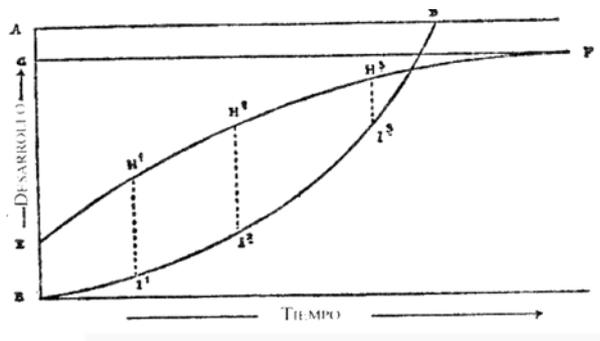
Pratyahára

Pratyahára é o primeiro processo puramente mental em nossa tarefa. As praticas previamente descritas – asana, Pránáyáma, Yama e Niyama – são todas atos relacionados com o corpo físico. Mesmo mantra está relacionado com a fala. Pratyahára é só mental.

O que é Pratyahára? A palavra é empregada com significados diversos por diversos autores, alguns a usando para designar a prática em si, outros para designar o resultado. Nós a definiremos como a prática: uma medida estratégica antes que um resultado tático. Pratyahára é introspecção: uma espécie de exame geral do conteúdo da mente que desejamos controlar. Quando conquistamos asana, todas as causas excitantes externas são removidas, e ficamos livres para pensar sobre em que estamos pensando!

Uma experiência totalmente análoga à que tivemos com asana nos espera. A princípio, nós provavelmente nos lisonjearemos por nossas mentes estarem muito calmas! Isto resulta de nossa capacidade de observação ainda sem treino, portanto ineficiente. Justamente como, de pé pela primeira vez na borda do Saara, um turista nada verá ali de especial a não ser muita areia, enquanto seu guia beduíno será capaz de lhe contar a história da vida de cada coisa à vista, porque aprendeu a observar; da mesma forma, com a prática de Pratyahára, os pensamentos parecerão se tornar mais numerosos e mais insistentes. E que começamos a percebê-los melhor!

Assim que observamos o nosso corpo, percebemos que ele estava terrivelmente irrequieto e dolorido: agora que observamos a mente, percebemos que ela está mais irrequieta e dolorida ainda. Veja o gráfico abaixo:



BD mostra o controle da Mente. melhorando Lentamente no início, mais tarde mais rapidamente. Começa de zero ou perto de zero e deve alcançar o controle absoluto em D. EF mostra o pode de observação do conteúdo da mente, melhorando rapidamente no início, mais tarde mais lentamente, até chegar à perfeição em F. Começa bem acima de zero com a maioria das pessoas cultas. A altura das perpendiculares da HI indica a insatisfação do estudante com seu poder de controle. Aumentando no início e finalmente decresce até chegar ao zero.

Um gráfico análogo poderia ser traçado para a dor real e a dor *aparente* de asana.

Côncios de nossa inquietude mental, nós começaremos a tentar controlá-la. “*Não tantos pensamentos, se faz o favor!*” E aí que perceberemos que aquilo que tínhamos tomado por um cardume de golfinhos brincalhões é, na realidade, o movimento das roscas da serpente marinha. A tentativa de reprimir tem o efeito de excitar.



Quando o ingênuo discípulo se aproxima pela primeira vez do seu santo (mas matreiro) Guru e exige poderes mágicos, aquele sábio concorda solenemente em outorgá-los. Aí aponta com muita cautela e segredo algum ponto em particular do corpo do discípulo e lhe diz: *“Para conquistar esse poder que você deseja é necessário apenas que você se lave sete vezes no Ganges durante sete dias; mas durante o banho tenha o particular cuidado de não pensar nessa parte do seu corpo.”* É claro que o infeliz discípulo passa uma semana horrível, pensando quase que só nisso!

Para quem está começando, é positivamente incrível com que persistência um pensamento, até mesmo uma cadeia inteira de pensamentos, retoma repetidamente à nossa atenção. E intensamente irritante, também, quando percebemos que não nos tomamos cômicos de que estávamos de novo pensando naquilo até já termos acabado de pensar naquilo de novo! Porém, devemos persistir dia após dia em investigar nossos pensamentos e em tentar reprimi-los; e, mais cedo ou mais tarde, passaremos ao estágio seguinte, Dháraná: a tentativa de restringir a mente a um pensamento único.

Antes de tratarmos disso, porém, consideremos o que se chama de sucesso em Pratyahára. Este é um assunto muito extenso, e, como já mencionamos, diferentes autores são de opiniões muito diversas. Um escritor define Pratyahára como uma análise mental tão minuciosa que cada pensamento é resolvido em um número de elementos. Veja *“A Psicologia do Haxixe”*.

Outros autores opinam que o sucesso nesta prática representa algo como a percepção de Sir Humphrey Davy sob a influência do óxido de nitrogênio, quando ele exclamou: *“o universo é composto exclusivamente de idéias.”*

Ainda outros dizem que o sucesso dá o sentimento de Hamlet: *“Nada bom ou mau senão conforme pensamos a respeito,”* porém interpretado da forma literal em que o fez Mrs. Eddy.

Entretanto, o ponto essencial de Pratyahára consiste em adquirir algum poder inibitivo sobre os pensamentos. Felizmente, existe um método infalível de conseguir este poder. É dado em Liber III. Se as Seções I e II são praticadas (se for preciso, com o auxílio de outra pessoa para fiscalizar nossa vigilância), logo seremos capazes de dominar a Seção final.

Em algumas pessoas, este poder de inibir pensamentos pode surgir tão subitamente quanto ocorre com o sucesso em asana. Sem qualquer relaxamento da vigilância, a mente subitamente se aquieta. Há um maravilhoso sentimento de paz e descanso, bem diverso da sensação letárgica que se produz em nós quando comemos demais. Não é possível dizer se um resultado tão definido aconteceria com todos os praticantes, o mesmo com a maioria. De qualquer forma, isto não faz grande diferença. Se tivermos adquirido o poder de evitar a manifestação de pensamentos, podemos progredir ao estágio seguinte.



Capítulo V

Dhāranā

Agora que aprendemos a observar nossas mentes, de forma que sabemos algo da maneira como elas funcionam, e começamos a compreender os elementos de como controlá-las, poderemos tentar reunir todos os poderes da mente e concentrá-los num só ponto.

Sabemos que não é muito difícil, para a mente educada média, pensar sem muita distração num assunto no qual ela esteja bem interessada. Existe a frase popular, “*remoendo algo na mente*”, ou “*matutando alguma coisa*”. Enquanto o assunto for suficientemente complexo, e os pensamentos fluírem sem oposição, não existe grande dificuldade. Enquanto um giroscópio está em movimento, ele se mantém imóvel relativamente ao seu ponto de apoio, e até mesmo resiste a tentativas de desviá-lo. Mas quando ele pára, cai da posição em que estava. Se a terra parasse de girar em torno do sol, ela imediatamente cairia no sol.³⁰

No momento em que o estudante escolher um assunto simples, ou melhor ainda, um objeto simples, e tentar imaginá-lo ou visualizá-lo, ele perceberá que não é tão senhor de sua mente quanto supunha. Outros pensamentos invadirão sua consciência, de forma que o assunto ou o objeto é esquecido por completo. às vezes por vários minutos; e no caso de objetos visualizados, o próprio objeto, em muitas ocasiões, começará a cometer todo o tipo de estripulia.

Suponhamos que você tenha escolhido uma cruz branca como objeto de sua meditação. Ela movera a barra horizontal para cima e para baixo, alongará a barra, tornará a barra oblíqua, ficará com braços desiguais, virará de cabeça para baixo, criará raminhos, ou uma rachadura, ou uma figura, mudará completamente de forma tal como uma ameba, mudará seu tamanho em sua distância separadamente ou simultaneamente, mudará a intensidade de sua iluminação, e até a sua cor. Ela ficará manchada, ficará inchada, criará desenhos em sua superfície. elevar-se-á, cairá, sacudir-se-á e se virará: nuvens passarão diante dela. Não há mudança de que ela não seja capaz. Sem mencionarmos que pode desaparecer completamente, e ser substituída por alguma coisa totalmente diversa!

E qualquer pessoa com quem isto não aconteça não deve imaginar que está meditando. A ausência de tais fenômenos apenas prova que somos incapazes de concentrar a mente no mínimo que seja.

Um estudante pode prosseguir durante vários dias antes de perceber que não está meditando. Quando percebe, a rebeldia do objeto da meditação o irritará em extremo. E é apenas então que a Vontade realmente começa a se exercer, e a coragem da pessoa entra em prova. Se um fosse pelo desenvolvimento prévio da Vontade que conseguimos na conquista de asana, nós provavelmente desistiríamos.

A mera agonia física que a pessoa sofreu é a coisa mais insignificante do mundo comparada com o pavoroso tédio de Dhāranā³¹.

Durante a primeira semana tudo pode parecer muito divertido, e somos até capazes de imaginar que estamos progredindo. Mas à medida que a convivência com a prática nos ensina o que estamos fazendo, temos a impressão de que estamos ficando cada vez piores.

Por favor: o leitor deve compreender que, quando executamos esta prática, supõe-se que estamos sentados em asana com um caderno de notas e lápis ao lado, e um relógio á nossa

³⁰ Nota de S.H. *Shakta* Ádynátha Amánáska, 947: De onde raios Crowley tirou esta idéia maluca? Provavelmente este era o conceito científico em sua época. Mas, Pelo contrário, a Terra escaparia de sua órbita com o Sol, e seria lançada para longe do Sistema Solar, como um estilingue.

³¹ Nota de S.H. *Shakta* Ádynátha Amánáska, 947: Se Dhāranā fosse tedioso, ninguém o praticaria.



frente. No começo não devemos praticar mais de dez minutos de cada vez, para evitar o risco de fatigar demais o cérebro. De fato, o estudante provavelmente descobrirá que toda a sua força de vontade é insuficiente para manter a mente concentrada numa coisa só durante sequer três minutos, ou até três segundos, ou três quintos de um segundo! **E quando dizemos “manter a mente concentrada” o que queremos realmente dizer é tentar manter a mente concentrada. A mente fica tão cansada, e o objeto da meditação se torna tão incrivelmente repugnante, que é inútil persistir no início. Vemos nos relatórios de Frater P. que, após prática diária durante seis meses, meditações de quatro minutos, e até de menos, ainda estavam sendo registradas.**³²

O estudante deve computar o número de vezes que seu pensamento divaga: ele pode fazer isto contando nos dedos, ou usando uma fiavel de contas³³. Se estas “quebras” da meditação parecem se tornar mais, em vez de menos, freqüentes, ele não deve desanimar: a aparente multiplicação é em parte causada pela sua maior agudez de observação. (Da mesma forma, quando o processo de vacinação contra a varíola foi introduzido, houve aparentemente um aumento de casos de varíola. Mas o motivo foi que as pessoas começaram a dizer a verdade a respeito da doença, em vez de fingir.)

Logo, porém, o controle começará a melhorar mais depressa do que a observação. Quando isto ocorre, a melhoria se tornará aparente no relatório. Qualquer variação será provavelmente devida a circunstâncias acidentais. Por exemplo, uma noite você pode estar muito cansado quando começa; noutra, você talvez tenha dor de cabeça, ou indigestão. Você fará bem em evitar praticar em tais ocasiões.

Você terá, entretanto, se precaver contra outro truque da mente, que consiste em deliberadamente abusar de sua saúde para ter um pretexto para evitar a prática!...

Suponhamos agora que você tenha atingido o estágio em que sua prática mediana sobre um assunto ou coisa qualquer é de mais ou menos meia hora, e o número médio de “quebras” entre dez e vinte. Poderíamos supor que isto significa que, durante os espaços de tempo entre as “quebras”, você esteve realmente concentrado; mas não é assim. A mente está oscilando, se bem que imperceptivelmente. No entanto, mesmo neste estágio inicial, poderá haver suficiente firmeza relativa para possibilitar a ocorrência de alguns fenômenos notáveis. O mais comum destes talvez lhe dê a impressão de que você caiu no sono. Ou talvez lhe pareça completamente inexplicável. De qualquer forma, ele tornará você desgostoso consigo mesmo. E o seguinte: você esquecerá completamente quem você é, o que você é, e o que você está fazendo! Um fenômeno semelhante a este ocorre algumas vezes de manhã, quando estamos semi-despertados, e não conseguimos nos lembrar em que cidade estamos vivendo. A semelhança entre estas duas experiências é bastante significativa. Ela sugere que o que está realmente acontecendo é que você está despertando do sono a que os homens chamam de vigília, o sono cujos sonhos são a vida do homem comum.

Existe outra maneira de verificar nosso progresso nesta prática: pelo tipo de quebra que ocorre. As quebras são classificadas da seguinte forma:

Primeiro, sensações físicas. Estas deveriam ter sido conquistadas por asana.

segundo, quebras que parecem ser causadas por acontecimentos que precederam imediatamente o início da meditação. A atividade destes se torna tremenda. Somente

³² Nota de Frater O.M.: Isto é, num período de trinta minutos ou uma hora de prática, ele conseguia manter a mente concentrada a intervalos, um desses sendo de quatro minutos. Mas nesse estágio, uma concentração de quatro minutos é mais intensa do que duas horas, ou mais, das tentativas de um principiante.

³³ Nota de Frater O.M.: Esta contagem pode facilmente se tornar mecânica. Que ele associe a noção de contagem com o pensamento que lhe registra uma quebra na meditação. O tipo mais grosseiro de “quebra” pode ser percebido por outra pessoa. É acompanhado por um visível tremor de pálpebra. Com a prática, a outra pessoa se tornará capaz de notar mesmo as quebras mínimas.



através desta prática podemos compreender quanta coisa é realmente observada pelos nossos sentidos sem que a mente se torne cônica dos fatos.

Terceiro, existe uma classe de quebras que partilha da natureza de um *“sonho acordado”*. Estas são muito insidiosas – podemos continuar sonhando durante um tempo enorme, sem perceber que estamos divagando.

Quarto, existe um tipo muito elevado de quebra, que é uma espécie de aberração do controle mesmo. A pessoa pensa: *“Como estou fazendo isto bem!”* Ou pensamos que seria uma boa idéia se estivéssemos em uma ilha deserta, ou se estivéssemos em uma casa à prova de som, ou se estivéssemos sentados ao lado de uma cachoeira. Mas estas são variações insignificantes da vigilância propriamente dita.

Um quinto tipo de quebra parece não ter origem determinável em nossa mente. Estas podem até assumir a forma de alucinações, geralmente auditivas. Naturalmente, tais alucinações são infrequentes, e São sempre reconhecíveis como tais: de outra forma, a pessoa faria bem em consultar um alienista. Usualmente a quebra consiste em sentenças, ou fragmentos de sentenças, desconexas entre si, que são nitidamente ouvidas em uma voz humana, reconhecível como tal; não a voz do estudante, ou de qualquer pessoa que ele conheça. Um fenômeno análogo é observado por radiotelegrafistas, que chamam tais mensagens de *“estáticas”*.

Existe ainda um outro tipo de quebra, que é o resultado desejado. Trataremos deste em detalhe mais adiante.

Note-se que há uma genuína seqüência nestes tipos de quebra. A medida que nosso controle melhora, a quantidade de quebras primárias e secundárias diminui, mesmo se o número total de quebras numa meditação permanecer o mesmo. Quando estivermos meditando já duas ou três horas por dia, e enchendo o resto do dia com outras práticas cuja finalidade é auxiliar a prática principal, e alguma coisa ou outra começar sempre a acontecer, e tivermos um pressentimento constante de que estamos beirando *“algo importante”*, podemos esperar prosseguir ao estágio seguinte – Dhyána.



Capítulo VI

Dhyána

Essa palavra tem dois significados diversos e mutuamente exclusivos. Primeiro refere-se ao resultado em si. ‘Dhyána “é a mesma palavra que” *Jhana* “. O Buda distinguiu oito Jhanas, os quais são evidentemente diferentes graus e tipos de trance. Certos hindus, também falam de Dhyána como de um tipo menos elevado de Samadhi. Outros porém, tratam Dhyána como uma mera intenção de Dháraná. Pátañjali diz:” *Dháraná é manter a mente concentrada em algum objeto particular. Uma corrente continua de recepção daquele objeto é Dhyána. Quando, abandonando todos os efeitos, isto refletir apenas a origem destes, é Samadhi. “Ele combina estes três em Samyama”.*

Nós trataremos Dhyána antes como um resultado do que como um método. Até aqui os autores clássicos nos forneceram um roteiro mais ou; mas quando entram no assunto dos resultados da prática da meditação, eles perdem completamente a cabeça. Esgotam as imagens poéticas para declarar coisas evidentemente falsas. Por exemplo, lemos no *Shiva Sanhita* que *“aquele que se concentra diariamente no Lótus do coração é ardentemente desejado pelas filhas dos Deuses, obtém clariaudiência, clarividência, e pode andar sobre o mar.”* Outra pessoa poderá fazer ouro, descobrir remédios para doenças, e ver tesouros escondidos. *“Tudo isto é puro lixo. Qual será a maldição que acompanha a experiência religiosa, para que seus princípios devam sempre estar associados com todo o tipo de exagero e falsidade?”*

Existe uma exceção: é a A.:A.:, cujos membros tomam extremo em não fazer nenhuma asserção que não possa ser verificada pela experiência; e onde a verificação não é fácil à pessoa média, eles evitam qualquer afirmação que possa ser interpretada como dogma. Em um dos livros de instrução prática dessa Ordem estão escritas estas palavras: *“Se fizermos certas coisas, obteremos certos resultados. Prevenimos estudantes seriamente contra a tendência de atribuir realidade objetiva ou validade filosófica a qualquer de tais resultados.”*

Que palavras áureas!

Ao discutirmos *Dhyána*, pois, seja claramente compreendido que algo inesperado vai ser descrito. Devemos considerar sua natureza e avaliar sua qualidade de uma maneira perfeitamente imparcial, sem nos permitirmos exageros poéticos, ou deduzir qualquer teoria da natureza do universo partindo de tão poucos dados, por mais notáveis que pareçam. Um pequeno fato pode destruir qualquer teoria existente; isto é a coisa mais comum, e a base mesma do progresso científico. Mas nenhum fato, por si só, é suficiente para dele se construir uma teoria.

Deve ser compreendido que *Dháraná, Dhyána e Samadhi* formam uma seqüência progressiva. Quando, exatamente, chegamos ao clímax, não tem importância; falemos antes do clímax em si, pois isto é coisa que nós experimentamos, e é uma experiência notável.

Quanto o *Dhyána*, no curso de nossa concentração percebemos que o conteúdo da mente a qualquer momento (desde que bem concentrada) consiste de apenas duas coisas: o Objeto da meditação, variável, e a Vontade Mental, ou Sujeito, aparente-mente invariável, O clímax de Dháraná consistiu em que o Objeto foi tornado tão invariável quanto o Sujeito.

O clímax de *Dhyána* consiste em que estes dois – Sujeito e Objeto – se tomam um. Este fenômeno usualmente é um tremendo choque quando pela primeira vez ele se manifesta. É indescritível mesmo por mestres da linguagem, portanto não nos surpreende que gaguejadores semi-analfabetos chafurdem na verbosidade.



Todas as faculdades poéticas e todas as faculdades emocionais são arrebatadas em uma espécie de êxtase. A ocorrência vira a mente de pernas para o ar, e faz com que o resto da vida pareça, em comparação, absolutamente sem valor.

Boa descrição por escrito é geralmente o resultado de uma capacidade de observação clara e um julgamento sadio expressado da forma mais simples. Por este motivo, nenhum dos grandes acontecimentos históricos (como terremotos ou batalhas) já foi bem descrito por testemunhas visuais, a não ser que estas estivessem, pessoalmente, fora de perigo. Mas em *Dhyána* o observador está bem no centro do terremoto... Mesmo quando, pela constante repetição do fenômeno, nos acostumamos a *Dhyána*, nenhuma descrição parece adequada.

Uma das formas mais simples de *Dhyána* pode ser chamada “o Sol”. O Sol é visto (por assim dizer) em si mesmo, não por um observador; e se que o olho físico não, pode contemplar o sol, nós nos sentimos compelidos a afirmar que este ‘Sol’ é muito mais brilhante que o sol natural. A experiência inteira ocorre em um nível mais elevado.

Também as condições do pensamento, e do tempo e do espaço, são abolidas. É impossível explicar o que isto realmente significa. Somente a experiência mesma fornecerá compreensão. Isto tem analogia com a vida mental ordinária: as concepções da matemática avançada, por exemplo, não podem ser assimiladas pelo principiante, nem explicadas ao leigo. Outro desenvolvimento de *Dhyána* é a aparição da Forma que tem sido universalmente descrita como humana, se bem que as pessoas que assim a descrevem passam a adicionar um grande número de detalhes que absolutamente não são humanos! Esta particular aparição é geralmente descrita como sendo “*Deus*”.

O que quer que ela realmente seja, o resultado na mente do estudante é tremendo: todos os seus pensamentos são incitados ao máximo de desenvolvimento. Ele acredita sinceramente que eles têm “*sanção divina*”. Talvez até ele acredite que eles emanam diretamente desse “*Deus*”! Ele retorna ao mundo armado com esta intensa convicção e autoridade. Ele proclama suas idéias sem aquela circunspeção que a dúvida, a modéstia e a timidez impõem à maior parte das pessoas³⁴. Podemos supor que além disto tudo seu psicossoma foi realmente clarificado e está mais bem coordenado.

De qualquer forma, a massa da humanidade está sempre pronta a ser arrastada por qualquer impulso assim tão autoritário e incisivo. A história está cheia de relatos de oficiais que, desarmados, enfrentaram um regimento amotinado e o reduziram à disciplina pela simples força da confiança. O poder do orador sobre uma multidão é bem conhecido. É provavelmente por isto que os profetas têm sido capazes de restringir a humanidade a obedecer às suas leis. Nunca passa pela cabeça de um profeta que qualquer pessoa possa agir de outra forma! Na vida diária, nós podemos passar por qualquer guardião, tal como sentinela ou um coletor de bilhetes, se pudermos realmente agir de uma forma que ele seja de algum modo persuadido de que temos o direito de passar sem impedimento.

Este poder, aliás, é aquele que tem sido descrito por Magistas como o da invisibilidade. Alguém escreveu um excelente conto sobre quatro homens de confiança que estavam de sobreaviso, à espera de um assassino e tinham instruções para não deixar passar ninguém. Todos juraram subseqüentemente, na presença do cadáver, que ninguém passara por eles. Nenhum dos quatro notara o carteiro.

Os ladrões que roubaram a “*Gioconda*” do Louvre estavam provavelmente disfarçados de serventes, e roubaram a pintura no nariz do guarda. Possivelmente lhe solicitaram ajuda.

É apenas necessário crer que uma coisa deva acontecer para fazê-la acontecer. Esta “*crença*” não pode ser apenas emocional, ou apenas intelectual. Ela reside numa porção mais profunda da mente, porém uma porção não tão profunda que a maior parte dos

³⁴ Nota de *Frater O.M.*: Esta falta de controle não deve ser confundida com aquela observada em embriagados ou em loucos. Existe porém uma notável semelhança, embora superficial.



homens, provavelmente todos os homens bem sucedidos, não possam compreender o que fazemos, tendo tido experiências análogas em suas próprias vidas.

O mais importante fator em *Dhyána*, porém, é a aniquilação do ego.³⁵ Nossa concepção do universo será completamente transtornada se essa possibilidade como válida.

E hora de considerarmos o que, realmente, está acontecendo.

Deve ser admitido que demos uma explicação muito racional da grandeza dos grandes líderes religiosos e, por extensão, dos grandes homens em geral. Eles tiveram uma experiência tão arrebatadora, tão fora de proporção com o resto das coisas, que foram libertados de todos os obstáculos mesquinhos que impedem o homem normal de realizar seus projetos.

A preocupação com roupa, comida, dinheiro, o que os outros podem pensar, como agir e por que agir, e, acima de tudo, o medo das conseqüências, pesam sobre quase todo o mundo. Em teoria, nada é mais fácil para um anarquista do que matar um governante. Ele tem apenas que comprar um rifle, tornar-se um atirador de categoria, e dar um tiro no governante a uma distância de quatrocentos metros. No entanto, se bem que haja muitos anarquistas, há poucos atentados. Ao mesmo tempo, a polícia seria provavelmente a primeira a admitir que, se qualquer homem estivesse realmente cansado de viver, no mais íntimo do seu ser (um estado muito diverso daquele em que os homens usualmente resmungam que estão cansados da vida), ele poderia de algum jeito matar antes outra pessoa.

Ora, a pessoa que experimentou qualquer das formas mais intensas de *Dhyána* está psicologicamente livre. O Universo foi destruído para ela, e ela para o Universo. A vontade da pessoa pode portanto ser exercida sem obstáculos. Podemos imaginar que, no caso de Maomé, ele alimentara durante anos uma tremenda ambição, e nunca fizera nada porque aquelas suas qualidades que subseqüentemente se manifestaram em capacidade administrativa o tinham avisado de que ele era impotente.

Sua “visão na caverna” deu-lhe aquela confiança que lhe faltara, aquela fé que move montanhas. Existem muitas coisas que parecem sólidas neste mundo que poderiam ser derrubadas pelo toque de uma criança; mas ninguém tem coragem de tocá-las.

Aceitemos provisoriamente esta explicação da grandeza dos grandes homens, e passemos adiante. A ambição nos trouxe até aqui; mas agora estamos mais interessados no trabalho em si.

Isto é, se o amor à sabedoria se mostrar mais importante em nós que a ambição mundana.

Um fenômeno espantoso aconteceu conosco: tivemos uma experiência que faz o amor, a fama, as honrarias, a ambição, a riqueza, parecerem um tostão; e começamos a nos perguntar apaixonadamente. “O que é a verdade?” O Universo ruiu em nossa volta como um castelo de cartas, e nós mesmos – ou o que pensávamos ser nós mesmos – ruímos com ele. No entanto, esta derrocada é como a abertura das Portas do Céu! Eis aqui um tremendo problema, e existe algo dentro de nós que tem fome de solucioná-lo.

Vejamos que explicações podemos achar.

³⁵ Nota de S.H. *Shakta Ádynátha Amánáska*, 947: Rámakrishna comparava a mente humana com um inquieto macaco, que tivesse tomado álcool, tivesse sido picado por um escorpião e, ainda por cima, se lhe tivesse ateadado fogo ao pelo! Assim somos nós. Mas segundo Crowley, entrar em Estado de Meditação (*Dhyána*) para “aniquilar o Ego”, como sendo algo importante, é esdrúxulo. Isto não é verdade: O estudante deve manter o seu Ego saudável e até mesmo cultivá-lo. Para alcançar sucesso no *Yôga* precisamos primeiramente retirar o fogo (*Pratyáhára*), depois retirar o veneno do Escorpião (*Dháráná*), em seguida retirar o álcool (*Dhyána*) e, finalmente, retirar o próprio macaco (*Samádhi*). A Meditação (*Dhyána*) não visa aniquilar algum, e sim, cortar as Ondas Mentais. Tal estado é chamado de *Supraconsciência*.



A primeira idéia que ocorreria a uma mente equilibrada, familiarizada com a ciência, é que experimentamos um colapso mental. Da mesma forma que um golpe na cabeça faz um homem “*ver estrelas*”, assim também poderíamos supor que a tremenda tensão mental provocada por *Dhāranā* sobreexcitou o cérebro de alguma maneira, e causou um espasmo, ou possivelmente rebentou mesmo algum pequeno vaso. Parece não haver motivo para rejeitarmos por completo esta explicação, se bem que seria bastante absurdo supor que aceitá-la é condenar a prática de *Dhāranā*. Espasmo é a função normal de pelo menos um dos órgãos do corpo humano. Que o cérebro não é danificado pela prática fica provado pelo fato de que muita gente que afirma ter tido esta experiência repetidamente continua a exercer as vocações de sua vida material sem diminuição de eficiência ou atividade.³⁶

Podemos portanto descontar o aspecto fisiológico como explicação. Não explica o nosso problema principal, que é o valor dos testemunhos desta experiência pouco usual do cérebro.

Ora, este é um problema difícil, e provoca o problema ainda mais difícil da validade de qualquer tipo de testemunho. Todo pensamento humano possível já foi posto em dúvida em alguma ocasião, exceto o pensamento que apenas pode ser expressado por um ponto de interrogação, desde que duvidar deste pensamento é afirmá-lo! Mas à parte esta profunda dúvida filosófica, existe a dúvida cotidiana, mais simples e mais prática. A frase popular “*duvidar de nossos próprios olhos*” indica que usualmente a evidência dos nossos sentidos é aceita; mas isto é coisa que nenhum cientista moderno faria! O cientista está tão cômico de que os seus sentidos constantemente o enganam que inventa os mais complexos instrumentos a fim de verificar e corrigir as mensagens desses sentidos. E ele além disto está cômico de que o Universo que ele pode perceber diretamente através dos sentidos, mesmo corrigindo-os e vigiando-os pelo uso de instrumentos, é uma fração mínima do Universo que ele conhece indiretamente.

Por exemplo, quatro quintos do ar atmosférico consistem de nitrogênio. Se alguém trouxesse uma garrafa de nitrogênio para dentro desta sala seria enormemente difícil dizer o que é que a garrafa contém. Quase todos os testes que poderíamos aplicar ao conteúdo dariam resultados negativos. Nossos sentidos nada nos poderiam dizer.

O gás “*nobre*” argônio só foi descoberto pela comparação do peso do nitrogênio quimicamente puro com o peso do nitrogênio do ar. Isto já tinha sido feito muitas vezes, mas ninguém antes dispusera de instrumentos suficientemente delicados para medir a discrepância, ou até percebê-la.

Para dar outro exemplo, um famoso cientista afirmou faz poucos anos que a ciência nunca poderia descobrir a composição das estrelas fixas. No entanto isto já foi feito, e muito bem, através do espectroscópio.

Se perguntássemos ao cientista qual a sua teoria sobre o “*real*”, ele responderia que o éter que não pode ser percebido por nenhum dos sentidos, ou determinado por nenhum instrumento, e que possui qualidades que (para usar linguagem leiga) são impossíveis, é muito mais real do que a cadeira na qual ele está sentado. A cadeira é apenas um fato; sua existência é testemunhada só por uma pessoa, e esta pessoa bem falível. O éter é a dedução necessária tirada de milhões de fatos, os quais foram repetidamente verificados e provados por toda experimentação possível. Não existe portanto qualquer motivo para se rejeitar a priori qualquer coisa, apenas com o argumento de que ela não pode ser percebida por nossos sentidos.

Para mencionar outro ponto: um dos nossos testes do que é verdadeiro é a vividez de nossas impressões. Um evento isolado no nosso passado é pouco importante, e pode sumir

³⁶ Nota de S.H. *Shakta* Ádynátha Amánáska, 947: Pelo contrário, muitos que passaram por tal experiência tornam-se ainda mais ativos.



de nosso consciente; e se for de algum modo lembrado, somos capazes de nos perguntar: “*Será que eu sonhei isto? Ou aconteceu mesmo?*” O que nós não esquecemos nunca é o catastrófico. A primeira morte de uma pessoa amada, por exemplo, nunca seria esquecida: pela primeira vez nos tomamos cômicos daquilo que anteriormente apenas tínhamos ouvido contar. Uma tal experiência às vezes enlouquece as pessoas. Alguns cientistas se suicidaram quando uma teoria predileta foi provada falsa. Este problema é livremente discutido em ***Ciência e Budismo, Tempo, O Camelo***, e outros ensaios de Aleister Crowley. Aqui é apenas necessário comentar que *Dhyána* tem que ser classificado como a mais vívida e a mais catastrófica de todas as experiências.

Portanto, é difícil exagerar a importância que uma tal ocorrência tem para o indivíduo com quem ocorre. Especialmente desde que é a nossa concepção de todas as coisas, inclusive a nossa concepção mais íntima, aquela que tinha servido de centro e ponto de referência de todas as outras, a nossa concepção de nós mesmos, que é demolida. E quando nós procuramos explicar este acontecimento como uma suspensão temporária de nossas faculdades, como uma alucinação, ou coisa semelhante, verificamos que somos incapazes de acreditar em tais explicações. Você não pode discutir com um raio que acaba de lhe arremessar ao chão!

Toda coisa que é mera teoria é facilmente negável. Podemos encontrar falhas na nossa cadeia de raciocínio; podemos assumir que as premissas são, de uma maneira ou outra, falsas. Mas se atacamos desta forma a evidência a favor de *Dhyána*, nossa mente tem que encarar o fato de que qualquer outra experiência que já tivemos, atacada nas mesmas linhas e pelo mesmo método, cairá bem mais facilmente.

Por onde quer que examinemos a questão, o resultado será sempre o mesmo. Pode ser que *Dhyána* seja uma ilusão; mas se assim for, tudo o mais de que temos consciência é uma ilusão também.

Ora, a mente sã se recusa a persistir numa crença da irrealidade de suas próprias experiências. Pode ser que elas não sejam o que parecem ser; mas devem ser alguma coisa, e se (em geral) a vida normal é alguma coisa, quanto mais aquilo à cuja luz a vida normal parece como nada!

O homem comum percebe a falsidade, a incoerência e a falta de propósito dos sonhos; ele os atribui (com razão) a uma mente em desordem. **O filósofo contempla a vida normal com um desprezo análogo, e a pessoa que experimentou *Dhyána* é da mesma atitude, mas não mais por mera convicção intelectual.** Explicações lógicas, por apropriadas que sejam, nunca convencem por completo; mas a pessoa que experimentou *Dhyána* tem a mesma certeza simples de alguém que acorda de um pesadelo: “*Eu não estava caindo num poço sem fundo, foi apenas um mau sonho.*”

A reflexão da pessoa que teve *Dhyána* é exatamente análoga: “*Eu não sou aquele mísero inseto, aquele imperceptível parasita da terra; foi apenas um mau sonho.*” E da mesma forma que você não pode convencer o homem comum de que seu pesadelo era mais real que seu despertar, você não pode convencer esta outra pessoa de que seu *Dhyána* foi apenas uma alucinação, embora ela agora esteja penosamente cômica de que recaiu daquele estado à sua existência “normal”.

E provavelmente muito raro que uma única experiência transforme assim radicalmente uma concepção toda do Universo, da mesma forma que algumas vezes, ao despertarmos, ainda nos resta uma dúvida fugaz de se o despertar ou o sonho é real. Mas quando a experiência se repete, quando *Dhyána* não é mais um choque, quando o estudante teve tempo bastante para se acomodar ao seu novo plano de consciência, sua convicção se torna absoluta.³⁷

³⁷ Nota de *Frater O.M.*: Devemos observar que no presente não existem ainda dados suficientes para determinar a duração de *Dhyána*. Não pode-se dizer mais que, desde que o fenômeno ocorreu entre tais e tais horas, deve Ter



Outra consideração racional é esta: o estudante não esteve tentando excitar a mente, e sim acalmá-la; não esteve tentando produzir um pensamento, mas sim excluir todos os pensamentos; pois não existe relação entre o objeto da meditação e o *Dhyána*. Por que devemos então supor uma derrocada do processo inteiro, ainda mais se a mente não demonstra quaisquer traços subsequentes de interferência, tais como dor ou fadiga? Certamente nesta ocasião, se em nenhuma outra, uma das imagens dos hindus expressa a explicação mais simples. Esta imagem é a de um lago em que cinco glaciares se movem. Estes glaciares são os cinco sentidos. Enquanto o gelo (as impressões) está constantemente se quebrando e caindo no lago, as águas são sacudidas. Se os glaciares ficam parados, a superfície se torna calma; então, e apenas então, pode ela refletir o disco do sol. Este sol é a *“alma”*, ou *“Deus”*.

Devemos, porém, evitar o uso de termos tais como *“alma”* e *“Deus”* por enquanto, por causa das coisas em que eles implicam. Falemos antes deste sol como de alguma coisa desconhecida anteriormente, cuja presença tinha sido velada por todas as coisas conhecidas e pelo conhecedor mesmo.

Também é possível que nossa *“memória”* de *Dhyána* não seja a do fenômeno em si, mas a da imagem que ele deixou na nossa mente. Porém isto é verdade de qualquer fenômeno, como já foi provado além de qualquer dúvida por Berkeley e Kant. Este assunto, porém, não precisa nos ocupar. Queremos resultados, não teorias.

Podemos então provisoriamente aceitar o ponto de vista de que *Dhyána* é real; mais real, e portanto mais importante para nós, que qualquer outra experiência que tenhamos tido previamente. E um estado que tem sido descrito não apenas pelos hindus e budistas, mas também por maometanos e crististas. No caso dos crististas, porém, o preconceito profundamente arraigado torna seus documentos e relatos sem valor para o homem comum. Eles passam por alto as condições essenciais à ocorrência de *Dhyána* e insistem nas condições sem importância com muito mais frequência que os melhores escritores hindus. Mas para qualquer pessoa com experiência de meditação e algum estudo comparativo de religiões, a identidade do fenômeno é evidente. Podemos agora tratar de *Samadhi*.

durado menos que o período de tempo computado. Por exemplo, vemos nos relatórios de Frater Perdurabo que *Dhyána* pode certamente ocorrer em menos de uma hora e cinco minutos.



Capítulo VII

Samadhi

Já se escreveu demasiada bobagem a respeito de *Samadhi*; vamos nos esforçar por não aumentar o monturo. Até Pátañjali³⁸, que é extraordinariamente claro e prático na maioria das vezes, começa a delirar quando fala de *Samadhi*. Mesmo se o que ele diz fosse verdade, ele não deveria dizer essas coisas, pois não parecem ser verdade; e não devemos fazer qualquer afirmativa que seja difícil de acreditar sem estarmos preparados para apresentar provas cientificamente documentadas. Mas é bem provável que Pátañjali tenha sido mal interpretado por seus comentaristas.

A mais razoável asserção, de qualquer autoridade conhecida, é aquela de Yajna Valkya, que diz: “*Através de Pránáyáma as impurezas do corpo são eliminadas; através de Dháraná, as impurezas da mente; através de Pratyahára, as impurezas do apego; e Samadhi elimina tudo que esconde o senhorio da alma.*” Esta é uma asserção modesta, e em bom estilo literário. Se pudermos fazer o mesmo!

Em primeiro lugar, qual é o significado da palavra? Etimologicamente, Sam é o grego $\sigma\alpha\mu$ - o prefixo português *sin*, significando “*junto com*”. Adhi significa “*Senhor*”, e uma tradução razoável da palavra inteira seria “*União com Deus*”, exatamente o termo utilizado por místicos crististas para descreverem sua consecução.

Existe muita confusão, porque os budistas usam a palavra *Samadhi* para significar uma coisa inteiramente diversa, a simples faculdade da atenção. (Assim, para os budistas, pensar em um gato é “*fazer samadhi*” sobre aquele gato.) Os budistas usam a palavra Jhana para descrever estados místicos. Isto é uma bagunça danada, porque, como vimos no último capítulo, *Dhyána* é considerado pelos hindus o estado preliminar a *Samadhi*, e Jhana é, claro, a corrupção pali da mesma palavra.³⁹ Rejeitaremos sem hesitar a confusão inteira, e seguiremos o significado etimológico da palavra, conforme dado acima.

³⁸ Nota de S.H. *Shakta* Ádynátha Amánáska, 947: Pátañjali (pronuncie-se: “Pátãñdjali”) foi um sábio hindu, ariano, que viveu cerca de 300 anos antes de nossa era vulgar. Ele escreveu o *Yôga Sútra*. Embora sua obra tenha tendências arianas (ele mesmo era um), *brahmacháryas* (espiritualistas), foi graças a ele que o Yôga Autêntico não se perdeu com a poeira dos séculos com a invasão ariana e dominação dos povos Drávidas. Devemos o Yôga hoje à este homem. Mas, ele não é o “Pai do Yôga”, como pretendem alguns autores acéfalos brasileiros. Como pode ser alguém Pai de um filho que é 3 mil anos mais velho que ele?

³⁹ Nota de *Frater* O.M. A vulgaridade e insularidade do cânone budista são repulsivas a todo intelecto sadio, e as tentativas de usar os termos de uma filosofia egocêntrica para explicar os detalhes de uma psicologia cuja principal doutrina é a negação do ego foi obra de um imbecil malicioso.

Nota (de *Frater* O.M.): Crowley se refere aqui ao fato de que a maioria dos textos budistas na língua pali usam as palavras do sânscrito, adulteradas, claro. A filosofia sânscrita gira em torno da existência do Atman, um ente eterno e imutável. O Buda negava a existência do Atman – a palavra central de sua filosofia era Anatta. Isto é, inexistência. Ao tentarem interpretar o Buda, os budistas criaram um cânone eivado de concepções contrárias à filosofia desse grande homem. O resultado foi a aparição de uma religião dogmática fazendo do Buda um “*salvador*”. Paralelos no taoísmo e no cristianismo ocorrerão imediatamente a qualquer estudante inteligente. A palavra grega anátema está etimologicamente ligada a palavra do Buda. Anatta. É interessante vê-la usada pela Igreja Católica Romana para amaldiçoar as pessoas que rejeitam as crueldades e absurdos dessa organização.

Nota de S.H. *Shakta* Ádynátha Amánáska, 947: Na nota acima, *Frater* O.M. comete um erro: Não existe “Filosofia Sânscrita”. Sânscrito é o nome de um dos principais alfabetos hindús, e SOMENTE isto. E a Filosofia quer gira em torno do *Atman*, chama-se Vêdânta.



Existem muitos tipos⁴⁰ de Samadhi.⁴¹ Alguns autores consideram *Atmadarshana*⁴², o Universo percebido como um fenômeno único e sem condições, como o primeiro verdadeiro *Samadhi*. Se aceitarmos isto, devemos relegar muitos outros êxtases místicos menos elevados à classe dos *Dhyána*. Pátañjali enumera vários de tais êxtases: executar *Samyama* concentrando-se sobre vários objetos confere poderes mágicos, ou assim diz ele. Não é necessário aqui discutir essa questão. As pessoas que desejam poderes mágicos podem obtê-los em dúzias de maneiras diversas.

O poder cresce mais depressa que o desejo. O menino que deseja dinheiro para comprar soldadinhos de chumbo começa a cavar o dinheiro, e quando finalmente o consegue deseja alguma coisa muito diversa – provavelmente algo justamente além dos seus meios.

Esta é a esplêndida história de todo avanço espiritual: a gente nunca pára a fim de colher a recompensa.

Portanto, não nos preocupemos se este ou aquele *Samadhi* pode trazer esta ou aquela vantagem transitória a nossas vidas. Nós abrimos este livro, se vocês se lembram, com considerações sobre a morte. A idéia da morte perde todo significado em *Samadhi*. Depende das idéias do ego e do tempo; e estas idéias são destruídas. “*A morte é engolida em vitória*”. Nós trataremos a seguir das condições que produzem *Samadhi*, e procuraremos analisar o que esta experiência é em si.

Dhyána se assemelha a *Samadhi* sob muitos aspectos. Em *Dhyána* há uma união do ego com o não-ego, e uma perda das noções de tempo, espaço e causalidade. A dualidade sob qualquer forma é abolida. A idéia de tempo implica na existência de duas coisas consecutivas, a ideia de espaço envolve a existência de duas coisas não coincidentes, a idéia de causalidade envolve a existência de duas coisas, uma produto da outra.

As condições de *Dhyána* contradizem as condições do pensamento normal; mas em *Samadhi*, a diferença é muito maior que em *Dhyána*. Enquanto *Dhyána* parece a simples união de duas coisas, *Samadhi* parece como se todas as coisas subitamente se juntassem e se unissem. Poder-se-ia dizer que em *Dhyána* existia ainda esta condição em estado latente: que o Um existente era oposto aos Muitos não existentes; mas em *Samadhi*, o Um e os Muitos são unidos em uma Fusão de Existência com Não Existência. Esta definição não é o resultado de reflexão da minha parte, está sendo feita de memória.

Outra diferença: é fácil conquistar a habilidade de obter *Dhyána*, após algum treino, podemos entrar naquele estado sem prática preliminar (e deste ponto de vista, podemos reconciliar os dois significados diversos que os autores dão a esta palavra, os quais discutimos no capítulo anterior). Visto de baixo, *Dhyána* parece um êxtase, uma experiência tão tremenda que não podemos imaginar algo além; mas visto de cima, é um mero estado mental, tão natural quanto qualquer outro. *Frater Perdurabo*, antes de obter *Samadhi*, escreveu isto sobre *Dhyána* em seu relatório: “*Talvez, como resultado do intenso controle que a gente se esforça por obter, um ataque de nervos violento como uma tempestade seja provocado: isto nós chamamos de Dhyána. Tanto quanto posso conceber, Samadhi será apenas uma ampliação disto.*”

⁴⁰ Nota de S.H. *Shakta Ádynátha Amánáska*, 947: São eles: *Sabija Samádhi* (também denominado *Savikalpa Samádhi* ou *Sampratijñata Samádhi*, é o menos difícil e espera-se que todo praticante de *Yôga* veterano o experiencie pelo menos uma vez. O *Nirbija Samádhi*, também chamado *Nirvikalpa* ou *Asampratijñata Samádhi*, bem, este já é praticamente inatingível por quem não tenha a conjugação de dois fatores: muita dedicação ao longo de anos e uma programação genética favorável.

⁴¹ Nota de *Frater O.M.*: Aparentemente. Isto é: os resultados óbvios do diverso. É possível que o fenômeno tenha uma causa única, refratada em diversos planos de consciência.

⁴² Nota de S.H. *Shakta Ádynátha Amánáska*, 947: São autores *Brahmacháryas*. Os Autores *Sámkhyas* consideram o *Púrúsha*.



Cinco anos mais tarde (após obter *Samadhi* várias vezes), ele não diria isto. Talvez dissesse que *Samadhi* é a mente fluindo, numa corrente contínua, do ego ao não ego, sem se tornar cônica de nenhum dos dois; e este fenômeno é acompanhado por um maravilhamento e uma felicidade sempre crescentes. Ele pode compreender que isto seja o resultado natural de *Dhyána*, mais não pode mais chamar *Dhyána*, como antes, de precursor de *Samadhi*. Ele não tem certeza das condições que induzem *Samadhi*. Ele pode produzir *Dhyána* à vontade, no curso de alguns minutos de concentração, e o fenômeno frequentemente ocorre de maneira aparentemente espontânea. Mas com *Samadhi*, infelizmente, este não é o caso. Ele provavelmente pode conseguir *Samadhi* à vontade, mas não sabe dizer precisamente como, nem prever quanto tempo levará antes do fenômeno ocorrer; e não pode ter certeza completa de que o conseguiria.

Todos temos certeza de que podemos caminhar um quilometro sobre uma estrada plana. Conhecemos as condições, e seria preciso um conjunto muito extraordinário de circunstâncias para nos impedir de completar a caminhada. Mas é igualmente certo dizer: “*Eu já escalei o Everest e sei que posso escalá-lo novamente.*” No entanto, existe um conjunto de circunstâncias possíveis, e mais ou menos prováveis, que poderiam impedir o nosso sucesso.

Nós sabemos isto ao certo: que se **o pensamento for conservado** único e firme, *Dhyána* ocorre. Mas não sabemos se uma simples intensificação disto é suficiente para causar *Samadhi*, ou se outras condições adicionais (ou outras circunstâncias bem diversas) são necessárias.

Uma das condições adicionais de querer obter *Samadhi*. Isto não é tão simples quanto possa parecer. *Dhyána* glorifica o ego: *Samadhi* o destrói. Muita gente evita obter *Samadhi*, enquanto finge (para si mesma e para outros) que o persegue apaixonadamente. Mas há sem dúvida outras condições, não necessariamente subjetivas. Só a experiência sistemática de um grande número de pesquisadores ampliará o presente “*estado da ciência.*”

Obter *Dhyána* já é ciência. A obtenção de *Samadhi* continua no terreno do empirismo.

Um dos autores clássicos diz (se nossa memória não nos engana) que doze segundos de concentração dão *Dhāranā*, quarenta e quatro dão *Dhyána*, e mil setecentos e vinte e oito dão *Samadhi*. E Vivekananda, comentando Pátañjali, faz de *Dhyána* um mero prolongamento de *Dhāranā*. mas acrescenta: “*Suponhamos que eu estivesse meditando sobre um livro, e gradualmente conseguisse concentrar minha mente sobre ele até perceber apenas a sensação interna, o significado inexpresso em qualquer forma material: este estado de Dhyána é chamado Samadhi.*”

Outros autores opinam que *Samadhi* resulta de meditar sobre assuntos que são, em si mesmos, “*dignos*”. Por exemplo, Vivekananda diz: “*Pense em qualquer assunto santo.*” E explica a recomendação da seguinte forma: “*Isto não significa qualquer assunto malvado.*” (!)

Frater P. hesitaria em afirmar que conseguiu *Dhyána* meditando sobre objetos “*comuns.*” Ele abandonou a prática deste tipo de meditação após alguns meses, e começou a meditar sobre os chakras, etc. Também, *Dhyána* começou a ocorrer com tanta frequência que ele parou de registrar a ocorrência. Mas se desejasse atingir aquele estado neste instante, ele escolheria algo para excitar seu “*temor a Deus*”, ou “*reverência*”, ou “*maravilhamento*”.⁴³ Não existe qualquer motivo aparente porque *Dhyána* não deva ocorrer ao pensarmos em algum objeto comum numa praia – por exemplo, um siri.

⁴³ Nota de *Frater O.M.*: É uma quebra do ceticismo que é a base de nosso sistema admitir que algum assunto seja melhor que qualquer outro. Formulemos a posição assim: “*A é um assunto que B considera santo; portanto, é natural para B meditar sobre A.*” **Desfaçamo-nos do ego, observemos todos os nossos atos como se fossem os atos de outra pessoa: desta forma evitaremos noventa e nove por cento dos obstáculos que estão à nossa espera no caminho.**



Será esplêndido quando uma pesquisa disciplinada, usando métodos científicos, executada por muitas pessoas, permitir a determinação das condições de *Samadhi*. Por enquanto, não parece ser contraproducente seguirmos simplesmente a tradição de nossos antecessores, e usarmos os mesmos objetos de meditação que eles usaram – com uma única exceção que mencionaremos adiante.

O primeiro tipo de objetos para meditação séria (isto é, já não mais a prática preliminar, em que devemos usar apenas objetos simples da vida diária, que são mais fáceis de manter definidos) são diversas partes de nosso corpo. Os hindus possuem um complicado sistema de anatomia e fisiologia que aparentemente não tem qualquer relação com os fatos de uma sala de dissecação. Proeminentes em seu sistema estão os sete chacras, que serão descritos na Parte II deste livro. Existem também vários “*nervos*”, igualmente mitológicos.

O segundo tipo são objetos de devoção, tais como a idéia ou a forma da Deidade, ou o coração ou o corpo do nosso Instrutor, ou de algum homem que respeitamos profundamente. Esta prática não é recomendável, porque estimula os preconceitos na mente.

Podemos também meditar sobre nossos sonhos. Isto parece superstição; mas a idéia é que você já tem uma tendência, independente de sua vontade consciente, a pensar nessas coisas (ou não sonharia sobre elas); conseqüentemente lhe será mais fácil se concentrar sobre elas do que sobre outras.

Você pode também meditar sobre qualquer coisa que lhe agrade especialmente. Mas aqui, novamente, surge o perigo de estimular preconceitos.

Mas com tudo isso, sentimo-nos inclinados a sugerir que será melhor, e de maior peso, se a meditação for dirigida a algum objeto que seja, em si, aparentemente sem importância. Nós não queremos que a mente se excite de nenhuma forma, nem mesmo por adoração. Veja os três métodos de meditação dados em *Liber HHH*.⁴⁴ Ao mesmo tempo, não podemos negar que será muito mais fácil se escolhermos alguma idéia sobre a qual a mente tenda a fluir naturalmente.

Os hindus afirmam que a natureza do objeto da meditação determina o *Samadhi*, isto é, esses *Samadhis* menos elevados que conferem os assim-chamados “*poderes mágicos*”. Por exemplo, há os *Yôgapravritti*. Meditando sobre a ponta do nosso nariz, obtemos aquilo que se poderia chamar “*o cheiro ideal*” – isto é, um cheiro que não é nenhum cheiro em particular, mas que é o cheiro arquetípico, do qual todos os cheiros perceptíveis são modificações. E o “*cheiro que não é um cheiro*”. Esta é a única descrição razoável: pois, a experiência sendo contrária à razão, é conseqüentemente razoável que as palavras que a descrevem sejam assim também.⁴⁵

Da mesma forma, concentração sobre a ponta da língua dá o “*gosto ideal*”; sobre o dorso da língua, o “*tato ideal*”. O *Bhikku Ananda Metteya*⁴⁶ dá a seguinte deserção desta experiência: “*Todo átomo do corpo entra em contato com todo átomo do Universo simultaneamente.*” A meditação sobre a raiz da língua dá o “*som ideal*”, e meditação sobre a faringe dá a “*visão ideal*.”⁴⁷

⁴⁴ Estas meditações são os complementos de três métodos de entusiasmo. *Liber HHH* é uma das instruções oficiais da A.:A.:

⁴⁵ Nota de *Frater O.M.*: Daí o credo de Atanásio. Compare isso com o Zohar: “*A Cabeça que está acima de todas as Cabeças; a Cabeça que não é uma Cabeça.*”

⁴⁶ Nota de S.H. *Shakta Ádynátha Amánaska*, 947: Nome mágicko de Alan Bennet, Instrutor de Yôga de Aleister Crowley.

⁴⁷ Nota de *Frater O.M.*: Igualmente. Pátañjali nos diz que se praticarmos *Samyama* sobre a força de um elefante ou um tigre, adquirimos aquela força. Se você conquistar o “*nervo Udana*” você pode caminhar sobre a água: o “*nervo*



O mais importante desses êxtases, porém, é *Atmadarshana*, o qual para alguns (e estes não os de menor experiência) é o primeiro verdadeiro *Samadhi*; pois mesmo as visões de “*Deus*” e do “*Augoeides*” estão manchadas pela forma.

Em *Atmadarshana*, o Todo se manifesta como o Um: é o Universo livre de quaisquer condições. Não só são todas as formas e idéias destruídas, mas também as concepções que jazem implícitas em nossas idéias daquelas idéias.⁴⁸ Cada parte do Universo torna-se o Todo, e causa e efeito não mais são separados.

Mas é completamente impossível descrever este estado mental. Podemos apenas especificar algumas de suas características, como fizemos acima; mas a linguagem usada não deve formar qualquer imagem na mente.

E impossível a qualquer pessoa que experimente este estado trazer de volta dele qualquer imagem exprimível no estado mental normal. Nem podemos conceber qualquer estado que transcenda *Atmadarshana*, quando voltamos de *Atmadarshana*!

No entanto, existe um *Samadhi* muito mais elevado, chamado *Shivadarshana*; do qual é apenas necessário dizer que é a destruição do estado prévio: a aniquilação de *Atmadarshana*. Para conceber esta extinção devemos imaginar o Nada (único nome possível para isto) como positivo, em vez de negativo.

A mente normal é como uma vela num quarto escuro. Se você abre as janelas, a luz do sol torna a chama invisível. Esta é uma imagem mais ou menos adequada de *Dhyána*.⁴⁹

Mas a mente se recusa a encontrar uma imagem para *Atmadarshana*. Parece fraco dizer apenas que, se todas as estrelas do universo se juntassem subitamente, apagariam também a luz do sol. Porém, se aceitarmos dizer isto, e procurarmos outra imagem para *Shivadarshana*, devemos nos imaginar percebendo que esse braseiro universal é escuridão; não uma luz muito fraca comparada com outra luz, mas escuridão em si. Não é uma transição do minúsculo para o vasto, ou mesmo do finito para o infinito. E a percepção do fato de que o positivo é apenas o negativo. A “*verdade final*” de *Atmadarshana* é percebida não apenas como falsa, mas como a contradição lógica da “*verdadeira verdade*”. E completamente inútil prolongar este tema, que até o presente tem derrotado todas as mentes que procuraram expressá-lo. Nós tentamos aqui dizer o mínimo, e não o máximo, possível.⁵⁰

Ainda mais longe do nosso propósito de sermos simples estaria comentarmos aqui as inumeráveis discussões entre místicos sobre se *Shivadarshana* é o derradeiro *Samadhi*, ou sobre o efeito de *Shivadarshana* em nossa vida subsequente. Basta dizermos que até mesmo o primeiro e mais efêmero dos *Dhyána* nos paga mil vezes pelas dores que podemos ter tido buscando alcançá-lo.

Samana”, você começa a emitir luz; os “*elementos*” fogo, ar, terra e água, e você pode fazer tudo que na vida normal eles lhe impedem de fazer. Por exemplo, conquistando “*Terra*” podemos tomar um atalho para ir à China; conquistando “*Avia*” podemos morar no leito do rio Ganges. Dizem que há um santo em Benares que faz isto, vindo à tona somente uma vez por ano para confortar e instruir seus discípulos. Mas ninguém precisa acreditar nestas coisas a não ser que queira, e aconselhamos mesmo que o estudante domine o desejo de acreditar nelas. Será interessante quando a pesquisa científica tiver investigado os termos destas equações.

⁴⁸ Nota de *Frater O.M.*: Isto é tão completo que não só “*Preto é o mesmo que Branco*”, mas também, mas também, “*A brancura do Preto é a essência de sua pretura*.” O nada é igual ao um, que é igual ao infinito: mas isto é verdadeiro apenas por causa deste arranjo triplo, desta trindade ou triângulo de contradições.

⁴⁹ Nota de *Soror Virakam*: Aqui o ditame foi interrompido enquanto *Frater Perdurabo* pensou prolongadamente, buscando imagens para *Atmadarshana* e *Shivadarshana*.

⁵⁰ Nota de *Frater O.M.*: E no entanto, esse falatório prévio de nosso desejo de sermos tão modestos quanto *Yajna Valky*!



E existe mais um encorajamento para principiantes: todo trabalho que se executa nessa direção tem efeito cumulativo.⁵¹ Todo ato dirigido à consecução espiritual é mais uma pedra acrescentada à pirâmide de um destino que algum dia chegará a fluir. Possam todos conseguir!

⁵¹ Nota de S.H. *Shakta* Ádynátha Amánáska, 947: Esta foi uma das afirmações mais felizes deste capítulo sobre *Samádhi*.



Resumo

P. Que é o gênio, e como é produzido?

R. Examinemos diversos exemplos de gênio, e tentemos encontrar algo em comum entre eles, que não seja encontrado em outros tipos de inteligência.

P. Existe algo em comum?

R. Sim: todos os gênios têm o hábito da concentração mental, e em via de regra necessitam longos períodos de solidão para adquirir esse hábito. Em particular, todos os maiores gênios religiosos se retiraram do mundo em alguma fase de suas vidas, e começaram a ensinar imediatamente ao retornar ao mundo.

P. Qual é a vantagem de um tal retiro? Nós pensaríamos que um homem que fizesse isto perceberia, ao voltar, que estava sem contato com sua época, e em tudo menos capaz do que era antes.

R. No entanto, cada um deles afirma, se bem que em linguagem diversa, que durante sua ausência obteve algum poder sobre-humano.

P. Você acredita nisso?

R. Não fica bem rejeitarmos sem exame as declarações de homens que são respeitados por tantos dos nossos semelhantes. Temos que refutá-las com provas, ou pelo menos explicar como eles se enganaram. Ora, cada um desses homens deixou regras para serem seguidas. O único método científico consiste em repetirmos os experimentos deles, e assim confirmar ou invalidar seus resultados.

P. Mas as regras que eles deram diferem tanto umas das outras!

R. Apenas no fato de que cada um deles estava limitado por condições, de raça, clima, linguagem e período cultural. Existe uma identidade básica nos métodos de todos eles.

P. Prove isso!

R. Foi a grande obra da vida de *Frater Perdurabo* provar isso. Estudando as práticas de cada uma das grandes religiões em seu lugar de origem, ele pode demonstrar a relação entre elas todas, e formulou um método livre de dogma, baseado apenas nos fatos comprovados da anatomia, da fisiologia e da psicologia.

P. Pode me dar um breve resumo desse método?

R. A idéia básica é a de que o Infinito, o Absoluto, Deus, a Sobre-Alma, ou o que você quiser chamar aquilo, está sempre presente em todos nós, mas velado ou fantasiado pelos pensamentos de nossas mentes, da mesma forma que não podemos ouvir as batidas de nosso coração no meio do tráfego de uma cidade barulhenta.



P. E então?

R. Para obter conhecimento direto Daquilo, é apenas necessário parar todos os pensamentos.

P. Mas no sono o pensamento está parado.

R. Talvez sim, superficialmente falando; mas a função que percebe também está parada.

P. Então, você deseja obter uma perfeita vigilância e atenção por parte da mente, que não sejam interrompidas pela aparição de pensamentos?

R. Exato.

P. E como você faz para conseguir isso?

R. Primeiro, nós aquietamos o corpo através da prática chamada *Ásana*. Segundo, asseguramos a regularidade e a saúde do corpo através da prática chamada *Pránáyama*. Desta forma, nenhuma mensagem do corpo perturbará a concentração mental. Depois, através de *Yama* e *Niyama*, nós aquietamos as emoções e as paixões, e assim impedimos que também estas apareçam para perturbar a mente. Depois, através de *Pratyahára*, analisamos nossas mentes ainda mais a fundo, e começamos a suprimir os pensamentos em geral, de qualquer tipo. A seguir, suprimimos todos os pensamentos a não ser um só, no qual buscamos nos concentrar diretamente. Este processo, que leva à mais alta consecução, consiste de três fases, *Dhâraná*, *Dhyána* e *Samadhi*, as quais são agrupadas sob o nome único de *Samyama*.

P. Como posso obter maior conhecimento e experiência dessas coisas?

R. A A.:A.: é uma organização cujos chefes obtiveram através de experiência pessoal o auge dessa ciência. Eles fundaram um sistema pelo qual qualquer pessoa persistente pode atingir a meta, e isto com uma rapidez e facilidade previamente impossíveis.



Segunda Parte

Livro Quatro:

Magick



Magia Cerimonial

Treino para Meditação

Observações Preliminares

Até agora falamos do caminho místico, e particularmente do seu aspecto exotérico. As dificuldades que mencionamos eram apenas obstáculos naturais.

Por exemplo, a grande questão da entrega do ser, que parece tão profusamente na maior parte dos tratados de misticismo, não foi discutida por nós. Dissemos apenas o que o homem deve fazer; não examinamos as implicações de tudo que ele faz. A rebelião da vontade contra a terrível disciplina da meditação não foi discutida; podemos agora dedicar algumas palavras ao assunto.

Não existe limite para aquilo que os teólogos chamam de maldade. Somente através de experiência pode o estudante perceber a engenhosidade com que a mente tenta escapar ao controle. O estudante está perfeitamente a salvo enquanto **persiste em meditação, praticando nem mais nem menos do que aquilo que nós prescrevemos; mas a mente provavelmente não permitirá que ele permaneça nessa simplicidade. Este fato é a raiz de todas as lendas sobre a tentação do “Santo” pelo “Diabo”. Considere a parábola do Cristo no Deserto, quando ele é tentado a usar seu poder mágico para fazer tudo menos que deve ser feito. Estes ataques contra a vontade são tão ruins quanto os pensamentos que se intrometem em Dháraná. Parece quase como se não pudéssemos praticar meditação com sucesso antes que a vontade se tenha tomado tão forte que nenhuma força no Universo pode desviá-la ou quebrá-la.** Antes de concentrarmos o princípio mais baixo, a mente, é necessário que concentremos o princípio mais alto, a vontade. A falta de compreensão disto tem anulado o valor de todas as tentativas de ensinar “Yôga”, “Cultura Mental”, “Novo Pensamento”, etc.

Existem métodos para treinar a vontade, através dos quais torna-se fácil verificarmos nosso progresso.

Todo mundo conhece a força do hábito. Todo mundo sabe que se persistimos em agir de uma maneira particular, aquela ação torna-se progressivamente mais fácil, e finalmente absolutamente natural.

Todas as religiões tem devisado práticas para este fim Se você persistir em rezar com os lábios durante um suficiente período de tempo, você perceberá um dia rezando em seu coração.

O problema todo foi analisado e organizado pelos antigos sábios; eles construíram uma Ciência da Vida completa e perfeita; e eles deram a esta Ciência o nome de MAGIA. Ela é o principal segredo dos Antigos, e se as chaves nunca foram realmente perdidas, certamente têm sido pouco usadas.⁵²

Mas: a confusão sobre o assunto, causada pela ignorância de gente que nada entendia dele, levou-o ao descrédito. E agora nossa tarefa restabelecer esta ciência em sua perfeição.

Para fazer isto devemos criticar as Autoridades, algumas delas tornaram a Ciência demasiado complexa, outras fracassaram completamente em assuntos tão simples quanto a coerência. Muitos dos escritores são imparciais, outros meros escribas, enquanto que a maior parte é composta de estúpidos charlatões.⁵³

⁵² Nota de *Frater O.M.*: Os possuidores das chaves têm sempre sido muito discretos sobre o fato de sua posse. Isto foi especialmente necessário na Europa, por causa da prevalência de Igrejas perseguidoras.

⁵³ Nota de *S.H. Shakta Ádynátha Amánáska*, 947: Aqui no Brasil, temos sobrando exemplos deste tipo de gente. Escrevo isto em 2006 e.v.



Nós consideramos uma forma simples de Magia, harmonizada de muitos sistemas velhos e novos, descrevendo as várias armas do Magista e o mobiliário do seu templo. Nós explicaremos a que cada um destes objetos corresponde, e discutiremos a construção e o uso deles.

O Magista trabalha em um **Templo** o Universo, que é (lembremo-nos disto) contém com o Magista mesmo.⁵⁴ Neste Templo um Círculo é desenhado no chão para limitar o trabalho do Magista. Este Círculo é protegido por nomes divinos, as influências nas quais ele confia, para manter fora pensamentos hostis. Dentro do Círculo está um **Altar**, base sólida sobre a qual ele trabalha, a fundação do edifício. Sobre o Altar estão sua **Baqueta**, o seu **Cálice (ou Taça)**, a sua **Espada**, e o seu **Pentáculo**, para representar respectivamente: sua Vontade, sua Compreensão, sua razão e as partes mais baixas do seu ser. Sobre o Altar está também um frasco de **Óleo**, rodeado por um **Flagelo**, uma **Adaga** e uma **Corrente**, enquanto que acima do Altar pende uma **Lâmpada**. O Magista usa unia **Corôa**, um **Robe** único, e um **Lamen**, e ele carrega na mão um **Livro** de Conjurações e um **Sino**.

O Óleo consagra tudo que toca; é a sua aspiração; todos os atos executados de acordo com aquilo são santos. O Flagelo tortura o Magista; a Adaga o fere; a Corrente o encadeia. É por virtude destes três que sua aspiração se conserva pura, e é capaz de consagrar todas as outras coisas. Ele usa uma Corôa para afirmar seu senhorio, sua divindade; um Robe para simbolizar silêncio, e um Lamen para declarar seu Trabalho. O Livro de encantamento ou conjurações é o seu Relatório Mágico, seu Karma. No Oriente está o Fogo Mágico,⁵⁵ em que tudo é consumido por fim.⁵⁶

Agora consideremos cada uma destas matérias em detalhe.

⁵⁴ Nota de S.H. *Shakta* Ádynátha Amánáska, 947: Isto é, com o conteúdo de sua mente. Nada do que você não possa se tornar consciente existe para você.

⁵⁵ Nota de *Frater* O.M.: Isso se associa tradicionalmente com o Elemento Ar. Aqui Crowley se refere ao centro da Verdadeira Vontade (Elemento Fogo) que se associa as Sefiras Tiphareth e Kether no Pilar do Meio de consciência, o caminho do Ar.

⁵⁶ Nota de *Frater* O.M.: Para invocar, ele não precisa de mais nada do que os implementos aqui descritos, **por meio dos quais ele chama aquilo que está acima e dentro dele**, mas para evocações, através das quais ele **chama aquilo que está abaixo e fora dele, ele deve colocar o Triângulo fora do Círculo**.



Capítulo I

O Templo

Representa o universo externo. O Magista tem que tomá-lo tal como o encontra, de forma que não tem nenhum formato particular, no entanto, está escrito em *Liber VII*: “*Nós nos fizemos um Templo de pedras na forma do Universo, mesmo tal como tu usaste abertamente e eu escondido.*” Esta forma é a *Visica Piscis*; mas é somente o maior dos Magistas que pode assim formar o Templo. Entretanto, pode haver alguma escolha quanto a quartos; isto se refere ao poder do Magista de reincarnar em um corpo apropriado a seu Trabalho.



Capítulo II

O Círculo

O Círculo anuncia a Natureza da Grande Obra.

Se bem que o Magista foi limitado em sua escolha de quarto ele está mais ou menos livre para escolher em que parte daquele quarto ele trabalhará. Ele levará em consideração tanto o conveniente quanto o possível. Seu círculo não deve ser tão pequeno que estorve seus movimentos; também não deve ser tão grande que ele tenha muita distancia a correr. Uma vez o círculo esteja feito e consagrado, o Magista não deve deixá-lo, ou mesmo debruçar-se além dele, para que as forças hostís que estão fora não possam destruí-lo.

Ele escolhe um Círculo, antes que qualquer outra figura linear, por várias razões:

1. Ele afirma desta forma sua identidade com o infinito.
2. Ele afirma a proporção equânime do seu trabalho; todos os pontos da circunferência equidistam do centro.
3. Ele afirma a limitação implicada pela sua devoção á Grande Obra. Ele não perambula mais sem fito pelo mundo.

O centro deste Circulo é o centro do Tau (T) de dez quadrados inscrito nele, tal como é mostrado na ilustração anexa. O Tau e o Círculo, juntos, são uma forma da Rosa Cruz: a união de sujeito e objeto que é a Grande Obra, a qual é às vezes simbolizada como esta cruz e círculo, às vezes como o *Lingam-Yoni*, às vezes como Ankh ou Cruz-Ansata, às vezes pela Espira e pela Nave de uma Igreja ou Templo, às vezes como um Festim de Casamento, Casamento Místico, Casamento Espiritual, "*Bodas Químicas*", e em centenas de outras formas. Qualquer que seja a forma escolhida, é o símbolo da Grande Obra.

Este local de trabalho portanto declara a natureza e objetivo da Obra dele. Essas pessoas que suporam que o uso destes símbolos implica adoração dos órgãos genitais, simplesmente atribuíram aos sábios de todas as idades e todos os países mentalidades do calibre da sua.

O Tau é composto de dez quadrados para as dez Sephiroth.

No Circulo estão inscritos os Nomes de Deus; o Circulo é verde, e os Nomes estão em vermelho fogo, da mesma cor que o Tau. Fora do Circulo estão Nove equidistantes Pentagramas,⁵⁷ no centro de cada um dos quais queima uma pequena Lâmpada; estas são as "*Fortalezas*" sobre as Fronteiras do Abismo. Veja o Sétimo Aethyr, *Liber 418* (Equinox V). Elas conservam fora essas forças da escuridão que poderiam de outra forma invadir.

Os Nomes de Deus formam outra proteção. O Magista pôde escolher que nomes usará; mas cada nome deveria de alguma forma simbolizar a sua Obra em seu método de consecução. É impossível entrar aqui por completo neste assunto; a descoberta ou construção de nomes apropriados poderia ocupar o mais letrado Qabalista durante muitos anos.

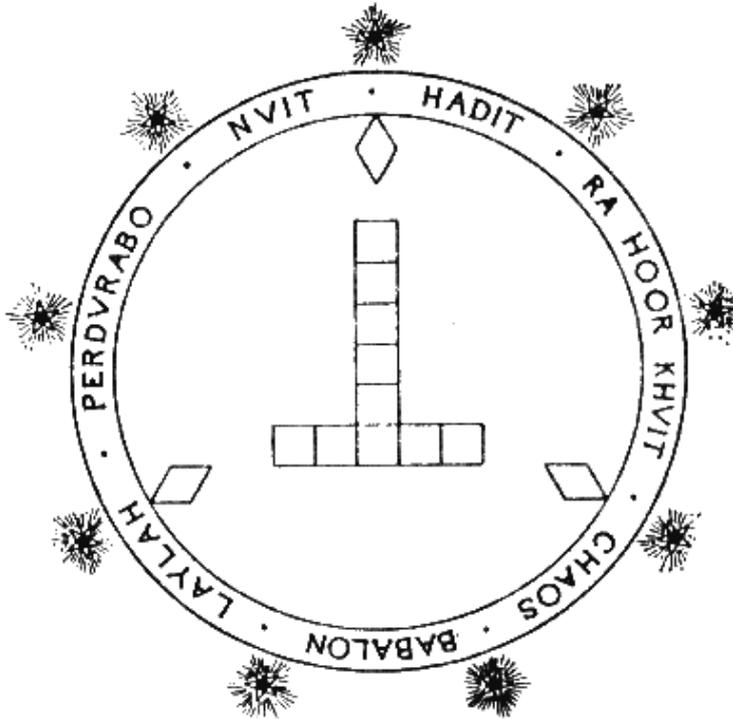
Estas nove Lâmpadas eram originalmente velas feitas de gordura humana, a gordura de inimigos⁵⁸ mortos pelo Magista; elas assim serviam de aviso a qualquer força hostil daquilo que poderia esperar se desse incômodo. Hoje em dia tais velas são difíceis de conseguir; e é talvez

⁵⁷ Nota de *Frater O.M.*: Alguns Magistas preferem sete Lâmpadas, para os Sete Espíritos de Deus que estão diante do Trono. Cada Lâmpada está colocada em um Heptagrama, e em cada ângulo do Heptagrama está uma letra de forma que os Sete Nomes (ver Equinox VII) são assim soletradas. Mas isto é um simbolismo bem diferente. Naturalmente, no trabalho especializado ordinário o número das Lâmpadas depende da natureza da Obra: exemplo, três para trabalho de Saturno, oito para trabalho de Mercúrio, e assim por diante.

⁵⁸ Nota de *Frater O.M.*: Ou, algumas vezes, de "*criancinhas estranguladas ao nascer*", isto é, pensamentos aniquilados antes pudessem assombrar à consciência.



mais fácil usar cera de abelha. O mel foi tomado pelo Magista; nada resta do trabalho de todas essas hostes de abelhas senão a mera casca, o combustível da luz. Esta cera de abelha é também usada na construção do Pantáculo, e isto forma um elo entre os dois símbolos. O Pantáculo é o alimento do Magus; ele renuncia a parte deste para dar luz àquilo que está fora. Pois estas luzes são hostis à intrusão apenas em aparência; elas servem para iluminar o Círculo e os Nomes de Deus, e assim exibem os primeiros e mais externos símbolos da Iniciação à vista dos profanos.



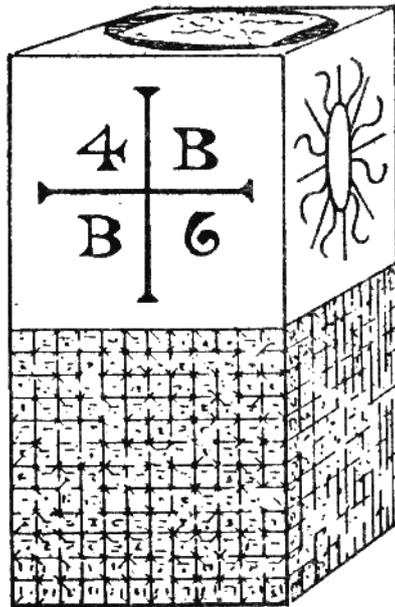
Estas velas estão de pé sobre Pentagramas, que simbolizam Geburah, Severidade, e dão proteção; mas que também representam o Microcosmo, os quatro elementos coroados pelo Espírito, a Vontade do Homem tomada perfeita em sua aspiração ao Alto. Elas são colocadas fora do Círculo para atrair as forças hostis, para dar-lhes o primeiro vislumbre da Grande Obra, que também elas devem algum dia executar.



Capítulo III O Altar⁵⁹

O Altar representa a base sólida da Obra, a Vontade fixa do Magista; e a Lei sob a qual ele trabalha. Dentro deste Altar é tudo colocado, desde que tudo está sujeito à lei. Com excessão da Lâmpada.

De acordo com algumas autoridades, o Altar deve ser feito de carvalho para representar a teimosia e rigidez da lei; outros o fariam de acácia, pois a Acácia é o símbolo da ressurreição.



O Altar é um duplo cubo, o que é uma maneira mais ou menos grosseira de simbolizar a Grande Obra; pois dobrar o cubo, da mesma forma que a quadratura do círculo, era um dos grandes problemas da Antiguidade. A superfície deste Altar é composta de dez quadrados. O topo é Kether, e o fundo é Malkuth A altura do Altar iguala a distância do solo ao umbigo do Magista. O Altar está relacionado com a Arca da Aliança, a Arca de Noé, a Nave (navis, um barco) da Igreja, e muitos outros símbolos da antiguidade, cujo significado foi bem estudado em um livro anônimo chamado "THE CANON" (Alkin Mathews), que deveria ser cuidadosamente consultado antes de construirmos o Altar.

Pois este Altar deve incorporar o conhecimento que o Magista tem das leis da Natureza, que são as leis através das quais ele trabalha.

Ele deveria esforçar-se por fazer construções simétricas para simbolizar medidas cósmicas. Por exemplo: ele pode tomar as duas diagonais como sendo (digamos) o diâmetro do Sol. Então, o lado do Altar, descobrirá ele, deverá ter um comprimento igual a alguma outra medida cósmica, uma vesica desenhada sobre um lado terá outra, uma "crux de crucifixo" dentro da vesica ainda outra. **Cada Magista deve construir o seu próprio sistema de simbolismo e ele não precisa limitar-**

⁵⁹ Nota de S.H. *Shakta* Ádynátha Amánáska, 947: "Meu altar é de cobre trabalhado: queimai depois em prata ou ouro!" (AL, III:30)



se a medidas cósmicas. Ele poderá, por exemplo, encontrar alguma relação para expressar a lei do inverso dos quadrados.

O topo do Altar deve ser coberto com ouro, e sobre este ouro deveria ser gravada alguma figura tal qual a Orla Santa, ou a Nova Jerusalém, ou, se ele tiver a habilidade, o *Microcosmo de Vitruvius*, dos quais nós damos ilustrações.

Sobre os lados do Altar são também algumas vezes gravadas as grandes Tábuas dos Elementos, e os Selos dos Santos Reis Elementais, como é mostrado no *Equinócio*, n. VII; pois tais são sínteses das forças da Natureza. No entanto isto são antes símbolos especiais que gerais, e o propósito do presente livro é tratar dos grandes princípios gerais de trabalho.



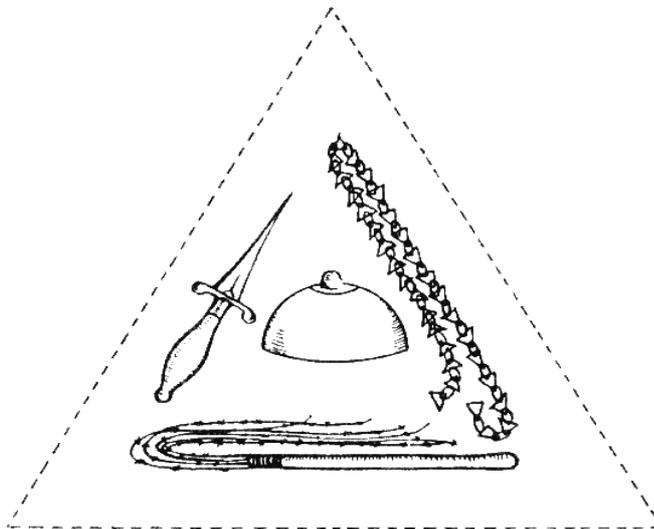
Capítulo IV

O Flagelo, a Adaga e a Cadeia

O Flagelo, a Adaga e a Cadeia (Corrente) representam os três princípios alquímicos de Enxofre, Mercúrio e Sal. Estes não são as substâncias que atualmente são designadas por tais nomes; representam princípios cuja operação os químicos têm achado mais conveniente explicar de outras formas. O Enxofre representa a energia das coisas, Mercúrio a fluidez delas, Sal a sua fixidez. Eles são análogos ao Fogo, ao Ar e a Água; mas eles significam bastante mais, pois representam algo mais profundo e mais sutil e, no entanto, mais verdadeiramente ativo. Uma analogia quase exata é dada pelas Três Gunas dos hindus: Sattwas, Rajas e Tamas. Sattwas é Mercúrio, estável, calmo, claro; Rajas é Enxofre, ativo, excitável, feroz mesmo; Tamas é Sal, grosso, lerdo, pesado, escuro. (existe uma longa descrição destas três Gunas no *Bhagavad-Gita*).

Mas a filosofia hindu está tão ocupada com a idéia principal de que só o Absoluto tem valor, que ela tende a considerar estas três Gunas (mesmo Sattwas) como malignas. Este ponto de vista é correto, mas somente olhando de cima; e nós preferimos, se somos realmente sábios, evitar a eterna queixa que caracteriza o pensamento da península indiana: *“Tudo que existe é sofrimento”*, etc. Se aceitamos a doutrina deles das duas fases do Absoluto, será necessário, se quisermos ser consistentes, que classifiquemos as duas fases juntas, quer como boas, quer como más; pois se uma é boa a outra é má, nós voltamos a idéia de dualidade, justamente para evitar a qual nós inventamos o Absoluto.

A idéia cristã de que o pecado valeu a pena porque a salvação foi de tão maior valor, que a redenção é tão esplêndida que a perda da inocência valeu a pena, é mais satisfatória. São Paulo diz: *“Onde abundava o pecado, mais abundou a graça. Então devemos nós fazer o mal para que o bem venha? Deus proíba”*. Mas (claramente) isto é exatamente o que Deus Mesmo fez, ou por que haveria Ele de criar Satã com o germe de sua *“queda”* nele?



Em vez de condenar imediatamente as três qualidades, nós devemos considerá-las como partes de um Sacramento.

Este aspecto particular do Flagelo, da Adaga e da Cadeia, sugere o Sacramento da Penitência.

O Flagelo é Enxofre; sua aplicação excita nossas naturezas lerdas; e pode, além disso, ser usado como um instrumento de correção, para castigar volições rebeldes. Isto é

aplicado a Nephesh (a Alma Animal, os desejos naturais.)

A Adaga é Mercúrio; é usada para acalmar demasiado calor, por sangria; e é esta arma que é mergulhada no lado do Magista para encher a Santa Taça.

As dificuldades que estão entre os apetites e a razão são assim reguladas.



A Cadeia é Sal; serve para limitar os pensamentos divagantes; e por este motivo é colocado em volta do pescoço do Magista, onde está Daath.

Estes instrumentos também nos lembram a morte, a dor e a servidão. Estudantes dos Evangelhos lembrar-se-ão que no martírio de Cristo estes três foram usados, a Adaga sendo substituída pelos pregos.⁶⁰

O Flagelo deveria ser feito com um punho de ferro; o Látego é composto de nove tiras de fino arame de cobre, nas quais estão entrançados pedacinhos de chumbo, o ferro representa severidade, cobre amor, e o chumbo austeridade.

A Adaga é feita de aço trabalhado com ouro; e o punho também é de ouro.

A Cadeia é feita de ferro doce. Tem 333 elos. (veja o Equinox nº V, "A Visão e a Voz": 10º Aethyr).⁶¹

Torna-se agora evidente porque estas armas estão grupadas em volta do frasco de Cristal de Rocha que contém o Óleo Santo.

O Flagelo mantém intensa a aspiração; a Adaga expressa a determinação de sacrificar tudo; a Cadeia restringe qualquer divagação.

Podemos agora considerar o Óleo Santo propriamente dito.

⁶⁰ Nota de *Frater O.M.*: Isto é verdade de todos os instrumentos mágicos. O Monte Gólgota é o Círculo, e a Cruz é o Tau. Cristo tinha Robe, Corôa, Cetro, etc.; esta tese deve ser algum dia desenvolvida por completo.

⁶¹ Nota de S.H. *Shakta Ádynátha Amánáska*, 947: *Liber CDXVIII Aevm vel Saeculi, sendo Os Anjos dos Trinta Aethyrs: A Visão e A Voz.*



Capítulo V

O Óleo Santo

O Óleo Santo é a Aspiração do Magista; é aquilo que o consagra à execução da Grande Obra; e tal é a sua eficácia que consagra também o mobiliário do Templo e os instrumentos. E também a graça ou crisma; pois esta Aspiração não é ambição; é uma qualidade conferido do Alto. Por esta razão o Magista unguirá primeiro o topo de sua cabeça, procedendo então à consagração sucessiva dos centros mais baixos.

Este óleo é de uma cor dourada; e quando colocado sobre a pele deverá queimar e vibrar através do corpo com uma intensidade como a o fogo. E a pura luz traduzida em termos de desejo. Não é a Vontade do Magista, o desejo do mais baixo de alcançar o mais alto; é a centelha do mais alto no Magista, que deseja unir o mais baixo a si.

A não ser portanto que o Magista seja primeiro unguido com este óleo, todo o seu trabalho será desperdiçado e maligno.

Este Óleo é composto de quatro substâncias. A base de todas é o óleo de oliva. A oliveira é, tradicionalmente, a dádiva de Minerva, a Sabedoria de Deus, o Logos. Nisto são dissolvidos três outros óleos: óleo de mirra, óleo de canela, óleo de galanga. A Mirra é atribuída a Binah, a Grande Mãe, a qual é ao mesmo tempo a Compreensão do Magista e aquela dor e compaixão que resultam da contemplação do Universo. A Canela representa Tiphareth, o Sol, o Filho, em quem a Glória e Sofrimento são idênticos. A Galanga representa tanto Kether quanto Malkuth, o Primeiro e o Último, o Um e os Muitos, desde que neste Óleo eles são um.

Estes óleos em conjunto representam, portanto, a Árvore da Vida inteira. As Dez Sephiroth são misturadas no ouro perfeito.

Este Óleo não pode ser preparado de mirra, canela, galanga em estado bruto. A tentativa de assim fazer dá apenas uma lama marron com a qual o óleo de oliva não se misturará. Estas substâncias devem ser elas mesmas refinadas em puros óleos ante da mistura final.

Este perfeito Óleo é extremamente penetrante e sutil.

Gradualmente se espalhará, uma película brilhante sobre todo objeto no Templo. Cada um destes objetos então flamejará à luz da Lâmpada. Este Óleo é aquele que estava na Taça da Viúva: ele se renova e multiplica milagrosamente; seu perfume enche o Templo inteiro; é a Alma de que o perfume mais grosseiro é o corpo.

O Frasco que contém o Óleo deveria ser de claro cristal de rocha, e alguns Magistas o têm moldado na forma do seio de mulher, porque é a verdadeira nutrição de tudo quanto vive. Por este motivo também tem sido feito de madrepérola, e tampado com um rubi.



Capítulo VI

A Baqueta

A Vontade Mágica é em sua essência dupla, pois pressupõe um começo e um fim; **querer ser uma coisa é admitir que você não é a coisa que você quer ser.**

Dai, portanto, querer qualquer coisa menos a coisa suprema é desviar-se mais ainda dela – qualquer vontade que não seja a de entregar-se ao **BEM AMADO É MAGIA NEGRA** – no entanto, esta entrega é um ato tão simples que para as nossas complicadas mentes é o mais difícil dos atos; e portanto, treinamento é necessário. Mais, o Ser que se rende não deve ser menos que o Ser do Todo; nós não devemos aparecer diante do Altar do Altíssimo com uma oferenda imperfeita ou impura. Como está escrito em Liber LXV, “*Esperar-Te é o fim, não o principio*”.

Este treino pode conduzir a toda sorte de complicações, variando de acordo com a natureza do estudante; e daí talvez lhe seja necessário a qualquer momento querer uma variedade de coisas que a outras pessoas poderia parecer sem relação com o alvo. Da mesma forma não é evidente à priori por que razão um jogador de bilhar necessita de urna lima.

Já que, portanto, nós podemos vir a precisar de qualquer coisa, cuidemos de que a nossa vontade seja suficientemente forte para obtermos o que necessitamos sem perda de tempo.

É portanto necessário desenvolver a Vontade ao máximo, mesmo se a tarefa final será a completa entrega desta Vontade. Entrega parcial de uma vontade imperfeita é inútil em Magia.

A Vontade sendo uma alavanca, um fulcro é necessário; este fulcro, é a principal aspiração do estudante por alcançar. Todas as Vontades que não derivam desta Vontade principal são fendas no nosso barco, telhas soltas na nossa loja, goteiras nas nossas paredes; são como gordura no atleta.

A maioria das pessoas neste mundo é atáxica; eles não podem coordenar seus músculos mentais para fazer um movimento com propósito. Eles não têm realmente uma Vontade, somente um grupo de caprichos e desejos, muitos dos quais se contradizem uns aos outros. A vítima bamboleia de um a outro (e não é menos bamboleio porque os movimentos passam, as vezes, ser muito violentos), e no fim da vida os movimentos se cancelam. Nada foi executado; exceto a coisa única de que a vítima não está cônica: a destruição do seu próprio carácter, a confirmação da indecisão. Uma tal pessoa é despedaçada, membro por membro, por Choronzon.⁶²

Como então será treinada a Vontade? Todas estas cismas, caprichos, esses desejos, essas inclinações, tendências, apetites, devem ser percebidos, examinados, julgados de acordo com o padrão de se ajudam ou impedem o propósito principal; e tratados de acordo.

Vigilância e coragem são, é óbvio, necessárias. Eu estava a ponto de acrescentar auto-renúncia em deferência à linguagem convencional; mas como poderia eu chamar auto-renúncia aquilo que é apenas renúncia dessas coisas que impedem e prejudicam o ser? Não é suicídio matar os germes de malária em nosso sangue.

Agora, existem enormes dificuldades a serem conquistadas no treino da mente. Talvez a maior seja a falta de lembrança, que é provavelmente a pior forma daquilo que os Budistas chamam ignorância. Práticas especiais para treino da memória podem ser úteis como preliminar para

⁶² Nota de S.H. *Shakta* Ádynátha Amánáska, 947: Choronzon é o Morador do Abismo. Dee e Kelly o chamaram de “O Poderoso Diabo”. Crowley o invocou com Víctor Neuberg no Norte da África durante o ano de 1909.



peessoas cuja memória é naturalmente pobre. Em qualquer caso, o Relatório Mágico prescrito para Probacionistas pela A.: A.: é útil e necessário.

Acima de tudo, as práticas em *Liber III*⁶³ devem ser executadas repetidamente pois estas práticas não só desenvolvem a vigilância, como também esses centros inibidores no cérebro que são, de acordo com alguns psicologistas, a principal mola do mecanismo através do qual o homem civilizado subiu acima dos selvagens.

Até agora falamos, por assim dizer, no negativo. A Vara de Aarão virou uma serpente, e engoliu as serpentes dos outros Magistas; é necessário que a tornemos agora, novamente, em uma vara.⁶⁴

Esta Vontade Mágica é a Vara em sua mão pela qual a Grande Obra é executada, pela qual a Filha é não apenas colocada sobre o trono da Mãe mas assumida ao Altíssimo.⁶⁵

A Baqueta Mágica é assim a arma principal do Magus: e o nome daquela Baqueta é o Juramento Mágico.

A vontade, sendo dupla, está em Chokmah, que é o Logos, a palavra; daí alguns têm dito que a palavra é a vontade. Thoth, o Senhor da Magia também é o senhor da Linguagem, o Mensageiro, leva o Caduceu.

A palavra deveria expressar a vontade; daí, o Nome Místico do Probacionista é a expressão de sua Vontade mais alta.

Existem, é claro, poucos Probacionistas que se compreendam suficientemente para serem capazes de expressar esta vontade para si mesmos; por isto ao fim de sua Probação a maioria escolhe um novo nome.

É conveniente, portanto, para o Estudante o expressar sua vontade assumindo Juramentos Mágicos.

Desde que um tal juramento é irreversível deve ser bem ponderado; e é melhor não fazer nenhum juramento permanente; porque com aumento de compreensão pode vir uma percepção da incompatibilidade do juramento menor com o mais elevado.

Isto acontece quase sempre; e deve ser Lembrado que, desde que a essência inteira da vontade é que ela é única, com uma só ponta⁶⁶, um dilema deste tipo é o pior em que o Magista pode vir a encontrar.

Outra consideração importante a fazer sobre esta questão de Votos Mágicos é conservá-los em sua própria perspectiva. Eles devem ser assumidos com um propósito claramente

⁶³ Nota de S.H. *Shakta* Ádynátha Amánáska, 947: *Liber III vel Jugorvm*, Instrução oficial da A.: A.:

⁶⁴ Nota de *Frater* O.M.: Como é sabido, a palavra usada no *Livro do Êxodo* para uma Vara de Amendoeira (MTH HShQD: 40 + 9 + 5 + 5 + 300 + 100 + 4 = 463). Ora, 400 é Tau, o caminho que vai de Malkuth a Yesod. Sessenta é Samekh; o caminho que vai de Yesod a Tiphareth; 3 é Gimel, o caminho que vai de Tiphareth a Kether. A Vara inteira, dá os caminhos do Reino a Corôa. *Samekh* é o caminho 25, a *Aspiração*, simbolizado por Sagitário e no Tarô pela Carta *Temperança*. *Gimel* é o caminho 13, o caminho que cruza o Abismo e no Tarô é a Carta A *Sacerdotisa (Isis)*. *Gimel* significa "Camelo" e representa a energia que se necessita para cruzar o Deserto do Abismo para entrar na Cidade das Pirâmides (*Binah*).

⁶⁵ Nota de *Frater* O.M.: O Absoluto é chamado a Corôa, Deus é chamado Pai, a Alma Pura é chamada Mãe, O SAG é chamado Filho e a Alma Natural Filha. O Filho purifica a Filha esposando-a; ela então se torna Mãe, a união do qual o Pai absorve a Corôa. Veja *Liber* CDVIII.

⁶⁶ Nota de *Frater* O.M.: O topo da Baqueta está em Kether – que é Um; e o Qliphos de Kether são os **Thaumiel, Cabeças opostas que despedaçam e devoram uma à outra.**



definido, e eles não devem nunca ultrapassar os limites do propósito para o qual foram formulados.

É uma virtude para diabéticos abster-se de comer açúcar, mas somente com referência à sua condição pessoal. Não é uma virtude de importância universal. Elias disse em certas ocasiões, “*é bom que eu me zangue*”; mas tais ocasiões são raras.

Além disso, comida de um é veneno de outro. Um juramento de pobreza poderia ser muito útil para um homem que fosse incapaz de usar com inteligência sua riqueza para o fim único proposto; para outro homem seria apenas desprover-se de energia, fazendo com que perdesse seu tempo com insignificâncias.

Não existe nenhum poder que não possa ser voltado ao serviço da Vontade Mágica; é apenas a tentação de dar valor àquele poder em si mesmo que ofende.

Nós não dizemos, “*derrube a árvore; porque deixa-la ocupar o solo?*” a não ser que podas repetidas convençam o jardineiro de que o que cresce nunca prestará.

“*Se tua mão te ofende, corta-a*” é o grito de um fraco. Se a gente matasse um cachorro logo à primeira vez que se comporta mal, poucos passariam dos três meses de idade.

O melhor voto, e aquele de aplicação mais universal, é o voto de Santa Obediência; pois não só leva à liberdade perfeita, mas é um treino para aquela entrega que é a tarefa última.

Tem este grande valor, que nunca se enferruja. Se o superior para com o qual tomamos o voto sabe o que faz, ele rapidamente perceberá que coisas são realmente repugnantes ao seu discípulo, e o familiarizará com elas.

Desobediência ao superior é uma luta entre estas duas vontades no inferior. A vontade expressa em seu voto, que é a vontade ligada à sua vontade mais alta (devido ao fato que ele tomou o voto a fim de desenvolver essa vontade mais alta), luta com a vontade temporária, que é baseada apenas em considerações temporárias.

O instrutor deveria então procurar gentil e firmemente estimular o aluno, pouco a pouco, até que a obediência siga o comando sem referência ao que o comando possa ser como Loyola escreveu: “*perinde ac cadáver*”.

Ninguém compreendeu Vontade Mágica melhor que Loyola; em seu sistema o indivíduo era esquecido. A vontade do Geral era instantaneamente ecoada por todo membro da Ordem; por esta razão a *Sociedade de Jesus* tomou-se a mais formidável organização religiosa do mundo.

Aquela do Velho da Montanha foi talvez a segunda em eficiência.

O defeito no Sistema de Loyola consiste em que o Geral não era Deus, e que devido as várias outras considerações ele não era necessariamente nem sequer o melhor membro da Ordem.

Para tomar-se Geral da Ordem ele deveria ter querido tornar-se Geral da Ordem; e por causa disto ele não podia ser nada mais.

Para voltar à questão do desenvolvimento da Vontade. E sempre alguma coisa desenraizar as ervas daninhas; mas é preciso cultivar a flor.

Tendo esmagado todas as volições em nós mesmos, e se necessário em outras pessoas, que verificamos opostas à nossa Real Vontade, aquela Vontade crescerá naturalmente com maior liberdade. Mas não é apenas necessário purificar o Templo e consagra-lo; invocações devem ser feitas. Daí é necessário fazer constantemente coisas de natureza positiva, não apenas coisas de natureza negativa, para afirmar aquela Vontade.



Renúncia e sacrifício são necessários, mas não comparativamente fáceis. Existem cem maneiras de falhar, e uma apenas de acertar. Evitar comer carne de boi é fácil; não comer nada senão carne de porco é difícilíssimo.

Levi recomenda que em certas ocasiões a Vontade Mágica mesma seja interrompida, no princípio de que nós sempre podemos trabalhar melhor após uma *“mudança completa”*. Levi está sem dúvida com a razão; mas ele deve ser compreendido como dizendo isto por causa da *“dureza dos corações dos homens”*. A turbina é mais eficiente que um motor a explosão: e esse conselho de Levi só serve ao principiante.

Por fim, a Vontade Mágica se identifica de tal forma com o ser inteiro do homem que ela se torna inconsciente, e é uma força tão constante quanto a gravitação. Nós podemos até nos surpreender com nossos próprios atos, e ter que ponderar e analisar para determinarmos os motivos que os concatenam com as circunstâncias que os provocaram. **Mas seja compreendido que quando a Vontade assim realmente se elevou ao nível de Destino, o homem tem tanta possibilidade de cometer um erro como de sair flutuando no ar.**

Pode ser indagado se não existe um conflito entre este desenvolvimento da Vontade e o conceito de Ética.

A resposta é sim.

No Grande Grimório nos é dito: *“Compre um ovo sem regatear”*, e a consecução, e o passo seguinte no caminho da consecução é aquela pérola de grande preço, a qual, quando um homem a encontra, ele imediatamente vende tudo quanto tem, e compra aquela pérola.

Com muita gente a tradição e o hábito – dos quais o conceito de ética é apenas a expressão social – são as coisas mais difíceis de abandonar; e é uma prática útil o quebrar qualquer hábito simplesmente para se libertar deste tipo de escravidão. Daí, nós temos práticas para interromper o sono, para colocar nossos corpos em posições tensas e antinaturais, para executar difíceis exercícios respiratórios – todos esses atos, aparte qualquer mérito especial que possam ter em si para algum propósito particular, possuem o mérito principal de que o homem se força a executá-las a despeito de quais condições possam existir. Tendo conquistado a resistência interna, nós podemos conquistar a resistência externa mais facilmente.

Em um barco a vapor a máquina deve primeiro conquistar a sua própria inércia, antes de poder atacar a resistência da água.

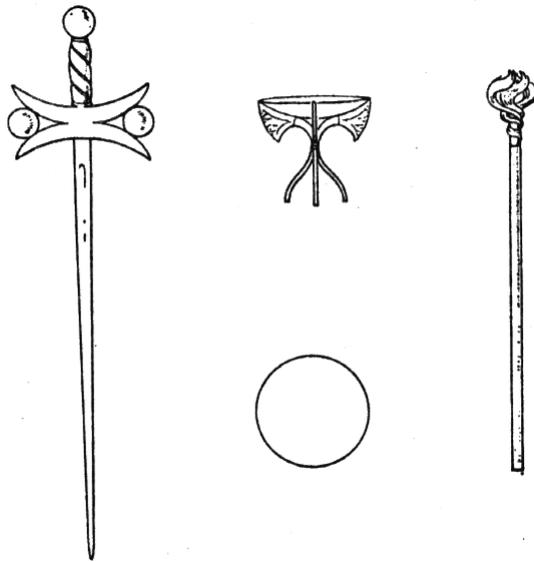
Quando a vontade deixou assim de ser intermitente, torna-se necessário considerar seu alcance. A gravitação dá uma acelerada de trinta e dois pés por segundo neste planeta, na Lua muito menos. É uma Vontade, não importa quão única e quão constante ela seja, pode ainda assim ser sem nenhum valor particular, porque as circunstâncias que a opõem podem ser demasiado fortes, ou porque por algum motivo ela é incapaz de entrar em contato com elas. É inútil desejar a Lua. Se assim fizermos, devemos considerar por que meios aquela Vontade pode se tornar eficiente.

Se bem que um homem pode ter uma tremenda vontade em alguma direção, essa Vontade não será necessariamente sempre suficiente para auxiliá-lo em outra direção; pode até ser estúpida.

Existe a *“estória”* do homem que praticou durante quarenta anos como atravessar o rio Ganges a pé, por cima das águas; e tendo afinal alcançado seu fito, foi censurado pelo seu Santo Guru, que disse: *“Você é um grande tolo. Todos seus vizinhos atravessam o Ganges diariamente por dois centavos”*.

Isto acontece à maior parte, talvez, de todos nós, em nossas carreiras. Tomamos infinitas dores para aprender alguma coisa para alcançar alguma coisa; e obtendo sucesso este não parece valer nem a expressão do desejo original.





Mas esta perspectiva é errônea. A disciplina necessária para aprender Latim nos auxiliará quando desejarmos fazer algo bem diverso.

Na escola fomos punidos por nossos mestres; quando deixamos a escola, se não aprendemos a punir a nós mesmos, não aprendemos coisa alguma.

De fato, o único perigo é que possamos dar valor à consecução em si mesma. O menino que se orgulha de seu conhecimento escolar está em perigo de se tornar um professor universitário

Portanto, o Guru do homem que caminhava sobre as águas do Ganges quis apenas dizer que agora era tempo dele ficar insatisfeito com o que conseguira – e empregar seus poderes para algum fim melhor...

É incidentalmente, desde que a Vontade Divina é Única, será verificado que não existe nenhuma capacidade que não seja necessariamente subserviente ao destino do homem que a possui.

Nós podemos ser incapazes de prever quando um fio de uma determinada cor será tecido no tapete do Destino. É apenas quando o tapete está acabado, e o contemplamos de alguma distância, que a posição daquele fio particular aparece-nos como necessário. Daí, somos tentados a mencionar aquele antigo problema da fatalidade e livre arbítrio.

Mas se bem que todo homem é “*determinado*” de forma que toda ação é apenas a resultante passiva da soma total das forças que têm agido sobre ele desde a eternidade, de forma que a Vontade dele é apenas o eco da Vontade Universal, mesmo assim aquela consciência de “*livre-arbítrio*” é valiosa; e se ele realmente a compreende como sendo a expressão parcial e individual daquele movimento interno em um Universo cuja soma é equilíbrio, tanto mais ele sentirá aquela harmonia, aquela totalidade. E se bem que a felicidade que ele experimenta possa ser criticada como apenas um prato de uma balança no outro prato da qual está uma miséria de igual peso, existem aqueles que afirmam que a miséria consiste apenas no sentimento de separação do Universo, e que conseqüentemente tudo pode ser, cancelado entre os sentimentos menores, deixando apenas aquele infinito gozo que é uma fase da infinita consciência daquele TODO.



Tais especulações estão um pouco fora dos limites dos presentes tratados. Não é de particular importância perceber que o elefante e a pulga não podem ser diferentes do que são; mas nós percebemos que um é maior que o outro. Este fato é o de importância prática.

Nós sabemos que as pessoas podem ser treinadas para fazerem coisas que elas não poderiam fazer sem treino – e quem quer que diga aqui que nós não podemos treinar uma pessoa a não ser que seja o destino daquela pessoa ser treinada, não está sendo muito prático. Igualmente é o destino do treinador treinar. Existe uma falácia no argumento do filósofo determinista, semelhante à falácia que é a raiz de todos os “sistemas” de jogar roleta. As probabilidades são exatamente de três para um contra o vermelho aparecer duas vezes consecutivas; mas quando o vermelho aparece primeira vez, as condições mudam.

Seria inútil insistir sobre este ponto se não fosse pelo fato que muita gente confunde Filosofia com Magia. **A Filosofia é a inimiga da Magia⁶⁷. A Filosofia nos assegura que nada tem importância, e que “Che sará sará”**

Na vida prática, e a Magia é a mais prática de todas as Artes da vida, esta dificuldade não ocorre. É inútil argumentar com um homem que está correndo para alcançar um trem, dizendo-lhe que talvez não seja seu destino alcançá-lo; ele simplesmente corre; e se tivesse fôlego de sobra diria: “*Para o diabo com o destino.*”

Foi dito antes que a Verdadeira Vontade Mágica deve ser em direção ao mais elevado fito, e isto nunca pode acontecer até que a Compreensão Mágica floresça. É necessário fazer com que a Baqueta cresça em alcance ao mesmo tempo que ela cresce em poder, ela nem sempre faz isto por si mesma.

A ambição de um menino é ser maquinista de trem. Alguns conseguem a ambição, e permanecem nela toda a vida.

Mas na maioria dos casos a Compreensão cresce mais rapidamente que a Vontade, e muito antes do menino ser capaz de conseguir sua ambição ele já a terá esquecido.

Em outros casos, a Compreensão nunca cresce além de um certo ponto, e a Vontade persiste sem inteligência.

O homem de negócios – por exemplo – desejou segurança e conforto, e para este fim vai diariamente para seu escritório e labuta sob o chicote de um capataz muito mais cruel que o mais humilde dos trabalhadores que ele paga; finalmente ele decide aposentar-se, e descobre que a vida está vazia. O fim foi engolido pelos meios.

Somente esses são felizes que desejaram o inatingível.

Todas as possessões, as materiais como as espirituais são pó.

Amor, sofrimento e compaixão são três irmãs que, se parecem livres desta maldição, parecem-no apenas por causa da sua relação com o insatisfeito.

A beleza mesma é tão inatingível que escapa por completo; e o verdadeiro artista, como o verdadeiro místico, não pode descansar nunca. Para ele o Magista é apenas um servo. A Baqueta do artista é de comprimento infinito; é o Mahalingam Criador.

A dificuldade de um tal homem é naturalmente que, sua Baqueta sendo muito fina em proporção ao seu comprimento, ela tende a bambear. Pouquíssimos artistas estão conscientes do seu verdadeiro propósito, e em muitos casos nós vemos essa ânsia infinita suportada por uma constituição tão fraca que nada é conseguido.

⁶⁷ Nota de S.H. *Shakta* Ádynátha Amánáska, 947: Eu não diria isto.



O Magista deve construir tudo que ele tem em sua pirâmide; e se aquela pirâmide deve tocar as estrelas, quão ampla deve ser a base. Não existe nenhum conhecimento ou poder que seja inútil ao Magista. Diríamos quase que Não há nada no Universo inteiro que ele possa dispensar. Seu último inimigo é o Grande Magista, o Magista que criou a Ilusão toda do Universo; e para encontrá-lo em combate, de forma que nada reste nem dele nem de você, você deve ser exatamente o seu igual.

Ao mesmo tempo, o Magista não deve nunca esquecer que todo tijolo deve tender na direção do píncaro da pirâmide – os lados dela devem ser perfeitamente lisos; não deve haver nenhum falso píncaro, nem mesmo nos níveis mais baixos.

Esta é a forma ativa e prática daquela obrigação de um Mestre do Templo na qual é dito: **“Eu interpretarei todo fenômeno como um trato entre Deus e a minha alma”.**

Em *Liber CLXXV*⁶⁸ muitos conselhos práticos para conseguir esta concentração única são dados, e se bem que o assunto daquele livro é a devoção de uma deidade particular, suas instruções podem ser facilmente generalizadas para o desenvolvimento de qualquer tipo de Vontade.

Esta vontade é então a forma ativa da compreensão. **O Mestre do Templo pergunta-se, vindo um caracol: “Qual é o propósito desta mensagem do Invisível? Como interpretarei esta Palavra de Deus Altíssimo?” O Mago pensa: “Como usarei este caracol?” E neste curso ele deve persistir. Se bem que muitas coisas inúteis, tanto quanto ele pode ver, lhe são mandadas, um dia ele achará aquela coisa única que ele necessita; enquanto sua Compreensão apreciará o fato que nenhuma dessas outras coisas eram inúteis.**

Assim, com estas práticas preliminares de renúncia, será claramente compreendido que elas eram apenas de utilidade temporária. Elas tinham valor apenas como treinamento. O Adepto rir-se-á das suas absurdidades de principiante; as desproporções terão sido harmonizadas, e a estrutura da alma dele será compreendida como perfeitamente orgânica, sem nada fora do lugar. Ele se verá como o Tau positivo com seus dez quadrados completos dentro do triângulo dos negativos, e esta figura se tomará um, tão cedo quanto do equilíbrio dos pares de opostos ele chegue à identidade dos opostos.

Nisto tudo será percebido que **a arma mais poderosa na mão do estudante é o Voto de Santa Obediência** e muitos desejarão ter tido a oportunidade de se colocarem sob a direção de um Santo Guru. Que eles tomem ânimo – **pois qualquer ente capaz de dar ordens é um Guru eficiente para os fins deste Voto, contanto que não seja demasiado amigável e preguiçoso.**

A única razão para escolher um Guru que alcançou, ele mesmo, a consecução, é que ele auxiliará a vigilância do sonolento Cheia, e, enquanto tempera os golpes contra os pontos mais sensitivos deste, o fortifica e o faz robusto, e ao mesmo tempo lhe alegra os ouvidos com santos discursos. Mas se uma tal pessoa for inacessível, que ele escolha qualquer pessoa com a qual ele mantém frequentes relações, e peça-lhe que aja.

A pessoa escolhida deve, se possível, ser de confiança; e que o Chela se lembre que se lhe for comandado que pule num precipício, é muito melhor pular que abandonar a prática.

E é da maior importância não limitar o Voto de forma alguma. Você deve comprar o ovo sem regatear.

Em uma certa sociedade, os membros eram obrigados por Juramento a fazer certas coisas, sendo-lhes simultaneamente assegurado que *“não havia nada no Juramento contrário às suas*

⁶⁸ Nota de S.H. *Shakta Ádynátha Amánáska*, 947: *Liber Astarte vel Liber Berylli*. . Publicação oficial da A.: A.:



obrigações civis, morais ou religiosas.” Assim, quando qualquer um desejava quebrar o Voto, ele não tinha dificuldade em descobrir uma boa razão. O Voto perdeu toda força.

Quando Buddha sentou-se sob a abençoada Árvore Boh, ele jurou que nenhum dos habitantes dos 10.000 mundos poderia fazer com que ele se erguesse até ter alcançado a consecução; de forma que mesmo quando Mara, o Grão-Demônio, com sua três filhas, as Grãs-Tentadoras, aparece, ele permaneceu quieto.

Mas para principiantes, é inútil tomar um voto tão formidável; ele ainda não tem a força que pode desafiar Mara. Que ele avalie sua força, e tome um Voto que esteja dentro dos limites desta; mas apenas nos limites. Milo começou carregando, nas costas, um vitelo recém-nascido; e enquanto dia a dia o vitelo crescia e virou touro, a força de Milo crescia também, e foi suficiente para carregar o touro nas costas.

Repetimos que *Liber III*⁶⁹ é um método admirável para o principiante e será melhor, mesmo se ele tiver muita confiança em sua força, que ele tome o Voto por períodos muito curtos, começando com uma hora e aumentando diariamente trinta minutos, até que o dia inteiro seja preenchido pela prática. Então que ele descanse por algum tempo, e depois tente uma prática por dois dias; e assim por diante até tomar-se perfeito.

Ele deveria também começar com as práticas mais fáceis. Mas a coisa que ele jura evitar deve ser algo que normalmente ele faria com alguma frequência; pois de outra forma o esforço a que a memória é obrigada para conservar a vigilância seria muito grande, e a prática se tornaria difícil.

Desta forma haverá uma clara conexão na mente dele entre causa e efeito, até que ele terá tanto cuidado em evitar aquele ato particular que ele se determinou conscientemente a evitar, quanto aquelas outras coisas que ele na infância foi treinado para evitar.

Cada qual deve decidir por si mesmo se este é um curso sábio a seguir. Mas certamente parece mais fácil descartar primeiro as coisas que podemos mais facilmente dispensar.

A maioria das pessoas terá trabalho com as Emoções, e os pensamentos que as excitam.

Mas é tanto possível quanto necessário não só suprimir as emoções, mas fazer delas criados fieis. Assim, a emoção da cólera é ocasionalmente útil contra aquela porção do cérebro cujo relaxamento vicia o controle.

Se existe uma emoção que nunca é útil, é o orgulho; por este motivo, que está inteiramente ligado ao ego.

NÃO EXISTE USO PARA O ORGULHO.⁷⁰

A destruição das Percepções, que as mais grosseiras ou as mais úteis, parece muito mais fácil, porque a mente, não sendo movida, está livre para se lembrar do controle.

É fácil nos absorvermos tanto em um livro que não notamos o mais lindo cenário. Mas se formos picados por uma vespa, o livro é imediatamente esquecido.

⁶⁹ Nota de S.H. *Shakta* Ádynátha Amánáska, 947: Este Livro (*Liber III* vel *Jugorvm*) deve ser lido atentamente. Nele um aluno faz um voto de não pensar em algo concreto, palavra ou ação; cada vez que ele quebra o juramento ele deve cortar seu braço com uma navalha ou estilete bem afiado. Crowley enfatiza que isso é melhor que a auto-flagelação e um dos motivos é que se pode praticar em público sem chamar a atenção. Ele também enfatiza que na verdade isso se torna um jogo familiar onde a família tenta de todas as formas o estudante para ele faça algo que prometera não fazer.

⁷⁰ Nota de S.H. *Shakta* Ádynátha Amánáska, 947: Do mesmo modo, uma pessoa sem Orgulho chega ao nível dos cascões astrais, ou Qlifas.



As Tendências são, no entanto, muito mais difíceis de combater que as três Skandhas mais baixas juntas – pela simples razão de que estão, em sua maior parte, abaixo do consciente, e devem, por assim dizer, ser despertadas a fim de serem destruídas; de forma que a vontade do Magista está, em certo senso, tentando fazer duas coisas opostas ao mesmo tempo.

A Consciência mesma só é destruída por *Samadhi*.

Agora podemos perceber o processo lógico que começa recusando a pensar em um pé, e acaba destruindo o senso de individualidade.

Há muitos métodos para destruir profundamente idéias enraizadas.

O melhor é, talvez, o método de equilíbrio. **Ponha a mente no hábito de evocar o oposto de todo pensamento que possa erguer-se. Em conversação sempre discorde. Examine e compreenda os argumentos do outro homem, mas não importa quanto o julgamento de você aprove os argumentos dele, ache resposta**

Que isto seja feito desapaixonadamente; quanto mais convencido você está de que um certo ponto de vista é certo, tanto mais determinado você deveria estar por achar provas de que tal ponto de vista é errôneo.

Se você tiver feito isto com cuidado e exaustivamente, estes pontos de vista não mais perturbarão você; você pode então asseverar o seu próprio ponto de vista com a calma de um Mestre, o que é mais convincente que o entusiasmo de um aprendiz.

Você não mais estará interessado em controvérsias; política, ética, religiões parecer-lhe-ão como tantos brinquedos, e sua Vontade Mágica estará livre destas inibições.

Em Burma existe apenas um animal que o povo mata sempre, a víbora de Russell; porque, como eles dizem por lá, “*ou você a mata, ou ela mata você*”; é uma questão de quem vê o outro primeiro.

Ora, qualquer idéia que não seja a Idéia deve ser tratada desta maneira. Quando você tiver matado a serpente, você pode usar-lhe a pele, mas enquanto ela está viva e livre, você está em perigo.

E infelizmente a idéia do ego, que é a verdadeira serpente, pode projetar-se em uma multidão de formas, cada qual vestida nas mais lindas roupagens. Assim é dito que o Diabo é capaz de disfarçar-se em um Anjo de luz.

Quando estamos sob o peso de um Voto Mágico, este é terrivelmente o caso. Nenhum ser humano compreende ou pode compreender as tentações dos santos.

Uma pessoa normal que tivesse idéias como as que obsidiaram São Patrício e Santo Antônio deveria estar num manicômio

Quanto mais você aperta a serpente (que estava previamente adormecida ao Sol, e quase inofensiva, em aparência), tanto mais ela se contorce e luta; e é importante que você se lembre que você deve segurá-la com mais força quanto mais ela luta, ou ela escapará e morderá você.

Da mesma maneira que, se você, diz a uma criança para não fazer uma certa coisa, não importa o que, ela imediatamente vai querer fazer aquilo, se bem que a ideia poderia não lhe ter jamais ocorrido por si só, da mesma forma com o santo. Nós temos todas estas tendências latentes em nós; poderíamos permanecer inconscientes da maior parte delas a nossa vida inteira – a não ser que elas sejam despertadas pela nossa Magia. Elas estão de emboscada. E toda e cada qual deve ser despertada, e toda e cada qual deve ser destruída. **Toda pessoa que assina o Juramento de um Probacionista está mexendo num ninho de marimbondos.**



Um homem tem apenas que afirmar a sua aspiração consciente, e o inimigo pula sobre ele.

Parece pouquíssimo provável que qualquer pessoa possa atravessar aquele terrível ano de Provação – e, no entanto, o Aspirante não é obrigado a fazer coisa alguma difícil; quase parece como se ele não fosse obrigado a fazer coisa alguma – e, no entanto, a experiência nos ensina que o efeito é como arrancar o homem de sua poltrona favorita e arremessá-lo ao meio de uma tempestade no Atlântico. A verdade é, talvez, que a simplicidade mesma da tarefa a torna difícil.

O Probacionista deve agarrar-se à sua respiração – afirmá-la de novo e de novo em desespero.

Ele quase a perdeu de vista, talvez; ela se tomou sem significado para ele; ele a repete mecanicamente enquanto é arremessado de onda a onda.

Mas se ele puder persistir em sua aspiração? Ele atravessará o ano.

E uma vez ele tenha atravessado, as coisas novamente assumirão o seu aspecto próprio; ele verá que mera ilusão eram as coisas que pareciam tão reais, e ele terá sido fortificado contra as novas provações.

Mas infeliz em extremo é aquele que não pode assim persistir. É inútil para ele dizer: “*Eu não gosto do Atlântico; eu voltarei à minha poltrona favorita.*”

Dê um passo apenas no caminho, e já não se pode mais voltar atrás. Como diz o poeta Browning em seu poema “*O Jovem Rolando chegou à Torre escura*”:

Pois vede. Tão cedo eu me dediquei ao plano
Eu dei na trilha o meu primeiro passo,
Quando volvendo os olhos sobre o ombro
A estrada que seguira já não vi:
Ao meu redor, ao horizonte, nada
Senão deserto; para a frente a estrada.

Isto é universalmente verdadeiro; a afirmação que o Probacionista pode renunciar ao Caminho quando quiser é em verdade apenas para aqueles que tomaram o Juramento superficialmente.

Um verdadeiro Juramento Mágico não pode ser quebrado; você pensa que pode, mas não pode.

Esta é a vantagem de um verdadeiro Juramento Mágico.

Não importa quantos rodeios você faz, você chega ao fim da mesma maneira; e tudo que você fez conseguindo tentando quebrar seu Juramento foi envolver-se nas mais terríveis dificuldades.

Não pode ser demasiado claramente compreendido que tal é a natureza das coisas; não depende da vontade de quaisquer pessoas, não importa quão poderosas ou exaltadas; nem pode a força d’Elas, a força de Seus Grandes Juramentos, valer contra o mais fraco Juramento do mais trivial dos principiantes.

A tentativa de interferir com a Vontade Mágica de outra pessoa seria maligna se não fosse absurda.

Nós podemos tentar construir uma Vontade onde nada antes existia senão um Caos de caprichos; mas uma vez a organização se tenha processado, É SAGRADA. Como diz Blake, “*TUDO QUE VIVE É SANTO*”; daí, a criação de vida é a mais sagrada das tarefas. Não importa



muito ao criador o que é que ele cria; existe espaço no Universo tanto para a aranha quanto para a mosca.

É do monturo de lixo de Choronzon que nós selecionamos o material de um deus.

Esta é a análise última do Mistério da Redenção, e é possivelmente a verdadeira razão da existência (se existência pode ser chamado) de forma, ou se você preferir, do Ego.

É surpreendente que este grito típico – “*Eu sou eu*” – e o grito daquilo que, acima de tudo, não “é” eu.

Foi aquele Mestre cuja Vontade era tão poderosa que à sua mais leve expressão o surdo ouvia, o mudo falava, leprosos saravam e os mortos ressuscitavam; foi aquele Mestre e nenhum outro que no supremo momento de sua agonia pode gritar, “*Não minha Vontade, mas a Tua, seja feita*”.



Capítulo VII

O Cálice

Tal como a Baqueta Mágica é a Vontade, a Sabedoria, a Palavra do Mago, assim também é a Taça ou Cálice Mágico, ou seja, a Compreensão dele.

Esta é a Taça sobre a qual foi escrito: *“Pai, se tal for Tua Vontade, deixa que esta Taça passe de mim”*. E também: *“Podeis beber da taça de que eu bebo?”*

E também a Taça na mão de **NOSSA SENHORA BABALON**⁷¹, e a Taça do **Sacramento**.

Esta Taça está cheia de amargura, e de sangue, e de intoxicação.

A Compreensão do Mago é o seu Elo com o Invisível, do lado passivo.

Sua Vontade erra ativamente ao se opor à Vontade Universal.

Sua Compreensão erra passivamente quando aceita influência daquilo que não é a Últimal Verdade.

No começo a Taça do estudante esta quase vazia; e mesmo a verdade que ele recebe pode escoar e ser perdida.

Dizem que os Venezianos faziam vidro que mudava de cor quando veneno era colocado nele; o estudante deve fabricar sua Taça de um tal vidro.

A mínima experiência do caminho místico lhe mostrará que todas as impressões que ele recebe, nenhuma é verdadeira. Ou elas são intrinsecamente falsas, ou elas são erradamente interpretadas pela mente dele.

Existe apenas uma verdade, e uma só. Todos os outros pensamentos são falsos.

E à medida que ele progride no conhecimento de sua mente, ele virá a compreender que a estrutura inteira desta mente é tão defeituosa que ela é completamente incapaz, mesmo em seus momentos de exaltação, de verdade.

Ele reconhecerá que qualquer pensamento apenas estabelece uma relação entre ego e não-ego.

Kant demonstrou que mesmo as leis da natureza são apenas as condições do pensamento. E como a corrente do pensamento é o sangue da mente, édito que a Taça Mágica está cheia com o sangue dos Santos. **Todo pensamento deve ser oferecido como um sacrifício.**

A Taça dificilmente pode ser descrita como uma arma. Ela é redonda, como o Pantáculo – não reta como a Baqueta e a Adaga. Recepção, não projeção, e a sua natureza.⁷²

Portanto, aquilo que é redondo é para ele um símbolo da influência do mais alto. Este círculo simboliza o Infinito, tal como toda Cruz ou Tau representa o finito. Aquilo que é quadrado mostra o Finito fixado em si mesmo; por esta razão, o Altar é quadrado. É a base sólida da qual procede

⁷¹ Nota de S.H. *Shakta Ádynátha Amánaska*, 947: Quando Crowley escreveu o Livro da Lei - Comentado, ele colocou no lugar de BABYLON (BABILÔNIA, REVELAÇÃO), BABALON que qabalisticamente soma 156 e que também é o número de ZION, a Montanha sagrada e a Cidade das Pirâmides.

⁷² Nota de *Frater O.M.*: Tal como o Magista está na posição de Deus com o Espírito que ele evoca, ele de pé no Círculo, e o Espírito no Triângulo, assim o Magista está no Triângulo em relação ao seu próprio Deus Interno.



a operação inteira. Uma forma de Taça Mágica tem uma esfera sob o bojo, e se apoia numa base cônica.

Esta Taça (crescente, esfera, cone) representa os três princípios⁷³ de Lua, Sol e Fogo, os três princípios que, de acordo com os hindus, têm seu curso no corpo.⁷⁴ Esta é a Taça de Purificação; como diz Zoroastro:

“Portanto primeiro o Sacerdote que governa os trabalhos do fogo deve espargir com a água lustral do mar que ressoa”

É o mar que purifica o mundo. E o “Grande Mar” é na Qabalah um nome de Binah, a “Compreensão”.

É pela Compreensão do Magus que seu trabalho é purificado.

Binah, além disso, é a Lua; e o bojo desta taça é da forma da Lua.

Esta Lua é o Caminho de Gimel, através do qual a influência da Coroa desce sobre o Sol de Tiphareth.

E isto está baseado sobre a Pirâmide de Fogo que simboliza a aspiração do estudante.

No simbolismo hindu o *Amrita* ou “orvalho da imortalidade” (**A** – o prefixo de negação; **mrita**, mortal) goteja constantemente sobre o homem, mas é queimado pelo fogo grosseiro dos seus apetites. Os Yôguis tentam preservar este orvalho virando a língua para traz dentro da boca.⁷⁵

A respeito da água nesta Taça, pode ser dito que da mesma forma que a Baqueta deveria ser perfeitamente rígida, o sólido ideal, assim também deveria a água ser o fluido ideal.

A Baqueta é ereta, e deve estender-se ao Infinito.

A superfície da água é lisa, e deve se estender ao Infinito.
Uma é a linha, a outra o plano.

Mas da mesma maneira que a Baqueta é fraca sem grossura assim também é a água falsa sem profundidade. A Compreensão do Magus deve incluir todas as coisas, e aquela Compreensão deve ser infinitamente profunda.

H. G. Wells disse que **“toda palavra que um homem ignora representa urna ideia que ele ignora”**. E é impossível compreender todas as coisas perfeitamente antes que todas as coisas sejam sabidas.

A Compreensão é a estruturalização do conhecimento.

Todas as impressões são desconexas, como o **Bebê do Abismo** terrivelmente sabe: **e o Mestre do Templo deve permanecer sentado durante 106⁷⁶ estações na Cidade das Pirâmides porque esta coordenação é uma tarefa tremenda.**

⁷³ Nota de S.H. *Shakta* Ádynátha Amánáska, 947: Estes três princípios correspondem a *Sushuma, Ida e Pingala*.

⁷⁴ Nota de *Frater O.M.*: Estes *princípios* são vistos pelo aluno quando pela primeira vez ele é bem sucedido em aquietar a mente. Aquele que está em curso no momento é o que ele vê. Isto é uma experiência tão maravilhosa, mesmo para alguém que tenha impelido visões astrais a um altíssimo plano, que o aluno é capaz de confundi-la com o fito. (as letras hebraicas correspondendo a estes princípios são Gimel [g], Resh [r] e Shin [v]., e a palavra formada por elas significa “uma flor” e também “expulso”, “expelido”).

⁷⁵ Nota de S.H. *Shakta* Ádynátha Amánáska, 947: Esta prática leva o nome de *LAMIKA* e alguns dizem *LAMIKAM* e *LAMYKAYA*.



Não existe nada particularmente secreto nesta doutrina concernente ao conhecimento e a Compreensão.

Um espelho recebe as impressões mas não coordena nenhuma.

A mente do selvagem apresenta apenas a mais simples forma de associação de ideias. Mesmo o homem civilizado ordinário vai pouco além.

Todo progresso do pensamento é feito colecionando o maior número possível de fatos, classificando-os e agrupando-os.

O filólogo, se bem que talvez ele fale apenas uma língua, tem um tipo de mente muito mais elevado do que o linguista que fala vinte.

Esta árvore de Pensamento tem um exato paralelo na Arvore da estrutura nervosa.

Hoje em dia anda por aí muita gente que é muito “*bem informada*”, mas não tem a mínima concepção do significado dos fatos que conhece. Eles não desenvolveram a parte mais elevada do cérebro, necessária para este fim. A Indução lhes é impossível.

Esta capacidade de acumular fatos na memória sem compreender seu significado é compatível com a imbecilidade. Alguns imbecis têm sido capazes de acumular mais conhecimento em suas memórias do que talvez qualquer ser humano sadio poderia ser capaz.⁷⁷

Este é o grande defeito da educação moderna – as crianças são entupidas com fatos, e nenhuma tentativa é feita de explicar a conexão entre tais fatos, e as influências deles. O resultado é que até mesmo os fatos em si cedo são esquecidos.

Qualquer mente de alta qualidade é insultada e irritada por um tal tratamento, e qualquer memória de alta qualidade está em perigo de ser estragada por ele.

Nenhuma par de ideias tem real significado até que elas sejam harmonizadas em uma terceira; e a operação só é perfeita quando as ideias parceiradas são contraditórias. Esta é a essência da lógica de Hegel.

A Taça Mágica, tal como foi mostrada acima, é também a flor. É o Lótus que se abre para o Sol, e recolhe o orvalho.

Este Lótus está na mão de Ísis, a Grande Mãe. É um símbolo semelhante ao da Taça na mão de **NOSSA SENHORA BABALON**.

Existem também o Lótus do corpo humano, de acordo com o Sistema Hindu de Filosofia a que nos referimos no capítulo sobre *Dhárana*.⁷⁸ O canal central é comprimido em sua base por *Kundalini*⁷⁹, o poder mágico, uma serpente adormecida. Despertai-a; ela roja espinha acima e o Prana flui através de *Sushuma*. Veja-se *Rája Yôga*⁸⁰ para mais detalhes.

⁷⁶ Nota de *Frater* O.M.: 106 é o número de Num, a morte. Em outras palavras, o aspirante deve literalmente morrer na Cidade das Pirâmides, quer dizer, Binah, na qual ele se converte em um Mestre do Templo (*Magister Templi*) acima do Abismo.

⁷⁷ Nota de S.H. *Shakta* Ádynátha Amánáska, 947: A Sociedade Thelêmica no Brasil está repleta de gente assim.

⁷⁸ Nota de S.H. *Shakta* Ádynátha Amánáska, 947: Estes Lótus estão sitiados na coluna vertebral que têm três canais, Sushuma o do meio, Ida e Pingala de cada lado. Compare o Caduceu de Mercúrio e a Árvore da Vida.

⁷⁹ Nota de S.H. *Shakta* Ádynátha Amánáska, 947: Jamais pronuncie “kundalíni”. O correcto é “Kundalíní”.

⁸⁰ Nota de *Frater* O.M.: Por Swami Vivekananda.



Existe o Lótus de três pétalas no Sacro, em que a Kundalini jaz adormecida. Este Lótus é o receptáculo do poder reprodutor

Existe também o Lótus de seis pétalas oposto ao umbigo – que recebe as forças que nutrem o corpo.

Existe também um Lótus no plexo solar que recebe as forças nervosas.

O Lótus de seis pétalas no coração corresponde a Tiphareth, e recebe aquelas forças vitais que estão relacionadas com o sangue.

O Lótus de dezesseis pétalas oposto à laringe recebe a nutrição necessária a respiração.

O Lótus de duas pétalas da glândula pineal recebe a nutrição necessitada pelo pensamento, enquanto que acima da junção das estruturas cranianas está aquele sublime Lótus, o Lotus de mil pétalas, que recebe a influência do alto e no qual, no Adepto, a Kundalini despertada toma seu prazer com o Senhor do Todo.

Todos estes Lótus estão figurados pelo Cálice Mágico.

No homem comum eles estão parcialmente abertos, ou abertos somente à sua nutrição natural. De fato, é melhor pensar neles como fechados, segregando aquela nutrição que, por falta de sol, vira veneno.

A Taça Mágica não deve ter cobertura; no entanto deve ser conservada cuidadosamente velada o tempo todo, a não ser quando estamos invocando ao Altíssimo.

Esta Taça também deve ser escondida dos profanos. A Baqueta deve ser conservada secreta para que os profanos, temendo-a, não a quebrem, a Taça para que, desejando tocá-la, eles não a sujem.

No entanto a aspersão com água da Taça não apenas purifica o Templo, mas abençoa aqueles que estão fora deste: livremente deve ser a água libada. Mas que ninguém saiba o vosso real propósito, e que ninguém saiba o segredo da vossa força. Lembrai-vos de Sansão. Lembrai-vos de Guy Fawkes.

Dos métodos de aumentar a Compreensão, aqueles da Santa Qabalah são talvez os melhores, contanto que o intelecto esteja completamente cômico da absurdidade desses métodos, e nunca se deixe convencer.⁸¹

Além disso, meditação de certos tipos é útil; não aquela estrita meditação que busca aquietar a mente, mas uma meditação tal como *Sammasati*.⁸²

Do lado exotérico, se necessário a mente deveria ser treinada pelo estudo de alguma ciência bem desenvolvida. tal como a Química, ou a Matemática.

A ideia de organização é o primeiro passo; a de interpretação o segundo. O Mestre do Templo, cujo Grau corresponde à Binah, está jurado a *“interpretar todo fenômeno como um trato particular entre Deus e a sua alma”*.

Mas mesmo o principiante pode com vantagem tentar esta prática.

⁸¹ Nota de *Frater* O.M.: Veja o resumo depois deste capítulo.

⁸² Nota de *Frater* O.M. e S.H. *Shakta* Ádynátha Amánáska, 947: Veja *“O Equinox V”*, *“O Treino da Mente”*; *“Equinox II”*, *“A psicologia do Hashish”* *“Equinox VII”*, *“Liber DCCCCIII vel Ararita”*.



Ou um fato qualquer concorda e se harmoniza com o resto, ou não; se não, a harmonia está quebrada; e como a harmonia Universal não pode ser quebrada, a discórdia deve estar na mente do estudante, assim demonstrando que ele não está em tuno com aquele coro Universal.

Que ele deslinda primeiro os grandes fatos, depois os pequenos; até que num verão, quando ele estiver careca e sonolento depois do almoço, ele compreenda e aprecie a existência das moscas.

Esta falta de Compreensão com a qual todos nós começamos é tão terrível, tão lamentável. Neste mundo existe tanta crueldade. Tanto desperdício, tanta estupidez.

A contemplação do Universo deve ao princípio ser quase que pura angústia. Este fato é responsável pela maior parte das especulações da filosofia.

Filósofos medievais desviaram-se irreparavelmente em suas interpretações, porque a sua teologia necessitava a referência de todas as coisas ao ponto de vista do bem estar humano.

Eles até se tomaram estúpidos; Bernardín de St. Pierre (não foi?) disse que a bondade de Deus era tal que onde quer que os homens tivessem construído uma grande cidade, Ele ali havia colocado um rio para auxiliar aos homens a transportar mercadoria. Mas a verdade é que de forma alguma podemos imaginar o Universo como sendo sido especialmente planejado para nós. Se os cavalos foram criados para serem montados pelos homens, não foram os homens criados para alimentar os germes?

E assim nós vemos uma vez mais que a ideia do Ego deve ser impiedosamente desenraizada antes que a Compreensão seja alcançada.

Existe uma contradição aparente entre esta atitude e aquela do Mestre do Templo. O que pode ser mais egoísta do que sua interpretação de tudo como um trato particular de Deus com sua alma?

Mas é Deus que é tudo e não qualquer das partes; e todo “trato” deve assim ser uma expansão da alma, uma destruição da sua separatividade.

Todo raio de sol expande a flor.

A superfície da água na Taça Mágica é infinita; não existe nenhum ponto que defira de qualquer outro ponto.⁸³

Portanto, ultimamente, tal como a Baqueta é um ligamento e uma restrição, assim é a Taça uma expansão ao Infinito.

E este é o perigo da Taça; ela deve necessariamente estar aberta a tudo; no entanto, se algo é posto nela que seja desproporcionado, desequilibrado ou impuro, ela é danificada.

E aqui novamente nós experimentamos dificuldade com os nossos pensamentos. A grosseria e estupidez de **simples impressões** nubla a água; **emoções** a agitam; **percepções** ainda estão longe da perfeita pureza da verdade, pois causam reflexos; enquanto que as **tendências** alteram o índice de refração, e decompõem a luz.

Mesmo a **consciência** em si é aquilo que distingue entre o mais baixo e o mais alto, entre as águas que estão abaixo do firmamento e as águas que estão acima do firmamento, aquele pavoroso estágio na grande maldição da criação.

⁸³ Nota de S.H. *Shakta* Ádynátha Amánáska, 947: “Se confundires as marcas do espaço dizendo: *Elas são uma, ou elas são muitas...então esperai os terríveis julgamentos de Ra-Hoor-Khuít... isto regenerará o mundo, o mundozinho minha irmã.*” Estas são palavras de Nuit, Nossa Senhora das estrelas, de quem Binah não é mais do que o agitado reflexo.



Desde que na melhor das hipóteses esta água⁸⁴, é apenas um reflexo, quão tremendamente importante é que ela esteja quieta.

Se a Taça for sacudida, a luz será decomposta.

Portanto a Taça é colocada sobre o Altar, que é quadrado, a vontade multiplicada pela vontade, a confirmação da vontade no Juramento Mágico, sua fixação em Lei.

É fácil percebermos quando a água está enlameada, é fácil nos livrarmos da lama; mas existem muitas impurezas que desafiam tudo a não ser destilação, e mesmo algumas devem ser fracionadas até 70 vezes sete vezes.

Existe no entanto, um solvente e harmonizador universal, um certo orvalho que é tão puro que uma única gota derramada na água da Taça trará temporariamente tudo à perfeição.

Este orvalho é chamado Amor. Mesmo tal como, no caso do amor humano, o Universo inteiro parece perfeito ao homem que está sob seu controle, da mesma forma, e muito mais, com o Amor Divino do qual gora falamos.

Pois o amor humano é uma excitação, e não uma aquietação da mente; e como está ligado ao indivíduo, apenas redundando em mais perturbação no fim.

Este Amor Divino, pelo contrário, não está apegado a nenhum símbolo.

Ele detesta limitação, quer em sua intensidade ou em seu alcance. E este é o orvalho das estrelas de que é falado nos Livros Santos, pois NUIT a Senhora das Estrelas é chamada “a Contínua do Céu”, e é esse Orvalho que banha o corpo do Adepto “em um docemente perfumado cheiro de suor”.⁸⁵

Se bem, portanto, que todas as coisas são colocadas nesta Taça, pela virtude deste orvalho todas elas perdem sua identidade. E portanto esta Taça está na mão de BABALON, a Senhora da Cidade das Pirâmides, onde ninguém pode ser distinguido de qualquer outro, onde ninguém pode sentar-se até ter perdido seu nome.

Daquilo que está na Taça também é dito que é vinho, esta é a Taça de Intoxicação. Intoxicação significa envenenamento, e particularmente refere-se à peçonha em que flechas são banhadas. (Grego $\alpha\rho\kappa\omicron\varsigma$ “um arco”) Pense na Visão da Flecha em *Liber* 418 e consultemos as passagens nos Livros Santos que falam da ação do espírito sob o símbolo de uma peçonha virulenta.

Pois para cada coisa individual a consecução significa, antes de mais nada, a destruição da individualidade.

Cada uma de nossas ideias deve ser levada a entregar o Ser ao Bem Amado, de forma que nós eventualmente possamos, por nossa vez, dar o Ser ao Bem Amado nós mesmos.

⁸⁴ Nota de *Frater* O.M.: A água neste Cálice (o Cálice também é um coração, tal como é mostrado pela transição entre o antigo Tarô e o moderno: o naipe “corações” em velhos baralhos, e mesmo modernos baralhos espanhóis e italianos, é chamado “Copas”) é a letra Men [m] (a palavra hebraica para água), que tem para o seu Atu o “Enforcado”. Este Enforcado representa o adepto pendurado por um tornozelo e uma forca, a qual tem a forma da letra Daleth [d] a letra da Imperatriz, a Vênus Celeste no Tarô. As pernas do Enforcado formam uma Cruz, seus braços um Triângulo, como se por seu equilíbrio e auto sacrifício ele estivesse trazendo a Luz do Mais Alto e estabelecendo-a no Abismo Elementar como isto é, ainda assim é um hieróglifo muito satisfatório da Grande Obra se bem que o estudante é aqui prevenido de que aqui a óbvia interpretação sentimental deve ser abandonada logo que seja compreendida. É uma mui nobre ilusão, e por tanto uma ilusão perigosa, o figuramo-nos como o Redentor. Pois quanto mais puras e sutis sejam as ilusões deste Cálice, tanto mais difíceis serão elas de serem percebidas.

⁸⁵ Nota de S.H. *Shakta* Ádynátha Amánáska, 947: Veja *Liber Legis*.



Será lembrado da “*Lição Histórica*”⁸⁶ como os adeptos, “*que haviam com rostos sorridentes abandonando seus lares e suas esposas, puderam com tranqüilidade e firme correção abandonar a Grande Obra; pois esta é a última mais elevada projeção do Alquimista.*”

O Mestre do Templo cruzou o Abismo, entrou no Palácio da Filha do rei; ele necessita apenas pronunciar uma palavra, e tudo será dissolvido. Mas em vez disto, ele é encontrado escondido na terra cuidando de um jardim.

Este mistério é demasiado complexo para ser elucidado nestes fragmentos de pensamento impuro; é um assunto para meditação.

⁸⁶ Nota de S.H. *Shakta Ádynátha Amánáska, 947: :Liber LXI vel Causae*, o livro dado aqueles que desejam se tornar Probacionistas da A .:A.:.



Um Resumo⁸⁷

Toda cantiga de ninar contém profundos segredos mágicos que estão a dispor de qualquer pessoa que tenha feito um estudo das correspondências da Santa Qabalah. A arte de desvendar um imaginário significado de tais “*tolices*” faz pensar nos Mistérios; nós entramos em profunda contemplação de coisas santas, e Deus Mesmo guia a alma a uma real iluminação. Daí também a necessidade de Incarnação; a alma deve descer a toda falsidade para poder alcançar Toda-Verdade.

Por exemplo:

*A velha Mãe Hubbard
Foi à sua dispensa
Pegar um osso para seu pobre cão;
Quando ela chegou lá,
A dispensa estava vazia,
Assim o pobre cão não ganhou nada.*

Quem é esta antiga venerável Mãe de quem se fala? Em verdade ela não é outra senão Binah, como é evidente pelo uso da santa letra “H” pela qual o nome dela principia.

Nem é ela a Mãe Ama, estéril – mas a fértil Aima; pois ela tem Vau, o filho, como segunda letra do seu nome, e “R”, a penúltima letra, é o Sol Tiphareth, o Filho.

As outras três letras do nome dela, B, A, e D⁸⁸, são os três caminhos que unem as três Supernas.

A que dispensa foi ela? Mesmo às mais secretas cavernas do Universo. E quem é este cão? Não é ele o nome de Deus soletrado qabalisticamente às avessas?⁸⁹ E o que é este osso? Este osso é a Baqueta, o Santo Ligam.

A completa interpretação da runa é agora evidente. Esta rima é a lenda do assassinato de Osíris por Tiphon.⁹⁰

Os membros de Osíris foram espalhados no Nilo.

Ísis buscou-os em todo canto do Universo, e encontrou todos com excessão do Sagrado Lingam dele que não foi encontrado até bem recentemente (vide “*A Estrela do Oeste*” por Gen. Fuller).

Tomemos outro exemplo deste rico armazém de lendas mágicas:

*A pequena Bo Peep
Perdeu seus carneiros*

⁸⁷ Nota de *Frater* O.M.: Este capítulo foi ditado em resposta a uma observação casual de *Soror* Virakam. *Frater* Perdurabo disse brincando que tudo continha Verdade, se soubermos como encontrá-la; e sendo desafiado, passou a provar sua asserção. O capítulo é aqui inserido não por qualquer valor que possa Ter, mas para testar o leitor. Se o Capítulo é considerado uma piada, o leitor é um certo tipo de tolo inútil; se for pensado que *Frater* Perdurabo crê que os autores das rimas tinham qualquer intenção oculta, então o leitor é ainda algum outro tipo de tolo inútil. *Soror* Virakam escolheu as rimas ao acaso.

⁸⁸ Nota de S.H. *Shakta Ádynátha Amánáska*, 947: Que são respectivamente Beth, o caminho 12, Aleph, o caminho 11 e Daleth, o caminho 14 da Árvore da Vida.

⁸⁹ Nota de *Frater* O.M.: Em inglês DOG (cão) é o inverso de GOD (Deus).

⁹⁰ Nota de S.H. *Shakta Ádynátha Amánáska*, 947: Tiphon: A forma grega da deusa egípcia Ta-Urt, a deusa dos céus. Na Edição americana “*Liber Aba*” e na edição em espanhol “*Magia(K)*” o [i] está incluído no Yod fálico.



*E não sabia onde encontra-los.
Deixe-os em paz
E eles virão para casa,
Arrastando as caudas atrás.*

“Bo” é a raiz significando Luz, da qual surgiram palavras tais como a Árvore Bo, Bodhisattwa, e Buddha.

E “Peep” é Apep, a Serpente Apóphis. Este poema portanto contém o mesmo símbolo que aquele nas Bíblias Egípcia e Hebraica.

A Serpente é a Serpente de iniciação, da mesma forma que o Carneiro é o Salvador. Este anciente, a Sabedoria da Eternidade senta-se em sua fria angústia à espera do Redentor. E este santo verso triunfante nos assegura que não existe razão para ansiedade. Os Salvadores virão um atrás do outro, como quiserem, e conforme sejam necessários, e arrastarão as suas caudas, quer dizer, estes que seguem o santo mandamento deles, ao fito ultimal.

Novamente nós lemos:

*A pequena Miss Muffet
Estava sentada num tufo
Comendo coalhada e soro,
Lá vem uma enorme aranha,
E sentou-se a seu lado,
E espantou a pobre Miss Muffet que foi embora.*

A pequena Miss Muffet inquestionavelmente representa Malkah⁹¹; pois ela é solteira.⁹² Ela está sentada sobre um tufo: isto é, ela é a alma irregenerada sobre Tophet⁹³, o abismo do inferno. E ela come coalhada, é soro, isto é, não o puro leite da Mãe, mas leite que se decompôs.

Mas quem é a aranha? Realmente aqui está oculto um venerável arcano.

Como todos os insetos, a aranha representa um Demônio. Mas por que uma aranha?

Quem é esta aranha que segura com suas mãos, e está nos Palácios dos Reis? O nome desta aranha é Morte. E o medo da morte que antes da mais nada torna a alma cônica de sua miserável condição.

Seria interessante se a tradição tivesse preservado para nós as aventuras subsequentes de Miss Muffet.

Mas nós devemos prosseguir à consideração da interpretação da seguinte rima:

O pequeno Jack Homer

*Estava sentado em um canto
Comendo um pastel de Natal.
Ele enfiou seu polegar,
E tirou uma ameixa,
E disse: “Que bom menino eu sou”*

⁹¹ Nota de S.H. *Shakta Ádynátha Amánáska, 947*: Termo hebraico que indica Reino ou Noiva. Esses são títulos atribuídos a Malkuth.

⁹² Nota de *Frater Parzival XIº*: Miss em inglês é senhorita.

⁹³ Nota de S.H. *Shakta Ádynátha Amánáska, 947*: Um aspecto específico de Qliphoth relacionado a Malkuth.



Na interpretação deste notável poema existe uma divergência entre duas grandes escolas de Adeptos.

Uma mantém que Jack é apenas uma corrupção de John, Ion, aquele que vai – Hermes, o Mensageiro. A outra prefere tomar Jack simplesmente e reverentemente como Iacchus, a forma espiritual de Baco. Mas não faz muita diferença se nós insistimos sobre a rapidez ou sobre a raptura do Espírito Santo de Deus: e que é d'Ele que aqui se fala é evidente, pois o nome Homer não poderia ser aplicado a nenhum outro mesmo pelo mais casual leitor dos Santos Evangelhos e das obras de Congreve. “Homer” vem do inglês – que significa chifre, e é uma das gírias para o falo, o órgão viril, mais gerais e mais antigas do mundo.

E o contexto torna isto ainda mais claro, pois ele está sentado em um canto, isto é, no lugar de Cristo, a Pedra Angular, comendo, isto é, deliciando-se com, aquilo que o nascimento do Cristo nos assegura. Ele é o Consolador que substitui o Salvador ausente. Se existisse ainda qualquer dúvida da Sua identidade, seria resolvida pelo fato que é o polegar, o dedo atribuído ao elemento de Espírito, e não um dos quatro dedos dos quatro elementos menores, que ele enfia no pastel da nova-dispensão. Ele tira um que está maduro, sem dúvida para enviá-lo como um Instrutor ao mundo, e regozija-se porque assim está executando tão bem a vontade do Pai.

Passemos deste mui abençoado assunto a ainda outro.

*Tom, Tom, o filho do flautista,
Roubou um porco e fugiu.
O porco foi comido,
E Tom apanhou,
E Tom desceu a rua rugindo.*

Esta é uma das mais exotéricas destas rimas. Em fato, não é muito mais que um mito solar. Tom é Toum, o Deus do Poente. A única dificuldade do poema consiste no porco; pois quem quer que tenha assistido a um violento por do Sol nos trópicos compreenderá que incomparável descrição daquele por do Sol é dada naquela maravilhosa última linha. Alguns têm pensado que o porco refere-se ao sacrifício da tarde. Outros que ele é Hathoor, a Senhora do Oeste, em seu mais sensual aspecto.

Mas é provável que este poema seja apenas a primeira estrofe de uma epopeia. Tem todas as marcas características. Alguém disse da Ilíada que ela não acaba mas apenas pára. Isto é a mesma coisa. Podemos estar certos de que existe mais deste poema. Diz-nos demasiado pouco. Como é que esta tragédia toda resulta da mera comilança de um porco roubado? Desvelai o mistério de quem o comeu.

Devemos abandonar o caso, então, como pelo menos parcialmente insolúvel.

Consideremos este poema:

*Hickory, dickory, dock
O camundongo subiu no relógio;
O relógio bateu uma,
E o camundongo desceu,
Hickory, dickory, dock.*

Aqui estamos imediatamente em terreno mais claro. O relógio simboliza a espinha dorsal, ou, se preferirdes, o Tempo, escolhido como uma das condições de consciência. O camundongo é o Ego; **Mus**, “Mouse”, sendo apenas **Sum**, eu sou, soletrado ao contrário qabalisticamente.

Este Ego ou Prana ou Kundaliní sendo impelido para cima ao longo da espinha, o relógio bate um, isto é, a dualidade da consciência é abolida. E a força desce novamente ao seu nível original.



“*Hickoiy, dickoiy, dock*” é talvez simplesmente o mantram que foi usado pelo Adepto que construiu esta rima, desta forma esperando fixá-la na mente dos homens, para que eles pudessem atingir Samadhi pelo mesmo método. Outros lhe atribuem um significado profundo – que é impossível considerar neste momento pois devemos tratar agora de:

*Humpty Dunipty estava sentado no muro;
Hunipty Dunipty teve urna grande queda.
Todos os cavalos do Rei
E todos homens do Rei
Não puderam colocar Hunipty Dumpty de volta.*

Isto é tão simples que quase não requer explicação. *Humpty Dumpty* é naturalmente o Ovo do Espírito⁹⁴, e o Muro é o Abismo.

Sua “*queda*” é portanto a descida do espírito a matéria; e é dolorosamente bem sabido que nem todos os cavalos nem todos os homens do rei podem colocar-nos de volta no alto.

Somente o Rei Ele Mesmo pode fazê-lo.

Mas a gente mal ousa comentar sobre um tema que foi tão frutuosa e tratado por Ludovicus Carollus⁹⁵ aquele mui santo iluminado homem de Deus. Seu perito tratamento da identidade dos três caminhos recíprocos – de Daleth (**d**), Teth(**j**), e Peh (**p**)⁹⁶, é uma das mais maravilhosas passagens de toda Santa Qabalah. A resolução por ele feita daquilo que nós supomos ser o jugo da escravidão em puro amor, o bordado colar honorífico para o pescoço, que nos é concedido pelo Rei Mesmo, é uma das passagens mais sublimes nesta classe de literatura.

*Peter, Peter, comedor de abóbora
Tinha ima esposa e não podia conserva-la.
Ele a botou em uma casca de amendoim;
Então ele a conservou muito bem.*

Este antigo texto autêntico da escola Hinayana de Budismo é muito estimado até hoje pelos mais cultos e mais devotos seguidores daquela escola.

Abóbora é, naturalmente, o símbolo de ressurreição, como é sabido por todos os estudantes da história de Jonas e da cabaça.

Peter é portanto o Arahat que pôs fim a sua série de ressurreições. Que ele é chamado Pedro é uma referência ao simbolismo de Arahats como pedras na grande muralha dos Guardiões da Humanidade. Sua esposa é naturalmente (no simbolismo usual) o seu corpo, à qual não podia conservar até que a colocou em uma casca de amendoim, o robe amarelo de um Bikkhu.

Buddha disse que se qualquer homem se tomasse um Arahat ele teria que tomar os votos de um Bikkhu no mesmo dia, ou morrer; e é esta palavra de Buddha que o desconhecido poeta queria comemorar.

*Taffy era um homem do país de Gales,
Taffy era um ladrão;*

⁹⁴ Nota de Frater O.M.: Humpty Durnpty, personagem popular nos contos infantis folclóricos ingleses, é bojudado como um ovo.

⁹⁵ Nota de Frater O.M.: Lewis Carrol, o matemático inglês que escreveu “*Alice No País das Maravilhas*” e “*Alice No País dos Espelhos*”.

⁹⁶ Nota de Frater O.M.: Respectivamente os caminhos da Árvore 14, 19 e 22. Suas cartas no Tarô são A Imperatriz, A Luxúria e A Torre.



*Taffy, veio a minha casa
E roubou uma perna de boi.
Eu fui à casa de Taffy;
Taffy estava na cama.
Eu peguei uma faca
E cortei a cabeça de Taffy.*

Taffy é apenas um diminutivo de Taphtatharath, o Espírito de Mercúrio e o Deus de homens no país de Gales ou ladrões.

“*Minha casa*” é naturalmente equivalente a “*meu círculo mágico*”. Note que Beth (**b**), a letra de Mercúrio e do “*Mago*”, significa “*uma Casa*”.

A carne é o símbolo do Boi Ápis, o Redentor. Isto é portanto aquilo que está escrito: “*Ó meu Deus, disfarça a Tua Glória. Vem como um Ladrão, e roubemos juntos os Sacramentos*”.

No verso seguinte verificamos que Taffy “*está de cama*” devido a operação do Sacramento. A grande obra do alquimista foi terminada o mercúrio está fixado.

Nós podemos então tomar a Santa Maga, e separar o *Caput Mortuum* do Elixir. Alguns alquimistas crêem que a perna de boi representa aquela densa substância que é embebida por Mercúrio para sua fixação; mas aqui, como sempre, deveríamos preferir a interpretação mais espiritual.

*Adeus, Bebê Bunting
Papai foi caçar.
Ele foi buscar uma pele de coelho
Para embrulhar meu Bebê Bunting.*

Esta é uma recomendação mística a alma recém-nascida para que fique quieta, para que mantenha firme em meditação; pois em **Meus**, Beth é a letra do pensamento e Yod (**y**) aquela do Eremita. A rima diz a alma que o Pai de Tudo a vestirá com seu próprio majestoso silêncio. Pois não é o coelho aquele que “*se escondeu e ficou quietinho?*”

Bate um bolo, bate um bolo, ajudante de padeiro
Assa-me um bolo tão depressa quanto possas.
Bate-o e fira-o e marca com P.
Assa-o no forno para o bebê e para mim.

Esta rima usualmente acompanhava (mesmo hoje em dia, no quarto de das crianças) com um bater de palmas cerimonial — o símbolo de Samadhi. Compare o que é dito sobre o assunto em nosso comentário da famosa passagem sobre o “*Advento*” na Epístola aos Tessalonicenses.

O Bolo é naturalmente o pão do Sacramento, e seria imodesto da parte de *Frater Perdurabo* se ele comentasse a terceira linha — se bem que podemos comentar que mesmo entre os **Católicos Romanos a hóstia tem sido sempre marcada com um falo ou cruz.**



Nota de Soror Virakam

Quase meia-noite. Neste momento nós interrompemos o ditado e começamos a conversar. Então *Frater P.* disse: “Ó, se eu apenas pudesse ditar um livro como o *Tao Te King*”. Então ele fechou seus olhos, como se meditando. Um momento antes eu notara uma mudança no rosto dele, muito extraordinária, como se ele não fosse mais a mesma pessoa; de fato, nos dez minutos em que estivéramos conversando, ele havia parecido ser uma quantidade de pessoas diferentes. Eu notei especialmente que as pupilas dos olhos dele estavam tão alargadas que o olho inteiro parecia negro. (Eu tremo tanto e tenho uma tal sensação de trepidação por dentro, só de pensar em ontem à noite, que quase não posso escrever). Então, muito devagar, o quarto inteiro encheu-se de uma espessa lua amarela (de um dourado profundo, mas não cegante). *Frater Perdurabo* pareceu ser uma pessoa que eu nunca houvera visto antes, mas no entanto parecia conhecer (conhecia?) muito bem – sua face, roupas e tudo mais era desse mesmo amarelo. Eu estava tão perturbada que olhei para o teto para ver se descobria o que estava causando aquela luz; mas somente pude ver as velas. Então a cadeira na qual ele estava sentado pareceu erguer-se; e ia como um trono, e ele parecia estar ou morto ou dormindo; mas certamente não era mais *Frater P.* Isto me amedrontou, e eu tentei compreender olhando em volta do quarto; quando eu olhei de novo na direção dele a cadeira estava erguida, e ele estava ainda da mesma maneira. Eu percebi que eu estava só; e pensando que ele morrera, ou tinha partido – ou alguma outra coisa terrível – eu perdi os sentidos.

(Este discurso foi assim deixado de acabar; mas é apenas necessário acrescentar que a capacidade de extrair tal mel espiritual destas flores pouco promissoras é a marca de um *Adepto* que tomou perfeita a sua Taça Mágica. Este método de exegese qabalística é uma das melhores maneiras de exaltar a razão a consciência mais alta. Evidentemente o método estimulou *Frater P.* de tal forma que num instante ele se concentrou por completo e entrou em transe).⁹⁷

⁹⁷ Nota de *Soror Virakam*: Veja o comentário sobre o absurdo da oração em “*Eleusis*” (“*Obras Completas*”, A. Crowley, Vol. III, pp. 223 e 224).



Capítulo VIII

A Espada Mágica

A palavra do Senhor é rápida e poderosa, e mais afiada que uma espada de dois guines.

Tal como a Baqueta é Chokmah, a Vontade, o Pai, e a Taça a Compreensão, a Mãe, Binah: assim também a Espada Mágica é a Razão “O Filho”, as seus Sephiroth do Ruach⁹⁸ e nós veremos que o Pantáculo corresponde a Malkuth, “A Filha”.

A Espada é a faculdade analítica; dirigida contra qualquer Demônio, ataca a complexidade deste.

Somente o simples pode resistir à Espada. Como nós estamos abaixo do Abismo, esta arma é inteiramente destrutiva: Ela divide Satã contra Satã. É somente nas formas mais baixas de Magia, as formas puramente humanas, que a Espada se tornou uma arma tão importante. Uma Adaga deveria ser suficiente.

Mas a mente do homem normalmente é tão importante para ele que a espada é no presente a mais volumosa de suas armas; **feliz daquele que pode fazer com que a adaga seja suficiente.**⁹⁹

O punho da espada deveria ser feito de cobre.

A guarda é composta dos dois arcos da lua crescente e minguante – um de costa para o outro. Esferas são colocadas entre eles, formando um triângulo equilátero como a esfera na extremidade do punho.

A lâmina é reta, pontuda e afiada até a guarda. É feita de aço, para ser equilibrada com o punho, pois o aço é o metal de Marte, tal como o cobre é o metal de Vênus.

Estes dois planetas são macho e fêmea – e assim refletem a Baqueta e a Taça, se bem que num senso mais (muito) baixo.

O punho da Espada está em Daath, a guarda se estende para Chesed e Geburah a ponta está em Malkuth. Alguns Magistas fazem as três esferas respectivamente de chumbo, estanho e ouro; as luas de prata, e o punho contendo mercúrio; assim eles tomam a Espada simbólica dos sete planetas. **Mas isto é uma fantasia e afetação.**

“*Quem quer que empunhe a Espada morrerá pela espada*” não é uma ameaça mística, é uma promessa mística. **É a nossa complexidade que deve ser destruída.**

Aqui está outra parábola. Pedro, a Pedra dos Filósofos, decepa a orelha de Malchus, o servo do Sumo Sacerdote (a orelha é o órgão do Espírito). Em análise a parte espiritual de Malchus deve ser separada desta pela Pedra Filosofal, e então Christus, o Ungido, as junta novamente. “*Solve e coagula*”.

Note que isto acontece na hora da prisão de Cristo, que é filho, o Ruach imediatamente antes de sua crucificação.

A Cruz do Calvário deveria ser de seis quadrados, um cubo desdobrado, o qual cubo é esta mesma pedra *filosofal*.

⁹⁸ Nota de *Frater O.M.*: Na tradição hebraica, Ruach representa a razão, a inteligência. Na verdade, Ruach é o espírito no sentido de Prana ou Força Vital.

⁹⁹ Nota de S.H. *Shakta* Ádynátha Amánáska, 947: *O que é a espada perante a mão que a Levanta ?*



Meditação revelará muitos mistérios que estão ocultos neste símbolo.

A Espada ou Adaga é atribuída ao Ar, que circula em toda parte, que penetra em toda parte, mas é instável; não um fenômeno sutil como o fogo, não uma combinação química como a água; mas uma mistura de gases.¹⁰⁰

A Espada, por necessária que seja ao principiante, é uma arma grosseira.

Sua função é manter os inimigos a distância ou forçar uma passagem através deles – e se bem que deve ser brandida para ganharmos admissão ao palácio, ela não pode ser envergada durante o festim nupcial.

Poderíamos dizer que o Pantáculo é o pão da vida, e a Espada a faca que o corta. Devemos ter ideias, mas devemos critica-las.

Espada é também aquela arma com a qual aterrorizamos os Demônios e os dominamos. Devemos manter o Ego senhor das impressões. Não devemos permitir que o círculo seja rompido pelo Demônio; **não devemos permitir que qualquer ideia nos arrebate.**

Será prontamente visto como tudo isto é elementar e falso – mas para principiantes é necessário.

Em toda lida com Demônios a ponta de Espada é mantida apontando para baixo; ela não deve ser usada para invocações, como é ensinado em certas escolas de magia.

Se a Espada é levantada em direção a Coroa, não é mais realmente uma Espada. A Coroa não pode ser dividida. Certamente a Espada não deveria ser levantada.

A Espada, porém, pode ser empunhada a mão ambas e mantida firme e ereta, simbolizando que o pensamento se tomou um com a aspiração única, e foi queimada como uma flama. Esta flama é Shin, o Ruach Alhim, não o mero Ruach Adam¹⁰¹. A consciência divina, não a humana.

O Magista não pode manejar a Espada a não ser que a coroa esteja em sua cabeça.

Aqueles Magistas que tentaram fazer da Espada a única ou mesmo a principal arma, apenas destruíram a si mesmos, não pela destruição de combinação, mas pela destruição de divisão¹⁰². A fraqueza vence a força.

O mais estável edifício político da história foi aquele da China, que estava baseado principalmente na política social, e o da Índia se tem provado suficientemente forte para absorver seus muitos conquistadores.¹⁰³

¹⁰⁰ Nota de *Frater* O.M.: O oxigênio no ar seria demasiado violento para vida, deve ser bastante diluído por nitrogênio inerte. A mente racional sustenta a vida, mas aproximadamente setenta e nove por cento dela não só se recusam a entrar em combinação, mas impedem os restantes vinte e um por cento de assim fazer. Entusiasmos são obstruídos; o intelecto é o grande inimigo a devoção. **Uma das tarefas do Magista consiste em conseguir de algum modo separar o oxigênio do nitrogênio em sua mente, sufocar quatro- quintos para que ele possa queimar o restante, uma flama de santidade. Mas isso não pode ser feito pela Espada.**

¹⁰¹ Nota de S.H. *Shakta Ádynátha Amánáska, 947*: Shin é a letra hebraica para Espírito, Ruach Alhim é o alento ou Espírito dos deuses e Ruach Adam é o alento ou Espírito do homem.

¹⁰² Nota de *Frater* O.M.: Deve ser notado que esta ambigüidade na palavra *destruição* tem sido causa de muita incompreensão. *Solve* é destruição, mas assim também é *Coagula*. A meta do Mago é destruir o seu pensamento parcial unindo-o ao pensamento universal, não acrescentar uma quebra ou divisão ao Todo.

¹⁰³ Nota de S.H. *Shakta Ádynátha Amánáska, 947*: A casa Brahmínica nunca foi tão estrita como os “nascidos do Céu” – serviço civil hindu. – funcionários civis ingleses na Índia.



A Espada foi a grande arma do século passado. Toda ideia foi atacada por pensadores, e nenhuma ideia resistiu ao ataque. Daí a ruína presente da civilização.

Não sobrou nenhum princípio fixo. Hoje em dia todo estadismo construtivo é empiricismo ou oportunismo. Tem sido duvidado se existe qualquer relação real entre Mãe e Prole, qualquer verdadeira diferença entre Macho e Fêmea.

A mente humana, em desespero, pressentindo insanidade iminente no estilhaçar destas imagens coerentes, tem tentado substituí-las por ideais que são salvos da destruição, no momento mesmo de nascerem, apenas pelo fato de serem extremamente imprecisos.

A Vontade do Rei, pelo menos, era fácil de ser determinada a qualquer momento; ninguém ainda descobriu um meio de determinar a vontade do povo.

Toda ação voluntária consciente é impedida; a marcha dos acontecimentos é agora apenas inércia.

Que o Magista considere estes fatos antes de empunhar a Espada. Que ele compreenda que o Ruach, esta combinação frouxa de seis Sephiroth, somente ligadas umas as outras pela conexão com a vontade humana em Tiphareth, deve ser rompido.

A mente deve ser decomposta em uma forma de insanidade antes que possa ser transcendida.

David disse: *“Eu odeio pensamentos”*.

O hindu disse: *“Aquilo que pode ser pensado não é verdadeiro”*.

Paulo disse: *“A mente da carne é inimizada à Deus”*.

E todo aquele que medita, mesmo por uma hora, cedo descobrirá como este lépido vento sem fito faz com que sua flama pisque. *“O vento sopra aonde quer”*. *“O homem normal é menos que uma palha”*.¹⁰⁴

A conexão entre o Alento e a Mente tem sido suposta por alguns como existente apenas em etimologia. Mas a conexão é mais verdadeira que isto.¹⁰⁵

Em qualquer caso, existe indubitavelmente uma conexão entre as funções respiratórias e mentais. O estudante verificará isto pela prática de Pránáyáma.

Através deste exercício certos pensamentos são barrados, e aqueles que mesmo assim vêm à mente vêm mais devagar, de forma que a mente tem tempo de perceber a falsidade deles e destruí-los.

Na lâmina da Espada Mágica está gravado o nome AGLA, em Notariqon formada pelas iniciais da sentença *“Ateh Gibor Leolahm Adonai”*, *“A Ti seja o Poder através das Idades, Ó meu Deus”*.

E o ácido que come o aço deveria ser óleo de Vitriolo. Vitriolo é um Notariqon de *“Visita Interiora Terrae Rectificando Invenies Occultum Lapidem”*. Isto quer dizer: *“Pela investigação de tudo e pela colocação de tudo em harmonia e proporção você encontrará a pedra oculta”*, a mesma pedra dos filósofos já mencionada, a qual vira tudo em ouro. Este óleo que pode comer o aço é

¹⁰⁴ Nota de *Frater O.M.*: Mas como é dito, *Similia Similibus curantur*, nós verificamos que este Ruach também é símbolo do espírito. RVACH ALHIM. O espírito de Deus é 300, o número da santa letra Shin. Como é isto o alento, que por sua natureza é duplo, os dois gumes da Espada, a Letra H simboliza o alento, e o H é a letra de Áries – casa de marte, a Espada e o H é a letra Mãe, este é o elo ente a espada e o Cálice.

¹⁰⁵ Nota de *Frater O.M.*: É indubitável que Ruach signifique primeiramente *“aquilo que se move ou revolve”*, *“uma idéia”*, *“uma roda”*, *“o vento”*, e que seu significado secundário era a MENTE, devido sua instabilidade e sua tendência de estar sempre se movimentando em círculos. *“Spiritus”* apenas veio significar Espírito no moderno senso técnico devido aos esforços dos Teólogos. Nós temos um exemplo de uso apropriado da palavra no termo: Espírito de vinho – a porção aérea do vinho. Mas a palavra *“inspirar”* foi talvez derivada da observação do desarranjo do alento em pessoas tomadas de divino êxtase.



além disso aquele de que está escrito, *Liber LXV*, i, 16: “*Como um acido morde o aço... assim sou Eu para o espírito do homem*”.

Note como está estreitamente entrelaçado todo este simbolismo.

O centro do Ruach sendo o coração, é visto que esta Espada do Ruach deve ser mergulhada pelo Magista no seu próprio coração.

Mas existe uma tarefa subsequente, da qual é falado – *Liber VII*, v. 47. “*Ele esperará a espada do Bem-Amado e oferecerá sua garganta para o golpe*.” Na garganta está Daath – o Trono de Ruach. Daath é o Conhecimento. **Esta destruição final do Conhecimento sobre o portal da Cidade das Pirâmides.**

Está também escrito – *Liber CCXX*, iii, II: “*Que a mulher esteja cingida com uma espada diante de mim*”. Mas isto se refere a *Sanna armando Vedana*, a conquista de emoção pela clareza de percepção.

Também é dito, *Liber LXV*, v. 14, da Espada de Adonai, “*que tem quatro lâminas, a lâmina do raio, a lâmina do Pilone, a lâmina da Serpente, a lâmina do Falo*.”

Mas esta Espada não é para o Magista ordinário. Pois esta é a Espada flamejante em toda direção que guarda o Éden, e nesta Espada a Baqueta e a Taça estão escondidas – de forma que embora o ser do Magista seja fulminado pelo Raio, e envenenado pela Serpente, ao mesmo tempo os órgãos cuja união é o supremo sacramento são deixados intáto nele.

À vinda de Adonai, o indivíduo é destruído em ambos os sentidos. Ele é estilhaçado em mil pedaços, no entanto é simultaneamente unido ao simples. {Compare o primeiro grupo de versos em *Liber XVI* [*XVI* no Taro é *Pe (p)*, *Marte*, a *Espada*] }.

Disto também fala São Paulo em sua Epístola à igreja de Tessalonicenses:

“*Pois o Senhor descera do Céu, com um grito, com a voz do Arcanjo, e com a Trombeta de Deus; e os que morreram em Cristo se erguerão primeiro. Então nós que estamos vivos e permanecemos seremos arrebatados com eles as nuvens para encontrar o Senhor no Ar; e assim estaremos para sempre com o Senhor*”.

A estúpida interpretação deste verso como profético de uma segunda vinda não necessita nos preocupar; toda palavra dele é, no entanto, digna da mais profunda consideração.¹⁰⁶

“*O Senhor*” é Adonai – que é o hebreu para “*meu Senhor*”; e Ele desce do céu, o Éden superno, o Sahasrara Chakra no homem, com um “*grito*”, uma “*voz*” e uma “*trompa*”, novamente símbolos aéreos, pois é o ar que transmite o som. Estes sons referem-se àqueles ouvidos pelo Adepto no momento de raptura.

Isto é muito acuradamente simbolizado no trunfo do Taro chamado “*O Anjo*”¹⁰⁷, que corresponde a letra Shin [X], a letra do Espírito e do Alento.

A mente inteira do homem é rompida pela vinda de Adonai, e instantaneamente arrebatada à união com Ele - “*No ar*”, o Ruach.

¹⁰⁶ Nota de *Frater O.M.*: E mais que provável que o místico cristão que escreveu isto ou estas linhas tivesse sido mais explícito quanto à descrição do êxtase; mas seus deturpadores, não tendo experimentado o êxtase a que ele se referia, e sendo incapazes de compreendê-lo, “*adaptaram-lhe*” as palavras para servirem às suas tolas doutrinas, talvez mesmo supondo que estavam “*aclarando*” o sentido.

¹⁰⁷ Nota de S.H. *Shakta Ádynátha Amánáska*, 947: Também conhecida como “*O Juízo*” e Crowley o definiu como “*O Aeon*”.



Note que etimologicamente a palavra Samadhi, “*junto com*”, e o Sânscrito SAM; e o hebreu ADNI é o Sânscrito ADHI.¹⁰⁸

A frase “*com o Senhor*” é então literalmente idêntica à palavra Samadhi, que é o nome Sânscrito para o fenômeno descrito por São Paulo, esta união do ego e do não-ego, sujeito e predicado, este casamento químico; é assim idêntica com o simbolismo da Rosa Cruz, sob um aspecto ligeiramente diverso.

E deste casamento só pode ocorrer entre um e um, é evidente que nenhuma ideia pode ser assim unida, a não ser que seja simples.

Portanto, toda ideia deve ser analisada pela Espada. Portanto, também, deve haver apenas um único pensamento na mente da pessoa que medita.

Podemos agora passar à consideração do uso da Espada na purificação de emoções em percepções.

Foi a função da Taça interpretar as percepções pelas tendências; a Espada livra as percepções da Teia da emoção.

As percepções são sem significado em si mesmas; mas as emoções são piores, pois elas levam sua vítima a supor que são significativas e verdadeiras.

Toda emoção é uma obsessão; a mais horrível das blasfêmias é atribuir qualquer emoção a Deus no macrocosmo, ou à alma pura no microcosmo.

Como pode aquilo que é auto existente, completo, ser movido? Está até escrito que “*torsão em torno de um ponto é iniquidade*”.

Mas se este ponto mesmo pudesse ser movido deixaria de ser o ponto, pois o único atributo do ponto é posição.

O Magista deve portanto se tornar absolutamente livre neste respeito.

É a prática constante de Demônios tentar aterrar, chocar, desgostar, seduzir. Contra tudo isto deve ele opor o Aço da Espada.. Se ele se livrou da idéia-do-ego, esta tarefa será comparativamente fácil; se ele não se livrou assim, a tarefa será quase impossível. Diz o *Dhammapada*.

**Ele me abusou, ele me bateu, ele me roubou, ele me insultou:
Quem se permite tais pensamentos nunca deixará de odiar.**

E este ódio é o pensamento que inibe o amor cuja apoteose é *Samadhi*.

Mas é demasiado esperar que o Magista noviço pratique apego ao que é desagradável; que ele primeiro se tome indiferente. Que ele se esforce por encarar fatos como fatos, com tanta simplicidade quanto ele os encararia se os fatos fossem históricos. Que ele evite uma interpretação imaginativa de quaisquer fatos. Que ele não se ponha no lugar das pessoas de quem os fatos são relatados; ou se ele assim faz, que isto seja feito apenas com a finalidade de compreender.¹⁰⁹ **Simpatia, indignação, elogio ou condenação, não tem lugar no observador.**

Ninguém até hoje considerou a questão da quantidade e qualidade da luz fornecida por velas feitas de cristãos azeitados.

¹⁰⁸ Nota de *S.H. Shakta Ádynátha Amánáska, 947*: Etimologicamente falando, a palavra *oovv*, ‘junto com’, é o Sânscrito SAM e o ADNI hebraico é o Sânscrito ADHI” seria a tradução mais correta.

¹⁰⁹ Nota de *Frater O.M.*: É verdade que algumas vezes simpatia é necessária à compreensão.



Quem sabe que pedaço do missionário ordinário é preferido pelos gastrônomos ? É simples matéria de conjectura que católicos são mais gostosos que protestantes.

No entanto, estes pontos e outros do mesmo tipo são os únicos que têm qualquer importância no momento em que os eventos ocorrem.

Nero não considerou o que a posteridade ainda por nascer pensaria dele; e é difícil acreditar que os canibais calculem que a descrição de seus feitos incitará velhotas devotas a renovar-lhes a despesa.

Pouquíssimas pessoas já viram uma tourada. Um tipo de pessoa vai para ser excitado; outro tipo pelo prazer perverso que o horror real ou simulado lhe oferece. Pouca gente sabe que sangue fresco derramado à luz do sol é talvez a cor mais linda encontrada em estado livre na natureza.

É um fato notório que é praticamente impossível obter uma descrição que mereça confiança do que ocorre numa sessão espírita; as emoções nublam a visão.

Somente na absoluta calma do laboratório, onde o observador está perfeitamente indiferente ao que possa acontecer, preocupado apenas em observar o que é que acontece, medir e pesar o que acontece através de instrumentos incapazes de emoção, é que podemos começar a ter esperança de um registro verdadeiro dos acontecimentos. Mesmo as bases fisiológicas comuns da emoção, os sentidos de prazer ou de dor, infalivelmente levam o observador a errar. Isto se bem que os sentidos possam não estar suficientemente excitados para lhe perturbar a mente.

Mergulhemos uma das mãos numa bacia cheia de água quente, a outra numa bacia cheia de água fria, depois ambas as mãos numa bacia de água morna; uma mão dirá quente, a outra frio.

Mesmo quando usamos instrumentos, as qualidades físicas destes, tais como expansão e contração (as quais podem ser chamadas, de certo modo, as raízes do prazer e da dor), causam erro.

Façamos um termômetro; o vidro fica tão excitado pela fusão necessária que ano após anos, durante trinta anos ou mais, a altura da coluna de mercúrio continuará a alterar-se; quanto mais então uma matéria tão plástica quanto a mente.

Não existe emoção que não deixe uma marca na mente; e todas as marcas são más. Esperança e medo são apenas fases opostas de uma emoção única; ambas são incompatíveis com a pureza da alma. Com as paixões do homem o caso é um pouco diverso, desde que elas são funções da própria vontade dele. As paixões devem ser disciplinadas, não suprimidas. Mas a emoção é impressa de fora para dentro. **É uma invasão do Circulo.**

Como é dito no *Dhammapada*:

*“Uma casa mal tekhada está aberta à mercê de chuva e vento.
Assim a paixão tem poder para invadir uma mente irrefletida.
Uma casa bem telhada é á prova da fúria da chuva e do vento;
Assim, a paixão não tem poder para invadir uma mente bem ordenada.”*

Portanto, que o estudante faça uma prática de observar as coisas que normalmente lhe causariam emoção; e que ele, tendo escrito uma cuidadosa descrição do que vê, compare tal descrição com aquela de alguma pessoa familiarizada com tal coisa.

Operações cirúrgicas e as bailarinas são excelentes escolhas para o principiante.

Ao ler livros emocionais do tipo que é infligido sobre crianças, que ele sempre se esforce por contemplar o evento do ponto de vista oposto àquele do autor. No entanto, que ele não emale aquela criança parcialmente emancipada que se queixou de uma gravura do Coliseu, que *“havia um coitadinho de um leão que não tinha nenhum cristão para comer”*, a não ser no primeiro caso. Crítica adversa é o primeiro passo; o segundo passo deve ir adiante.



Tendo simpatizado suficientemente tanto com os leões quanto com os cristãos, que ele abra seus olhos àquele fato que sua simpatia impediu-o de perceber até agora: que a gravura foi abominavelmente concebida, abominavelmente composta, abominavelmente desenhada e abominavelmente colorida, como seguramente será o caso.

Que além disto estude aqueles mestres, na ciência ou na arte que observaram com mentes imperturbadas por emoção.

Que ele aprenda a perceber idealizações, a criticá-las e corrigi-las.

Que ele compreenda a falsidade de Raphael, de Watteau, de Leighton, de Boughue-reau, que ele aprecie a veracidade de John, de Rembrandt, de Titian, de O'Conor.¹¹⁰

Estudos análogos em literatura e filosofia levarão a resultados análogos.

Mas que ele não negligencie a análise de suas próprias emoções; pois até que estas tenham sido conquistadas ele será incapaz de julgar outras.

Esta análise pode ser executada de diversas formas; um método é o materialismo. Por exemplo: se oprimido por um pesadelo, que ele explique: “*Este pesadelo é uma congestão do cérebro*”.

A maneira estrita de fazer isto através de meditação é – Mahasatipatthana,¹¹¹ mas deve ser auxiliada a todo momento da vida diária pelo esforço por interpretar ocorrências com objetividade. A relatividade do valor delas, em particular, deve ser cuidadosamente considerada.

A sua dor de dentes não incomoda ninguém senão dentro de um círculo muito limitado. Inundações da China significam para você apenas um parágrafo num jornal. A destruição do mundo, mesmo, não teria nenhum significado em Sírius.¹¹² Não podemos sequer imaginar que os astrônomos de Sírius perceberiam uma perturbação tão insignificante.

Agora se considerarmos que mesmo Sírius é, tanto quanto você sabe, apenas uma, e uma das menos importantes, das idéias na sua mente, por que deverá aquela mente ser perturbada pela sua dor de dente? Não é possível elaborarmos este ponto sem tautologia, pois é um ponto muito simples; mas devemos dar-lhe ênfase, precisamente porque é muito simples. Wau! Wau! Wau! Wau!¹¹³

Na questão da ética, isto novamente se torna de importância vital, pois muita gente parece incapaz de ponderar os méritos de qualquer ato sem introduzir uma quantidade de assuntos completamente irrelevantes.

A Bíblia foi mal traduzida por letrados perfeitamente competentes, porque eles tinham que considerar a teologia da época. O mais flagrante exemplo é o “*Cântico dos Cânticos*”, de Salomão, uma típica peça de erotismo oriental. Mas como seria impossível permitir isto num “*Livro Sagrado*”, eles tentaram fazer-de-conta que a obra era simbólica.

Eles tentaram “*refinar*” a grosseria das expressões, mas mesmo seus esforços provaram ser incapazes disto.

¹¹⁰ Nota de S.H. *Shakta Ádynátha Amánáska*, 947: Roderic O' Conor, um pintor que Crowley conheceu em Paris por volta de 1902. Veja “*The Confessions*”.

¹¹¹ Nota de *Frater O.M.*: “*Collected Works*”, Aleister Crowley.

¹¹² Nota de S.H. *Shakta Ádynátha Amánáska*, 947: Esse é um sistema de meditação para se descobrir verdades latentes no ser humano. Na verdade, esse sistema é usado para ver diferentes pontos de vista de uma mesma verdades ou várias verdades não absolutas.

¹¹³ Nota de *Frater O.M.*: Ao nos interrompermos desta forma canina, o latido de um cão lhe recordará o que acabamos de dizer durante uma ou duas semanas.



Esta forma de desonestidade atinge o cume na expurgação dos clássicos. *“A Bíblia é a Palavra de Deus, escrita por homens santos durante inspiração pelo Espírito Santo. Mas nós omitiremos essa passagem que consideramos impróprias.” “Shakespeare é o nosso maior poeta – mas, claro, ele é indecente.”* Ninguém pode sobrepujar o lirismo de Shelley, mas devemos fazer-de-conta que ele não era um ateu.

Alguns tradutores não puderam aturar que os chineses pagãos usassem a expressão Shang Ti, e fizeram-de-conta que a expressão não significa Deus. Outros, compelidos à admissão de que ela significava Deus, explicaram que o uso do termo demonstra que *“Deus não se deixara sem testemunho mesmo nessa mais idólatra das nações. Eles foram misteriosamente compelidos a utilizar a palavra, sem compreenderem o seu significado.”* Tudo isto por causa do preconceito emocional deles de que eram melhores que os chineses.

O mais flagrante exemplo disto está na história do estudo do Budismo.

Os primeiros letrados a estudar o Budismo, simplesmente não podiam compreender que o canon Budista nega a existência da alma, considera o ego uma ilusão cansada por uma faculdade especial da mente doentia; não podiam conceber que o fito do Budista, Nibhana, fosse de qualquer forma diverso do fito deles mesmos, o “Céu”, a despeito da completa franqueza da linguagem em diálogo tais como aquele do Arahat Nagasena e o Rei Melinda; e as tentativas deles de adaptarem o texto aos seus preconceitos perdurarão como uma das grandes tolices dos sábios.

Da mesma forma é quase impossível para o cristão bem-educado o conceber Jesus Cristo comendo com os dedos. O entusiasta da temperança faz-de-conta que o vinho das Bodas de Canaã não continha álcool.

É uma espécie de silogismo doido.

Ninguém que eu respeito faz isto.

Eu respeito fulano.

Portanto, fulano não fez isto.

O moralista de hoje em dia fica furioso quando pessoas comentam o fato que praticamente todos os grandes homens da história eram “grosseiros” e notoriamente imorais. Chega deste penoso assunto.

Enquanto nos esforçamos por adaptar fatos e teorias, em vez de adotarmos a atitude científica de alterar as teorias (quando necessário) para que se adaptem aos fatos, permaneceremos atolados em falsidade.

O religioso zomba do cientista por causa desta mente aberta, desta adaptabilidade. *“Diga uma mentira e persista nela”* é o lema dos religiosos.

Não é necessário explicar mesmo ao mais humilde estudante da Magia da Luz a que tende um tal curso de ação.

Quer o Livro do Gênesis seja verdade, quer a geologia seja verdade, um geólogo que crê no Livro do Gênesis irá para Gehenna. *“Não podeis servir Deus e Mammon.”*



Capítulo IX

O Pantáculo

Tal como a Taça Mágica é a comida divina do Magus, o Pantáculo Mágico é a comida terrena dele.

A Baqueta era a sua força divina, e a Espada a sua força humana.

A Taça é oca para receber a influencia do alto. O Pantáculo é plano como as planícies férteis da terra.

O nome Pantáculo implica uma imagem do Todo, *onme in parvo*, mas isto é através de uma transformação mágica do Pantáculo. Assim como tornamos a Espada simbólica de tudo pela força da nossa Magia, assim também nós trabalhamos sobre o Pantáculo. Aquilo que é meramente um pedaço de pão comum será o corpo de Deus.

A Baqueta era a vontade do homem, a sabedoria dele, o seu verbo; a Taça era a sua Compreensão, o veículo da graça; a Espada era sua Razão; e o Pantáculo será seu corpo, o Templo do Espírito Santo.

Qual o comprimento deste Templo?

Do Norte ao Sul.

Qual a largura deste Templo?

Do Leste ao Oeste.

Qual é a altura deste Templo?

Do Abismo ao Abismo.

Não existe, pois, qualquer coisa móvel ou imóvel sob os céus que não esteja incluída neste Pantáculo, se bem que ele seja apenas de “oito polegadas” de diâmetro, e da grossura de meia polegada.

O fogo não é de forma alguma matéria; a água é uma combinação de elementos; o ar é quase inteiramente uma mistura de elementos, a terra contém todos tanto em mistura quanto em combinação.

Assim deve ser com este Pantáculo, o símbolo da terra.

Tal como este Pantáculo é feito de pura cera de abelhas, não nos esqueçamos de que *“tudo quanto vive é santo”*.

Todos os fenômenos são sacramentos. Todo fato, e mesmo toda falsidade, deve entrar no Pantáculo; ele é o grande depósito do qual o Magista tira aquilo de que necessita.

“Nos bolos castanhos de trigo provaremos da comida do mundo e seremos fortes”.¹¹⁴

Quando falamos do Cálice, foi mostrado como todo fato deve ser tomado significativo, como toda pedra deve ter seu lugar próprio no mosaico.

Ai se houver uma pedra fora do lugar. Mas aquele mosaico não pode ser construído, quer bem quer mal, a não ser que toda pedra ali esteja.

Não recuse coisa alguma só porque você sabe que é a Taça de veneno oferecida pelo seu inimigo; beba confiantemente; é ele quem cairá morto.

¹¹⁴ Nota de *Frater* O.M.: Nós evitamos tratar do Pantáculo como a Patena do sacramento, se bem que instruções especiais a respeito são dadas em Liber Legis. É composto de farinha integral, mel, vinho, óleo santo e sangue.



Como posso eu dar à arte da Cambódia seu devido lugar no estudo da arte, se eu nunca ouvi falar da Cambódia? Como pode o geólogo avaliar a idade daquilo que jaz debaixo do giz, a não ser que ele possua um tipo de conhecimento sem qualquer relação com a geologia: a história da vida dos animais dos quais aquele giz é o que resta?

Esta, pois, é uma dificuldade muito grande para o Magista Ele não pode abarcar a soma total de experiências possíveis e se bem que ele pode se consolar filosoficamente com a ideia de que o Universo é contérmino com aquela experiência que ele tem, ele verificará que esta experiência cresce tão rapidamente durante os primeiros anos de sua vida que ele quase será tentado a crer na possibilidade de experiência além das dele mesmo; e do ponto de vista prático ele se verá confrontado por tantas avenidas de conhecimento que ele ficará sem saber qual escolher entre elas.

O asno confundiu-se entre dois chumaços de capim; quanto mais aquele maior asno, aquele incomparavelmente maior asno, entre dois mil.

Felizmente, isto não tem muita importância; mas ele deveria pelo menos escolher aqueles ramos de conhecimento que lidam diretamente com problemas de ordem universal.

Ele deveria escolher não um ramo apenas, mas vários; e estes deveriam ser tão diversos uns dos outros quanto possível.

É importante que ele cultive excelência em algum esporte; e que esse esporte seja o mais bem calculado para manter o corpo dele em bom estado de saúde.

Ele deveria ter uma sólida base de estudos dos clássicos, da matemática e da ciência; também, suficiente conhecimento geral das línguas modernas e das maneiras de vida para lhe permitir viajar em qualquer parte do mundo com facilidade e segurança.

História e Geografia ele pode assimilar quanto e como lhe convenha; e o que mais deveria interessa-lo em qualquer assunto é os laços deste com algum outro assunto, para que o seu Pantáculo não seja sem aquilo que pintores chamam de “*composição*”.

Ele perceberá que, não importa quão boa seja sua memória, dez mil impressões entram sua mente para cada uma que ele é capaz de reter por um dia que seja. E a excelência de uma memória jaz na sabedoria de sua seleção.

As melhores memória selecionam e julgam de tal forma que praticamente nada é retido a não ser que tenha alguma coerência com o plano geral da mente.

Todos os Pantáculos conterão as concepções ultimas do Circulo e da Cruz; se bem que alguns preferirão substituir a cruz por um ponto, ou por um Tau., ou por um Triângulo. A Vesica Piscis é algumas vezes usada em vez do Circulo, ou o Triângulo pode ser simbolizado como uma serpente. Tempo e Espaço e a ideia da causalidade são algumas vezes representadas; assim também os três estágios na História da Filosofia, em que os três assuntos de estudo foram sucessivamente a Natureza, Deus e o Homem.

A dualidade da consciência é também algumas vezes representada; e a Árvore da Vida mesma pode ali ser figurada, ou as categorias. Um emblema da Grande obra deve ser adicionado. **Mas o Pantáculo será imperfeito a não ser que cada ideia seja constrata de uma maneira equilibrada com o seu oposto, e a não ser que haja uma conexão necessária entre cada par de ideias e de todos outros pares:**

O Neófito¹¹⁵ talvez faça bem em executar os primeiros esboços do seu Pantáculo de forma muito ampla e complicada, simplificando subsequentemente, nem tanto por exclusão mas por combinação, da mesma forma que um zoologista, começando com os quatro grandes Simios e o Homem, os combina a todos na palavra única “*primatas*”.

¹¹⁵ Nota de *Frater* O.M.: O segundo grau na tradição mágica do ocidente, é associado a Malkuth e ao elemento Terra. É simbolizado na A.:A.: com os números 1°=10°.



Não é prudente simplificar demasiado, desde que o ultimal hieróglifo deve ser um infinito. A última resolução não tendo sido executada, seu símbolo não deve ser representado.

Se qualquer pessoa conseguisse acesso a V.V.V.V.V.¹¹⁶ e lhe solicitasse discursar sobre qualquer assunto, é quase certo que Ele poderia fazê-lo apenas através de um silêncio ininterrupto; e mesmo isto poderia não ser por completo satisfatório, desde que o Tao Te King diz que o Tao não pode ser declarado, quer pelo silêncio, quer pela fala.

Nesta tarefa preliminar de coligir materiais, a idéia do Ego não é de grande importância; todas as impressões são fases do não-ego, e o Ego serve apenas de receptáculo. De fato, para a mente bem treinada, não existe dúvida de que as impressões são reais, e de que a mente, se não é uma tábua rasa, só não é assim por causa das “*tendências*” ou “*ideias inatas*” que impedem certas ideias de serem recebidas com a mesma facilidade que outras.¹¹⁷

Estas tendências devem ser combatidas; fatos desagradáveis devem ser insistentemente considerados até que o Ego seja perfeitamente indiferente quanto à natureza de sua comida.

Mesmo como o diamante brilhará vermelho para a rosa e verde para a folha da roseira, assim tu permanecerás à parte das impressões.

Esta grande tarefa de separar o ser das impressões ou “*Vrittis*” é um dos muitos significados do aforisma “*Solve*”, correspondendo ao “*Coagula*” implicado em Samadhi; e este Pantáculo portanto representa tudo que nós somos, a resultante de tudo que nós temos tendências a ser.

No *Dhammapada* lemos:

*“Tudo que nós somos resulta da mente; na mente é fundado, construído da mente;
Quem fala ou pensa maus pensamentos, dor o segue certa e cega.
Assim o boi planta seu pé, e a roda da carroça o segue.
Todos nós somos resultados da mente, e na mente está fundado, construído da mente:
Quem age ou pensa com pensamento correto, a felicidade certamente o segue.
Da mesma forma não deixa a sombra de cair no seu lugar próprio.”*

O Pantáculo é então, em certo senso, idêntico com o Karma ou Kamma¹¹⁸ do Magista. O Karma de um homem é o seu livro de contas. O balanço não foi ainda estabelecido, e ele não sabe quanto é; ele nem sequer sabe bem que dívida ele poderá ter que pagar, ou quais lhe são devidas; nem sabe em quais datas mesmo esses pagamentos que ele prevê poderão vir a ser cobrados.

Um negócio conduzido em tais linhas estaria numa confusão terrível; e nós verificamos que de fato o homem comum está justamente numa tal confusão. Enquanto ele trabalha de noite em algum detalhe sem importância dos seus negócios, alguma força gigantesca pode estar avançando *pedo claud* para ele.

Muitos dos lançamentos neste “*livro de contas*” são para o homem ordinário necessariamente ilegíveis; o método de lê-los é dado naquela importante instrução da A.:A.: chamada “*Thisharb*”, Liber CMXIII.¹¹⁹

¹¹⁶ Nota de S.H. *Shakta Ádynátha Amánáska*, 947: O Mote “nome mágico” do Chefe da A.:A.:, “*A Luz do Mundo em Pessoa*”. V.V.V.V.V. (*Vi Veri Vniversum Vivus Vice*: “*Pela força da verdade, eu, enquanto viva, conquistarei o Universo*”. Esse era o Mote de Crowley como Magister Templi, 8°=3° da A.:A.:.

¹¹⁷ Nota de *Frater* O.M.: Não ocorre a um pintinho recém saído da casca comportar-se da mesma forma que uma criança recém nascida.

¹¹⁸ Nota de *Frater* O.M.: Desejo ou paixão.

¹¹⁹ Nota de *Frater* O.M.: Thisharb é *Berashith* de trás para frente.



Agora, considere que este Karma é tudo que um homem tem ou é. Seu ultimal objetivo é livrar-se disto por completo – quando chega a hora de entregar¹²⁰ o Ente ao Bem Amado; mas a princípio o Magista não é aquele Ente; ele é apenas o monturo de lixo do qual aquele Ente será construído. Os instrumentos mágicos têm que ser feitos antes que possam ser construídos.

Esta ideia de Karma tem sido confundida por muita gente que deveria ter mais senso, inclusive o Buda, com idéias de justiça poética e retribuição.

Nós temos a história de um dos Arahats do Buda que, sendo cego, ao andar de um lado para outro, matou sem saber um certo número de insetos. (Os Budistas consideram a destruição de vida como a mais chocante dos crimes). Seus irmãos Arahats inquiriram como isto pôde acontecer, e o Buda inventou para eles uma longa história de como, numa encarnação prévia, aquele indivíduo maliciosamente privara uma mulher do senso de visão. Isto é apenas uma história de fadas, um lobisomem para amedrontar crianças, e provavelmente a pior maneira de influenciar mentes jovens que já foi inventada pela estupidez humana.

O Karma não trabalha absolutamente dessa forma.

Em qualquer caso, parábolas morais devem ser cuidadosamente construídas, ou podem provar que são um perigo para aqueles que as usam.

Vocês devem se recordar do apólogo da Paciência e da Paixão, por Bunyan: a malvada paixão brincou com todos os seus brinquedos e quebrou-os; a bondosa Paciência guardou os seus com todo cuidado. **Bunyan esquece de mencionar que quando a Paixão quebrou seus brinquedos, ela já crescera além deles.**

O Karma não age desta forma, “*olho por olho, dente por dente*”, etc. Um olho por um olho é uma espécie primitiva de justiça; e a idéia de justiça, no nosso senso humano da palavra é completamente estranha à constituição do Universo.

Karma é a Lei de Causa e Efeito. Não existe proporção em suas operações. Uma vez um acidente ocorre, é possível prevermos o que poderá acontecer; e o Universo é um estupendo acidente.

Nós saímos para tomar chá mil vezes seguidas sem nenhum incidente; e na milésima primeira vez encontramos alguém que muda radicalmente o curso de nossas existências.

Existe uma espécie de senso em que toda impressão impingida sobre nossas mentes é a resultante de todas as forças do passado; nenhum incidente é tão significativo que não tenha de alguma forma moldado a nossa disposição. Mas não existe nada dessa crua ideia de “*retribuição*” nisto.

Nós podemos matar cem mil piolhos no curso de uma breve hora ao pé do Glacial Baltoro, como Frater Perdurabo fez certa vez. Seria estúpido supor, como Teósofos desejam, que esta ação nos condena a sermos mortos por um piolho cem mil vezes.

Este livro de contas do Karma é conservado separado do Livro de lançamentos diários; e com respeito ao volume, este livro de lançamentos diários é bem maior que o livro de contas.

Se comemos demasiado salmão, temos indigestão e talvez um pesadelo. É tolo supormos que chegará um dia em que um salmão nos comerá, e ficará indisposto.

Por outro lado, nós constantemente somos terrivelmente punidos por atos que não são de forma alguma culpa nossa. Mesmo as nossas virtudes provocam a natureza insultada á vingança.

¹²⁰ Nota de *Frater* O.M.: Para se entregar, a pessoa não deve entregar apenas o que é mau, mas também o que é bom; não apenas a fraqueza, mas também a força. Como pode o Místico entregar tudo enquanto ele se apegá às suas virtudes.



O Karma cresce do que se alimenta; e se vamos criar bem o nosso Karma, necessitamos fiscalizar-lhe a dieta.

Na maioria das pessoas, seus atos cancelam uns aos outros; tão cedo algum esforço seja feito, é contrabalançado pela preguiça. Eros é substituído por Anteros. Nem sequer um homem em cada mil escapa mesmo aparentemente dos lugares comuns da vida animal.

*O nascimento é dor;
A vida é dor
Dolorosa são a velhice, a doença e a morte;
Mas ressurreição é a maior miséria.*

“Ó que miséria nascer incessantemente”. Como disse Buddha.

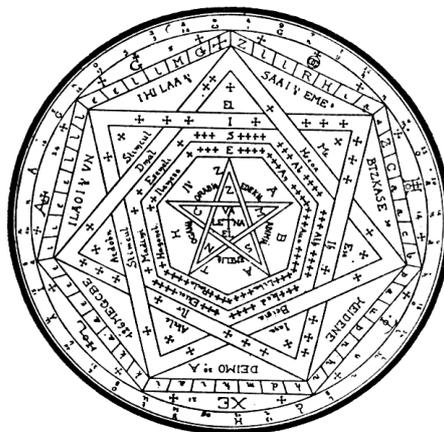
Nós capengamos de dia a dia com um pouco disto e um pouco daquilo, uns poucos bons pensamentos e uns poucos pensamentos maldosos; nada realmente é feito. Corpo e mente mudam inexoravelmente, e estão completamente mudados ao cair da noite. Mas que significado tem qualquer parte desta mudança?

Quantos podem olhara para traz, contemplar o curso dos anos, e concluir que avançaram em qualquer direcção definida? Em quão pouca é aquela mudança, tal qual ela é, uma variável com inteligência e volição conscientes. O peso morto das condições originais sob as quais nós nascemos é muito maior que todo nosso esforço. As forças inconscientes são incomparavelmente maiores que aquelas das quais nós temos qualquer conhecimento. Esta é a solidez do nosso Pantáculo, o Karma de nosso planeta que nos impele, queiramos ou não, em tomo do seu eixo á velocidade de mil milhas por hora. E mil é Aleph, um Aleph maiúsculo, o microcosmo do ar que vagabundeia em toda parte, o Tolo do Tarô, a vaga e a fatalidade das coisas.

É pois muito difícil de qualquer forma construir este pesado Pantáculo.

Nós podemos gravar letras sobre ele com a Adaga; mas elas durarão pouco mais do que durou a estátua de *Ozymandias*, Rei dos Reis no meio do deserto sem fim.

Nós cortamos uma figura no gelo; ela é apagada em uma manhã pelos sulcos de outros patins; nem fez aquela figura mais que arranhar a superfície do gelo; e o gelo, ele mesmo, derrete-se diante do sol. **Em verdade o Magista pode se desesperar quando é hora de fazer o Pantáculo. Todos possuem o material, o de um homem é tão bom quanto o de qualquer outro, ou quase; mas para que aquele Pantáculo seja de qualquer forma construído com um propósito voluntário, ou mesmo com um propósito inteligível, ou mesmo com um propósito conhecido: “Hic Opus. Hic labor est”. E em verdade o trabalho de subir do Averno, e escapar ao campo aberto.**



A fim de fazer isto, é muito necessário que compreendamos nossas tendências, e que nos decidimos a desenvolver umas, a destruir outras. E se bem que todos os elementos no Pantáculo devem no final ser destruídos, no entanto alguns nos auxiliarão ativamente a atingir uma posição da qual esta tarefa de destruição se torna possível e não existe qualquer elemento ali que não possa ser ocasionalmente útil.

E portanto – cuidado. Selecciona. Selecciona. Selecciona.

Este Pantáculo é um depósito infinito; sempre haverá coisas ali quando forem necessárias. Nós devemos de vez em quando apara-las e evitar que dêem traças, mas usualmente estaremos demasiado atarefados para mais que isto. Lembremo-nos de que ao viajar da terra para as estrelas não nos atrevemos a estar carregados com demasiada bagagem.

Nada que não seja uma parte necessária da máquina deve entrar em sua composição.

Agora, se bem que este Pantáculo é composto apenas de aparências, algumas aparências parecem ser mais falsas do que outras.

O universo inteiro é uma ilusão; mas é uma ilusão difícil de nos livrarmos dela. É verdadeiro comparado com a maioria das coisas. Mas noventa e nove em cada cem impressões são falsas mesmo em relação às coisas em seu próprio plano.

Tais distinções devem ser profundamente gravadas sobre a superfície do Pantáculo pela Santa Adaga.

Resta agora apenas um outro dos instrumentos elementais a ser considerado, a saber, a Lâmpada.



Capítulo X

A Lâmpada

Em *Liber A vel Armorum*, a instrução oficial da A.:A.: para o preparo das armas elementais, está escrito que cada representação simbólica do Universo deve ser aprovado pelo Superior do Magista. A esta regra, a Lâmpada é uma excessão; é dito:

“... uma Lâmpada Mágica que queimará sem pavio ou óleo, sendo alimentada pelo Aethyr¹²¹. Isto ele fará secretamente à parte, sem pedir conselho do seu Adeptus Minor¹²².”

Esta Lâmpada é a luz da alma pura; ela não tem necessidade de combustível. Ela é a Sarça Flamejante inconsumível que Moisés viu, a imagem do Altíssimo.

Esta Lâmpada está pendurada sobre o Altar, não é sustentada por algo abaixo dela; sua luz ilumina o Templo inteiro, no entanto nenhuma sombra cai sobre ela, nenhum reflexo. Ela não pode ser tocada, não pode ser extinguida, não pode ser mudada de nenhuma forma; pois está completamente à parte de todas aquelas coisas que têm complexidade, que têm dimensão, que mudam e podem ser mudadas.

Quando os olhos do Magus são fixados sobre esta Lâmpada, nada mais existe.

Os instrumentos jazem sem uso no Altar; somente aquela Luz queima para sempre.

A Divina Vontade que era a Baqueta não mais é; pois o caminho se tomou um com o Fito.

A Divina Compreensão que era a Taça não mais é; pois o Sujeito e o Objeto da Inteligência são um. A Divina Razão que era a Espada não é mais; pois o complexo foi resolvido no Simples.

E a Divina Substância que era o Pantáculo não mais é; pois os muitos tomaram-se Um. Eterna, ilimitada, inextensa, sem causa e sem efeito, a Santa Lâmpada misteriosamente brilha. Sem quantidade ou qualidade, não condicionada e sempiterna, é esta Luz.

Não é possível a qualquer pessoa aconselhar ou provar; pois esta Lâmpada não é feita pela mão humana; ela existe sozinha para sempre; não tem partes, ou personalidade; é antes do “*Eu Sou*”. Poucos podem contemplá-la; no entanto está sempre ali. Para ela não há aqui e nem ali, nem então nem agora todas as partes da linguagem estão abolidas, a não ser o substantivo; e este substantivo não é encontrado quer na fala humana, quer na fala divina. É a Palavra Perdida, cujo sétuplo eco IAO¹²³ e AUM são a música moribunda. Sem esta Luz o Magista não poderia trabalhar; no entanto poucos são os Magistas que souberam dela, e menos ainda aqueles que contemplaram seu brilho.

O Templo e tudo nele deve ser repetidamente destruído antes que se torne digno de receber aquela Luz. Daí parecer tão frequentemente que o único conselho que qualquer instrutor pode dar a um discípulo é que destrua o Templo.

Tudo que você tem e tudo que você é são véus diante daquela Luz.

¹²¹ Nota de S.H. *Shakta Ádynátha Amánáska, 947*: Esse foi um termo usado pelo Dr. Dee e posteriormente restaurado por Crowley. Basicamente significa “A morada dos Anjos”.

¹²² Nota de S.H. *Shakta Ádynátha Amánáska, 947*: Adeptus Minor 6º = 5^o é associado no sistema de Crowley à esfera de Tiphareth, o Sol.

¹²³ Nota de S.H. *Shakta Ádynátha Amánáska, 947*: IAO é o nome secreto de Deus de acordo com os Gnósticos. Ele é equivalente ao AUM dos hindus que é descrito como a raiz do som da Criação.



No entanto, em um assunto tão importante, qualquer conselho é vão. Não existe nenhum Mestre tão grande que ele possa apreender claramente o carácter inteiro de um discípulo. O que lhe foi de auxílio no passado pode ser no futuro um obstáculo para outro.

No entanto, desde que o Mestre está jurado a servir, ele pode assumir seu serviço nestas simples linhas: **Uma vez que todos os pensamentos são véus diante desta Luz, ele pode aconselhar a destruição de todos os pensamentos; e para este fim ele pode ensinar aquelas práticas que claramente conduzem a tal destruição!**

Estas práticas, felizmente, foram agora escritas em linguagem clara e simples por ordem da A.:A.:.

Nestas instruções, a relatividade e limitação de cada prática é claramente ensinada, e toda interpretação dogmática é cuidadosamente evitada. Cada prática é em si um Demônio que deve ser destruído; mas para destruí-lo é primeiro necessário evocá-lo.

Vergonha sobre aquele Mestre que evita qualquer destas práticas, por mais desagradável ou inútil que ela seja para ele. Pois no conhecimento detalhado dela, que somente a experiência lhe outorgará, pode estar sua oportunidade de ser de crucial auxílio a algum discípulo. Por tediosa que seja a rotina, ela deve ser aturada. Se fosse possível nos arrependermos do que quer que seja na vida, poderia ser das horas que desperdiçamos em práticas frutuosas, horas que poderiam ter sido mais lucrativamente empregadas em práticas estéreis; pois NEMO¹²⁴, ao cuidar do seu jardim, não busca distinguir a flor que será NEMO após ele. E não nos é dito que NEMO poderia ter usado outras coisas que aquelas que ele usa; parece possível, que se ele não tivesse o ácido ou a faca, ou o fogo, ou o óleo ele poderia não ter com que cultivar precisamente aquela flor que deveria ser NEMO após ele.

¹²⁴ Nota de S.H. *Shakta Ádynátha Amánáska*, 947: NEMO é o Magister Templi que tem a tarefa de desenvolver o iniciante. Veja Liber 418, XIII Aethyr.



Capítulo XI

A Coroa

A Coroa do Magista representa a Consecução de sua Obra. É uma banda de ouro puro, na frente da qual estão três Pentagramas, e nas costas da qual está um Hexagrama. O Pentagrama central contém um diamante ou uma grande opala; os outros três símbolos contém o Tau. Em volta desta Coroa está enrolada a áurea serpente Ureus, com cabeça ereta e capelo inflamado. Sob a Coroa está o gorro carmesim de suporte, que cai sobre os ombros.

Em vez disto, a Coroa Ateph de Thoth é algumas vezes usada; pois Thoth é o Deus de Verdade, de Sabedoria, e o Instrutor de Magia. A Coroa Ateph tem dois chifres de carneiro selvagem, mostrando energia, domínio, a força que quebra obstáculos, o signo da primavera. Entre estes chifres está o disco do sol; disso nasce um Lótus sustentado pelas plumas gêmeas da verdade, e três outros discos solares estão levantados, um na corola do Lótus, os outros sob as plumas que se curvam.

Existe ainda outra Coroa, a Coroa de Amoun, o oculto, de quem os Hebreus tiraram sua palavra sagrada “Amen”. Esta Coroa consiste simplesmente das plumas da verdade. Mas não é necessário entrarmos no simbolismo destas, pois tudo isto e mais está na Coroa que foi primeiramente descrita.

O gorro carmesim implica ocultamente, e é também simbólico do dilúvio de glória que desce sobre o Magista do Altíssimo. É de veludo para a maciez daquele beijo divino, e carmesim porque o que lhe dá vida é o vero sangue de Deus. A banda de ouro é o círculo eterno de perfeição. Os três pentagramas simbolizam o Pai, o Filho e o Espírito Santo, enquanto que o Hexagrama representa o Magista mesmo.

Ordinariamente, Pentagramas representam o microcosmo, Hexagramas o macrocosmo; mas aqui o reverso é o caso, porque nesta Coroa de perfeição aquilo que está embaixo se tornou aquilo que está em cima, e aquilo que está em cima se tornou aquilo que está embaixo. Se um diamante é usado, é para simbolizar a Luz que é antes de toda manifestação em forma; se uma opala, é para comemorar aquele sublime plano do Todo, dobrar-se e desdobrar-se em raptura eterna, manifestar-se como os Muitos para que os Muitos possam se tomar o Um Imanifestado. Mas este assunto é demasiado extenso para um tratado elementar sobre a Magia.

A Serpente que está enrolada em volta da Coroa significa muitas coisas; ou antes, uma coisa de muitas maneiras diversas. E o símbolo de realeza e iniciação, pois o Magista é ungido Rei e Sacerdote. Ela também representa Hadit, de quem podemos aqui apenas citar estas palavras: *“Eu sou a secreta Serpente enrodilhada a ponto de pular; em minhas roscas há alegria. Se eu levanto minha cabeça, Eu e minha Nuit somos um; se Eu baixo minha cabeça, e jorro veneno, então há ruptura da terra, e Eu e a terra somos um”*¹²⁵.

A Serpente é também a serpente Kundalini, a força mágica em si, o aspecto manifestado da Divindade do Magista, cujo aspecto imanifesto é paz e silêncio, para o que não existe símbolo.

No sistema hindu a Grande Obra representada dizendo-se que esta Serpente, que normalmente está enrodilhada na base da espinha, levanta-se com seu capelo sobre a cabeça do Yôgui, para ali se unir com o Senhor do todo.

A serpente é também aquele que envenena. E aquela força que destrói o Universo manifestado. Isto é também a serpente de esmeralda que circunda o Universo. Este assunto deve ser estudado em Liber LXV, onde é incomparavelmente discutido. No capelo desta serpente há seis jóias, três de cada lado: Rubi, Esmeralda e Safira, os três santos elementos tornados perfeitos, em equilíbrio dos dois lados.

¹²⁵ Nota de S.H. *Shakta Ádynátha Amánáska*, 947: O Livro da Lei, cap. II.



Capítulo XII

O Robe

O Robe do Magista pode ser variado de acordo com seu grau e a natureza do seu trabalho.

Há dois Robes principais, o branco e o preto; destes, o preto é mais importante que o branco, pois o branco não tem capuz. Estes Robes podem ser variados pela adição de vários símbolos, mas em qualquer caso a forma do Robe é um Tau.

O simbolismo geral que adotamos nos leva, no entanto, a preferir a descrição de um Robe que poucos ousam envergar. Este Robe é de uma rica seda azul profundo, o azul da noite estrelada: está bordado com estrelas douradas, e com rosas e lírios. Em volta da fímbria, sua cauda em sua boca, está a grande serpente, enquanto sobre a frente, do pescoço à barra, cai a flecha descrita na Visão do Quinto Aethyr.

Este Robe está forrado com seda púrpura na qual está bordada uma serpente verde enrodilhada do pescoço à barra, O simbolismo deste Robe trata de altos mistérios que devem ser estudados em Liber CCXX e Liber CDXVIII; mas tendo assim tratado de Robes especiais, consideremos agora o uso do Robe em geral.

O Robe é aquilo que oculta, e que protege o Magista dos elementos; é o silêncio e segredo com os quais ele trabalha, seu ocultamento na vida secreta da Magia e Meditação. Isto é o *“retiro no deserto”* que encontramos na vida de todos os homens do mais elevado tipo de grandeza. E é também o retiro de nós mesmos da existência como tal.

Em outro senso, é a *“Aura”* do Magista, aquele ovo ou invólucro invisível que o rodeia. Esta *“Aura”* deve ser brilhante, elástica, impenetrável mesmo pela Luz; isto é por qualquer luz parcial que venha de uma direção apenas.

A única luz do Magista vem da Lâmpada pendurada acima de sua cabeça quando ele está de pé no centro do Circulo; e o Robe sendo aberto no pescoço, não opõe obstáculo à passagem desta luz. E sendo aberto, e bem aberto, embaixo, ele permite que aquela luz passe e ilumine aqueles que estão sentados na escuridão e na sombra da morte.



Capítulo XIII

O Livro

O Livro de Encantos ou Conjurações é o Registro de todo pensamento, palavra e ato do Magista; pois tudo que ele quis, ele quis com um propósito. E o mesmo que se ele tivesse jurado executar alguma coisa.

Agora, este Livro deve ser um Livro Santo; não um livro de notas no qual você escreve tudo quanto é tolice que lhe vem à cabeça. Está escrito, Liber VII, v.23: *“Todo alento, toda palavra, todo pensamento, toda ação é um ato de amor Contigo. Seja esta devoção um potente encantamento para exorcizar os Demônios das Cinco”*.

Este Livro deve então assim ser escrito: Em primeiro lugar o Magista deve executar a prática dada em *Liber CMXIII* até que ele compreenda perfeitamente quem ele é, e a que seu desenvolvimento necessariamente tenderá. Isto para a primeira página do Livro.

Que ele tome cuidado de não escrever coisa alguma ali que seja desarmoniosa ou mentirosa. Nem pode ele evitar escrever, pois este é um Livro Mágico. Se você abandona mesmo por uma hora o propósito único de sua vida, você encontrará um número de arranhões sem significado e rabiscos no pergaminho branco, e estes não podem ser apagados. Em um tal caso, quando você for conjurar um Demônio pelo Poder do Livro, ele zombará de você; ele apontará toda essa escritura tola, mais parecida com a dele que com a sua. Em vão prosseguirá com os encantamentos subseqüentes; você quebrou por sua própria tolice a cadeia que o teria aprisionado.

Mesmo a caligrafia do Livro deve ser firme, clara e bela; na nuvem de incenso é difícil ler as conjurações. Enquanto você força a vista através da fumaça, o Demônio desaparecerá, e você terá que escrever a terrível palavra *“fracasso”*.

E, no entanto, não existe página deste livro na qual esta palavra não esteja escrita; mas enquanto ela é imediatamente seguida por uma nova afirmação nem tudo está perdido; e assim como neste Livro a palavra *“Fracasso”* é desta maneira tomada de pouco importância, assim também nunca deve a palavra *“Sucesso”* ser empregada, pois é a última palavra que pode ser escrita ali, e é seguida por um ponto final.

Este ponto final jamais pode ser escrito em qualquer outro lugar; pois a escritura deste Livro continua eternamente; não existe maneira de fechar o registro até que a meta de tudo tenha sido alcançada. Que cada página deste Livro esteja cheia de canto – pois é um Livro de Encantamento.

As páginas deste Livro são de pergaminho virgem, tirado do novilho que é engendrado em Ísis-Hathor, a Grande Mãe, por Osíris-Apis, o Redentor. E encadernado de couro azul no qual a palavra Thelema [ΘΕΛΗΜΑ] está escrita em ouro. Que a pena com a qual a escritura é feita seja a pena de um jovem cisne macho – o cisne cujo nome é AUM¹²⁶. E que a tinta seja feita de biles de um peixe, o peixe Oannes.¹²⁷

Isso no que concerne o Livro.

¹²⁶ Nota de S.H. *Shakta Ádynátha Amánáska, 947*: O Cisne Divino, o veículo de Brahma, o Deus Criador e seu mantra é AUM (ÔM).

¹²⁷ Nota de S.H. *Shakta Ádynátha Amánáska, 947*: Eu realmente duvido que alguém realmente faça isto tudo. No máximo arranja-se umas folhas sulfite e uma caneta esferográfica.



Capítulo XIV

A Campanha

O melhor é pendurar a Campanha Mágica na Cadeia. Em alguns sistemas de Magia um número de campanhas é usado, costuradas na orla do Robe, a idéia sendo simbolizar que cada movimentos do Magista deve produzir música. Mas a Campanha de que falaremos é um instrumento mais importante. **Esta Campanha chama e alarma; e é também aquela Campanha que soa no momento de elevar a Hóstia.**

É também a “*Campainha Astral*”¹²⁸ do Magista¹²⁹.

A Campanha de que nós falamos é um disco de aproximadamente duas polegadas de diâmetro, ligeiramente curvado em uma forma não muito diversa daquela de um címbalo. Um buraco no centro permite a passagem de uma curta tira de couro, pela qual a Campanha pode ser ligada à cadeia. Na outra extremidade da cadeia está o percussor, que no Tibete é usualmente feito de osso humano.

A Campanha mesma feita de *electrum magicum*, uma liga “*dos sete metais*” misturados de maneira especial. Primeiro o ouro é derretido com a prata durante um aspecto favorável do sol e da luz; então estes são fundidos com estanho quando Júpiter está bem dignificado. Chumbo é acrescentado sob um Saturno auspicioso; e assim Mercúrio, Cobre e Ferro, quando Mercúrio, Vênus e Marte são de bom augúrio.

O som desta Campanha é indescritivelmente compelidor, solene e majestoso. Sem sequer a desarmonia mais diminuta, suas notas solitárias soam mais e mais fracamente até o silêncio. **Ao som desta Campanha o Universo cessa por um indivisível momento de tempo, e atende à Vontade do Magista.** Que ele não interrompa o soar desta Campanha. Que isto seja aquilo que está escrito, *Liber VII*, v.31: “*Há uma solenidade do silêncio. Não existe mais voz de todo*”.

Como o Livro Mágico era o registro do passado, assim é a Campanha Mágica a profecia do futuro. O manifestado se repetirá de novo e de novo, sempre uma clara nota fina, sempre uma simplicidade de música; no entanto cada vez menos perturbando o silêncio infinito até o fim.

¹²⁸ Nota de *Frater O.M.*: Quando H.P. Blavatsky ouvia o som de uma *Campainha Astral* sabia que seu Mestre, um dos Mahatmas, estava presente.

¹²⁹ Nota de *Frater O.M.*: Durante algumas práticas de meditação, o Estudante escuta uma campanha ressoando nas profundezas de seu Ser. Isto não é subjetivo, pois algumas vezes é ouvido por outras pessoas. Alguns Magistas são capazes de chamar a atenção daqueles com os quais desejam comunicar-se à distância através deste meio, ou pelo menos assim se diz.



Capítulo XV

O Lamén

O peitoral ou Lamén do Magista é um símbolo muito elaborado e muito importante. No sistema judeu nós vemos que o Alto Sacerdote deveria usar uma placa com doze pedras, para as Doze Tribos de Israel (com todas suas correspondências); e nesta placa eram guardados o Urim e o Thumim.¹³⁰



O moderno Lamén, no entanto, é uma simples placa que (sendo usada sobre o coração) simboliza Tiphareth, **e deveria portanto ser uma harmonia de todos os outros símbolos em um só.** Ele se relaciona naturalmente por sua forma com o Círculo e o Pantáculo, mas não é suficiente repetir o desenho de qualquer dos dois.

O Lamén do espírito que desejamos evocar é ao mesmo tempo colocado no triângulo e usado sobre o peito; mas no caso presente, desde que aquilo que desejamos evocar não é uma coisa parcial, mas sim inteira, nós teremos apenas um símbolo único para combinar o Círculo e o Pantáculo. **A Grande obra será então assunto do desenho.**¹³¹

Neste Lamén o Magista deve colocar as chaves secretas do seu poder.

O Pantáculo é meramente o material a ser trabalhado, reunido e harmonizado mas não ainda em operação, as partes da máquina arranjadas para uso, ou mesmo juntadas, mas não ainda postas em movimento. No Lamén estas forças já

estão trabalhando; mesmo a consecução está prefigurada.

No Sistema de Abramelin¹³², o Lamén é uma placa de prata sobre a qual o Sagrado Anjo Guardião escreve com orvalho, esta é outra forma de expressar a mesma coisa; pois é Ele quem confere os segredos daquele poder que deveria ser ali expressos. São Paulo diz a mesma coisa quando escreve que o peitoral é a fé e pode arrastar os dardos flamejantes dos malvados. Esta fé não é cega autoconfiança e credulidade; é aquela autoconfiança que só vem quando o ego é esquecido.

¹³⁰ Nota de Frater O.M.: Historiadores são incertos quanto ao que estes eram realmente, se bem que aparentemente eram métodos de adivinhação.

¹³¹ Nota de Frater O.M.: Alguns escritores chegaram a confundir o Lamén com o Pantáculo, usualmente com a falta de compreensão da natureza deste último. O "*Sigilvm Divino Dei Aemeth*" do Dr. Dee é um belo Pantáculo, mas seria inútil como Lamén. Eliphas Levi tentou uma vez ou outra desenhar alguma coisa e outra, ele nunca parece ter estado certo de qual. Felizmente ele agora sabe mais. Os Laméns dados nas Menores e Maiores *Chaves de Salomão* são bem melhores, mas nós não conhecemos nenhum exemplo perfeito. O desenho na capa da "*Estrela do Oriente*" representa um esforço de principiante de Frater Perdurabo.

¹³² Nota de S.H. *Shakta Ádynátha Amánáska*, 947: Abramelin ou Abra-melin, o Mago. Seu sistema medieval de Magia foi traduzido por MacGregor Mathers (do francês para o inglês) e foi publicado em 1898. Esse foi um dos sistemas que Crowley utilizou e de onde ele conseguiu a base para entrar em contato com seu SAG. Hoje existem duas cópias no Brasil. A cópia da qual acabamos de falar foi publicada pela editora Madrás e Anúbis conjuntamente, através do sr. Marcos Torriço (Frater Piarus). A cópia editada somente pela editora Madras carece de fidelidade com o original, e duvidamos seriamente do caráter dessa pessoa, tamanho os erros e faltas cometidas.



E o “Conhecimento e Conversação do Sagrado Anjo Guardião” que confere esta fé. A tarefa de atingir este Conhecimento e Conversação é a única tarefa daquele que quereria ser chamado Adepto. Um método absoluto de conseguir isto é dado no Oitavo Aethyr (*Liber CDXVIII*¹³³, *Equinócio V*).

¹³³ Nota de S.H. *Shakta Ádynátha Amánáska*, 947: A Visão e a Voz.



Capítulo XVI

O Fogo Mágico Com considerações sobre o Turíbulo O Carvão e o Incenso

Todas as coisas são lançadas no Fogo Mágico. Ele simboliza a consumação final de todas as coisas em *Shivadarshana*. É a destruição absoluta tanto do Magista quanto do Universo.

O Turíbulo está sobre um pequeno altar. *“Meu Altar é de latão rendado; queimai sobre ele em prata ou ouro”*. Este altar está no Oriente, como que para simbolizar a identidade de Esperança e Aniquilação. Este latão contém os metais de Júpiter e Vênus fundidos em uma liga harmoniosa. Isto é então simbólico do amor divino, e é *“rendado”* porque este amor não está fechado em direção ou extensão; não é particularizado, é universal.

Sobre este altar está o Incensário propriamente dito; tem três pernas, simbólicas do fogo¹³⁴.

Seu bojo é um hemisfério, e apoiado nas bordas está uma placa peneirada de buracos. Este incensário é de prata ou ouro, porque esses são chamados metais perfeitos; é sobre perfeição que o imperfeito é queimado. Sobre esta placa queima um grande fogo de carvão, impregnado com nitro. Este carvão é (como os químicos estão começando a perceber) o ultimal elemento proteico: absolutamente negro, porque absorve toda luz; infusível pela aplicação de qualquer calor conhecido; o mais leve dos elementos que ocorrem na natureza em estado sólido; e o constituinte essencial de todas as formas de vida conhecidas.

Foi tratado com nitro, cujo potássio em flama violeta de Júpiter, o pai de todos; cujo nitrogênio é aquele elemento inerte que, por apropriada combinação, se torna um constituinte na maior parte dos explosivos conhecidos; e oxigênio, o alimento do fogo. Este fogo é soprado pelo Magista; este braseiro de destruição foi aceso pela sua palavra e pela sua vontade.

Neste fogo ele joga o Incenso, simbólico de oração, o veículo grosseiro ou imagem de sua aspiração. Devido à imperfeição desta imagem, nós obtemos mera fumaça em vez de perfeita combustão. Mas nós não podemos usar explosivos em vez de incenso, porque não seria verdade. **Nossa oração é a expressão do mais baixo aspirando ao mais alto** está sem a clara visão do mais alto, não compreende o que é que o mais alto deseja. E Não importa quão doce é o seu aroma, é sempre nublada.

Nesta fumaça surgem visões. Nós buscamos a luz, e vede, o Templo escurece. Na escuridão esta fumaça aparece assumir estranhas formas, e podemos ouvir o grito das bestas. Quanto mais densa a fumaça, mais escuro torna-se o Universo. Nós exclamamos e trememos ante as coisas imundas e as abominações que evocamos.

No entanto não podemos trabalhar sem Incenso. A não ser que nossa aspiração tome forma, ela seria incapaz de influenciar forma. Isto também é o mistério da encarnação.

A base deste Incenso é Resina de **Olíbano**, o Sacrifício da Vontade humana do coração. Este **Olíbano** foi misturado com metade do seu peso de **Estoraque**, os desejos terrenos, escuros, doces e pegajosos; e este novamente com metade do seu peso de linho **Aloés** que simboliza Sagitário, a Flecha¹³⁵, e assim representa a aspiração em si; é a flecha que atravessa o arco-íris. Esta flecha é *“Temperança”* no Tarô, é uma vida equanimemente balanceada e reta que torna nosso trabalho possível; no entanto esta vida deve ela mesma, ser sacrificada.

¹³⁴ Nota de *Frater* O.M.: Porque Shin [X], a letra hebraica para o fogo, tem três línguas de flama, e seu valor é 300.

¹³⁵ Nota de *Frater* O.M.: Observe que há duas Flechas: A Divina, desfechada para baixo; a humana, desfechada para cima. A primeira é o Óleo, a segunda o Incenso, ou antes, a parte mais sutil deste. Consulte Liber CDXVIII, 5º Aethyr.



Na combustão destas coisas surgem em nossa imaginação estes aterradores ou tentadores que habitam o “*Plano Astral*”, esta fumaça representa o Plano Astral, que jaz entre o material e o espiritual. Podemos agora dedicar alguma atenção à consideração deste “*plano*”, a respeito do qual já foi escrita uma grande quantidade de tolices.

Quando um homem fecha seus olhos e começa a olhar em volta sua, no começo não vê nada senão escuridão. Se ele continua tentando penetrar a penumbra, um novo par de olhos gradualmente se abre.

Certas pessoas pensam que estes são os olhos da imaginação. Aqueles com mais experiência compreendem que isto verdadeiramente representa coisas vistas; se bem que aquelas coisas são, em si mesmas, totalmente falsas.

A princípio o vidente perceberá uma penumbra cinzenta; em experimentos subsequentes talvez figuras apareçam com as quais o vidente pode conversar, e sob cuja orientação ele poderá viajar. Este “*plano*” sendo tão grande e tão variado quanto o Universo material, não podemos descrevê-lo efetivamente; devemos referir o leitor a Liber O e ao Equinox II, pp. 295 a 334.

Este “*Plano Astral*” foi descrito por Homero na Odisseia. Aí estão Polifemo e os Laestrigos, aí estão Calípsos e as Sereias. Aí, também, estão aquelas coisas que muitos têm imaginado serem os “*espíritos*” dos mortos. Se o estudante alguma vez toma qualquer dessas coisas por verdade, ele deve adorá-la, desde que toda verdade merece adoração. Em tal caso, ele está perdido; o fantasma terá poder sobre ele e dessa forma haverá uma obsessão.

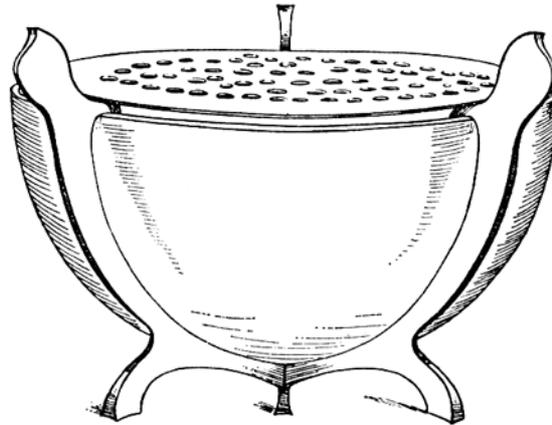
Enquanto uma ideia está sendo examinada você está livre dela. Não faz mal que um homem experimente fumar ópio, ou comer nozes; mas no instante em que ele pára de examinar e começa a agir por hábito e sem reflexão, ele está em perigo. Todos nós comemos demais, porque gente uniformizada e obsequiosa tem sempre aparecido cinco vezes por dia com provisões para seis meses, e dava menos trabalho comer e acabar com o negócio do que nós perguntarmos se tínhamos fome. Se você prepara a sua própria comida, você depressa verificará que você não prepara nem mais nem menos do que você quer; e a saúde volta. Se, no entanto, você vai ao outro extremo, e não pensa em nada senão em dieta, quase certamente você contrairá aquela típica forma de melancolia, em que o paciente está convencido de que o mundo inteiro está em liga para envenená-lo. O professor Scheinbound demonstrou que carne de boi causa gota; o professor Naschitoff provou que o Leite causa tuberculose. Sir Ruffon Wratts nos diz que comer repolho causa velhice. Pouco a pouco você chega àquele estado de que Mr. Heiward Carrington se gaba: a única coisa que você come é chocolate, e você mastiga chocolate incessantemente, mesmo em seus sonhos. No entanto, tão cedo o ingere acorda para a terrível verdade por Guterbock O. Hosenscheisser, Quarta Avenida, Grand Rapids USA, de que o chocolate é a causa da prisão de ventre, e a prisão de ventre causa câncer, e você passa a extrair de si por meio de um enema que lançaria um camelo em convulsões.

Uma semelhante loucura ataca até mesmo verdadeiros cientistas.

Methnikoff estudou as doenças do intestino grosso até não poder ver outra coisa, e então calmamente propôs cortar o intestino grosso de todo mundo, apontando que o abutre (que não tem intestino grosso) é uma ave de grande longevidade.

Mas a longevidade do abutre deve-se ao seu pescoço retorcido, e muita gente pensa tenciona experimentar com o Prof Metchnikoff.





Porém, **os piores de todos os fantasmas são as ideias morais e as ideias religiosas. A sanidade consiste na faculdade de ajustar ideias em devida proporção.** Qualquer pessoa que aceita uma verdade moral ou religiosa sem compreensão é mantida fora do manicômio somente porque não relaciona logicamente partindo das premissas. Se pessoas acreditassem no Cristianismo¹³⁶, se pessoas realmente cressem que a maioria da humanidade está condenada a punição eterna, pessoas correriam sem parar tentando “salvar” os outros. Não seria possível dormir até que o horror da mente deixasse o corpo exausto. De outra forma, seríamos moralmente insanos. Quem entre nós pode dormir se alguém que amamos está em perigo mortal? Nós não podemos sequer ver um cão se afogando sem pelo menos parar o que estamos fazendo para olhar. Quem poderia então viver em Londres e refletir sobre o fato que a população inteira, com excessão de uns mil irmãos de Plymouth¹³⁷, está condenada? No entanto, os mil irmãos de Plymouth (que são mais insistentes em proclamar que serão os únicos a serem salvos) parecem passar muito bem obrigado. Se eles são hipócritas ou moralmente loucos, isto é um assunto que podemos deixar à consciência deles mesmos.

Todos estas fantasmas, de qualquer natureza, devem ser evocados, examinados, e dominados; outrossim percebemos que juntamente quando precisamos dela há alguma com a qual jamais lidamos; e talvez aquela idéia, pulando sobre nós de surpresa, e como se fosse por detrás, nos estrangule. Esta é a lenda do feiticeiro estrangulado pelo Diabo.

¹³⁶ Nota de S.H. *Shakta Ádynátha Amánáska*, 947: Uma pessoa enlouqueceria se levasse a Bíblia a sério; mas para levar a Bíblia a sério seria necessário já estar louco.

¹³⁷ Nota de *Frater O.M.*: Uma seita protestante inglesa das mais fanáticas. Os pais de Frater Perdurabo eram dessa seita.



M.:M.:M.:¹³⁸

Uma Sociedade para ilustrar os princípios deste livro na prática foi fundada. O método escolhido é de uma série de Iniciações.

Instrução prática mais avançada é ensinada aos Iniciados de acordo com seu grau.

Esta escola está alinhada com todos os Principais Corpos de Maçonaria em seus mais altos graus.

Fora as Cerimônias de Iniciação ainda existe um número de Cerimônias para desenvolver as instruções.

Informações mais detalhadas podem ser adquiridas com uma entrevista pessoal com o Grande secretário geral¹³⁹, pessoa que receberá correspondências tratando das entrevistas. Estas cartas devem ser registradas e dirigidas:

O Grande Secretário Geral, M.:M.:M.:

¹³⁸ Nota de S.H. *Shakta Ádynátha Amánáska, 947: Mysteria Mystica Maxima*. É a escola de iniciação criada por *Frater Perdurabo* antes de sua entrada na *O.T.O.*. Hoje essa escola de iniciação está presente dentro da *O.T.O.* e representa seus três primeiros graus.

¹³⁹ Nota de S.H. *Shakta Ádynátha Amánáska, 947::O Grande secretário geral era Aleister Crowley. Livro Quatro* parte II foi publicado em 1911. Nessa época ele tinha uma Loja Mística de Iniciação (M.:M.:M.), a qual levou para dentro da *O.T.O.* e ao mesmo tempo ele buscava candidatos para *A.:A.:*.



Terceira Parte

Livro Quatro:

Magick em Teoria & Prática



Introdução

Εσσεαι αθαναταξ θεοξ, αηβετοξ ουκ επι θνητοξ

- PYTHAGORAS¹⁴⁰

“Magick é o conhecimento mais elevado, mais absoluto e mais divino no que se refere a Filosofia Natural, avançando em seu trabalho e operações maravilhosas, com um correto conhecimento das ocultas e internas virtudes das coisas, assim, para poder aplicar Agentes corretos em pacientes Adequados, produzindo estranhos e admiráveis efeitos. Quando os Magos são buscadores profundos e cuidadosos na natureza, eles, por seus conhecimentos, sabem como antecipar um efeito, que paras os vulgares, parecerá um milagre.”

- A Goécia¹⁴¹ de Lemegeton do Rei Salomão.

“Quando ocorre a Magick simpática em sua forma não adulterada, na natureza ocorre o que chamamos de ‘um sucesso atrás do outro’ necessário e invariável sem a intervenção de qualquer agente espiritual ou pessoal.

***Assim seu conceito fundamental é idêntico com o da ciência moderna, todo sistema é uma fé, implícita, mas real e firme, na ordem e uniformidade da natureza.** O Mago não duvida que as mesmas causas sempre produziram os mesmos efeitos, que a execução de uma cerimônia adequada acompanhada com uma conjuração apropriada inevitavelmente atenderá o resultado desejado, e isso, é claro, se seu encantamentos não forem anulados por forças mais potentes que a do Mago em questão. Ele não suplica a um poder ou força mais elevada, ele não busca o favor de nenhum ser ‘raro’: **Ele não se ajoelha diante de nenhuma divindade.** Mas seu poder, grandioso como ele crê que é, não é arbitrário ou ilimitado. Ele só pode o aplicar enquanto se mantenha dentro das regras de sua arte, ou o que podemos chamar de Leis da Natureza como são conhecidas. **A negligência nestas regras, a ruptura destas Leis, inclusive nas formas mais diminutas, significa fracasso e inclusive pode expor o praticante com pouca experiência aos poderes perigosos.** Ele, se proclamando soberano à natureza, é só uma ‘soberania constitucional’, rigorosamente limitada em seu campo, exercitando-a na exata conformidade de seu antigo uso. **Como se pode ver, a analogia entre os conceitos Mágickos e científicos do mundo são muito parecidos. Nos dois casos, a sucessão de sucessos é perfeitamente regular e segura, estando determinada por Leis imutáveis, e suas operações podem ser calculadas e previstas.** Os elementos do capricho, de casualidade e de acidentes são abolidos do curso da natureza. Os dois abrem uma grande visão de possibilidades e aquele que conhece as causas das coisas, pode trocar os mecanismos secretos que põem e movimento o grandioso e delicado mecanismo do mundo. Esse é o motivo pelo qual a Magick e a ciência atræm a mente humana, o estímulo que ambas dão a busca do conhecimento. Eles atræm aqueles que buscam respostas, ao buscador amargo a seguir pelo deserto de enganos do presente com suas promessas de incessantes de futuro: são capazes de conduzir qualquer buscador ao alto de uma montanha para encontrar o ensinamento, mais além das nuvens negras e da neve vibrante abaixo de seus pés. Uma pequena visão da Cidade Celestial pode ser, muitas vezes, mais radiante em esplendor que qualquer sonho terrestre humano.”*

- Dr. J.G. Frazer, *The Golden bough*

“Até agora, como o desenvolvimento da Magick em nível público tem sido o caminho pelo qual homens têm passado para chegar ao poder supremo, vemos sua contribuição para a emancipação da humanidade da escravidão da tradição, para elevá-los a uma vida mais grandiosa, mais livre, com uma mentalidade aberta sobre o mundo. E quando recordamos que a Magick abre o caminho para ciência, estamos fadados a dizer que se as artes negras fizeram mal, também deram origem ao bem, que se elas são as filhas do erro, também são as mães da liberdade e da verdade.”

- Ibid

“Demonstra todas as coisas; mantém o que é bom.”

- São Paulo

“Também os mantras e os encantamentos; o obeah e o wanga¹⁴²; o trabalho da baqueta e o trabalho da espada: estes ele aprenderá e ensinará.”

“Ele deve ensinar; mas ele pode fazer os ordálios severos.”

“A palavra da Lei é Θελημα.”

- O Livro da Lei¹⁴³

¹⁴⁰ Nota de Frater O.M.: “Deves ser um Deus imortal, Divino, não mais mortal.” Pitágoras

¹⁴¹ Nota de Frater O.M.: [Segundo Crowley, Goécia é um termo usado para cobrir grande porcentagem de encantamentos com caráter perigoso.]

¹⁴² Nota de Frater O.M.: [Aspectos da Magick de tribos africanas que são centradas na prática do Vodú.]

¹⁴³ Nota de Frater O.M.: [*Liber L vel Legis* foi o título original dos comunicados de Aiwass. Em 1918 Frater Achad, o “Filho Mágicko” de Crowley, descobriu as chaves Qabalísticas para os mistérios ocultos deste livro. A chave é a palavra AL, um dos muitos significados para designar Deus. Seu número é 31, por este motivo vel XXXI.]



Este livro é para

TODOS:

para cada homem, mulher e criança.

Meu trabalho anterior foi mal compreendido, e sua divulgação foi limitada pelo meu uso de termos técnicos. Atraiu muitos diletantes e excêntricos, débeis buscando na “*Magick*” um escape da realidade. Eu mesmo fui atraído ao assunto desta forma. Tem repellido muitas mentes práticas e científicas, as que eu mais desejava influenciar.

Mas

MAGICK

é para

TODOS

Eu escrevi este livro para ajudar ao Banqueiro, o Pugilista, o Biólogo, o Poeta, o Marinheiro, o Comerciante, a Operária da Indústria, o Matemático, a Estenógrafa, o Jogador de Golfe, a Esposa, o Cônsul – e todos mais – a se realizarem por completo, cada um e cada uma em sua própria função.

Deixem-me explicar em poucas palavras como foi que eu concebi a palavra

MAGICK

no estandarte que tenho carregado diante de mim durante toda minha vida.

Antes de chegar à adolescência, eu já estava cômico de que era a BESTA cujo número é 666. Eu não compreendia de forma alguma o que isto significava, era apenas um apaixonado senso de identidade.

No meu terceiro ano na Universidade de Cambridge eu me dediquei conscientemente à Grande Obra, compreendendo por isso a Obra de me tornar um Ente Espiritual.

Eu experimentei dificuldade em achar um nome¹⁴⁴ que definisse minha Obra, bem como ocorrera com Blavatsky alguns anos antes. “*Teosofia*”, “*Espiritualismo*”, “*Ocultismo*”, “*Misticismo*” – todas estas designações sugeriam conotações indesejáveis.

Eu escolhi portanto o nome

“MAGICK”

como em essência ao mais sublime, e na atualidade do mais desacreditado de todos os termos ao meu dispor.

Eu jurei reabilitar o nome

MAGICK;

e identificá-la como minha própria carreira, compeli a humanidade a respeitar, amar e confiar naquilo que eles escarneciam, odiavam e temiam. Eu cumpri minha palavra.

Mas o momento está chegando de conduzir o meu pendão ao centro da vida dos homens. Eu devo tornar a

MAGICK

o fator essencial da vida de

¹⁴⁴ Nota de *Frater O.M.*: [Note que a BESTA 666 é citada no Evangelho cristão como uma entidade diabólica. O trabalho de Crowley como a BESTA 666 foi lutar contra os dogmas cristãos que aprisionam a alma. Esse é o sentido da Lei de Thelema, libertar o ser humano.]



TODOS.

Apresentando este livro ao mundo, eu devo explicar e justificar minha posição formulando uma definição de

MAGICK

e definindo seus princípios fundamentais de tal forma que

TODOS

possam compreender instantaneamente que suas almas, suas vidas, em qualquer relação com o outro ser humano, em qualquer circunstância, dependem da

MAGICK

e da reta compreensão e reta aplicação desta.

I – DEFINIÇÃO**MAGICK**

É a Ciência e a Arte de causar Mudanças de acordo com a Vontade.

(Ilustração: é meu desejo informar ao mundo certos fatos do meu conhecimento. Eu, portanto, tomo as “*armas Mágickas*”, caneta, tinta e papel; escrevo “*encantamentos*” estas frases em linguagem Mágicka, isto é, a qual é entendida por pessoas que desejo instruir. Invoco “*espíritos*” tais como tipógrafos, editores, livreiros, e assim por diante, e os instruo a passar minha mensagem àquelas pessoas. A composição e distribuição é um ato de Magick pelo qual provoço Mudanças de acordo com minha Vontade.)

II – POSTULADO

QUALQUER mudança que se queira, pode ser conseguida com a aplicação da Força do tipo e Grau próprios, de maneira apropriada, através de meio adequado ao objeto desejado.

(Ilustração: Desejo preparar uma grama de Cloreto de Ouro. Preciso pegar o tipo certo de ácido, nitro-hidroclorídrico e nenhum outro, na quantidade suficiente e com energia adequada, e colocá-lo em um recipiente que não se quebrará, quebrará ou que possa haver corrosão, de tal maneira que não produza resultados indesejáveis, com a quantidade suficiente de ouro, e assim por diante. Toda mudança tem suas próprias condições. No presente estado de nosso conhecimento e poder, algumas mudanças não são possíveis na prática; não podemos causar eclipses, por exemplo, ou transformar chumbo em lata, ou gerar homens a partir de cogumelos. Mas é teoricamente possível provocar em qualquer objeto, qualquer mudança da qual este objeto é capaz por natureza; e as condições são descritas no postulado acima).

III – TEOREMAS:

- (1) Todo ato intencional é uma ato de Magick.¹⁴⁵**
- (2) Todo ato bem sucedido enquadra-se ao postulado.**

¹⁴⁵ Nota de *Frater O.M.*: Por “*intencional*” eu quero significar “*voluntário*”. Mas mesmo atos aparentemente sem intenção não são assim realmente. Por exemplo: Respirar é um ato da Vontade de Viver.



(3) Todo fracasso prova que um ou mais requisitos do postulado não foram atendidos.

(Ilustração: Pode haver fracasso em compreender o caso, como quando um médico faz o diagnóstico errado, e seu tratamento prejudica o paciente. Pode haver fracasso em aplicar o tipo certo de força, como quando um selvagem tenta apagar uma lâmpada elétrica com um sopro. Pode haver fracasso em aplicar a quantidade necessária de força, como Quando o lutador de luta livre perde a “chave” aplicada em seu oponente. Pode haver fracasso em aplicar a força de maneira certa, como quando alguém apresenta um cheque na janela errada de um banco. Pode haver fracasso em empregar o meio de transmissão adequado, como quando Leonardo Da Vinci viu suas obras primas desbotarem. A força pode ser aplicada ao objeto errado, como quando tentamos quebrar uma pedra pensando que é uma noz.)

(4) O primeiro requisito para provocar qualquer mudança é através do entendimento qualitativo e quantitativo das condições.

(Ilustração: A causa mais comum de fracasso na vida é a ignorância de nossa própria Verdadeira Vontade, ou dos meios pelos quais aquela Vontade pode ser realizada. Um homem pode se imaginar pintor, e no entanto fracassar em compreender e medir as dificuldades peculiares àquela carreira.)

(5) O segundo requisito para se provocar qualquer mudança é a habilidade prática para se colocar em movimento as forças necessárias.

(Ilustração: Um banqueiro pode Ter um conhecimento perfeito de uma certa situação, no entanto faltar-lhe a qualidade de decisão, ou o capital, necessários para aproveitar a ocasião.)

(6) Todo homem e toda mulher é uma estrela. Quer dizer, todo ser humano é intrinsecamente um indivíduo independente com seu papel e direção próprios.

(7) Todo homem e toda mulher tem um curso, dependendo parcialmente do indivíduo e parcialmente do ambiente, que é natural e necessário para cada um. Qualquer um que seja forçado a sair de seu próprio caminho, por não entender a si mesmo ou por oposição externa, entra em conflito com a ordem do Universo, e sofre de acordo.

(Ilustração: Podemos pensar que é nosso dever agir de um certo modo, tendo feito uma pintura imaginária de nós mesmos, ao invés de investigar sua Verdadeira Natureza. Uma mulher pode ser infeliz a vida inteira por julgar que ela prefere o amor ao prestígio social, ou vice-versa. Uma pode permanecer com um marido que ela não ama, quando na realidade seria feliz em um sótão com um amante, enquanto outra pode procurar uma aventura romântica quando na realidade seus únicos prazeres são aqueles de presidir a bailes de gala e jantares da sociedade. Os instintos de um menino podem leva-lo para o mar, enquanto seus pais insistem que ele se forme em medicina. Em tal caso, ele será tanto mal sucedido quanto infeliz na medicina.)

(8) Um homem cujo o desejo consciente disputa com sua Verdadeira Vontade está desperdiçando sua forças. Ele não pode esperar influenciar seu ambiente com eficiência.

(Ilustração: Quando explode uma guerra civil em um país, esse país não se encontra em condições de invadir outros países. Um homem com câncer emprega sua nutrição tanto para seu próprio uso como para uso do inimigo que é parte dele mesmo. Depressa ele se torna incapaz de resistir à pressão de seu meio ambiente. Na vida diária um homem que está fazendo aquilo que sua consciência lhe diz que está errado o fará com muito pouca habilidade. A princípio!)

(9) Um homem que faz sua Verdadeira Vontade tem a inércia do Universo para ajudá-lo.



(Ilustração: A primeira condição de sucesso na evolução é que o indivíduo seja fiel à sua própria natureza e ao mesmo tempo se adapte ao seu meio ambiente.)

(10) A Natureza é um fenômeno contínuo, embora não saibamos, em todos os casos, como os fatos são conectados.

(Ilustração: A consciência humana depende das propriedades do protoplasma, a existência do qual depende inúmeras condições físicas peculiares a este planeta; e este planeta é determinado por equilíbrio mecânico do universo material inteiro. Nós podemos então dizer que nossa consciência está casualmente ligada com as galáxias mais remotas; no entanto não sabemos sequer como ela surge de – ou com – mudanças moleculares no cérebro.)

(11) A ciência nos torna aptos a tirar proveito da continuidade da Natureza pela empírica aplicação de certos princípios cuja interação envolve diferentes tipos de pensamentos, conectados uns aos outros de modo além de nossa atual compreensão.¹⁴⁶

(Ilustração: Nós somos capazes de iluminar cidades usando métodos totalmente pragmáticos. Nós não sabemos o que a consciência é, ou como ela se relaciona com a ação muscular; não sabemos o que a eletricidade é, ou como ela se relaciona com as máquinas que a geram; e nossos métodos dependem de cálculos que envolvem idéias matemáticas que não têm qualquer correspondência no universo tal como nós conhecemos.)¹⁴⁷

(12) O homem ignora a natureza de seu próprio ser e seus poderes. Até mesmo sua idéia e limitações estão baseados em suas experiências do passado, e cada passo no seu progresso aumenta seu império. E não há, portanto, razão para se designar limites teóricos¹⁴⁸ ao que se possa ser, ou mesmo o que ele possa fazer.

(Ilustração: Faz apenas vinte e poucos anos, era considerado teoricamente impossível que o homem pudesse chegar a conhecer a composição química das estrelas. Sabemos que nossos sentidos estão adaptados para perceber somente uma fação infinitesimal da escala de vibrações possíveis. Mas instrumentos modernos nos têm habilitado a determinar alguns desses supra-sensíveis por meios indiretos, e até a usar suas peculiares qualidades a serviço da humanidade, como no caso dos raios de *Hertz* e *Röntgen*. Como disse *Tyndall*, o homem pode a qualquer momento aprender a perceber e utilizar as vibrações de todos os tipos concebíveis e inconcebíveis. O problema da Magick é o descobrir e empregar forças naturais até agora desconhecidas. Nós sabemos que tais existem, e não devemos duvidar da possibilidade de instrumentos mentais ou físicos capazes de nos colocarem em relação com elas.)

(13) Todo homem sabe, mais ou menos, que sua individualidade compreende diversos tipos de existência, até mesmo ele sustenta que seus princípios mais sutis são simplesmente mudanças sintomáticas em seu corpo físico. Preceito similar pode ser estendido a toda Natureza.

(Ilustração: nenhum de nós confunde dor de dentes com deterioração que é sua causa. Objetos inanimados sentem certas forças físicas, tais como condutividade elétrica ou térmica; mas nem em nós e nem neles – tanto quanto sabemos – há qualquer percepção direta consciente destas forças. Influências imperceptíveis estão portanto associadas com todos os fenômenos materiais; e não há motivo por que não devamos agir sobre a matéria através

¹⁴⁶ Nota de *Frater* O.M.: Da mesma forma, Magick é o nome que os ignorantes chamam de Ciência.

¹⁴⁷ Nota de *Frater* O.M.: Por exemplo, expressões “*Irracionais*”, “*irreais*” ou “*infinitas*”.

¹⁴⁸ Nota de *Frater* O.M.: Isso é um exceção – possivelmente – no caso de problemas logicamente absurdos, como os que os Educadores discutiram em conexão com Deus.



dessas forças sutis, como fazemos através de suas bases materiais. De fato, nós utilizamos a força do magnetismo para mover o ferro, e a radiação solar para reproduzir imagens.)

(14) O Homem é capaz de ser e usar qualquer coisa que percebe; porque tudo que ele percebe é, de certo modo, uma parte de seu ser. Ele pode, desta forma, subjugar todo o Universo do qual ele é ciente a sua Vontade Individual.

(Ilustração: Nós temos usado a idéia de Deus para ditar nossa conduta pessoal, para obter poder sobre os nossos semelhantes, para desculpar nossos crimes, e para inumeráveis outros propósitos, inclusive aquele de nos realizarmos como Deus. Nós temos usado as concepções irracionais e irrealis da matemática para nos auxiliarem a construir mecanismos. Nós temos usado nossa força moral para influenciar a conduta mesmo de animais selvagens. Nós temos empregado o gênio poético para fins políticos.)

(15) Toda força no Universo é capaz de ser transformada em qualquer tipo de força pelo uso dos meios adequados. Há, deste forma uma inesgotável fonte de qualquer tipo de força que precisemos.

(Ilustração: O calor pode ser transformado em luz e força quando é usado para impelir dínamos. As vibrações do ar podem ser usadas para matar homens, se as organizamos em um discurso de modo a inflamar paixões guerreiras. As alucinações relacionadas com as misteriosas energias sexuais resultam na perpetuação da espécie.)

(16) A aplicação de qualquer força afeta todo tipo de existência que esteja no objeto ao qual ela é aplicada, e qualquer um dos dois tipos é diretamente afetado.

(Ilustração: Se eu firo um homem com uma Adaga, a consciência dele, e não apenas seu corpo, é afetada por meu ato; se bem que a Adaga, como tal, não tem nenhuma relação direta com a consciência dele. Da mesma fora, a força do meu pensamento pode agir de tal maneira na mente de outra pessoa que pode chegar a produzir profundas mudanças físicas nessa pessoa, ou em outras pessoas através dela.)

(17) Um homem pode aprender a usar qualquer força, para servir a quais quer propósitos, tirando proveito dos teoremas acima.

(Ilustração: Um homem pode usar uma navalha para se tornar vigilante sobre sua fala¹⁴⁹, cortando-se quando deixa escapar uma palavra que se proibiu dizer. Ele pode obter concentração determinando que todo incidente de sua vida lhe recordará alguma coisa particular, fazendo de cada impressão o ponto de partida de uma seqüência de pensamentos que termina naquela coisa. Ele pode também devotar todas as suas energias em um particular objetivo, resolvendo não executar coisa alguma que dirija daquele objetivo, e fazer com que todo e cada ato tenda a realização daquele objetivo.)

(18) Ele poderá atrair para si mesmo, qualquer força do Universo, tornando-se um receptáculo adequado para isto, estabelecendo a conexão adequada às condições para que a natureza desta força faça fluir através dele.

(Ilustração: Se eu quero beber água pura, eu cavo um poço em um local onde haja água subterrânea; eu calafeto as paredes do poço; e eu tomo vantagem do fato que a água obedece às leis da hidrostática para encher o poço.)

(19) O senso que o homem tem de si mesmo como sendo um ser à parte e oposto a alguma coisa, o isola. O Universo é uma barra condutora de energia.

¹⁴⁹ Nota de *Frater O.M.*: [Veja *Liber III*.]



(Ilustração: Um líder popular tem tanto mais sucesso quanto mais esquece de si mesmo e pensa apenas na “*causa*”. O amor próprio engendra ciúmes e sisões. Quando os órgãos do corpo declaram sua presença ao consciente, isto é sinal de que estão doentes. A exceção única é o órgão da reprodução. E mesmo neste caso, sua auto-asserção é testemunha de sua insatisfação consigo mesmo, pois ele não pode satisfazer sua função senão quando completado por sua contraparte noutra organismo.)

(20) O homem pode somente atrair e empregar as forças para as quais ele é realmente apto.

(Ilustração: Você não pode fazer uma bolsa de couro com uma orelha de porco. O verdadeiro cientista aprende de qualquer fenômeno. Mas a natureza é muda para o hipócrita, pois nela nada há de falso.)¹⁵⁰

(21) Não há limite para a extensão das relações de cada homem com o Universo em essência; porque tão logo o homem se faça uno com qualquer pensamento, os meios de meditação param de existir. Mas seu poder em utilizar esta força é limitado por seu poder mental e capacidade, e pelas circunstâncias de seu ambiente.

(Ilustração: Quando um homem se apaixona, o mundo inteiro lhe parece ser amor imanente e ilimitado; mas seu estado místico não é contagioso; seus semelhantes se divertem ou se entediam com ele. Ele pode comunicar aos outros os efeitos que seu amor tem sobre ele apenas através de suas qualidades físicas e mentais. Assim *Catullus*, *Dante* e *Swinburne* fizeram de seus amores uma poderosa alavanca para mover a humanidade em virtude do poder que eles tinham de expressar seus pensamentos sobre o assunto em linguagem musical e eloqüente. De novo *Cleópatra* e outros em posições de autoridade moldaram o destino de muitas outras pessoas ao permitir que o amor influenciasse sua conduta política. O Magista, por mais que obtenha sucesso em estabelecer contato com as fontes secretas de energia na Natureza, pode usá-las apenas no âmbito permitido por suas qualidades intelectuais e morais. O contato de Maomé com Gabriel foi efetivo apenas por causa da habilidade de militar e de estadista de Maomé, e do seu sublime comando de língua árabe. A descoberta de *Hertz* dos raios que nós agora usamos para a telegrafia sem fia permaneceu estéril até ser refletida através das mentes e Vontades das pessoas capazes de tomar a verdade dele, e transmiti-la ao mundo da ação através de meios mecânicos e econômicos.)

(22) Cada indivíduo é essencialmente suficiente a si mesmo. Mas, ele é insatisfatório a si mesmo até que estabeleça um correta relação com o Universo.

(Ilustração: Um microscópio, por mais perfeito que seja, é inútil nas mãos de selvagens. Um poeta, por mais sublime que seja, deve impor-se a sua geração se há de se apreciar, e até de se compreender, como teoricamente deveria ser o caso.)

(23) Magick é a Ciência de entender a si mesmo e suas condições. E a arte de aplicar este entendimento à ação.

(Ilustração: Usa-se um bastão de golfe especial para mover uma bola especial de maneira especial em circunstâncias especiais. Um taco do tipo *niblick* raramente deve ser usado no *golfe para se iniciar uma partida*, ou um *brasie* com a inclinação de um *areal*. Mas também, o uso de qualquer tipo de bastão exige habilidade e prática.)

(24) Todo homem tem o direito de ser o que é.

¹⁵⁰ Nota de *Frater O.M.*: Não há objeção aqui que o hipócrita faz parte da natureza. Ele é um produto “*endotérmico*”, dividido contra si mesmo, com a tendência de se desintegrar. Ele verá suas próprias qualidades refletidas em toda parte, e obterá assim uma concepção radicalmente errada dos fenômenos. A maior parte das religiões do passado fracassaram por esperarem que a natureza se adaptasse aos seus ideais do que é uma conduta “*virtuosa*”.



(Ilustração: Insistir que qualquer pessoa deve se submeter aos nossos padrões pessoais é ultrajar, não só a outra pessoa, mas nós mesmos, desde que tanto a outra pessoa como nós somos igualmente oriundos da necessidade universal.)

(25) Todo homem que pratica Magick, cada vez que age ou pensa, visto que o pensamento é um ato interno cuja influência afeta, embora isto talvez não ocorra no momento.

(Ilustração: O mínimo gesto causa uma mudança na corpo de um homem e no ar em volta dele; perturba o equilíbrio do universo inteiro, e seus efeitos continuam eternamente através de todo o espaço. Todo pensamento, não importa quão depressa suprimido, tem seu efeito na mente. Permanece como uma das causas de todo pensamento subsequente, e tende a influenciar todo ato subsequente. Um jogador de golfe pode perder alguns metros em sua primeira tacada, um pouco mais com sua segunda e terceira; ele pode lançar a bola no gramado até alguns centímetros de distância do buraco; mas a soma final de cada um destes acidentes insignificantes eqüivale a perda de uma jogada inteira, e assim, provavelmente, a *halving*; e perder aquele buraco.)

(26) Todo homem tem o direito, o direito da auto-preservação, para satisfazer-se ao extremo.¹⁵¹

(Ilustração: Uma função imperfeitamente executada agride, não só a si mesma, mas a tudo associado à ela. Se o coração tem receio de bater, com medo de perturbar o fígado, o mesmo fica sem sangue, então se vinga do coração causando perturbações na digestão, que, eventualmente, atrapalha a função respiratória, da qual depende o bem estar do coração.)

(27) Todo homem deveria fazer de Magick a chave de sua vida. Deveria aprender suas leis e viver por elas.

(Ilustração: O banqueiro deveria descobrir o verdadeiro significado de sua existência, o verdadeiro motivo que o levou a escolher aquela profissão. Ele deve compreender o processo bancário como um fator necessário na existência econômica da humanidade, ao invés de apenas um negócio cujos propósitos independem do bem estar geral. Ele deveria aprender a distinguir falsos valores dos reais, e agir não de acordo com flutuações acidentais, mas de acordo com considerações de verdadeira importância. Um tal banqueiro se provará superior a outros, ele não será um indivíduo limitado por coisas transitórias, mas uma força natural, tão paciente e irresistível quanto as marés. Seu sistema não estará sujeito ao pânico mais do que a Lei dos Quadrados inversos é perturbada por Eleições. Ele não estará ansioso a respeito de seus negócios, porque eles não serão *'dele'*; e por este motivo ele será capaz de dirigi-los com a calma e esclarecida confiança de um observador à distância, com sua inteligência imperturbada por interesses pessoais, e seu poder livre de paixão.)

(28) Todo homem tem o direito de satisfazer seus desejos sem temer que isto possa interferir com o desejo dos outros; porque se ele estiver em seu caminho, a falha será dos outros caso interfiram com ele.¹⁵²

¹⁵¹ Nota de *Frater O.M.*: Homens de *"natureza criminosa"* simplesmente estão em conflito com sua Verdadeira Vontade. O assassino tem a Vontade de viver; e sua Vontade de assassina é uma falsa Vontade divergindo da Verdadeira Vontade dele, uma vez que ele arrisca morte as mãos da sociedade ao obedecer o seu impulso criminoso.

¹⁵² Nota de *Frater O.M.*: Mas, há um senso restrito e convencional, no qual a palavra pode ser usada sem deixar muito de lado a posição filosófica acima: *"Magick é o estudo e uso daquelas formas de energias que são: a) mais sutis que os tipos físicos e mecânicos comuns; b) acessíveis somente aqueles que são (de um modo ou de outro) "Iniciados"*. Temo que isto possa parecer *obscurum per obscuris*; mas este é um dos casos – estamos aptos a encontrar vários no decorrer de nossas pesquisas – o qual entendemos, bem o bastante para todos os propósitos práticos, e o que desejamos, mas que nos fogem com mais e mais freqüência, por mais que lutemos para definir sua importância. Poderíamos fazer até coisa pior se tentássemos clarear as coisas fazendo listas de fatos históricos, tradições ou experiências e classificando isto como sendo, e aquilo como não sendo, verdadeiramente Magick. Os casos limiares poderíamos nos confundir e nos deixar perdidos.



(Ilustração: Se um homem como Napoleão tivesse sido realmente designado pelo destino para controlar a Europa, ele não deveria ser acusado de exercer seus direitos. Opor-se a ele seria um erro. Qualquer pessoa assim fazendo teria se enganado quanto ao seu próprio destino, exceto quanto à sua necessidade de aprender as lições da derrota. O sol move-se no espaço sem interferência. A ordem da natureza provê uma órbita para cada estrela. Um choque prova que uma ou outra se afastou de seu curso. Mas quanto a cada homem que se mantém em seu verdadeiro curso, quanto mais firme ele age, menos pessoas se intrometem em seu caminho. Seu exemplo ajudá-los-á a encontrar seus próprios caminhos e segui-los. Todo homem que se torna um Magista ajuda outros a fazerem o mesmo. Quanto mais firme e com mais segurança o homem se mover, e quanto mais tal ação for aceita como padrão de moral, menos conflito e confusão atordoará a humanidade.)

Eu espero que os princípios acima expostos demonstrem a

TODOS

Que seu bem estar, sua própria existência, estão ligados à

MAGICK

Espero que eles compreendam, não só a razão, mas também a necessidade fundamental que eu fui encarregado de dar à humanidade.

“Faz o que tu queres há de ser tudo da Lei.”

Espero que eles se afirmem como individualmente absolutos, que eles percebam de fato que é seu direito sem imporem assim, e executarem a tarefa para qual a natureza deles os habilitou. Sim. Mais: Isto é o dever deles, dever não só para consigo mesmos, mas também para com seus semelhantes, um dever fundamentado na necessidade fundamental, que não pode ser negligenciado devido a qualquer casual circunstância momentânea que aparenta colocar uma tal conduta sob o aspecto de inconveniência ou mesmo e crueldade.

Espero que os princípios acima os auxiliem a compreender esse livro e possibilite que o estudo chegue a ser impossibilitado pela linguagem mais ou menos técnica em que o livro esta escrito.

A essência de

MAGICK

É em verdade muito simples. Passa-se com ela o que se passa com a arte de governar. A finalidade desta é simplesmente prosperidade pública; mas a teoria está embaralhada, e a prática emaranhada de espinhos.

Da mesma forma, a

MAGICK

Consiste simplesmente em ser e fazer. Eu deveria adicionar *“sofrer”*. Pois Magick é verbo; e é parte do treino usar voz passiva. Isto, entretanto, é mais uma matéria de iniciação que de Magick no senso ordinário da palavra. Não é minha culpa se *“ser”* é desnorante, e *“fazer”* é desesperador!

Porém, uma vez os princípios acima estejam fixados a mente, é bastante fácil resumir a questão. Nós devemos descobrir para nós mesmos, e nós asseguramos além de qualquer dúvida, **quem** somos, **o que** somos, e **por que** somos. Isto feito. Isto feito, podemos formular em palavras a Vontade que está implícita no *“por que”* ou antes, podemos formula-la em Uma Palavra. Estando assim cômicos no curso de ação apropriado, o passo seguinte é compreender as condições necessárias para seguir este curso. Após isto, devemos eliminar de



nós mesmos todo elemento estranho ou hostil ao sucesso, e desenvolver essas parte nossas que são especialmente necessárias ao controle das condições previamente mencionadas.

Estabelecemos uma analogia. Uma nação deve se tornar consciente de seu próprio caráter antes que possamos dizer que ela existe. Daquele conhecimento ela deve adivinhar o seu destino. Deve então considerar as condições políticas do mundo: como outros países podem auxilia-la ou impedi-la. Deve então destruir em si mesma quaisquer elementos discordantes de seu destino. Finalmente, deve desenvolver aquelas qualidades que habilitam combater com sucesso as condições externas que ameaçam se opor ao seu propósito. Nós tivemos um exemplo recente no caso do jovem Império Germânico que, conhecendo a si mesmo e à sua Vontade, treinou e se disciplinou, dessa forma tratou de conquistar os países vizinhos, que o haviam oprimido durante muitos séculos. Mas após 1866 e 1870, 1914! Enganou-se a se considerar sobre-humano, quis uma coisa impossível, fracassou em eliminar seus conflitos e animosidades internas, falhou em compreender as condições de vitória, não treinou para vencer as fronteiras marítimas, e assim, tendo violado todos os princípios da

MAGICK

Foi derrubado e despedaçado por provincialismo e democracia, e nem excelência individual e nem virtude cívica tem sido capazes de elevá-lo novamente àquela unidade majestosa que ousou aspirar à mæstria da raça humana.¹⁵³

O estudante sincero descobrirá, atrás das tecnicidades simbólicas deste livro, um método prático e se tornar uma Magista. Os processos descritos lhe permitirão distinguir entre aquilo que ele na realidade é e as coisas que ele se imaginou ser¹⁵⁴. Ele deve contemplar sua alma em sua plena e terrível nudez; ele não deve temer ver aquela pavorosa realidade. Ele deve abandonar as vistosas roupagens com que sua vergonha o cobriu; ele deve aceitar o fato que nada pode fazer dele o que quer que seja senão aquilo que ele é. Ele pode mentir para si mesmo, embriagar-se, esconder-se; mas ele está sempre ali. A Magick lhe ensinará que sua mente está o traindo. É como se dissessem que manequins de alfaiate são o padrão da beleza humana, de forma que ele tentasse se tornar informe e inexpressivo com eles, e tremesse de horror à idéia deter seu retrato pintado por *Holbein*. A Magick lhe ensinará a beleza e a majestade do ente que ele tem tentado suprimir e disfarçar.

Tendo descoberto sua identidade, cedo ele perceberá seu propósito. Outro processo lhe ensinará como tornar aquele propósito puro e poderoso. Ele então aprenderá a avaliar seu meio ambiente e encontrar aliados, como prevalecer contra todos os poderes cujo erro fez com que eles se intrometessem no caminho dele.

No curso deste Treino ele aprenderá a explorar os Mistérios Ocultos da Natureza e a desenvolver novos sentidos e faculdades em si mesmo, através dos quais ele poderá comunicar-se com, e controlar, Entes e Forças pertencentes a Ordens de existência que foram até agora inacessíveis à pesquisa profana, e estiveram à disposição apenas da

MAGICK

Não científica e empírica (tradicional) que eu vim destruir para que ela pudesse ser cumprida.

¹⁵³ Nota de *Frater O.M.*: Pelo menos permitiu que a Inglaterra descobrisse suas intenções e com isso pode combinar o mundo contra ele.

¹⁵⁴ Nota de *Frater O.M.*: Recentemente, o Professor *Sigmund Freud* e sua escola descobriram parte deste método de verdade e que tem sido ensinado durante séculos nos Santuários de Iniciação. Mas fracassando em abarcar toda a verdade do assunto, especialmente no que concerne o meu sexto teorema e seus corolários, ele e seus seguidores caíram no erro de declarar que o "Censor", cuja tendência é reconhecidamente suicida, é o verdadeiro árbitro da conduta individual. A psicologia oficial foi portanto construída para defender uma mentira, se bem que a fundação desta ciência foi precisamente a observação dos efeitos desastrosos no indivíduo da falsidade para com seu Ser Inconsciente, cuja "escritura na parede" na linguagem dos sonhos é registro da soma das tendências essenciais da verdadeira natureza do indivíduo. O resultado é que a psicanálise interpreta erroneamente a vida, e proclama a absurda tese que todo ser humano é essencialmente um animal anti-social, criminoso e insano. É evidente que os erros do *inconsciente*, de que os psicanalistas se queixam, são nem mais nem menos que o "pecado original" dos teólogos que eles desprezam tanto.



Eu envio este livro ao mundo para que todo homem e toda mulher possam tomar as rédeas de sua própria vida e em suas próprias mãos da maneira apropriada. Não importa se a casa carnal presente de qualquer pessoa é o casebre de um pastor; por virtude de minha

MAGICK

Ele será um pastor qual foi Davi. Se for o estúdio de um escultor, ele de tal forma esculpirá de si mesmo o mármore que vela sua idéia de que ele se tornará um Mestre não menor que *Rodin*.

Testemunha minha mão:

TO ΜΕΓΑ ΘΗΠΙΟΝ (ζωψρητ):¹⁵⁵ **A BESTA 666; MAGUS 9°=2° A.:A.:** que
a Palavra do Æon é **THELEMA**; cujo nome é
V.V.V.V.V. 8°=3° A.:A.: na Cidade das Pirâmides;
OU MH 7°=4°;
OL SONUF VAORESAGI 6°=5°; e
.....¹⁵⁶ **5°=6° A.:A.:** na montanha de Abiegnus; mas
FRATER PERDURABO na Ordem Externa da A.:A.:,
e no mundo dos homens sobre a Terra,
Aleister Crowley de Trinity College, Cambridge.¹⁵⁷

¹⁵⁵ Nota de *Frater O.M.*: [No livro de edição espanhola encontramos ττ□ττ.]

¹⁵⁶ Nota de S.H. *Shakta Ádynátha Amánáska, 947*: No Equinócio dos Deuses Crowley enfatiza em uma nota de rodapé do capítulo VI o seguinte: "O Nome Místico de um adepto neste Grau não é divulgado sem motivo especial para isso." Ele se referia ao Grau 5°=6° da A.:A.:. Na edição brasileira do mesmo livro Marcelo Motta enfatiza debaixo desta nota de rodapé na página 50 o seguinte: "O nome indica que correntes especiais o Adepto assumiu gestão ao atingir o Grau, e se for revelado os 'Irmão Negros' causarão interferência. Outro motivo que deixou de ter significado neste Æon, é que o nome podia causar confusão dogmática. Na tradição 'cristã' era SATAN-JEHESHUA; na egípcia, OSIRIS-SET; na budista, BUDHA-MARA; na islâmica, ALLAH-SHAITAN; na judaica, OZ-AL. Veja Liber XC: 'Meus adeptos estão retamente erguidos, suas cabeças acima dos céus, seus pés abaixo dos infernos.' O Nome Místico de Aleister Crowley no Grau 5°=6° da A.:A.: pode agora ser revelado. É Aum.Ha, o que quer dizer que Ele assumiu, como Adepto, gestão espiritual de todas as correntes religiosas sobre a face da terra. Aum.Ha=111 x 6=666. Devemos observar que A.C. não percebeu isso a não ser muitos anos mais tarde. Ele pensara que seu nome neste Grau era SATAN-JEHESHUA, e que ele assumira gestão exclusiva da corrente cristã-satânica. Somente muitos anos mais tarde ele veio a compreender o alcance de sua Iniciação. A Lei é para Todos." Referente a esse mesmo comentário de Crowley, *Frater Hymenæus Beta* enfatiza na nota de número 121 da página 728 de *Liber ABA* que Crowley, assumiu o Nome Místico de *Christeos Luciftias*, fazendo referência assim da Chave Enochiana do 30° Æthyr, (*Christeos* ou *Caharisa-Teosa (KHMYSTYOS)* = "Deixe-me ser"; *Luciftias (WKYFTYAS)* = "Brilhantíssimo").

¹⁵⁷ Nota de *Frater O.M.*: [Estes são os diferentes Nomes Mágickos de Crowley na A.:A.:. OU MH (o NADA), o nome de Nuit; OL SONUF VAORESAGI (Eu Reino Sobre Ti), a primeira chave do sistema Enochiano; os três pontos (... ..) referente ao Grau 5°=6° representam que o Nome Mágicko do iniciado neste Grau não pode ser revelado (consulte nota I no final deste tratado) e *Abiegnus* é a Montanha Sagrada dos Rosacruzes.]



Capítulo 0 ¹

A Teoria Mágicka do Universo

EXISTEM TRÊS teorias principais do universo em filosofia: **Dualismo, Monismo e Nilismo**. É impossível discutirmos os méritos relativos de cada uma em um manual popular deste tipo. Elas devem ser estudadas em compêndios de *História da Filosofia* como o de *Erdmann*.

Todas as três são reconciliadas e unificadas na teoria que esporemos a seguir. A base desta harmonização é dada por Crowley no ensaio “*Berashith*”, ao qual fazemos algumas referências.

O Espaço infinito é chamado a Deusa NUIT, e o ponto infinitamente pequeno e atômico, no entanto, Onipresente, é chamado de HADIT¹⁵⁸. Estes são imanifestos. Uma conjunção destes dois infinitos é chamada RA-HOOR-KHUIT¹⁵⁹, uma Unidade que inclui e dirige todas as coisas.¹⁶⁰

(Existe também uma natureza especial dele, em certas condições, tais como as ativas desde a Primavera de 1904 e.v.). Esta concepção profundamente mística está baseada em experiência espiritual iniciática; mas mesmo a razão, se treinada¹⁶¹, alcança um reflexo desta idéia pelo método de contradições lógicas, que termina com a razão transcendendo a si mesma. O leitor deveria consultar “*O Soldado e o Corcunda*” em *Equinox I(1)*, e *Konx Om Pax*.

A **Unidade** transcende a **Consciência**. Está acima de toda divisão. O Pai do pensamento – a palavra – é chamado CHAOS – a diáda. O número três, a Mãe, é chamada BABALON. Quanto a isto, o leitor deveria estudar “*O Templo do Rei Salomão*” em *Equinox I(5)* e *Liber 418*.

Esta primeira tríade é em sua essência uma Unidade, de uma forma que transcende a razão. A compreensão desta tríade é o resultado da experiência espiritual. **Todos os verdadeiros Deuses são atribuídos a esta Trindade.**¹⁶²

Um imensurável Abismo separa essa Trindade de todas as manifestações da razão ou das qualidades mais baixas do homem. Analisando por completo a razão, verificamos que ela é idêntica a esse Abismo. No entanto, este Abismo é a Coroa da mente. Faculdades puramente intelectuais estão todas contidas ali. Este abismo não tem número, pois nele tudo é confuso.

Abaixo deste abismo, encontramos as qualidades morais do homem, das quais existem seis. Sua natureza é paternal¹⁶³; misericórdia e autoridade são os atributos de sua dignidade.

¹ Nota de *Frater O.M.*: [Crowley quase sempre começa um tratado com o capítulo 0, que é o símbolo do Silêncio. De 0, que é a matriz, saiu o mundo manifestado.]

¹⁵⁸ Nota de *Frater O.M.*: Eu apresento apenas um esboço dessa teoria. Não posso sequer explicar – por exemplo – que uma idéia pode não se referir de forma alguma a Ser, mas Ir. *O Livro da Lei* exige estudo especial e compreensão iniciática.

¹⁵⁹ Nota de *Frater O.M.*: Mais corretamente, HERU-RA-HA, para incluir HOOR-PAAR-KRAAT.

¹⁶⁰ Nota de *Frater O.M.* A base desta Teologia é dada em *Liber CCXX, AL vel Legis*. Assim, só passarei para o leitor o assunto de uma forma muito generalizada. Um tratado aparte seria necessário apenas para discutirmos o verdadeiro significado dos termos empregados, e para mostrarmos como *O Livro da Lei* antecipa as recentes descobertas de Frege, Cantor, Poincaré, Russell, Whitehead, Einstein e outros. [Para o acima descrito veja “O Equinócio dos deuses” [Livros Quatro parte IV] e “A Lei é para Todos” [The Law is for All]. Consulte a nota III no final deste tratado.]

¹⁶¹ Nota de *Frater O.M.*: Todo avanço em compreensão exige a aquisição de um novo ponto de vista. As modernas concepções da matemática, da química e da física são simples paradoxos para o *homem comum* que pensa que a matéria é alguma coisa com a qual ele pode brincar.

¹⁶² Nota de *Frater O.M.*: Considerações sobre a Trindade Cristã são de natureza apropriada apenas a Iniciados do IXº O.T.O., uma vez que incluem o Segredo final de toda Magick Prática.



O número cinco está equilibrado com o quatro. Os atributos de cinco são Energia e Justiça. Quatro e cinco são combinados e harmonizados no número seis, cuja natureza é Beleza e harmonia, Mortalidade e Imortalidade.

No número sete a natureza feminina predomina novamente, mas é o tipo masculino da fêmea, a Amazona que é equilibrada no número oito pelo tipo feminino do macho.

No número nove alcançamos a última das qualidades puramente mentais. Este número identifica Mudança com Estabilidade.

Pendendo a este sistema está o número dez¹⁶⁴ que inclui toda matéria tal como a conhecemos através dos sentidos.

É impossível explicarmos aqui definitivamente a concepção acima; pois não pode ser claramente compreendido que isto é uma **classificação** do Universo; não existe coisa alguma que não possa ser colocada aí; tudo está incluído.

O artigo sobre Qabalah em *Equinox I(5)* é o melhor que já foi escrito sobre o assunto.¹⁶⁵ Deveria ser profundamente estudado em conexão com os Diagramas Qabalísticos nos números 2 e 3 do *“Templo do Rei Salomão”*.¹⁶⁶

O que foi escrito acima é o esboço cru e elementar deste sistema.

A fórmula do TETRAGRAMMATON¹⁶⁷ é a mais importante de todas para o Magista praticante. Aí, Yod=2, He=3, Vau=4 a 9 e He=10.

O número Dois representa Yod, o mundo divino ou arquetípico, e o número Um só pode ser atingido pela destruição do Magista em *Samadhi*. O mundo dos Anjos está sob os números de Quatro a Nove, e o dos Espíritos sob o número Dez^{168 169}.

¹⁶³ Nota de *Frater O.M.*: Cada concepção é, no entanto, equilibrada em si mesma. Quatro é também Daleth [d], a letra de Vênus, de forma que a idéia da mãe esta incluída. Novamente, a Sephira de quatro é Chesed, fazendo referência a água. 4 é regido por Júpiter, O Senhor do Raio (fogo), no entanto, regente do ar. Cada Sephira é completa à sua maneira.

¹⁶⁴ Nota de *Frater O.M.*: O Equilíbrio das Sefiras:

Kether (1): “*Kether está em Malkuth e Malkuth está em Kether, mas de outra maneira.*”

Chokmah (2): É YOD de TETRAGRAMMATON, e portanto, é também a UNIDADE.

Binah (3): É HE de TETRAGRAMMATON, a Mãe; mas HE é cinco, o número do PENTAGRAMA ou HOMEM, e também o número de Marte, o Deus másculo por excelência.

Chesed (4): É Daleth, Vênus, a Fêmea.

Geburah (5): É a Sephira de Marte, o Macho; mas cinco é a letra HE, a letra da Mãe e da Filha, é a Estrela no Tarot.

Tiphareth (6): É o Hexagrama, harmonizado, o mediador entre Kether e Malkuth. Também reflete Kether: “*Aquilo que está acima é como aquilo que está abaixo, e aquilo que está abaixo é como aquilo que está acima.*”

Netzach (7) e Hod – (8): Estão equilibrados como descrito no texto.

Yesod (9): Como no texto.

Malkuth (10): Contém todos os números.

¹⁶⁵ Nota de *Frater O.M.*: [*Liber 58*. Crowley nunca se referiu a ele com estes termos. Veja também *Liber 777* e sua edição revisada de 1955. Veja nota no final de número II.].

¹⁶⁶ Nota de S.H. *Shakta Ádynátha Amánáska, 947: Liber 58* inicialmente apareceu em *Equinox I(5)* e depois no *“Templo do Rei Salomão”*. Em uma edição deste livro feita por Hymenæus Beta esse *Liber 58* não constava. *Liber 58* faz parte da primeira edição de um livro de Crowley que se chama “*777 e outros escritos Qabalísticos*” onde constava também o “*777 Prolegomena Symbolica ad Systema Sceptico-Mysticæ Viæ Explicandæ, Fundamentum Hieroglyphicum Sanctissimorum Scientiæ Summæ*”. Para maior compreensão veja O Livro de Thoth e seria necessário que o estudante compreendesse o *Arranjo de Nápoles* para maior entendimento do capítulo 0 de *Magick em teoria e prática*.

¹⁶⁷ Nota de *Frater O.M.*: [O Nome Impronunciável (IHVH [Jehovah]).]

¹⁶⁸. Nota de *Frater O.M.*: Não é possível darmos aqui uma descrição completa dos 22 caminhos neste reduzido tratado. O assunto deve ser estudado com todos os atributos deles em *777*, mas em especial, as tabelas dos elementos, dos planetas, dos signos e também as cartas do Tarot, enquanto que suas posições na Árvore e as Sefiras que eles ligam são as Chaves para Compreensão. Será notado que cada capítulo deste livro III faz referência a cada Sephira. Isso não foi premeditado. Este livros foi, originalmente, uma coleção de diálogos entre *Frater Perdurabo* e *Soror Achita* (Roddie



Todos estes números são, é claro, partes do Magista, considerando-o como Microcosmo. **O Microcosmo é uma imagem exata do Macrocosmo; a Grande Obra consiste em levar o homem inteiro em completo equilíbrio à potência do Universo.**

O leitor observará que toda tentativa de criticar a Hierarquia Mágicka é fútil. Não se pode chamá-la de incorreta; o máximo que se poderia dizer é que ela é inconveniente. Da mesma forma, não podemos dizer que o alfabeto latino seja melhor ou pior do que o alfabeto grego para representar línguas ocidentais, pois todos os sons destas podem ser mais ou menos satisfatoriamente representados pelas letras de qualquer dos dois; no entanto, ambos se mostram tão insatisfatórios para representar os fonemas de idiomas orientais que foi necessário acrescentar o uso de *itálicos* e outras regras diacríticas. Da mesma maneira, nosso alfabeto Mágicko das Sephiroth e dos caminhos (trinta e dois no total) foi expandido nos Quatro Mundos que correspondem as quatro letras do nome **hwby**; e convencionou-se que cada Sephira contém a Árvore da Vida em si mesma.

Assim, temos quatrocentas Sephiroth ao invés das Dez originais, e os caminhos podendo ser similarmente multiplicados, ou antes, subdivididos, o número é expandido ainda mais. É claro que este processo poderia ser continuado indefinidamente sem destruir o sistema original.

A Apologia por este Sistema é que suas mais puras concepções são simbolizadas pela matemática. “Deus é o Grande Arquiteto”. “Deus é Grande Geométria”. É melhor portanto prepararmos-nos para entendê-lo organizando nossas mentes de acordo com essas medidas.¹⁷⁰

Continuando: Cada letra deste alfabeto pode ter seu símbolo Mágicko especial. O estudante não deve esperar que lhe demos uma definição dogmática definitiva e exata do que é significado por cada uma destas coisas. Pelo contrário, ele deve trabalhar em retrospecto, colocando toda a sua estrutura mental e moral nestas classes. Você não espera comprar um fichário com os nomes de todos os seus correspondentes passados, presentes e futuros registrados de antemão; p fichário contém um sistema de letras e números sem significados em si mesmos, mas prontos a adquirir significado para você à medida que vá preenchendo as fichas. Seus negócios se expandindo, cada letra e número adquirirá significado para você; e adotando este arranjo você terá todas as suas atividades “*na ponta dos dedos*”, por assim dizer, coordenadas e prontas a cada momento para exame, verificação e uso; muito mais do que você teria de outra forma. **Pelo uso deste sistema o Magista ultimamente é habilitado a unificar todo seu conhecimento a transmutar, mesmo no plano intelectual, os muitos do Um.**

O leitor poderá agora compreender que o esquema acima dado da Hierarquia Mágicka não é sequer um esboço da verdadeira teoria do universo. Esta teoria pode de fato ser estudada no artigo já mencionado, *Equinox I(5)* e, mais profundamente, no **Livro da Lei** e seus comentários pertinentes,^{171 172} mas a verdadeira compreensão depende inteiramente do próprio trabalho do Magista. Não havendo Experiência Mágicka, não pode haver significado.

Minor). Mas ao se unir este manuscrito, houve a necessidade desta divisão. Por outro lado, meu conhecimento do esquema indicou-me diversas lacunas em minhas exposições originais; graças a isso, eu pude fazer delas um tratado completo e sistemático. Isto é, quando minha preguiça foi despojada pelas críticas e sugestões de vários colegas, os quais, eu tive o prazer de submeter os manuscritos originais.

¹⁶⁹ Nota de S.H. Shakta Ádynátha Amánáska, 947: Para nota acima veja *The Confessions*.

¹⁷⁰ Nota de Frater O.M.: Pela palavra “*DEUS*” eu quero aqui significar a ideal identidade da natureza mais íntima de um homem. “*Algo nós mesmo* (eu omito aqui o ‘não nós mesmos’, imbecil e culpado, da definição original de *Edwin Arnold*) *que nos impele ao que é correto*”; correção sendo apropriadamente definida como coerência interna. (A coerência interna implica aquilo que está escrito: *Detegitur Yod*).

¹⁷¹ Nota de Frater O.M.: [Crowley escreveu vários comentários sobre *O Livro da Lei*, três dos quais já foram publicados. Aquele que não foi publicado é muito mais detalhado e sabe-se que sua existência é duvidosa. Veja nota no final deste tratado de número III.]



Nisto nada há de peculiar. O mesmo ocorre com todo conhecimento científico. Um cego poderia acumular dados sobre astronomia para passar em um exame, mas seu conhecimento estaria quase que inteiramente sem relação com sua experiência e certamente não lhe outorgaria a faculdade de visão. Um fenômeno similar pode ser observado quando um cavalheiro possuidor de um diploma honorário de Cambridge em línguas modernas chega em Paris e é incapaz de ordenar o seu jantar. Acusar o MESTRE THERION seria agir como uma pessoa que, observando o cavalheiro em questão, atacasse os professores de francês quanto os habitantes de Paris, e passasse talvez, a negar a existência da França.

Repetimos que a linguagem Mágicka não é mais que um sistema conveniente de classificação para habilitar o Magista a fichar suas experiências a medida que ele as obtém.

No entanto, isso também é fato: que uma vez a linguagem esteja dominada, nós podemos adivinhar o desconhecido por estudo do conhecido, como nosso conhecimento do latim e do grego nos habilita a compreender uma palavra inglesa derivada destes idiomas. Também, há o caso similar da Lei de periodicidade em Química, que habilitou cientistas a predizerem, e por fim descobriram, a existência na natureza de certos elementos previamente inexistentes. **Todas as discussões sobre filosofia são necessariamente estéreis, pois a verdade transcende a linguagem. Tais discussões são, entretanto, úteis, se empurradas ao extremo suficiente – se empurradas ao ponto em que se torna aparente que todos os argumentos são argumentos em círculo**¹⁷³. Nas discussões dos detalhes de qualidades puramente imaginárias são frívolas, e podem se tornar mortíferas. Pois o grande perigo desta teoria Mágicka é que o estudante pode tomar o alfabeto pelas coisas que as palavras representam.

Um excelente homem de grande inteligência, Qabalista mui letrado, em certa ocasião espantou o MESTRE THERION ao asseverar que a Árvore da Vida é a estrutura do universo. Isso é como se alguém afirmasse seriamente que um gato é uma criatura construída ao

¹⁷² Nota de S.H. *Shakta Ádynátha Amánáska, 947*: No Brasil este comentário sobre o Livro da Lei foi publicado por Tarcísio de Oliveira Araújo, que nunca foi um membro da O.T.O., apesar de dizê-lo. Ele fundou junto a Euclides Lacerda de Almeida a *Sociedade Novo Æon* e a *O.C.T.*, Ordem Mágicka vinculada a SNAe. Ele trabalhou com esta escola até sua morte em 2003 e.v. usando o mote de *Frater* Benhoor. Também diz possuir o Grau de *Zelator*, 2º=9 A.:A.:, seu mote é *Frater* S.S. Seu superior na Ordem, *Frater* T.:, confirmou a *Frater* Iskuros (Marcelo Santos) que Tarcísio não possui tal Grau referente a A.:A.:. Recentemente, há um documento na internet de Euclides Lacerda (assinado como *Frater* Aster IX° O.T.O.) nomeando Tarcísio (no documento indicado como *Frater* Benhoor IX° O.T.O.) e Marcelo A.C. Santos (*Frater* Iskuros IX° O.T.O.) como seus substitutos na O.C.T. Essa edição brasileira teve os mesmos parâmetros editoriais da publicação feita por Marcelo Motta nos EUA. (Marcelo Motta diz em uma nota no final da primeira edição de *O Equinócio dos Deuses* no Brasil que este *Livro da Lei com comentários* foi editado com o nome dele no subtítulo, fazendo assim a referência de que o livro foi comentado por ele e *Frater* Perdurabo.

Existe uma digressão de informações muito grande. Algumas pessoas pensam que esses comentários do *Livro da Lei* são uma publicação em Classe A e que foram feitos por Therion, porém, o *Livro da Lei* não poderia ser comentado como nos diz Ankh-f-n-khonsu no comento original. Sendo assim, o Livro foi comentado para uma publicação de Classe C, ou seja, feita por um adepto do colégio externo da A.:A.:, precisamente, *Frater* Perdurabo. É necessário lembrar também que estas informações não constam no *Liber CCVII*, ou seja, lá, em parte alguma existe a informação que este extenso comentário sobre o *Livro da Lei* faça parte de publicações em Classe A ou C. Como disse, há uma divergência de informações.

Esse livro foi editado várias vezes fora do Brasil. Em 1976 Marcelo Motta o publicou em Nova York com o nome *The commentaries of AL*; em 1975 Israël Regardie o publicou com o nome *The Law is for All* e a mesma edição foi feita em 1991; recentemente, já em 1996, ele foi publicado com o mesmo nome dado por Regardie, porém, o responsável pela edição desta recente publicação foi *Frater* Hymenæus Beta, *Frater* superior da *O.T.O. Califado*. Ainda houve uma edição no ano de 1974 em Montreal feita por Kenneth Grant e J. Symonds com o nome *Magical end Philosophical Commentaries on The Book of the Law*.

Recentemente, em 2002 e.v. esse livro foi novamente publicado no Brasil em uma edição limitada (156 exemplares) e privada para iniciados por *Frater* Sekhemkhet com o nome de *Os Comentários Mágickos & Filosóficos do Livro da Lei*. Todas estas edições são, de uma forma ou de outra o mesmo livro [*Equinox V(1)*]. A existência de um outro comentário ainda não foi comprovada.

¹⁷³ Nota de *Frater* O.M.: Veja “*O Soldado e o Corcunda*”, *Equinox I(1)*. O aparato da razão humana é simplesmente um sistema particular para a coordenação de impressões; sua natureza foi determinada pelo curso da formação da espécie. Não é mais ‘*absoluto*’ que a evolução da espécie. Não é mais ‘*absoluto*’ que o mecanismo de nossos músculos é um tipo ‘*completo*’, com o qual todos os outros sistemas de transmissão de força deveriam se conformar.



colocarmos as letras G.A.T.O. nesta ordem. Não espanta que a Magick tenha provocado o ridículo das pessoas menos inteligentes se até seus estudantes educados podem cometer uma violação tão grosseira das mais simples regras do bom senso^{174 175V}.

Uma sinopse dos Graus da A.:A.: como ilustrativos da Hierarquia Mágicka no homem é dada em “*Uma Estrela à Vista*”. Este opúsculo deveria ser examinado antes do leitor continuar com a leitura deste capítulo. O assunto é muito difícil. Tratar dele por inteiro estaria completamente além dos limites deste pequeno tratado.

Mais Sobre o Universo Mágicko

Todas estas letras do alfabeto Mágicko a que nos referimos acima são como nomes em um mapa. O homem é, ele mesmo, um completo Microcosmo. Poucos outros seres possuem essa equilibrada perfeição. É claro que todo Sol, todo Planeta, podem Ter habitantes similares constituídos¹⁷⁶. Mas quando nós falamos de lidar com planetas na Magick, em geral a referência não é aos planetas em si, mas as partes da terra que são da natureza atribuída a esses planetas. Assim, quando dizemos que *Nakhiel* é a “*Inteligência*” do Sol, não queremos dizer que *Nakhiel* vive no Sol, mas apenas que *Nakhiel* pertence a uma certa “*classe*” e tem um certo caráter; e se bem que nós podemos ‘*invocar Nakhiel*’, isso quer necessariamente dizer que ele ‘*existe*’ no mesmo senso em que nosso açougueiro ‘*existe*’.

Quando nós “*conjuramos Nakhiel a aparição visível*”, pode ser que o processo que usamos se assemelhe muito mais a criação – ou antes, a imaginação – do que a invocação. A aura de um homem é chamada de o “*Espelho Mágicko do Universo*”, e, tanto quanto podemos afirmar, nada existe fora desse espelho. É pelo menos conveniente representar o todo como se fosse o subjetivo. Causa menos confusão. E, como o homem é um perfeito Microcosmo¹⁷⁷,

¹⁷⁴ Nota de *Frater* O.M.: Bastante tempo o acima tenha sido escrito, uma imbecilidade ainda maior foi cometida. Alguém que deveria ter sido mais sábio tentou melhorar a Árvore da Vida virando a Serpente de Sabedoria de Cabeça para baixo! Ele não foi sequer capaz de tornar seus sistemas simétrico; o pouco que lhe restava de seu bom senso revoltou-se com as supremas atrocidades que resultaram. No entanto, ele conseguiu reduzir todo o alfabeto Mágicko a tolice, e demonstrou que nunca compreendera seu real significado. A absurdidade de qualquer modificação deste tipo de arranjo dos Caminhos será evidente a qualquer estudante sóbrio de exemplo como os que se seguem: Binah, a Compreensão Suprema está ligada a Tiphereth, a Consciência Humana por Zain [z], Gemini, os Oráculos dos Deuses ou a intuição. Isto é, a atribuição representa um fato psicológico: Substituí-la pelo Diabo é piado ou idiotice. Também, o trunfo *Força*, Leo, equilibra Majestade e Misericórdia com Força e Severidade: De que adianta colocar *Morte*, o escorpião, em seu lugar? Existem vinte outros erros na nova, maravilhosa atribuição “*iluminada de cima*”; o estudante pode portanto estar seguro que dará mais vinte novas gargalhadas se estudá-la. (*Veja nota IV no final deste tratado*).

¹⁷⁵ Nota de S.H. *Shakta Ádynátha Amánáska*, 947: Crowley se refere ao seu Filho Mágicko, Frater Achad (Charles Stansfeld Jones) em seu livro sobre Qabalah intitulado Q.B.L., ou *The Brides Reception*, em uma publicação privada em 1922. O apêndice dá seu reverso (contrário-averso) nas atribuições dos Caminhos. Por um relato de sua carreira ver Hymenæus Beta, Prolegômeno da segunda edição de *Liber Aleph vel CXI* (1991). Pela carreira Mágicka de Jones veja seu diário, *Liber 165, O Mestre do Templo*. Uma publicação desde diário foi feita em *Gems From the Equinox* editado por Israel Regardie em 1974 com uma segunda edição em 1989. É um livro com vários escritos de Aleister Crowley e incluindo todo o *Liber CLXXXV (Liber Collegii Sancti)*.

¹⁷⁶ Nota de *Frater* O.M.: Igualmente, é claro, nós não temos meios de saber o que realmente somos. Estamos limitados a símbolos. E é certo que todas as nossas percepções sensoriais dão apenas aspectos parciais de seus objetos. A visão, por exemplo, nos diz pouquíssimo sobre a solidez, o peso, a composição química, a capacidade elétrica, a condutividade térmica, etc. Não nos diz coisa alguma sobre a existência de idéias importantes como o calor, a solidez e assim por diante. A impressão que a mente coordena das mensagens dos sentidos não pode jamais ser apurada ou completa. De fato, as mais recentes descobertas científicas nos têm ensinado precisamente que nada é em si aquilo que nos aparenta ser.

¹⁷⁷ Nota de *Frater* O.M.: Ele o é apenas por definição. O Universo pode conter uma infinita variedade de idéias inacessíveis à apreensão humana. Mas por isso mesmo, tais idéias não existem para os propósitos de nossa discussão. O homem, no entanto, possui alguns instrumentos através dos quais ele pode obter conhecimento; podemos definir o Macrocosmo como a totalidade de coisas que o homem pode perceber. A medida que a evolução desenvolve nossos instrumentos de percepção, o Macrocosmo e o Microcosmo se ampliam; mas sempre mantêm sua relação mútua. Nenhum dos dois pode possuir qualquer significado a não ser em termos do outro. Nossas “*descobertas*” são tanto de nós mesmos como da natureza. A América e a Eletricidade existiam, em certo senso, antes de nos tornarmos cômicos delas; mas ambas são, mesmo agora, não mais que idéias incompletas, expressas em termos simbólicos de uma série de relações entre dois conjuntos de fenômenos inescrutáveis.



torna-se perfeitamente fácil remodelar nossa concepção a qualquer momento para incluir novas descobertas.

Agora, existe uma correspondência tradicional que recente verificação comprovou merecer certa confiança. Existe uma certa conexão natural entre certas letras, palavras, números, gestos, formas, perfumes, etc., de maneira que qualquer idéia, ou, como poderíamos chamá-las, “espírito”, pode ser composto ou invocado pelo uso dessas coisas que lhe são harmoniosas, e que expressam partes particulares de sua natureza.

Essas correspondências foram cuidadosamente registradas em 777, de uma maneira muito conveniente compreensiva. Será necessário que o estudante faça um estudo cuidadoso deste livro em conexão com alguns rituais práticos de Magick, por exemplo, o da evocação de *Taphtatharath*¹⁷⁸, onde ele verá exatamente porque estas coisas devem ser usadas. **Claro, à medida que o estudante progride em conhecimento através da prática, ele encontrará uma progressiva sutileza no Universo Mágicko, que corresponde à sua própria; pois, - diga-se uma vez mais! – não é só a aura do estudante um Espelho Mágicko do Universo, mas o universo é um Espelho Mágicko da aura dele.**

Neste capítulo nós podemos dar apenas uma pequena idéia da teoria Mágicka, pois neste assunto, podemos quase dizer, é co-extensivo com a existência inteira de cada um de nós.

O conhecimento da ciência exotérica está comumente limitado pelo fato de que não temos acesso, a não ser de maneira mais indireta, a qualquer corpo celeste senão o nosso. Nos últimos anos, o homem semi-educado adquiriu a impressão de que sabe muito sobre o universo, e o principal motivo desta impressão usualmente é o *sputnik* ou a bomba atômica. É triste termos sobre a bombástica tolice escrita sobre “progresso” por jornalistas e outras pessoas que desejam evitar que os homens pensem. **Nós sabemos pouquíssimo sobre o universo material. Nosso conhecimento detalhado é tão exíguo que quase não vale a pena mencioná-lo, a não ser que pelo fato nossa vergonha nos estimule a novos esforços. O pouco conhecimento¹⁷⁹ que nós temos de caráter abstruso e genérico, de caráter filosófico e, quase diríamos, Mágicko. Consiste principalmente nas concepções da matemática abstrata. É, portanto, quase legítimo dizermos que a matemática abstrata é nosso elo com o resto do universo e com “Deus”.**

Ora, as concepções da Magick são, elas mesmas, profundamente matemáticas. A base de toda nossa teoria é a Qabalah, que corresponde à matemática e à geometria. O método de operação na Magick está baseado na Qabalah, muito da mesma forma que as leis da mecânica estão baseados na matemática. Tanto, pois, quanto poderíamos dizer que possuímos uma teoria Mágicka do universo, ela estará circunscrita apenas a leis fundamentais, com umas poucas proporções simples e compreensíveis expressadas de maneira muito generalizada.

Eu poderia passar uma vida inteira experimentando os detalhes de um plano, da mesma maneira que um explorador poderia dedicar sua existência inteira a um recanto da África, ou um químico a um subgrupo de compostos. Cada uma de tais pormenorizadas peças do estudo pode ser muito valiosa; mas em regra não esclarece os princípios gerais do universo. Sua verdade é a verdade de um ângulo. Pode até conduzir ao erro, se alguma pessoa de menos inteligência começar a generalizar partindo de demasiados poucos fatos.

Imagine um marciano que desejasse filosofar sobre a terra, e não tivesse nada que se basear a não ser um diário de um terráqueo explorando o Polo Norte! Mas o trabalho de todo

¹⁷⁸ Nota de *Frater O.M.*: [Allan Bennett, “O Ritual de Evocação para a aparição visível do Grande espírito Taphtatharath” publicado em *Equinox I*(3).]

¹⁷⁹ Nota de *Frater O.M.*: Conhecimento é, além do mais, um conceito impossível. Todas as proposições do intelecto ultimamente se resumem em “A é A”.



explorador, sobre qualquer ramo da Árvore da Vida que seja, é imensamente auxiliado por uma compreensão dos princípios gerais. Todo Magista, portanto, deveria estudar a Santa Qabalah. Uma vez ele tenha dominado os princípios gerais, ele verá que seu trabalho se torna mais fácil.

Solitur ambulando: o que não quer dizer: “Chame a ambulância!”



CAPÍTULO I

Os Princípios do Ritual

EXISTE UMA única definição geral do propósito de qualquer Ritual Mágicko: É a união do Microcosmo com o Macrocosmo. O Supremo e Completo Ritual é portanto a Invocação do *Sagrado Anjo Guardião*¹⁸⁰; ou, na linguagem do misticismo, União com Deus¹⁸¹.

Todos os outros Rituais Mágickos são casos particulares deste princípio geral, e a única desculpa para utilizarmos consiste em que algumas vezes uma porção particular do Microcosmo é tão fraca que sua imperfeição de impureza viciaria o Macrocosmo, do qual ele é a imagem, *Eidolon*, ou reflexo. Por exemplo, Deus está além do sexo; portanto nem o homem e nem a mulher, como tais, podem ser considerados como abarcando por completo, muito menos como representando, Deus. É portanto de suma importância que o Magista macho cultive as virtudes femininas nas quais ele é deficiente, e esta tarefa ele deve, claro, executar sem prejudicar de forma alguma a sua virilidade. Será tão permissível que um Magista invoque Ísis e se identifique com ela; se ele fracassar nisto, sua apreensão do universo quando ele atingir Samadhi não incluirá a concepção da maternidade. O resultado será uma limitação metafísica e - por corolário - uma limitação ética na religião que ele fundar. Judaísmo e Islamismo são flagrantes exemplos desse fracasso.

Para dar outro exemplo, a vida ascética, que a dedicação à Magick tão freqüentemente provoca, indica uma fraca natureza íntima do Asceta, uma limitação, uma falta de generosidade. A natureza é infinitamente prodigiosa - nem sequer uma semente em um milhão chega a dar fruto. Quem tem dificuldade em perceber isso, que invoque Júpiter¹⁸².

O perigo da Magick Cerimonial - o perigo mais sutil e mais profundo - é este: o Magista naturalmente tenderá a invocar aquele ente parcial que mais fortemente o atrai, de forma que seu excesso natural naquela direção será exagerado ainda mais. **Portanto, que ele, ante de começar sua Obra, se esforce por traçar o plano de seu próprio Ser, e arranje suas invocações de maneira a restabelecer o balanço**¹⁸³.

Isto, é claro, deveria Ter sido feito, até certo ponto, durante a preparação das Armas e o mobiliário do Templo.

Considerando de uma maneira mais particular essa questão a natureza do Ritual suponhamos que o Magista se percebe sem aquela percepção do valor da Vida e da Morte, tanto de indivíduos como de raças, que é característico da natureza. Ele tem talvez uma tendência de acentuar a *“primeira nobre verdade”* enunciada por Buda de que *“tudo é sofrimento”*. A Natureza, aos seus olhos, é uma tragédia. Talvez ele já tenha experimentado o Grande Trance chamado Dor. Ele deveria então ponderar se não existe alguma Deidade que expressa esse Ciclo, e no entanto cuja natureza seja alegria. Ele encontrará o que ele necessita em Dionísio ou Bacchus. A distorção desses rituais forma o Mistério central da religião Cristã.

Existem três métodos especiais de invocar qualquer Deidade.

¹⁸⁰ Nota de *Frater O.M.*: Veja *O Livro da Magick Sagrada de Abramelin o Mago*, Liber 418, 8° Æthyr; e *Liber Samekh*.

¹⁸¹ Nota de *Frater O.M.*: A diferença entre estas operações é mais teórica do que a própria importância prática.

¹⁸² Nota de *Frater O.M.*: Há certas considerações, muito mais profundas, em que parece que *“Tudo o que é, está certo”*. Elas estão formuladas em outro lugar; podemos apenas resumi-las aqui dizendo que a sobrevivência dos mais aptos é resultado delas.

¹⁸³ Nota de *Frater O.M.*: O método ideal de se fazer isso está descrito em *Liber 913, Equinox I(7)*. Veja também *Liber CXI vel Aleph*.



O primeiro método consiste em devoção àquela Deidade, e sendo principalmente místico por natureza, não é necessário discuti-lo aqui, principalmente desde que uma perfeita instrução existe em *Liber 175*.¹⁸⁴

O segundo método é a invocação cerimonial. É o método que usualmente era empregado na Idade Média. Sua vantagem é que ele é um método direto, porém, sua desvantagem é ser cru. A “*Goécia*” da clara instrução neste método, e assim fazem muitos outros Rituais, negros e brancos. Mais adiante dedicamos algum espaço a clara exposição desta Arte.

No caso de Bacchus, entretanto, podemos esboçar o método de proceder. Observamos que o simbolismo de Tiphereth expressa a Natureza de Bacchus. É então necessário construir um Ritual de Tiphereth. Abrindo o *Liber 777* veremos, na linha 6 de cada coluna, as várias partes das correspondências necessárias. Tendo organizado tudo na devida forma, nós exaltamos a mente através de repetidas invocações ou conjurações até atingirmos a mais alta concepção daquele Deus; até que, em um senso ou outro da palavra, Ele nos aparece e inunde nossa consciência com a Luz de Sua Divindade.

O terceiro método é o dramático¹⁸⁵, talvez o mais atraente de todos; certamente assim o é para aqueles de temperamento artístico, pois apela à imaginação por meio dos sentidos.

Sua vantagem está principalmente na dificuldade de sua execução por uma só pessoa. Mais tem a sanção da mais alta antiguidade, e é provavelmente o mais útil para se fundar uma religião. É o método da Cristandade católica, e consiste na Dramatização da lenda do deus. A peça intitulada *Bacchæ*¹⁸⁶ de Eurípedes, é um magnífico exemplo de um Ritual dramático; assim também, se bem que em menos Grau, é a Missa romana. Nós podemos ainda mencionar muitos dos Graus da Maçonaria, principalmente o terceiro. O Ritual 5°=6°¹⁸⁷, é outro exemplo.

No caso de Bacchus, primeiro comemoramos seu nascimento de uma mãe mortal que entregou sua *Casa-de-Tesouro* ao Pai de Tudo; o ciúme e raiva excitados por esta encarnação, e a proteção celeste outorgada ao menino. Em seguida, deve-se comemorar a jornada em direção ao ocidente montando sobre um asno. Agora chega a grande cena do drama; o gentil, lindo mancebo com seus seguidores (principalmente mulheres) parece ameaçar a ordem estabelecida das coisas, e aquela Ordem estabelecida se prepara para por fim ao perigo. Vemos Dionísio confrontar o Rei enfurecido, não com desafio, mas com doçura; no entanto com uma sutil confiança, um riso disfarçado. Ele está coroadado de vinha. Ele fica afeminado com essas folhas que coroam sua cabeça? Mas as folhas ocultam chifres. O rei Penteu, que representa o respeito¹⁸⁸, é destruído por seu orgulho. Ele sobe as montanhas para atacar as mulheres que seguiram Bacchus, o mancebo que ele escarneceu, fustigou e encadeou, o qual no entanto apenas sorriu; e por estas mulheres, embriagadas de êxtase, divinamente enlouquecidas, ele é despedaçado.

Já nos parece impertinente ter dito tanto quando Walter Pater contou a história com tanta simpatia e percepção. Não nos alongaremos em demonstrar a identidade desta lenda com o curso da natureza, com a loucura desta, com sua prodigalidade, sua intoxicação, sua alegria, e acima de tudo sua sublime persistência através dos ciclos de Vida e Morte. O leitor pagão deve se esforçar por isto nos *Estudos Gregos* de Pater, e o leitor cristão o reconhecerá, incidente por incidente, como o conto de Cristo. Essa lenda é simplesmente a dramatização da primavera.

¹⁸⁴ Nota de S.H. Shakta Ádynátha Amánáska, 947: [*Liber Astarté vel Berilly Svb Figura CLXXV.*]

¹⁸⁵ Nota de Frater O.M.: Esse método é o termo da Fórmula de comemoração. Veja capítulo II.

¹⁸⁶ Nota de Frater O.M.: Os Bacanais.]

¹⁸⁷ Nota de Frater O.M.: Publicado em *Equinox I*(3).

¹⁸⁸ Nota de Frater O.M.: Existe uma interpretação muito mais profunda em que Penteu é, ele mesmo, o “*deus sacrificado*”. Veja meu poema “*Boa Caçada*” e *The Golden Bouch*, do Dr. J. C. Frazer.



O Magista que deseja invocar Bacchus através do método dramático deve portanto organizar uma cerimônia em que ele assuma o papel de Bacchus, incorre as peripécias do Deus, e emerge triunfante além da morte. Ele deverá, entretanto, estar em guarda contra a possibilidade de confundir o simbolismo. Nesta lenda, por exemplo, a doutrina de imortalidade individual foi inserida para degradação da verdade primitiva. Não é aquela parte completamente sem valor do homem, sua consciência individual como John Smith, que desafia a morte – aquela consciência morre e renasce com cada pensamento! – O que persiste (se alguma coisa persiste) é a verdadeira essência de John Smith, uma qualidade da qual ele provavelmente nunca se tornou consciente a sua vida inteira.¹⁸⁹

Mesmo aquilo não persiste sem mudança. Está sempre crescendo. A Cruz é um graveto seco, e as pétalas da Rosa cæm e apodrecem; mas na união da Cruz e da Rosa há uma constante sucessão de novas vidas¹⁹⁰. Sem esta união, e sem esta morte do indivíduo, o ciclo seria interrompido.

Nós dedicaremos um capítulo à remoção das dificuldades práticas deste método de Invocação. Sem dúvida, terá sido notado pela astúcia do leitor que no essencial estes três métodos são um. Em cada caso, o Magista *se identifica* com a Deidade invocada. *Invocar é chamar para dentro*, interiorizar, da mesma forma que *evocar é chamar para fora*, exteriorizar. Essa é a diferença essencial entre os dois ramos da Magick. Em Invocação o Macrocosmo inunda a Consciência. Em Evocação, o Magista, tendo se tornado o Macrocosmo, cria um Microcosmo. Você *invoca* um Deus para dentro do círculo. Você *evoca* um Espírito para dentro do Triângulo. No primeiro método, identidade com o Deus é conseguida por amor e rendição, por abandono ou supressão de todas as partes irrelevantes (e ilusórias) de você mesmo. É o mesmo que limpar um jardim.

No segundo método, a identificação é conseguida por concentração na parte desejada de você mesmo: positivo, enquanto o primeiro método é negativo. O segundo método equivale a colocar uma flor particular do jardim em um pote e regá-la, e expô-la ao Sol.

No terceiro método, a identificação é conseguida por simpatia. É muito difícil para o homem ordinário identificar-se por completo com o personagem de uma peça ou de uma novela; mas para aqueles que assim podem fazer, este método é indubitavelmente o melhor.

Observe: cada elemento deste ciclo é de valor idêntico. É errôneo dizer, triunfante, “*Mors janua vitæ*”¹⁹¹, a não ser que você acrescente, com igual triunfo, “*Vita janua mortis*”. Para aquele que compreende esta cadeia de Æons do mesmo ponto de vista da Ísis sofredora e do Osíris triunfante, sem esquecer o elo entre eles representado pelo destruidor Apóphis, não existe nenhum segredo da natureza que permaneça velado. Ele grita aquele nome de Deus que através da história tem sido ecoado de uma religião a outra, o infinito, essurgente pæan I.A.O.!¹⁹²

¹⁸⁹ Nota de *Frater O.M.*: Veja O Livro das Mentiras (*Liber 333*) para diversas elucidações para este assunto. Em particular os capítulos A, Δ, H, IE, IΦ [IΣ], IH, KA, KH εΛ. A reencarnação do Khu ou Ente Mágicko é um assunto inteiramente diverso, complicado em demasia para ser tratado neste manual elementar.

¹⁹⁰ Nota de *Frater O.M.*: Veja *Liber 333* para este assunto. Toda a teoria da morte deve ser estudada em *Liber Aleph*.

¹⁹¹ Nota de *Frater O.M.*: [*Mors janua vitæ* (A Morte é a porta da Vida). *Vita janua mortis* (A Vida é a porta da Morte).]

¹⁹² Nota de *Frater O.M.*: Este nome, I.A.O., é Qabalisticamente idêntico àquele da BESTA com seu número 666, de forma que quem invoca o primeiro, também invoca o segundo. Também com AIWAZ e o número 93. Veja capítulo V.



CAPÍTULO II

As Fórmulas das Armas Mágicas

ANTES DE DISCUTIRMOS as Fórmulas Mágicas em detalhe, devemos observar que rituais em sua maioria são compostos, e contém muitas Fórmulas que devem ser harmonizadas em uma única Fórmula.

A primeira Fórmula é da Baqueta. Na esfera do princípio que o Magista deseja invocar ele se ergue de estágio a estágio em uma linha perpendicular, e depois desce; ou então, começando do topo, ele desce diretamente, *invocando* o Deus daquela esfera por *devota súplica*¹⁹³ para que Ele se digne enviar o Arcanjo apropriado. Ele então solicita ao Arcanjo que lhe envie o Anjo ou Anjos daquela esfera como auxílio; Ele conjura este anjo ou Anjos que lhe envie a Inteligência em questão, e esta Inteligência ele *conjurará com autoridade*, para que ela compile a obediência do Espírito e sua manifestação. A este espírito ele *dá ordens*.

Será visto que esta é mais uma Fórmula de evocação do que de invocação. Para invocação, o procedimento, se bem que aparentemente é o mesmo, deveria ser interpretado de outra forma, o que o colocará sobre outra Fórmula, a do TETRAGRAMMATON. A essência da força invocada é única, mas o *Deus* representa o germe ou início da força, o *Arcanjo* o desenvolvimento desta, e assim até que, com o *Espírito*, nós temos a compleição e perfeição daquela força.

A Fórmula do Cálice não é tão apropriada quanto a da Baqueta para Evocações, e a Hierarquia Mágica não está envolvida da mesma forma; pois o Cálice sendo passivo antes que ativo, não é apropriado que o Magista o utilize para com o que quer que seja senão o Altíssimo. No trabalho prático, o Cálice representa pouco mais que a oração, e esta oração é *“a oração do silêncio”*.^{194 195}

Novamente, a Fórmula da Adaga não é apropriada a nenhum dos dois propósitos, uma vez que a natureza da Adaga é criticar, destruir, dispersar, e todas as verdadeiras cerimônias Mágicas tendem a concentração. A Adaga portanto aparecerá principalmente nas Banições, preliminares às Cerimônias.

A Fórmula do Pantáculo é, novamente, de pouco uso aqui; pois o Pantáculo é inerte. Em suma, a Fórmula da baqueta é a única com a qual necessitamos nos preocupar mais particularmente.¹⁹⁶

Agora, afim de se invocar qualquer ente, é dito por Hermes Trismegistus que os Magos¹⁹⁷ empregam três métodos. O primeiro é para as pessoas vulgares, é o da súplica. Nisto, a crua teoria objetiva é assumida como verdadeira. Existe um Deus chamado A, a quem você, B, pede coisas, precisamente no mesmo senso em que um menino poderia pedir ao seu pai uma mesada.

¹⁹³ Nota de *Frater* O.M.: Cuidado! Irmão não te ajoelhas! *Liber CCXX* ensina a atitude apropriada. Veja também *Liber CCCLXX*. Mais adiante, além disto, há instrução especial no assunto: Capítulo XV e outros.

¹⁹⁴ Nota de *Frater* O.M.: Considerações que poderiam levar a uma conclusão oposta não são adequadas a este tratado elementar. Veja *Liber LXXXI*.

¹⁹⁵ Nota de S.H. *Shakta Ádynátha Amánáska*, 947: *Liber 81*. Publicado por Crowley em *Moonchild* (A Filha da Lua). Essa é uma das únicas narrativas de Crowley considerada pela crítica internacional *“Uma excelente exposição Mágica”*, nota de um extinto jornal ocultista da Califórnia nos EUA.

¹⁹⁶ Nota de *Frater* O.M.: Adiante, estas observações são ampliadas, e até certo ponto modificadas.

¹⁹⁷ Nota de *Frater* O.M.: [Magi.]



O segundo método envolve um pouco mais de sutileza, porquanto o Magista busca harmonizar-se com a natureza do Deus, e até certo ponto exalta sua consciência no decurso da cerimônia; mas o terceiro método é o único que merece nossa consideração

Isto consiste em uma **real identificação do Magista com o Deus. Note que para conseguir isto com perfeição é necessário uma espécie de Samadhi; e este fato por si só é o suficiente para ligar irrevogavelmente a Magick com o Misticismo.**

Descrevemos o método Mágicko de identificação. Primeiro, a forma simbólica do Deus é estudada com tanto cuidado quanto um artista daria ao seu modelo, de maneira que uma idéia mental completamente firme e clara do Deus esteja presente na mente. Também, os atributos do deus são formulados em linguagem, e tais discursos são decorados por completo. A invocação então começará com uma oração ao Deus, comemorando os atributos físicos deste, sempre com uma profunda compreensão dos verdadeiros significados desses atributos. Na *segunda parte* da invocação, a vós do Deus é ouvida, e seu discurso característico é recitado.

Na *terceira parte* da invocação o Magista assevera sua identidade com o Deus. Na *quarta parte*, o Deus é novamente invocado, mas desta vez como se fosse Si Mesmo, como se fosse a enunciação da Vontade do deus que Ele se manifeste no Magista. Ao final disto, o propósito original da invocação é afirmado.

Assim, na invocação de Thoth que é encontrada no ritual de Mercúrio¹⁹⁸ e em *Liber LXIV*¹⁹⁹, a primeira parte começa com as palavras “*Majestade da Divindade, TAHUTI coroadado de saber, Tu, Tu eu invoco. Ó Tu cabeça de Íbis, Tu, Tu eu invoco*”, etc. A conclusão desta parte, uma imagem mental do Deus, infinitamente vasta e infinitamente esplendida, deveria ser percebida, no mesmo senso em que um homem poderia ver o Sol.

A segunda parte começa com as palavras:
“*Vede! Eu sou ontem, hoje e o irmão do amanhã.*”

O Magista deveria imaginar que ele está ouvindo esta voz, e ao mesmo tempo que ele a está ecoando, de forma que é verdadeira dele mesmo. Este pensamento deveria exaltá-lo a tal ponto que ele se torne capaz, à sua conclusão, de pronunciar as sublimes palavras que abrem a terceira parte: “*Vede! Ele está em mim, e eu nele.*” Neste momento, ele perde a consciência de seu ser mortal; é aquela imagem mental que ele previamente apenas viu. Esta divina consciência se completa a medida que ele prossegue: “*Minha é a Luz na qual Ptah flutua sobre seu firmamento. Eu viajo no alto. Eu caminho sobre o firmamento de Nu. Eu ergo uma flama faiscante com os relâmpagos do meu olho: sempre me arremessando no esplendor do diariamente Glorificado Ra, dando minha vida àqueles que pisam sobre a Terra!*” Este pensamento dá a relação entre Deus e o Homem do ponto de vista Divino.

O Magista só é chamado de a si mesmo à conclusão da terceira parte; em que ocorre, quase como um acidente, a frase: “*Portanto todas as coisas obedecem às minhas palavras.*” No entanto, na quarta parte, ele principia: “*Portanto vem tu a mim,*” não é realmente o Magista que se dirige ao Deus; é o Deus que ouve as palavras, muito distantes, do Magista. Se esta invocação foi corretamente executada, as palavras da quarta parecerão distantes e estranhas. É surpreendente que um boneco (assim o Mago agora aparece a si mesmo) seja capaz de falar!

Os Deuses egípcios são tão completos em sua natureza, tão perfeitamente espirituais e no entanto tão perfeitamente materiais, que esta única invocação é o suficiente. O Deus pondera que o Espírito e mercúrio deveria agora aparecer ao Magista; e assim ocorre. Está Fórmula

¹⁹⁸ Nota de Frater O.M.: *Equinox I(6)*, [suplemento especial, *Liber 850*, “Os Rituais de Eleusis”].

¹⁹⁹ Nota de S.H. Shakta Ádynátha Amánáska, 947: *Liber Israfel Svb Figura LXIV*.



egípcia é portanto preferível à Fórmula hierárquica dos hebreus, com suas tediosas preces, conjuração e maldições.

Será notado, entretanto, que nesta invocação de Thoth que mencionamos, está contida outra Fórmula, a fórmula recíproca que pode ser chamada de a Fórmula de Horus e Harpócrates. O Magista dirige-se ao deus com uma projeção ativa de sua Vontade; e então se faz passivo enquanto o Deus se dirige ao Universo. Na quarta parte ele permanece silente, escutando a oração que ergue do Universo.

A Fórmula desta invocação de Thoth também pode ser classificada sob o TETRAGRAMMATON. A primeira parte é Fogo: a ardente oração do Magista; a segunda é Água, em que o Magista escuta, ou vê, o reflexo do Deus. A terceira parte é Ar, o casamento de Fogo e Água; o Deus e o Homem se tornam um; enquanto a quarta parte corresponde à Terra, à condensação ou a materialização daqueles três princípios mais altos.

No que concerne às Fórmulas hebraicas, é duvidoso se a maior parte dos Magistas que as empregam compreendem os princípios fundamentais do método de identidade. Nenhuma passagem de tais invocações que indique isto ocorrem à memória; e os Rituais existentes não dão o menor sinal de uma tal concepção, ou de qualquer ponto de vista a não ser o mais pessoal e mais grosseiro quanto à natureza das coisas. Os hebreus parecem ter pensado que havia um Arcanjo chamado Ratziel exatamente n mesmo senso em que ouve um estadista chamado Richelieu; um ente individual vivendo em um certo lugar. Ratziel possivelmente tinha certos poderes de um tipo mais ou menos metafísico – ele podia aparecer em dois lugares ao mesmo tempo²⁰⁰, por exemplo, se bem que mesmo a possibilidade de um feito tão simples (para espíritos) parece ser negada por certas passagens de conjurações existentes, que dizem ao espírito que, se por um acaso ele estiver encadeado em algum ponto do Inferno, ou se algum outro Magista o está conjurando, de maneira que ele não pode vir, então que ele mande um espírito de natureza semelhante à sua, ou evada a dificuldade de outra forma qualquer. Mas é claro que uma concepção tão vulgar não ocorreria ao estudante da Qabalah. Possivelmente os Magos que escreveram estas conjurações grosseiras tencionavam evitar que a mente do principiante se perturbasse por dúvidas e especulações metafísicas.

Aquele que se tornou MESTRE THERION foi em certa ocasião confrontado precisamente por esta dificuldade. Estando resolvido em instruir a humanidade, Ele buscou uma maneira simples de expressar o seu propósito. Sua Vontade estava suficientemente infundida de bom senso para decidi-lo a ensinar aos homens *O Próximo Passo*, o que está imediatamente além dele. Ele poderia Ter chamado isso de “Deus”, ou “Eu Superior”, ou “Algóides”, ou “Adi-Budha”²⁰¹, ou 61 outras coisas – mas ele descobrira que estas são todas uma só, no entanto, que cada uma representa uma teoria do Universo que ultimamente tem sido despedaçado pela crítica – pois ele já havia passado pelo plano da razão, e sabia que toda afirmação contém uma obscuridade. Ele disse portanto: “*Eu chamarei esta Obra de ‘A Consecução do Conhecimento e da conversação do sagrado Anjo Guardião’*”, porque a teoria implicada nestas palavras é tão absurda que somente pessoas muito ingênuas perderiam tempo analisando-a. A expressão seria aceita como uma convenção, e ninguém incorreria o sério perigo de fundar um sistema filosófico baseando-se nela.

Isto compreendido, podemos reabilitar o sistema hebraico de invocações: **A mente é o grande inimigo; portanto, invocando entusiasticamente uma pessoa que nós sabemos que não existe, nós estamos refutando aquela mente.** Porém, não devemos deixar de filosofar de todo à Luz da Santa Qabalah. Nós deveríamos aceitar a Hierarquia Mágicka como uma classificação mais ou menos conveniente dos fatos do Universo tais como eles nos são

²⁰⁰ Nota de *Frater O.M.*: Ele poderia fazer isto na medida que pudesse se mover mais rápido que a luz. Veja o tratado de A.S. Eddington intitulado *Space, time and Gravitation* (Espaço, tempo e Gravidade). E além do mais: O que significa “ao mesmo tempo”?

²⁰¹ Nota de *Frater O.M.*: [“Algoeides” vem de “Augos”, a Luz matutina, a “Alba”. “Adi-Budha” é “A Raiz-Buda” ou o Buda primário, ou seja, aquele que ilumina a si próprio como o oposto ao Buda histórico.]



conhecidos; e à medida que nosso conhecimento e compreensão destes fatos aumenta, deveríamos esforçarmo-nos por ajustar nossas idéias daquilo que nós queremos dizer com qualquer símbolo.

Ao mesmo tempo, lembremo-nos de que **existe uma definida concordância da correlação dos vários itens da hierarquia com os fatos observados da Magick, uma concordância que é demonstrada pela experimentação.** No simples assunto de visões astrais, por exemplo, um caso significativo pode ser mencionado.

Sem lhe dizer o que era, o MESTRE THERION em certa ocasião recitou, à guisa de invocação, a “*Ode a Vênus*”, diante de um Probacionista da A.:A.: que ignorava a língua grega. Recitada a Ode, o discípulo saiu em uma viagem astral, e tudo o que ele viu, sem qualquer exceção, estava em harmonia com Vênus. Isto foi correto nos mínimos detalhes. Ele obteve ata as quatro escalas de cor de Vênus com absoluta correção. Considerando que ele viu apaixonadamente cem símbolos ao todo, as probabilidades de coincidência são quase nulas. Uma tal experiência (e os arquivos da A.:A.: contém dúzias de casos similares) proporciona prova, tão absoluta tanto quanto qualquer prova pode ser neste mundo de ilusão, de que as correspondências em *Liber 777* representam fatos da natureza.

É possível que este sistema “*direto*” de Magick jamais tenha sido realmente empregado. Pode ser sugerido que as invocações que nos chegaram às mãos são apenas as ruínas dos Templos da Magick. Os exorcismos podem ter sido escritos para o propósito de serem memorizados, enquanto era proibido fazer qualquer registro das partes verdadeiramente importantes da cerimônia. Os detalhes de ritual que nós possuímos são escassos e pouco convincentes; se bem que muito sucesso tem sido conseguido de maneira esotérica convencional tanto por Frater Perdurabo quanto por muito de seus colegas. No entanto, cerimônias deste tipo têm permanecido sempre tediosas e difíceis. Parece que o sucesso é adquirido quase a despeito da cerimônia. Em qualquer caso, foram as partes mais misteriosas do Ritual que evocaram a força divina. Conjurações com a “*Goécia*” nos deixam indiferentes, se bem que, notavelmente na segunda conjuração, existe uma grosseira tentativa de usar aquela Fórmula de comemoração de que falamos no capítulo precedente.



CAPÍTULO III

A Fórmula do TETRAGRAMMATON²⁰²

ESTA FÓRMULA é de tipo extremamente Universal, pois todas as coisas estão necessariamente compreendidas nela, mas seu emprego em uma cerimônia Mágicka é mal compreendido.

O clímax da fórmula está, em certo senso, antes mesmo da formulação do Yod. Pois o Yod é o aspecto mais divino da força – as letras restantes são apenas uma solidificação da mesma coisa. Deve ser entendido que nós falamos da cerimônia inteira, compreendida como uma unidade; não meramente daquela Fórmula em que o Yod é o Deus invocado, Hé o Arcanjo, etc. Afim de compreendermos cerimônias sob esta Fórmula, devemos obter uma perspectiva mais extensa das funções das quatro Armas do que fizemos até agora.

A Fórmula do Yod é a formulação da primeira força criadora, aquele Pai que é chamado “Nascido de si mesmo”, e ao qual é dito: “Tu formulastes teu Pai, e fertilizastes tua Mãe.” A adição do Hé ao Yod é o casamento daquele Pai com a Grande Mãe que lhe é igual, que reflete Nuit como ele reflete Hadit. Sua união engendra o Filho Vau, que é o herdeiro. Finalmente a Filha Hé é produzida. Ela é tanto a irmã gêmea quanto a Filha de Vau.²⁰³

A missão dele é redimi-la tornando-a sua Noiva; o resultado disso é coloca-la sobre o Trono da Mãe; e é apenas o jovem abraço desta Filha que pode despertar novamente a velhice do Pai de Tudo. Nesta complexa relação familiar²⁰⁴ o curso inteiro do Universo esta simbolizado. Será visto que (afinal de contas) o Clímax vem no fim. A segunda parte da Fórmula é a que simboliza a Grande Obra que estamos jurados a executar. O primeiro passo para isso é a Consecução do Conhecimento e da Conversação com o Sagrado Anjo Guardião, que constitui o Adepto da Ordem Interna²⁰⁵.

A reentrada destes esposos gêmeos no Útero da Mãe é aquela iniciação descrita em *Liber 418*, que dá admissão à Ordem Suprema da A.:A.:.

Do último passo não podemos falar.²⁰⁶

Será agora percebido que planejar uma cerimônia de Magick prática que corresponda ao TETRAGRAMMATON neste elevado senso seria difícil, senão, impossível. Em uma tal cerimônia, os Rituais de purificação, por si só, poderiam ocupar muitas encarnações.

Será necessário, portanto, direcionarmos ao aspecto mais simples do TETRAGRAMMATON, lembrando-nos apenas de que o Hé final é o Trono do Espírito, o Shin do Pentagrammaton.²⁰⁷

O Yod representará uma energia criadora violenta e rápida; a seguir vem um fluir da Vontade mais calmo e mais refletido, porém, mais poderoso, a força irresistível de um grande rio. Este estado mental será seguido por uma expansão da consciência; ela penetrará todo espaço, e isso finalmente passará por uma cristalização resplandecente

²⁰² Nota de *Frater* O.M.: **yhMh** Yod, Hé, Vau, Hé, o Nome Inefável, (Jehovah) dos hebreus. As quatro letras são referentes respectivamente aos quatro elementos: Fogo, Água, Ar e Terra.

²⁰³ Nota de *Frater* O.M.: Existe ainda outro mistério aqui, muito mais profundo e é reservado aos Iniciados.

²⁰⁴ Nota de *Frater* O.M.: A Fórmula do TETRAGRAMMATON, tal como ordinariamente compreendida, terminando com a aparição da Filha, é na realidade uma degradação.

²⁰⁵ Nota de *Frater* O.M.: [R.R. et A.C.]

²⁰⁶ Nota de *Frater* O.M.: [Porque está mais além do pensamento.]

²⁰⁷ Nota de *Frater* O.M.: [O PENTAGRAMMATON é o TETRAGRAMMATON mais a letra hebraica Shin, ou seja, a palavra de cinco letras hebraicas que designa Deus, Jeheshuah, Qabalisticamente IShVH (**hvr#hy**).]



com Luz Interna. Tais modificações da Vontade original podem ser observadas no curso das invocações quando estas são devidamente executadas.

Os perigos peculiares a cada estágio são óbvios – o primeiro estágio pode ser fogo de palha, pouco durando e logo se extinguindo, o segundo pode resultar em “*sonhos acordados*”; o perigo do terceiro é perda de concentração. Um erro em qualquer um destes estágios impedirá, ou prejudicará, a formação correta do quarto estágio.

Na expressão que usaremos no capítulo IV: “*Inflama-te*”, etc., apenas o primeiro estágio é especificado; mas se este é devidamente executado, os outros seguirão como que por necessidade. Aqui termina nossa explicação da fórmula do TETRAGRAMMATON.



CAPÍTULO IV

A Fórmula de ALHIM e de ALIM

ALHIM (Elohim) é a palavra exotérica para “Deuses”²⁰⁸. É o masculino plural de um substantivo feminino, mas sua natureza é principalmente feminina²⁰⁹. É um perfeito hieróglifo do número 5. Isto deveria ser estudado em “*Uma Nota sobre a Gênese*”.²¹⁰

Os elementos estão todos representados, como um TETRAGRAMMATON, mas não há desenvolvimento de um para outro. Eles estão, por assim dizer, misturados – indisciplinados, simpatizando uns com os outros apenas em virtude de sua energia selvagem, tempestuosa, mas elasticamente irresistida. A letra centra é *Hé* – a letra do alento – e representa o Espírito. A primeira letra, *Aleph*, é a letra natural do Ar, o *Men* final é a letra natural da Água. Juntos, *Aleph* e *Men* fazem *Am* – a Mãe dentro de cujo útero o Cosmo é concebido. Mas *Yod* não é a letra natural do Fogo. Sua justaposição com *Hé* santifica aquele Fogo ao *Yod* de TETRAGRAMMATON. Similarmente, nós vemos *Lamed* correspondendo a Terra, onde deveríamos esperar *Tau* – afim de dar ênfase à influência de Vênus, que rege Libra.

ALHIM, portanto, representa melhor uma Fórmula de consagração que uma cerimônia completa. É o alento da bênção; mas tão potente que pode dar vida ao barro e luz à escuridão.

Usada no consagrar de uma arma, *Aleph* é a força devastadora do raio, o relâmpago que flameja do oriente ao ocidente. É a concessão do poder de controlar o raio de Zeus ou Indra, o Deus do Ar. *Lamed* é o Flagelo, a força que impele; e é também a Balança, representando o Amor e a Vontade do Magista. É o cuidado carinhoso que ele outorga ao aperfeiçoamento de seus instrumentos e o equilíbrio daquela ardente força que indica a cerimônia.²¹¹

Yod é a energia criadora – o poder procriador; e no entanto *Yod* é a solidão e o silêncio do Eremita na qual o Magista se encerrou. *Mem* é a letra da Água, e é o *Mem* final, cujas longas linhas planas sugerem o Mar quieto: **s**; não o *Mem* comum (inicial e mundial) cujo hieróglifo é uma onda **m**²¹². E no centro de tudo paira o Espírito, que combina a meiguice do cordeiro com os Chifres do Carneiro Selvagem, e é a letra de Bacchus ou Cristo.²¹³ Quando o Magista acaba de criar seu instrumento e o equilibra de verdade, enchendo-o com raios de sua Vontade, então a arma é posta aparte para descansar; **e neste silêncio, há uma verdadeira consagração.**

A Fórmula do ALIM

²⁰⁸ Nota de *Frater* O.M.: Os “*Deuses*” são as forças da natureza; seus “*nomes*” são as Leis Naturais. Portanto Eles são Eternos, onipotentes, onipresentes e assim por diante; e portanto suas “*Vontades*” são imutáveis a absolutas.

²⁰⁹ Nota de *Frater* O.M.: Representa Shakti, ou Teh; a feminilidade sempre significa forma, manifestação. O Siva masculino, ou Tão, é sempre uma força oculta.

²¹⁰ Nota de *Frater* O.M.: [Um ensaio de Allan Bennett em *Equinox I(2)*.]

²¹¹ Nota de *Frater* O.M.: As letras Aleph e lamed são infinitamente importantes neste Æon de Horus; são em verdade a Chave do *Livro da Lei*. Podemos dizer aqui apenas que Aleph é Harporcrates, Bacchus Diphues, o Espírito Santo, o “*Tolo Puro*” ou Bebê Inocente que é também o Bardo Errante que impregna a Filha do Rei, satisfeita por Ele, segurando a “*Espada e a Balança*”. Estas armas são o Juiz, armado com o poder de executar Sua Vontade, e Duas testemunhas, “*nas quais toda verdade será estabelecida*”, de acordo com o testemunho das quais ele passa julgamento.

²¹² Nota de *Frater* O.M.: No simbolismo expresso acima, *Yod* é a “*Palavra Virgem*” mercurial, e Espermatóide que oculta sua Luz sob um manto; o *Mem* é o fluído amniótico, o fluído em que flutua a Arca que transporta a vida. Veja “*A Nave*”, de Aleister Crowley, *Equinox I(10)*.

²¹³ Nota de *Frater* O.M.: A letra Hé é a Fórmula de Nuit, que torna possível o processo descrito nas notas precedentes. Mas não é permissível explicar por completo aqui a maneira ou assunto exato deste Ajustamento. Eu prefiro as atribuições esotéricas que são informações suficientes para o principiante.



É extremamente interessante comparar com o acima a Fórmula dos Deuses elementais desprovidos do espírito criador. Poder-se-ia supor que, como ALIM é o masculino plural do substantivo masculino AL, sua Fórmula seria mais viril que a de ALHIM, que é o masculino plural do substantivo feminino ALH. Um momento de pesquisa é suficiente para dissipar a ilusão. A palavra “*masculino*” não tem significado a não ser em relação a algum correlativo feminino.

A palavra ALIM, de fato, pode ser considerada como neutra. Por uma convenção decididamente absurda, objetos neutros são tratados como se fossem femininos, devido à sua superficial semelhança em passividade e inércia com a fêmea ainda não fertilizada. Mas a fêmea produz vida pela intervenção do macho, enquanto o neutro somente o faz quando impregnado pelo Espírito. Assim nós vemos o feminino AMA se tornar AIMA²¹⁴ através da operação do Yod fálico enquanto ALIM, o congresso dos elementos mortos, apenas dá fruto através da presença do Espírito.

Isto sendo assim, como podemos descrever ALIM contendo uma Fórmula Mágicka? Investigação desvela o fato que esta Fórmula é de tipo muito especial.

A soma da palavra 81, que é o número da lua. Resulta ser a Fórmula da bruxaria, que está sob Hecate²¹⁵. É apenas a perversão romântica da ciência na época medieval que criou a tradição de que mulheres jovens são bruxas. A bruxaria propriamente dita está restrita a mulheres que já não são mulheres no senso Mágicko da palavra, porque não são mais capazes de corresponder à fórmula do macho; e portanto são entes neutros, ao invés de femininos. É por este motivo que o método delas tem sempre sido mencionado como o método da lua, no senso do termo em que o globo lunar é considerado não como a contraparte feminina do sol, mas como o satélite apagado da terra, morto, sem ar.

Nenhuma verdadeira operação Mágicka pode ser executada pela Fórmula de ALIM. **Todas as obras da bruxaria são ilusórias; e seus efeitos aparentes dependem da noção de que é possível mudar as coisas pelo aparente mero re-arranjo delas.** Não devemos depender da falsa analogia dos Xylenes para refutar este argumento. O fato que os isômeros geométricos agem de diferentes formas para com as substâncias com as quais eles são postos em relação. E está claro que algumas vezes é necessário re-arranjar os elementos de uma molécula antes que ela possa formar, quer o elemento masculino, quer o feminino em uma verdadeira combinação Mágicka com alguma outra molécula.

Portanto é ocasionalmente inevitável que um Magista tenha que reorganizar a estrutura de certos elementos antes de poder iniciar a sua operação propriamente dita. Se bem que tal trabalho é tecnicamente bruxaria, não deve ser considerado indesejável por este único motivo, pois todas as operações que não transmutam matéria *cæm*, estritamente falando, sob esta classificação.

A verdadeira objeção a esta Fórmula não é inerente em sua própria natureza. Bruxaria consiste em trata-la como a única preocupação com a Magick, e especialmente em negar ao Santo Espírito o direito de entrar no seu Templo.^{216 217}

²¹⁴ Nota de *Frater* O.M.: AMA é 42, o número da esterilidade. AIMA é 52, o número de fertilidade, o número de BN, o FILHO.

²¹⁵ Nota de *Frater* O.M.: Veja “*Orfeu*” de A. Crowley para Invocação desta Deusa.

²¹⁶ Nota de *Frater* O.M.: O iniciado do XI° O.T.O. observará aqui que existe uma fórmula totalmente diversa de ALIM, complementar aquela que foi discutida aqui. 81 pode ser considerado o número de Yesod antes que da lua. O significado etimológico da palavra pode ser tomado como indicativo da Fórmula. Aleph pode ser referido a Harporcrates, com alusão ao conhecido poema de *Catullus*. Lamed pode implicar a exaltação de Saturno, e sugerir o Três de Espadas de uma maneira particular. Yod então lembrará Hermes, e Mem o Enforcado. Temos assim um Tetragrammaton que não contém nenhum componente feminino. A força inicial é aqui o Santo Espírito, e seu veículo ou arma é a “*Espada e a Balança*”. Justiça é então executada sobre a “*Virgem*” mercurial, com o resultado que o homem é “*Enforcado*” ou estendido, e é morto desta forma. Uma tal operação torna a criação impossível, como no caso anterior; mas não há aqui questão de re-arranjo; a força criadora é deliberadamente empregada para destruir, e é inteiramente reabsorvida em sua



CAPÍTULO V

A Fórmula do I.A.O.

ESTA FÓRMULA é a principal e mais característica de Osíris, da redenção da humanidade. / é Ísis, Natureza, arruinada por A, Apophis o Destruidor, e restaurada à vida pelo redentor Osíris.²¹⁸ A mesma idéia é expressada pela Fórmula Rosa Cruz da Trindade:

*Ex Deo nascimur
In Jesu morimur
Per Spiritum Sanctum reviviscimus*²¹⁹

Isso também é idêntico a palavra Lux L.V.X., que é formada pelos braços de uma cruz. É esta Fórmula que é implicada naqueles antigos e modernos monumentos em que o falo é adorado como salvador do mundo.

A doutrina da ressurreição tal como vulgarmente compreendida é falsa e absurda. Não está sequer na “*Escritura*”. São Paulo não identifica o corpo glorificado que se ergue com o corpo mortal que morre. Pelo contrário, ele repetidamente insiste na diferença.²²⁰

O mesmo se passa com uma cerimônia Mágicka. O Magista que é destruído por absorção na Divindade é realmente destruído. O miserável autômato mortal permanece no Círculo. Não é de mais importância para Ele que o pó no chão.²²¹

Mas antes de entrarmos nos detalhes de I.A.O. como Fórmula Mágicka, deve ser observado que é essencialmente a Fórmula de Yoga ou meditação; de fato, o misticismo elementar em todos os seus ramos.

própria esfera (ou cilindro nas equações de Einstein) de ação. Esta obra deve ser considerada como “*Santidade para o Senhor*”. Os hebreus, efetivamente, conferiam o título de Qadosh (Santo) sobre seus adeptos. Seu efeito é consagrar os Magistas que a executam, de uma forma muito especial. Podemos notar também as correspondências do Nove com Teth, XI, Leo, e a serpente. Os grandes méritos desta Fórmula é que evita o contato com os planos inferiores, é auto-suficiente, não implica em responsabilidades, e deixa seus praticantes não apenas mais fortes em si mesmos, mas completamente livres para satisfazer suas naturezas essenciais. **Seu abuso é uma abominação!**

²¹⁷ Nota de S.H. *Shakta Ádynátha Amánáska*, 947: :Na nota acima existe a presença da palavra Qadosh. Em suma ela representa O santo. Em outras interpretações podemos defini-la como o primogênito, antigo, original e até mesmo a manifestação ou primeira causa. O XI° O.T.O. é um ritual que emprega a sodomia (com uso do macho ou da fêmea). Toda a nota das páginas 332 e 333 contém alusões veladas sobre o rito do XI° O.T.O. que Crowley utilizou no *Trabalho de Paris* (veja *The Great Beast*). O significado da palavra Yesod é Fundação ou Fundamento. Enquanto que a Fórmula de ALIM (81) utiliza a corrente lunar, a de Yesod implica em seu contexto, o XI°. Harporcrates, o Deus do silêncio tipifica a gestação. A pomba do poema de Catallus o faz da mesma maneira por meio de sua conexão com Aleph, Ar ou Espírito. Por exemplo, a semente. Crowley utiliza símbolos astrológicos e taróticos para indicar de maneira oculta um ato sexual, porém, do tipo em que a criação não se faz. O uso desta Fórmula só era sugerido por Crowley aos seus discípulos para fins Mágickos. Isso era uma regra estrita! É por isso que na última frase na nota Crowley afirma que *seu abuso é uma abominação*.

²¹⁸ Nota de *Frater O.M.*: Existe uma Fórmula bem diversa em que I é o Pai, O a Mãe, A a criança – e ainda outra, em que I.A.O. são todos três Pais de diferentes tipos, balançados por H.H.H., três Mães, para completar o Universo. Em um terceira, a verdadeira Fórmula da Besta 666, I e O são os opostos que formam o campo para a operação de A. Mas isto é um assunto mais elevado, inapropriado para este tratado elementar. Veja, porém, *Liber Samekh*, Ponto II, Seção J.

²¹⁹ Nota de *Frater O.M.*: [Latim: “Nós nascemos por Deus, morremos em Jesus e renascemos pelo Espírito Santo”. Veja “Fama Fratemitatis” (1614) para maiores informações.]

²²⁰ [Nota de *Frater O.M.*: Veja I Cor. 15:45 – 54.]

²²¹ Nota de *Frater O.M.*: Não deixa, por isto, de ser seu instrumento, adquirido por Ele como um astrônomo compra um telescópio. Veja *Liber Aleph* para uma completa explicação dos objetivos conseguidos pelo estratagem da encarnação; também [veja os comentários de *Liber CCXX*].



Ao iniciarmos uma prática de meditação, existe sempre²²² um prazer tranqüilo, um gentil crescimento natural; nós nos interessamos vivamente no trabalho; parece fácil; estamos muito contentes de termos começado. Este estágio representa Ísis. Mais cedo ou mais tarde ele é **sucedido por depressão** – a Noite Obscura da Alma, um infinito cansaço e desagrado pelo trabalho. Os atos mais simples e mais fáceis se tornam quase impossíveis de serem executados. Essa impotência é tão forte que enche a mente de desespero. A intensidade deste desgosto dificilmente poderia ser compreendida por qualquer pessoa que não o experimentado e si mesma. Este é o período de Apophis.

É seguido pelo erguimento, não de Ísis, mas de Osíris. **A condição antiga não é restaurada, mas uma condição nova e superior é criada**; uma condição que só se tornou possível através do processo da morte.

Os Alquimistas ensinaram esta mesma verdade. A primeira matéria da obra era grosseira e primitiva, se bem que “*natural*”. Após passar por vários estágios, o “*dragão negro*” aparecia; mas disto surgia o ouro puro e perfeito.

Mesmo na lenda e Prometeu encontramos uma fórmula idêntica conhecida; e uma observação semelhante se aplica às fórmulas de Jesus Cristo, e de muitos outros místicos homens-deuses adorados em diversas nações.²²³

Uma cerimônia Mágicka baseada nesta Fórmula está em harmonia essencial com o processo místico natural. Nós a encontramos como base de muitas iniciações importantes, notavelmente o Terceiro Grau da Maçonaria, a Cerimônia 5º=6 da G.D.²²⁴ Uma auto-iniciação cerimonial pode ser construída sendo totalmente baseada nesta fórmula. A essência dela consiste em nos vestirmos como um Rei, depois nos despirmos e nos sacrificarmos, e erguemos daquela morte ao Conhecimento e Conversação do Sagrado Anjo Guardião.^{225 226}

Existe uma identidade etimológica entre o Tetragrammaton e I.A.O., mas as Fórmulas Mágickas são inteiramente diversas, como as descrições aqui dadas mostram.

O professor Willian James em *Varieties of Religious Experience*, classificou bem os tipos como “*nascido uma vez*” e “*nascido duas vezes*”; mas a religião agora proclamada em *Liber Legis* harmoniza estas duas transcendendo-as. Não existe tentativa de negar a morte negando sua existência, como fazem os “*nascidos uma vez*”; ou de aceitar a morte como o portal de uma nova vida, como fazem os “*nascidos duas vezes*”. Com a A.:A.:, vida e morte são igualmente incidentes em uma carreira, muito como dia e noite são na história de um planeta. Mas, para continuarmos o uso desta imagem, nós contemplamos o planeta de longe. **Um irmão da A.:A.: encerra** (o que outra pessoa chamaria de) **a “si mesmo” como um – ou antes,**

²²² Nota de Frater O.M.: Assim não sendo, não estamos trabalhando direito.

²²³ Nota de Frater O.M.: Veja J.G. Frazer, *The Golden Bough*; J.M. Robertson, *Pagan Crists*; A. Crowley, [*Liber 888*], *Jesus*, etc., etc.

²²⁴ Nota de Frater O.M.: Descrita em *Equinox I(3)*.

²²⁵ Nota de Frater O.M.: Está Fórmula, se bem que agora sucedida por aquela de HORUS, a Criança Coroada e Conquistadora, permanece válida para aqueles que ainda não assimilaram a Lei de Thelema^o. Veja *Liber Samekh*. Compare também “*The Book of the Spirit of the Living God*”, onde há um ritual em extenso, se bem que em linhas ligeiramente diversas: *Equinox I(3)*, pág. 269 – 272. [NOTA: Veja *Liber Samekh*, Ponto II, Linha 5; Livro 4 parte IV (O Equinócio dos Deuses), cap. VI e VII; e O Livro de Thoth, Atus V e XX.]

²²⁶ Nota de S.H. *Shakta Ádynátha Amánáska, 947*: A Magick de Abramelin foi praticada pelos membros da *Golden Dawn*. Crowley obteve tanto êxito com a Fórmula de Abramelin que a levou ao mais alto nível; assim como Thelema (que a luz de seu sistema é superior). Para dizer em outras palavras, a Fórmula do antigo Æon – o de Osíris – é obsoleta em seu conceito de morte e ressurreição por meio do sacrifício pessoal. A Fórmula do novo Æon – o de Horus – a ênfase é desviada do Deus Moribundo (Osíris, Cristo e outros) ao sempre e eterno SOL, HORUS, a Criança Coroada e Conquistadora que tipifica a parte eterna do homem. Não mais “*Faça-se a tua vontade*” e sim “*Faze o que tu queres*”. A primeira frase implica que o homem fará a Vontade de Deus, enquanto que a segunda implica que o homem fará sua própria Vontade – viverá por suas próprias leis. Essa é a Lei básica de Thelema, e por tanto, a Lei do Æon de Horus.



alguns – de grupo de fenômenos. Ele é aquele “nada” cuja consciência é em um senso o universo considerado como um único fenômeno no tempo e no espaço, e noutro senso a negação daquela consciência. O corpo e mente do homem são importantes (se o são) apenas como o telescópio do astrônomo é importante para o astrônomo. Se o telescópio fosse destruído, isto não causaria apreciável diferença no Universo que o telescópio revela.

Será agora compreendido que esta Fórmula de I.A.O. é uma Fórmula de Thiphereth. O Magista que a emprega está cômico de si mesmo como um homem capaz de sofrer, e está ansioso para transcender este estado unindo-se a Deus. Isto lhe parecerá ser o supremo Ritual, o Último Passo; mas, como já foi mencionado, é apenas uma preparação. Para o homem normal de hoje em dia, entretanto, representa uma notável consecução; e existe uma Fórmula muito mais antiga que será investigada no capítulo VI.

O MESTRE THERION, no décimo sétimo ano do Æon²²⁷, reconstruiu a Palavra I.A.O. para satisfazer as novas condições de Magick impostas pelo progresso. A Palavra da Lei sendo Thelema, cujo número é 93, esse número deveria ser o padrão de uma missa correspondente. Conseqüentemente, ele expandiu I.A.O. tratando o O como *Ayin*, e adicionando *Vau* como prefixo e sufixo. A palavra inteira então é *vjayv*²²⁸

Cujo número é 93. Nós podemos analisar esta palavra em detalhes e demonstrar que ela é um hieróglifo apropriado do Ritual de Auto-Iniciação neste Æon de Horus. Para as correspondências nas notas que seguem veja *Liber 777*. Os pontos principais são estes:

<i>Atu</i>	<i>Nº do Atu</i>	<i>Letra hebraica</i>	<i>Nº da letra</i>	<i>Correspondente na natureza</i>	<i>Outras correspondências</i>
O Hierofante (Osiris Coroado e no trono, com a Baqueta e Quatro adorantes: os Quatro Elementos)	V	[v] <i>Vau</i> (um prego): V, W ou vogal entre O e U – <i>um'jab</i> e <i>mu'ruf</i> .	6	Taurus (um signo da terra regido por Vênus; a Luz exaltada ali – mas é macho). Liberdade, i.e., livre arbitrio.	O Sol. O Filho em Tetragrammaton. (veja cap. III) O Pentagrama que mostra o Espírito Mestre e Reconciliador dos quatro Elementos. O Hexagrama que une Deus e Homem. A correspondência, ou Ruach. Parzival com a criança aos cuidados de sua Mãe viúva: Horus Coroado e Conquistador, assumindo o lugar de seu Pai. Cristo-Bacchus no Céu-Olimpo salvando o mundo.
O Eremita (Hermes com a Lâmpada, Asas, Baqueta, Manto e Serpente).	IX	[y] <i>Yod</i> (uma mão) I ou Y anglo-saxão.	10	Virgo (um signo da terra regido por Mercúrio que ali está exaltado; sexualmente ambivalente). Luz, i.e. da Sabedoria, a Luz Interna.	A raiz do alfabeto. O Espermatozóide. O jovem saindo para aventura após ter recebido a Baqueta. Parzival no deserto. Cristo se refugiando no Egito, e no monte tentado pelo Diabo. A Vontade inconsciente ou Palavra.
O Louco (o Bebê)	0	[a] <i>Aleph</i>	1	Ar (a condição de toda a vida, o veículo imparcial.	O Livre Alento. A Svastika. O Espírito Santo. O Útero da Virgem. Parzival

²²⁷ Nota de *Frater O.M.*: [Ou seja, 1921, quando estava na Abadia de Thelema em Cefalaú na Sicília.]

²²⁸ Nota de *Frater O.M.*: VIAOV ou FIAOF. [Vau=6; Yod=10; Aleph=1; Ayin=70; Vau=6. Total 93.]



no ovo sobre o Lótus, Bacchus Diphues, etc.).		(um boi) A mais ou menos.		Sexualmente não desenvolvido). Vida, i.e.; o órgão de possível expressão.	como "der reine Thor" ²²⁹ , que nada sabe. Horus. Cristo-Bacchus como o Bebê inocente, perseguido por Herodes-Hera. Hércules estrangulando as serpentes. O Ente inconsciente ainda indeterminado em qualquer direção.
O Diabo (Baphomet sobre o Trono e adorado por macho e fêmea. Veja o desenho de Éliphas Lévi).		XV	[i] Ayin (Um óleo) A ou O, mais ou menos – um bode gruindo, A'a.	70	Capricórnio (um signo da terra regido por Saturno; Marte exaltado ali. Sexualmente macho). Amor, i.e., o instinto de satisfazer a Divindade unindo-se com o Universo. Parzival em armadura negra, pronto para retornar a Montsalvat como Salvador-Rei: Horus adulto. Cristo-Bacchus com Cruz de Calvário, Kithairon-Thyrsus.

IAF varia de significado com sucessivos Æons.

Æon de Ísis

Idade Matriarcal. A Grande Obra concebida com o um assunto direto e simples.

Nós vemos esta teoria refletida nos hábitos do Matriarcado. Acreditava-se que a Partenogênese fosse um fato. A Virgem (Yod=Virgo) continha em si mesma o Princípio de Crescimento – a epicena semente hermética. Esta se tornava o Bebê no Ovo (A Harporcrates) por virtude do espírito (A=Ar, impregnando o Abutre-Mãe) e isto se tornava o Sol ou Filho (F=a letra de Tiphereth, 6, mesmo quando soletrado como Omega, em Copta.²³⁰)

Æon de Osíris

Idade Patriarcal. Dois sexos.

I concebido como o Pai-Baqueta (Yod em Tetragrammaton).

A o Bebê é perseguido pelo Dragão, que vomita um dilúvio de sua boca para enguli-lo. Veja Rev. 12. O Dragão era também a Mãe – a "Mãe-Maligna" de Freud. Era Harporcrates, ameaçado pelo crocodilo no Nilo. Nós encontramos o simbolismo da Arca, o Ataúde de Osíris, etc. O Lótus é o Yoni; a Água é o Fluído Amniótico. A fim de viver sua própria vida, a criança devia deixar a Mãe, e vencer a tentação de voltar à ela para refúgio. Kundry, Armida, Jocasta, Circe, etc., são símbolos desta força que tenta o Herói. Ele pode toma-la como serva²³¹ quando Ele a tiver dominado, a fim de curar seu Pai (Amfortas), vingá-lo (Osíris), ou apazigua-lo (Jehovah). Mas para se tornar um homem ele deve parar de depender dela, ganhando a Lança (Parzival), exigindo suas Armas (Achilles), ou fabricando sua maçã (Hércules)²³², e vagando no deserto selvagem como Krishna, Jesus, Édipus ☉☉☉. – até que, como "Filho do Rei" ou

²²⁹ Nota de Frater O.M.: O Puro Louco.

²³⁰ Nota de Frater O.M.: Veja Liber 777.

²³¹ Nota de Frater O.M.: A única fala de Kundry no último ato de *Parsifal* de Wagner é "Dienen, dienen". (Servie, servir).

²³² Nota de Frater O.M.: Note que todos estes três permanecem durante um período entre as mulheres, impedidos de viver a própria vida máscula.



cavaleiro errante, ele deve conquistar a princesa, e sentar-se sobre o trono distante. Quase todas as lendas de heróis implicam esta mesma fórmula em símbolos notavelmente similares.

F Vau, O SOL – Filho. Supostamente mortal; mas como isto é mostrado? Parece uma absoluta perversão da verdade; os símbolos sagrados não dão qualquer indicação. Esta mentira é a essência da Grande Ilusão (feitiçaria). A religião Osiriana é uma fantasia freudiana fabricada do pavor da morte e da ignorância dos fatos naturais. A idéia da Partenogênese persiste, mas é a fórmula para encarnar semi-deuses, ou Reis Divinos; estes devem ser assassinados e erguidos dentre os mortos de uma maneira ou de outra.²³³

Æon de Horus

Dois sexos em uma só pessoa.

FIAOF: 93, a Fórmula completa, reconhecendo o Sol como Filho (Estrela), com a Unidade pré-existente manifestada da qual tudo surge e à qual tudo retorna. A Grande Obra é transmutar o FF inicial de Assiah (o mundo de ilusão material) no FIF final de Atziluth²³⁴, o mundo da pura realidade.

Soletando o nome por inteiro, FF+IFD+ALP+OIN+FI=309=ShT=XX+XI=31, a Chave secreta da Lei.²³⁵

F é a Estrela manifestada.
I é a secreta Vida.....Serpente
Luz.....Lâmpada
Amor.....Baqueta
Liberdade.....Asas
Silêncio.....Manto

Estes símbolos são todos mostrados no Atu “O Eremita”. Estes são os poderes do Yod, cuja extensão é Vau. Yod é a mão com a qual o homem executa sua Vontade. É também a Virgem; sua essência inviolada.

A é o Bebê que “*Formulou seu Pai e fertilizou sua Mãe*”²³⁶ – Harporcrates, etc., como antes, mas ele se desenvolve em

O o Diabo Exaltado (também o *outro* olho secreto²³⁷), pela Fórmula de Iniciação de Horus descrita em detalhes neste tratado. Este “*Diabo*” é chamado Satã ou Shaitan, e considerado com horror pelas pessoas que ignoram sua Fórmula imaginando-a como maligna, acusam a natureza de seu próprio crime imaginário. Satã é saturno, Set, Abrasax, Adad, Adonis, Attis, Adão, Adonai, etc. A mais séria acusação contra ele é apenas que ele é o Sol no Sul. Os antigos iniciados, vivendo em terras cujo sangue era as águas do Nilo ou do Euphrates, associavam o Sul como o calor consumidor da vida, e amaldiçoavam aquele ponto cardeal

²³³ Nota de Frater O.M.: Todas essas idéias podem ser explicadas por referências à antropologia. Mas isto não é condena-las, e sim justifica-las; pois os costumes e lendas da humanidade refletem a verdadeira natureza da espécie.

²³⁴ Nota de Frater O.M.: Veja Liber 777.

²³⁵ Nota de S.H. *Shakta Ádynátha Amánáska, 947*: Crowley se refere aqui as letras do nome FIAOF completo, ou seja: F=FF, I ou Yod=IFD; A=ALP; O=OIN; F=FI que soma um total de 309, o oposto de 93. 309 é o número do Deus Set (Sh=300; T=9). São as letras Sh e T e são atribuídas ao Tarot nos Atus XX e XI, ou seja, 31, o número de AL que é a chave secreta do Livro da Lei. Veja Liber Samekh, Ponto III; Liber 5 e O Equinócio dos Deuses, cap. VII.

²³⁶ Nota de S.H. *Shakta Ádynátha Amánáska, 947*: Compare em a “*Invocação de Horus*”, Livro Quatro, parte IV (O Equinócio dos Deuses), Cap. VI. Veja também Liber 418, 23° Æthyre e ainda Liber 120.

²³⁷ Nota de Frater O.M.: [Ou seja, o Falo.]



onde os raios do Sol eram mais mortíferos. Mesmo nas lendas de Hiran²³⁸, é no meio dia que ele é golpeado e sacrificado. Capricórnio é além do mais o signo em que o Sol entra quando alcança sua extrema inclinação no Sul no Solstício de Inverno²³⁹, a estação da morte da vegetação, para pessoas do hemisfério norte. Isso lhes deu um segundo motivo para amaldiçoar o Sul. Um terceiro: a tirania dos ventos quentes, secos, venenosos; a ameaça de desertos e oceanos porque inspira temíveis e impassáveis mistérios. Isso tudo era relacionado em suas mentes tendo uma relação com o Sul. Mas para nós, cômicos de fatos da astronomia, este antagonismo para com o Sul é uma superstição tola, que os acidentes de suas condições locais sugeriram aos nossos antepassados animistas. Nós não vemos nenhuma inimizade entre direita e esquerda, acima e abaixo, e similares pares de opostos. Estas antíteses são verdadeiras apenas como termos de relação; elas são convenções arbitrárias pelas quais nós representamos nossas idéias em um sistema pluralístico baseado em dualidade. “Bom” tem que ser definido em termos dos ideais e instintos humanos. “Este” não tem significado a não ser como referências dos assuntos internos de nosso planeta; como direção absoluta no espaço, muda um Grau a cada quatro minutos. “Acima” não tem o mesmo significado para dois homens, a não ser que um esteja de pé sobre a cabeça do outro, e ambos em linha com o centro da Terra. “Duro” é a opinião privada de nossos músculos. “Verdadeiro” é um epíteto totalmente inteligível que se tem provado refratário à análise dos nossos mais hábeis filósofos.

Nós portanto não temos o menos escrúpulo em re-estabelecer a “Adoração Diabólica” de tais idéias como as leis do som, e os fenômenos de fala e audição que nos compelem a associar com um grupo de “Deuses” cujos nomes estão baseados sobre ShT ou D, vocalizados pelo livre alento A. Pois esses nomes implicam às qualidades de coragem, fraqueza, energia, orgulho, poder e triunfo; elas são as palavras que expressam a vontade criadora e paternal.

Assim o “Diabo” é Capricórnio, o Bode que pula sobre as mais altas montanhas, a Divindade que se manifesta no Homem e faz dele Ægipan, o Todo.²⁴⁰

O Sol entra neste signo quando retorna para renovar o ano no Norte. Ele é também a vogal O, própria para rugir, para retumbar e comandar, sendo um sopro vigoroso controlado pelo firme circula da boca.

Ele é o Olho aberto do exaltado Sol, diante do qual todas as sombras fogem; também, aquele Olho Secreto que faz uma imagem de seu Deus, a Luz, e lhe dá poderes para pronunciar oráculos, iluminando a mente.

Assim, ele é o Homem feito Deus, exaltado, lépido; ele chegou consciente a sua verdadeira estatura, e está assim pronto para iniciar sua jornada de redenção do mundo. Mas ele não pode aparecer nesta verdadeira forma; a Visão de Pã levaria os homens a loucura pelo medo que causaria. Ele deve se ocultar em seu disfarce original.

Portanto ele se torna aparentemente o homem que era ao começar; ele vive a vida de um homem; de fato, ele é inteiramente um homem. Mas sua iniciação tornou-o Mestre do Acontecimento, dando-lhe a impressão do que quer que aconteça é a execução de sua Verdadeira Vontade. Assim, o último estágio da iniciação dele é expresso em nossa Fórmula como o final:

²³⁸ Nota de S.H. *Shakta Ádynátha Amánáska*, 947: O Mestre construtor de toda tradição Maçonica. Veja *The Magical Record of Beast* 666.

²³⁹ Nota de S.H. *Shakta Ádynátha Amánáska*, 947: As observações neste trecho são verdadeiras, porém, é necessário dizer que ela serve somente ao hemisfério norte. Para o hemisfério sul tudo é completamente ao contrário. No meio dia no hemisfério sul o Sol está no Norte, não no Sul. O Solstício de Inverno no hemisfério norte é o Solstício de Verão no hemisfério sul.

²⁴⁰ Nota de S.H. *Shakta Ádynátha Amánáska*, 947: Para mais informações sobre esse tema veja *Liber* 860 e 888.



F A série de transformações não afetou a identidade dele; mas explicou-o a si mesmo. Semelhante, cobre ainda é cobre após $Cu+O = CuO:H_2SO_4 = CuS_4O (H_2O): K_2S = CuS (K_2SO_4): +$ bico de bunsen e agente redutor = $Cu(S)$.

É o mesmo cobre; mas nós aprendemos algumas de suas propriedades. Observamos inicialmente que é indestrutível, inviolavelmente o mesmo através de todas as suas aventuras e em todos os seus disfarces. Vemos, além do mais, que pode apenas usar seus poderes, satisfazer as possibilidades de sua natureza, e equilibrar suas equações, e assim combinando com suas contrapartes. Sua existência como substância separada é evidente por sua resistência; e isso é sentido como a dor de uma fome incompreensível até que ele percebe que toda experiência é um alívio, uma expressão de si mesmo; e que não pode ser danificado por coisa alguma que lhe aconteça. No Æon de Osíris foi verdadeiramente compreendido que um homem deve morrer afim de viver. Mas agora no Æon de Horus nós sabemos que todo evento é uma morte; sujeito e objeto matam um ao outro em “*amor sob vontade*”, cada uma de tais mortes é em si vida, o meio pelo qual nós realizamos a nós mesmos através de uma série de episódios.²⁴¹

O segundo ponto principal é o término da letra A, Bebê Bacchu,s pelo O, Pã (Parzival ganha a lança, etc.).

O primeiro processo consiste em achar o I no V²⁴² - iniciação, purificação, descobrimento da Raiz Secreta de Si Mesmo, a Virgem epicena que é 10 (Malkuth), mas soletrada por extenso é 20 (Júpiter).²⁴³

Este Yod na Virgem se expande como o Bebê no Ovo pela formulação da Secreta Sabedoria da Verdade de Hermes no Silêncio do Tolo.²⁴⁴ Ele adquire a Baqueta-Olho²⁴⁵, vendo, agindo, e sendo adorado. O Pentagrama Invertido – Baphomet – o Hermafrodita que chega à idade adulta – engendra a si mesmo como V novamente.

Note que agora há dois sexos em um, a só pessoa do início ao fim, de forma que cada indivíduo é auto-procriativo sexualmente, enquanto Ísis conhecia apenas um sexo, Osíris pensava que os dois sexos eram opostos. Também, agora a Fórmula é amor em todos os casos; o fim é o começo em um plano mãos elevado.

O I é formado do V removendo a cauda deste; o A balançando os quatro Yods; o O formando um triângulo invertido de Yods, que sugere a Fórmula de Nuit-Hadit-Ra-Hoor-Khuit. A são os elementos que giram como a Svastika – a Energia Criador em ação equilibrada.

²⁴¹ Nota de S.H. *Shakta Ádynátha Amánáska, 947*: Isto não parece estar claro, Crowley compara o velho Æon (cristianismo, budismo) com o novo Æon de Horus (Thelema, o presente). A Experiência da realidade só é possível com a união, ou seja, a morte do sujeito e objeto – tese e antítese – na consciência. O que Crowley aparentemente omitiu é que no Æon anterior, a experiência de realidade (o Reino do Céu), só era conseguida por sacrifício e rechaço dos sentidos.

²⁴² Nota de *Frater O.M.*: [O I (Yod) no V (Vau), ou seja, o Pai no Filho.]

²⁴³ Nota de *Frater O.M.*: [Malkuth é conhecido como O Reino ou A Noiva que se atribui a 10 (Yod). Yod soma 20 quando contada como letra cheia, ou seja, Y=10; V=6; D=4, que é o número da letra Kaph, a letra de Júpiter. O Rei.]

²⁴⁴ Nota de *Frater O.M.*: [Yod, a Semente Secreta crescendo na Virgem, se converte em Aleph, o Infante no Ovo. Esta é a Fórmula de Harporcrates. I e O são as primeiras fases de IAO.]

²⁴⁵ Nota de *Frater O.M.*: O poder fálico.



CAPÍTULO VI

A Fórmula do Neófito^{246 247}

ESTA FÓRMULA tem por “*matéria prima*” o homem ordinário inteiramente ignorante de tudo e incapaz de coisa alguma. Ele é por tanto representado como vendado e amarrado. Seu único auxílio é sua aspiração, representada pelo o oficiante que o guiará ao interior do Templo. Antes de entrar ele deve ser purificado e consagrado. Uma vez dentro do Templo, é requerido que ele se sujeite a um juramento. Sua aspiração está agora formulada como Vontade. Ele executa a circumbulação mística do Templo por motivos que serão descritos no capítulo sobre os “*Gestos*”.²⁴⁸ Após passar por mais purificações e consagrações, é-lhe permitido ver por um momento o Senhor do Oeste²⁴⁹, e ele ganha coragem²⁵⁰ para resistir. Pela terceira vez ele é purificado e consagrado, e vê o Senhor do Leste, que empunha a balança, mantendo-o em uma linha reta. No Oeste ele ganha energia. No Leste ele é impedido de dissipá-la. Assim fortificado, ele pode ser recebido na Ordem como Neófito pelos três oficiantes principais, assim unindo a Cruz e o Triângulo. Ele pode então ser colocado entre os pilares do Templo, para receber a Baqueta e a final consagração. Nesta posição, os segredos do Grau Ihe são comunicados, e a última de suas amarras é removida. Tudo isso é selado pelo sacramento dos Quatro Elementos.

Será percebido que **o efeito de toda essa cerimônia é para impregnar uma coisa inerte e impotente com movimentos equilibrados em uma direção única**. Numerosos exemplos desta Fórmula são dados em *The Temple of the Salomon the king*.²⁵¹ Essa é a Fórmula da Cerimônia do Neófito da G.D.²⁵² Deve ser empregada na consagração das Armas Mágicas pelo Magista, e pode ser também utilizada como a primeira Fórmula de Iniciação.

No livro chamado Z.2²⁵³ são dados detalhes completos desta Fórmula que deveria ser bem estudada e praticada. Infelizmente, é a mais complexas de todas as Fórmulas. Mas este é o defeito da Matéria Prima da Obra, que está tão misturada que repetidas operações são necessárias para unificá-la.

²⁴⁶ Nota de *Frater O.M.*: Veja o Ritual do Neófito em *Equinox I(2)*.

²⁴⁷ Nota de S.H. *Shakta Ádynátha Amánáska, 947: Liber 671 vel Pyramidos*, um ritual de auto-iniciação para Neófitos da A.: A.:; veja *Equinox IV(1)*. Veja ainda *Liber Samekh*, ponto II.

²⁴⁸ Nota de *Frater O.M.*: [Veja capítulo 10.]

²⁴⁹ Nota de *Frater O.M.*: [Osiris.]

²⁵⁰ Nota de *Frater O.M.*: O medo é a fonte de toda percepção falsa. Até Freud vislumbrou isto.

²⁵¹ Nota de *Frater O.M.*: O Templo do Rei Salomão em *Equinox I(2, 3)*.

²⁵² Nota de *Frater O.M.*: [Golden Dawn.]

²⁵³ Nota de *Frater O.M.*: *Equinox I(3)*. Aquela seção lidando com adivinhação é obscura e não-prática, e a seção tratando de alquimia é grotesca tolice.



CAPÍTULO VII

**A Fórmula do Santo Graal; de Abrahadabra²⁵⁴;
e de certas outras palavras. Também:
A Memória Mágicka**

I

O HIERÓGLIFO mostrado na sétima Chave do Tarot (descrita no 12º Æthyr, *Liber 418*)²⁵⁵ é o Carro de NOSSA SENHORA BABALON, que leva em sua mão o Cálice ou Santo Graal.

Agora, esta é uma Fórmula importante. É a primeira das Fórmulas, em certo senso, pois é a Fórmula da Renúncia.²⁵⁶ É também a última!

É dito que este Cálice está cheio do Sangue dos Santos, isto é, **todo “Santo” ou Magista deve dar até a última gota de seu sangue para este Cálice.**²⁵⁷ É o preço original pago pelo Poder Mágicko. E **se por poder Mágicko nós queremos dizer verdadeiro poder**, a assimilação de toda força com a Luz Ultimal, a verdadeira Boda Rosa Cruz, **então aquele sangue é a oferenda da Virgindade, o único sacrifício que agrada ao Mestre**, o sacrifício cuja única recompensa é a dor de dar-lhe um rebento.

Mas **“vender a alma ao Diabo”, o renunciar não importa a que em troca de ganho pessoal²⁵⁸, é magia negra.** Você não é mais um nobre doador de tudo o que é seu, mas um vigarista barato.

Esta Fórmula é, porém, um pouco diferente em simbolismo, desde que é uma Mulher cujo Cálice deve ser enchido. É mais o sacrifício do homem, transferindo vida aos seus descendentes. Pois uma mulher não leva em si mesma o princípio de uma nova vida, exceto temporariamente, quando este lhe é confiado.

Mas aqui a Fórmula implica em muito mais do que isto. Pois é a sua vida inteira que o Magus oferece a NOSSA SENHORA. A Cruz é tanto Morte quanto Geração; e é na Cruz que a Rosa Floresce. A interpretação completa destes símbolos é tão elevada que não serve para um tratado elementar como este. A pessoa deve ser um Adeptus Exemptus, e estar pronta para passar além, antes de poder ver os símbolos de baixo. Apenas um Magister Templi pode compreendê-los por completo.

(Entretanto, o leitor pode estudar *Liber 156*, o 12º e o 2º Æthyrs em *Liber 418*, e o simbolismo do Vº e VIº O.T.O.)²⁵⁹

²⁵⁴ Nota de S.H. *Shakta Ádynátha Amánáska*, 947: Crowley acreditava que Abrahadabra era uma forma degenerada de ABRAHADABRA, o nome Mágicko do Deus Secreto ou Oculto. No *Livro da Lei*, ABRAHADABRA é a palavra do Æon em contraposição a Thelema, a palavra da Lei. As duas palavras somam com igualdade os dois números de Aiwass: ABRAHADABRA, 418; Aiwass, 418; Thelema, 93; Aiwaz, 93. 418 também o número da Grande Obra e 93 é o número da corrente que a informa. Existe uma controvérsia.

²⁵⁵ Nota de *Frater O.M.*: *Equinox I(5)* e seus comentários em *Equinox IV(2)*. Vela também *O Livro de Thoth*.

²⁵⁶ Nota de *Frater O.M.*: Aqui não há uma implicação moral. Porém, escolher A significa renunciar a não-A; pelo menos, é assim abaixo do Abismo.

²⁵⁷ Nota de S.H. *Shakta Ádynátha Amánáska*, 947 Crowley era tão devoto ao seu trabalho que designava a si mesmo como Santo Aleister Crowley e sua autobiografia – *Confessions* – ficou conhecida como autohagiografia, ou seja, a autobiografia de um Santo. Em outras palavras, Ele – o Mago – se entregara por completo a devoção de sua Mulher Escarlate – derramando seu sangue no Cálice de sua Sacerdotisa – tomando os Santos Votos de Obediência a ela. Veja *The Magical Record of de Beast 666*.]

²⁵⁸ Nota de *Frater O.M.*: *Suposto* ganho pessoal. Não há na realidade uma pessoa para ganhar; portanto a transação é um roubo dos dois lados.

²⁵⁹ Nota de *Frater O.M.*: [*Liber 156* em *Equinox I(6)* e *Liber 418* em *Equinox I(5)*]. Existem 11 Graus na O.T.O.. Na O.T.O. original chefiada por Crowley após Reuss, os primeiros seis Graus estavam moldados sobre linhas maçônicas. O Vº e o



Da preservação deste sangue de NOSSA SENHORA, oferece o ANCEÃO DOS ANOS, CHAOS²⁶⁰ o Todo-Pai, para revive-lo, e de como esta Divina Essência enche a Filha (a Alma do Homem), e a coloca sobre o Trono da Mãe, satisfazendo a Economia do Universo, e assim, no final das contas, recompensando o Magista (o Filho) dez mil vezes. Seria ainda impróprio falarmos aqui. Um tão Santo Mistério é um Arcano dos Magister Templi que ele é sugerido para cegar os presunçosos que possam, não merecendo, buscar erguer o véu; e ao mesmo tempo para iluminar a escuridão dos que podem requerer apenas um raio do Sol a fim de surgir para a Vida e para Luz.

II

ABRAHADABRA é uma palavra que deve ser estudada em [*Liber LVIII*].²⁶¹ Representa a Grande Obra Completa, e é portanto um arquétipo de todas Operações Mágicas menores. De certo modo, é demasiada perfeita para ser aplicada de antemão. Mas um exemplo de uma tal Operação pode ser estudada na [parte IV, cap. VI deste livro²⁶²] onde uma Invocação de Horus usando esta Fórmula é dada em extenso. Note a *reverberação* das idéias uma contra a outra. A Fórmula de Horus ainda não foi investigada minuciosamente em riqueza de detalhes para que se justifique um tratado sobre sua teoria e prática; mas podemos dizer que está para a Fórmula de Osíris bem como a turbina está para o motor em explosão de energia.

III

Existem muitas palavras sagradas que encerram Fórmulas muito úteis para operações especiais.

Por exemplo, V.I.T.R.I.O.L.,²⁶³ que dá um certo regime dos Planetas que são úteis para o trabalho alquímico. ARARITA é uma Fórmula do Macrocosmo potente em certas elevadíssimas Operações da Magick da Luz Interna.²⁶⁴

A Fórmula de THELEMA pode ser sumarizada assim:

θBabalon e a Besta conjugados.

ε A Nuit (CCXX I:51).²⁶⁵

VI° estavam baseados, particularmente, no simbolismo do Sangue. Do VII° em diante, estava constituído o *Soberano Santuário da Gnosis*, cujos ensinamentos são secretos. Porém, cabe dizer que esses ensinamentos secretos são baseados na prática e no simbolismo da Magick Sexual. Isso é revelado pelo segundo nome da Ordem, *Ordem Tântrica do Ocidente*.]

²⁶⁰ Nota de Frater O.M.: CHAOS é o nome genérico para Totalidade das Unidades de Existência; é assim um nome feminino em formo. Cada Unidade de CHAOS é em si Todo-Pai.

²⁶¹ Nota de Frater O.M.: [*Liber LVIII, Article on the Qabalah*] em *The Temple of Salomon the King no Equinox I(5)*. Veja também *777 and Other Qabalistic Writings*.]

²⁶² Nota de Frater O.M.: [*Equinox of the Gods* e veja também em *The Templi of Salomon the King em Equinox I(7)*.]

²⁶³ Nota de Frater O.M.: [*Visita Interiora Terræ, Retificando Invenies Occultum Lapidem*. Visita o interior da terra que por retificação encontraras a pedra oculta.]

²⁶⁴ Nota de Frater O.M.: [Veja *Liber 813*.]

²⁶⁵ Nota de S.H. Shakta Ádynátha Amánáska, 947: :Em *Magick – Liber ABA* encontramos a Referência assim:

A Nuit (CCXX I:51). Dessa maneira temos o seguinte versículo de *Liber Legis*:

“Há quatro portões para um palácio; o chão desse palácio é de prata e ouro; lápis lazuli & jaspe estão lá; e todos os aromas raros; jasmim & rosa, e os emblemas da morte. Que ele entre por partes ou de uma só vez nos quatro portões; que ele fique de pé sobre o chão do palácio. Ele não afundará? Amn. Ho! guerreiro, se teu servidor afundar? Mas há meios e meios. Sede festivos, portanto: vesti-vos todos em fina roupa; comei ricas comidas e bebei doces vinhos e vinhos que espumam! Também, tomai vossa fartura e vontade de amor como vós quiserdes, quando, onde e com quem vós quiserdes! Mas sempre para mim.”



- λ A Obra executada em Justiça.
- η O Santo Graal.
- μ A Água ali contida.
- α O Bebê no Ovo (Harpocrates sobre o Lótus).

De ÁGAPE é como se segue:

- A Dionísio.
- γ A Terra Virgem.
- α O Bebê no Ovo, (a Imagem do pai).
- π O Massacre dos inocentes (largar).²⁶⁶
- η O gole de Êxtase.

O estudante lucrará bastante se buscar investigar estas idéias em detalhe, e desenvolver a técnica de aplicação delas.

Existe também o nome Gnóstico das sete vogais, que dá uma Fórmula Musical muito poderosa em evocações da Alma da natureza. Há além disto ABRAXAS; □□□□□□□□MEITHRAS;²⁶⁷ e, em verdade, podemos declarar em suma que **todo verdadeiro nome de Deus dá a Fórmula da Invocação daquele Deus.**²⁶⁸ Seria portanto impossível, mesmo se fosse desejável, analisar todos esses nomes. O método geral de se fazer isso foi dado acima, e o próprio Magista deve analisar suas próprias fórmulas para casos particulares.²⁶⁹

IV

Devemos também mencionar que todo Grau tem sua própria Fórmula Mágicka particular. Assim, a Fórmula de ABRAHADABRA nos concerne, como homens, principalmente porque cada um de nós é a viva representação do Pentagrama ou Microcosmo; então devemos estar em equilíbrio com o Hexagrama ou Macrocosmo²⁷⁰. Em outras palavras, $5^{\circ}=6$ é a Fórmula da Operação Solar; mas depois, $6^{\circ}=5$ é a Fórmula da Operação Marcial, e essa diversão dos algarismos simboliza um Trabalho muito diverso. No caso anterior, o problema era dissolver o Microcosmo no Macrocosmo; mas este outro problema é separar uma força particular do

No *Magick* editado e comentado por Kenneth Grant e John Symonds temos:

A Nuit (CCXX I:61). Assim versículo é este:

“Mas amar-me é melhor que todas as coisas: se sob as estrelas noturnas no deserto tu presentemente queimas meu incenso diante de mim, invocando-me com um coração puro, e a chama da serpente ali, tu virás um pouco a deitar em meu seio. Por um beijo, tu então estarás querendo dar tudo; mas quem quer que dê uma partícula de pó perderá tudo nessa hora. Vós reunireis bens e provisões de mulheres e especiarias; vós vestireis ricas jóias; vós excedereis as nações da terra em esplendor e orgulho; mas sempre no amor de mim, e então vós vireis à minha alegria. Eu vos ordeno seriamente a vir diante de mim num robe único e cobertos com um rico adorno na cabeça. Eu vos amo! Eu anseio por vós! Pálido ou purpúreo, velado ou voluptuoso, Eu, que sou todo prazer e púrpura, e embriaguez no sentido mais íntimo, vos desejo. Colocai as asas e elevai o esplendor enroscado dentro de vós: vinde a mim!”

Kenneth Grant ainda faz o seguinte comentário: *Este mandamento (AL I:61) é um chamado para que o homem pratique os Ritos da Kundalini.*

²⁶⁶ Nota de S.H. *Shakta Ádynátha Amánáska, 947*: O Massacre dos inocentes faz alusão a lendária ilustração alquímica de Nicholas Flamel (morto em 1418) no texto *Abraham the Jew, Price, Priest, Levite, Astrologer and Philosopher*.

²⁶⁷ Nota de *Frater O.M.*: Abraxas ou Abrasax (divindade Gnóstica) é uma corrupção de Abracadabra. Χνουβισ que normalmente se escreve Χηνουβισ é uma divindade Gnóstica. Meithas é, supostamente, Mithras. Os Membros do IV° O.T.O. estão bem a par de uma Palavra Mágicka cuja análise contém toda Verdade, humana e Divina; uma palavra verdadeiramente potente para qualquer grupo que ousa utilizá-la.

²⁶⁹ Nota de *Frater O.M.*: A Santa Qabalah (*Liber D em Equinox I(8)*, suplemento e *Liber 777*) dá os meios de análise e aplicação requeridos. Veja também *Equinox I(5)*, *The Templi of Salomon the King* [e *777 and other Qabalistic Writings*].

²⁷⁰ Nota de *Frater O.M.*: [A Estrela de Cinco Pontas (Pentagrama) é o símbolo do homem (Microcosmo); a Estrela de Seis Pontas (Hexagrama) representa Deus ou o Espírito Universal (Macrocosmo). O Grau de $5^{\circ}=6$ é a Fórmula da Grande Obra, a unificação de Deus com o Homem. Veja a Estrela de 11 Pontas da A.:A.:.]



Macrocosmo, tal como um selvagem poderia escavar um machado de sílex dos depósitos num barraco de giz. Da mesma forma, a Fórmula de Júpiter consiste em equilibra-lo com Vênus. Sua Fórmula gráfica é $7^{\circ}=4$, e haverá um palavra em que o caráter desta Operação é descrito, tal como ABRAHADABRA descreve a Operação da Grande Obra.

Pode ser dito sem exagero, como princípio geral, que quanto mais longe da igualdade original estiverem os dois lados da equação, tanto mais difícil será executar a Operação.

Assim, para considerarmos o caso da Operação pessoal simbolizada pelos Graus, é mais difícil se tornar um Neófito $1^{\circ}=10$, do que passarmos daquele Grau de Zelator $2^{\circ}=9$.

A Iniciação é, portanto, progressivamente mais fácil, num certo senso, após o primeiro passo. Mas (principalmente após passarmos por Tiphereth) a distância entre Grau e Grau aumenta numa proporção geométrica com um fator tremendamente alto o qual ele mesmo progride.²⁷¹

É evidente a impossibilidade de darmos detalhes sobre todas essas Fórmulas. Antes de começar qualquer Operação, o Magista deve fazer um completo estudo Qabalístico dela, afim de estabelecer-lhe a teoria em perfeita simetria. Preparação prévia e rigorosamente calculada, é tão importante na Magick quanto na Guerra.

V

Seria lucrativo fazermos um estudo um pouco detalhado da aparentemente estranha palavra AUMGN, pois sua análise permite um excelente exemplo dos princípios sobre os quais o *Practicus*²⁷² pode se basear para construir suas próprias Palavras Sagradas.

Esta palavra foi renunciada pelo MESTRE THERION como um meio de declarar seu trabalho pessoal como A Besta, o *Logos* do Æon. Para compreendê-la, devemos considerar preliminarmente a palavra que ela substitui e da qual foi desenvolvida: a palavra AUM.

A palavra AUM é o *mantra* sagrado hindu que foi o supremo hieróglifo da Verdade, um Compendio da Ciência Sagrada. Muitos volumes foram escritos sobre ela; mas, para nosso propósito no presente, será suficiente explicar como ela veio a servir de representação para os principais dogmas filosóficos dos *Rishis*.

Antes de mais nada, ela representa o completo curso do som. É pronunciada forçando-se o alento, do fundo da garganta com a boca bem aberta, através da cavidade bucal, com os lábios colocados de maneira a modificar o som aos poucos de A para O (ou U), até que os lábio se fecham, quando o som se torna M. Simbolicamente, isto anuncia o curso da Natureza, começando de criação livre e informe, continuando através de preservação formada e controlada, até chegar ao silêncio da destruição. Os três sons são harmonizados em um e

²⁷¹ Nota de *Frater O.M.*: Uma sugestão recente foi que a Hierarquia dos Graus deveria ser “destruída e substituída por” um sistema em cadeia de 13 Graus, todos iguais. Existe, é claro, um senso em que cada Grau é uma coisa em si. Mas a Hierarquia é apenas um método conveniente de classificar fatos observados. Nós pensamos na democracia que, sendo informada pelo Ministro do interior de que a escassez de provisões era devida a Lei de Procura e Demanda. Passou um voto unânime para mudar aquela lei iníqua.

Toda pessoa, qualquer que seja seu Grau na Ordem, tem além do mais um Grau “natural” apropriado a sua Virtude intrínseca. Ele pode esperar ser “arremessado” àquele Grau quando se torna $8^{\circ}=3$. Assim, uma pessoa, através de sua carreira interna, pode ser essencialmente do tipo de Netzach; outra, de Hod. Da mesma forma, Rembrandt e Raphaël retiveram cada qual seu ponto de vista durante cada estágio da sua arte. A consideração prática é que alguns aspirantes usualmente experimentam dificuldades em alcançar certos Graus; se todos os Graus forem “iguais”, tais aspirantes podem permitir que suas predisposições os levem a negligenciar trabalhos antipáticos ou dar demasiada ênfase a trabalhos simpáticos. Eles poderiam assim se tornar ainda mais desequilibrados do que já eram, com resultados desastrosos. Sucesso em nossa ocupação favorita é uma tentação; quem cede ao seu encanto limita seu próprio crescimento. É Verdade que toda Vontade é parcial, mas mesmo assim, ela só pode ser satisfeita por uma expansão simétrica. Deve se ajustar ao Universo, ou fracassará em alcançar a perfeição.

²⁷² Nota de *Frater O.M.*: [O Trabalho do *Practicus* da A.:A.: ($3^{\circ}=8$) é o estudo da Qabalah.]



assim a palavra representa a tríade hindu de Brahma, Vishnu e Shiva, e a operação no Universo da triuna energia desses deuses. É, pois, que a fórmula de um *Manvantara*, ou período de existência manifestada, que se alterna com um *Pralaya*, durante o qual a criação está em estado latente.

Analisando Qabalisticamente, a palavra demonstra possuir propriedades análogas às do dogma. A é o negativo, e também a unidade que se concentra o negativo em uma forma positiva. A é o Santo Espírito que engendra Deus na carne da Virgem, de acordo com a fórmula conhecida pelos estudantes do *The Golden Bough*. A é também o “Bebê no Ovo”, assim produzido. A qualidade de A é bissexual. É o ente original – Zeus Arrhenothelus, Bacchus Diphues, ou Baphomet.

U ou V é o filho manifestado, ele mesmo. Seu número é 6. refere-se portanto, a natureza dual do Logos como divino e humano; no entrelaçamento dos triângulos direito e averso no Hexagrama. É o primeiro número do Sol, cujo último número²⁷³ é 666, “o número do homem”.

A letra M exhibe o término deste processo. É o enforcado do Tarot; a formação individual do absoluto é concluída pela morte do individual.

Nós vemos, de acordo com isso, como AUM é, em qualquer dos dois sistemas, a expressão de um dogma que afirma catástrofe na natureza. É cognata com a fórmula do Deus Sacrificado. A “ressurreição” e “ascensão” não estão implicadas aqui. São invenções posteriores, sem base na necessidade natural; podem, em verdade serem escritas como fantasmas freudianos, conjurados pelo medo de encarar a realidade. Para o hindu, em verdade, elas são ainda menos respeitáveis. Do ponto de vista indiano, a existência é essencialmente desagradável,²⁷⁴ e a principal preocupação do místico hindu é invocar Shiva²⁷⁵ para destruir a ilusão cuja opressão é a maldição do *manvantara*.¹

A revelação central do Grande Æon de Horus é que esta fórmula AUM não representa os fatos da natureza. O Ponto de vista que AUM expressa está baseado sobre a falta de perspectiva quanto ao caráter da existência. Depressa se tornou claro ao MESTRE THERION que AUM era um hieróglifo inadequado e enganador. Expressava apenas parte da verdade, e insinuava uma falsidade fundamental. Conseqüentemente Ele modificou a palavra de maneira em que ela se tornasse capaz de representar os Arcanos desvelados pelo Æon do qual Ele é o *Logos*.

A tarefa essencial consistia em expressar o fato de que a natureza não é catastrófica: ela funciona através de ondulações. Poderia ser sugerido neste ponto que *Manvantara* e *Pralaya* são na verdade curvas complementares, e portanto AUM expressa esse fato; mas a doutrina Hindu insiste categoricamente em negar continuidade entre as fases sucessivas, e a palavra expressa mostra a descontinuidade do dogma. Apesar disto, era importante evitar perturbar o arranjo *trinitário* da palavra, o que aconteceria pela adição de outras letras. Era igualmente

²⁷³ Nota de *Frater* O.M.: O Sol sendo 6, um quadrado 6 x 6 contém 36 quadrados. Arranjando os números de 1 a 36 neste quadrado de forma que cada linha, coluna e diagonal tenha como soma total o mesmo número. Este número é 111; o total de todas as somas é 666.

²⁷⁴ Nota de *Frater* O.M.: Thelemitas concordam que a existência manifestada implica em imperfeição. Mas eles compreendem porque é que a Perfeição inventa esses disfarces. A teoria é desenvolvida por completo em *Liber Aleph* e nos comentários de *Liber Legis*. Veja também cap. V deste livro, o parágrafo final sobre o F no final da fórmula FIAOF.

²⁷⁵ Nota de *Frater* O.M.: A teoria de Vaisnava, em aparência oposta a esta, analisada por completa, prova ser idêntica.

¹ Nota de S.H. *Shakta Ádynátha Amánáska, 947*: [*Manvantara* é o imenso ciclo de tempo em que o Universo existe na manifestação. Conseqüentemente, *Pralaya* é o fim deste ciclo. Assim podemos dizer que *Pralaya* é o imenso ciclo de tempo em que o Universo se submerge, ou seja, em um estado de *semente*. Para uma compreensão apurada, compare o *Pralaya* com o sono sem sonhos; então o sono com sonhos e o estado desperto com o *Manvantara*. Mas isto é supostamente uma analogia longe de representar uma verdade. Alguns autores dizem *Mahanvantara*.]



importante tornar claro que a letra *M* uma operação que não ocorre realmente na natureza a não ser como um retiro dos fenômenos para dentro do absoluto; um processo que mesmo assim não é uma verdadeira destruição, mas, pelo contrário, é uma emancipação de qualquer coisa das modificações que ela tornara por si mesma. Ocorreu a Ele que a verdadeira função do Silêncio é permitir a vibração ininterrupta da energia ondulatória, livre das falsas concepções a ela adicionadas pelo *ahamkara*, ou a faculdade que cria o Ego, cuja suposição de individualidade consciente constitui existência e levou-a a considerar seu próprio caráter, aparentemente catastrófico, como sendo parte da Ordem natural.²⁷⁶

A fórmula ondulatória de putrefação²⁷⁷ é representada na Qabalah pela letra *N*, que se refere a Escorpião, cuja tripla natureza combina a Águia, a Serpente e o Escorpião.²⁷⁸ Estes hieróglifos indicam as fórmulas espirituais de encarnação. Ele estava tão ansioso por usar a letra *G*, outra tripla fórmula expressiva dos aspectos da Lua,²⁷⁹ que além do mais declara a natureza da existência humana da seguinte maneira: A Lua é em si um corpo sem luz; mas uma aparência luminosa lhe é comunicada pelo Sol; e é exatamente desta forma que encarnações sucessivas criam uma aparência, enquanto a estrela individual, que todo homem é, permanece ela mesma, mesmo sendo ou não percebida pelos olhares terrestres.

276 Nota de Frater O.M.: [Compare com CCXX I: 56. “Espera-o não do Leste nem do Oeste; pois de nenhuma casa esperada vem essa criança. Aum! Todas as palavras são sagradas e todos os profetas verdadeiros; salvo apenas que eles entendem pouco; resolvem a primeira metade da equação, deixam a segunda inatacada. Mas tu tens tudo na clara luz, e algo, apesar de nem tudo, na escuridão.” MESTRE THERION nos diz: “Todos os sistemas prévios foram sectários, baseados numa cosmografia tradicional tanto grosseira quanto incorreta. Nosso sistema é baseado em absoluta ciência e filosofia. Nós temos tudo na luz clara, aquela da Razão, porque nosso Misticismo está baseado num Ceticismo absoluto. Mas na época em que isto foi ditado eu tinha pouquíssima experiência mística, como meus relatórios demonstram. O fato é que eu estava longe, muito longe, sequer do Grau de Mestre do Templo. Portanto, eu não podia compreender direito este Livro; como poderia eu promulgá-lo efetivamente? Eu compreendia apenas vagamente que ele continha minha Palavra; pois o Grau de Magus me parecia então tremendamente acima de mim. Também, permita-se que eu diga que os Verdadeiros Segredos desse Grau são profundos e terríveis, acima de qualquer expressão; o processo de iniciação a ele foi contínuo através de anos e anos, e conteve as mais sublimes experiências místicas – além de quaisquer já registradas pelo homem – como meros incidentes em sua tremenda Progressão. A equação é a representação da Verdade através da Palavra.” Bem, note que o assunto muda de uma hora para outra no verso após a palavra Aum! MESTRE THERION pensara nesta palavra neste momento; era uma pela qual ele tinha grande respeito, e ele ficara perturbadíssimo desde a asserção categórica no verso 49 de *Liber Legis*. Mas AUM – 111 – é de fato um hieróglifo imperfeito, se bem que levou anos para MESTRE THERION compreender isto. Veja no capítulo 7, Seção 5. O capítulo 54 de *Liber 333* deve, com seu comentário, ser cuidadosamente estudado por todo Aspirante sério, pois os Irmãos Negros – claro – continuam tentando empregar a palavra obsoleta no seu sentido obsoleto, e esta é uma das arapucas dos “escravos de Porque” que Thelemitas devem evitar. AUM=(A=1, O=70, M=40) = 111. A característica principal dos Irmãos Negros, quando um Equinócio dos Deuses se processa, é que são incapazes de perceber o significado espiritual da mudança. Nem poderia ser de outra forma, desde que eles deliberadamente se recusam a receber admonições de Binah, que eles interpretam como mensagens de uma “Entidade Maligna” que deseja destruí-los (Realmente, Binah deseja destruí-los. O preço da Iniciação é a morte). Portanto, eles persistem em usar as fórmulas obsoletas, tentam destruir toda manifestação da fórmula nova, recusam-se a aceitar a orientação ou gestão daqueles cuja autoridade é oriunda da Palavra Nova e – em suma – se portam como crianças rebeldes e mimadas. Convenhamos que seja difícil a um iniciado Hindu, por exemplo, absorver a idéia de que AUM é um hieróglifo imperfeito. Há mais de dez mil anos que Krishna (cuja Palavra era AUM – veja *Liber Aleph*, Capítulo 71) é adorado na Índia como “a mais perfeita encarnação da Divindade” (Krishna foi um Avatar de Vishnu, assim como MESTRE THERION é um Avatar de Shiva). Mas o leitor grandemente ousado talvez se atreva a conceber que, por mais atrasada e bronca que seja a raça humana, pode ser que em dez mil anos de esforço ela tenha conseguido chegar a uma compreensão mais avançada – nem que seja um ou dois milímetros – do Universo em que vivemos. Talvez até mesmo alguns hindús sejam capazes de admitir isto. Pelo menos certos Yoguis Tântricos de elevada iniciação, e certos adoradores de Shiva, e Kali, perceberam porque o Nome Espiritual de Aleister Crowley na Tradição Iniciática Hindu é *Mahatma Guru Sri Paramahansa Shivaji*. O Aspirante sério é aconselhado a ler o magnífico poema *The Ship* no *Equinox I(10)*. Os três assassinos – um negro, um amarelo e um branco – representam as três correntes iniciáticas atacando o Novo Magus. E aprendendo a própria custa (e a custa dele – mas afinal de contas, é para isso que Ele veio) que a Palavra da Lei é Thelema.]

²⁷⁷ Nota de Frater O.M.: [Aqui MESTRE THERION fala do hieróglifo serpentino ondulatório do escorpião. É a fórmula de putrefação porque escorpião é o emblema da qualidade desintegradora da água, é um símbolo aquático. Também está em conexão com as idéias de escuridão, corrupção e morte. A letra *N* é atribuída a escorpião, a letra da morte. O leitor deve consultar *O Livro de Thoth* e estudar o Atu XIII.]

²⁷⁸ Nota de Frater O.M.: [Vela *Liber Aleph*, cap. 157, 163 e 173.]

²⁷⁹ Nota de Frater O.M.: [A letra *G* representa a letra hebraica *Gimel* que por sua vez representa a Lua. A Lua possui três aspectos, cheia, crescente e minguante, respectivamente, Ísis a Mãe ou Esposa, Ártemis a Virgem e Hécate a Bruxa.]



Ora, acontece que a raiz de *GN* significa conhecimento e geração combinados em uma idéia única, de uma forma absolutamente independente de personalidade. O *G* é uma letra silente, como em nossa palavra *Gnosis*; e o som *GN* é nasal, sugerindo portanto o alento de vida como o oposto àquele da fala. Impelido por estas considerações, O MESTRE THERION se propôs a substituir o *M* de *AUM* por uma letra composta *MGN*, simbolizando por esta a sutil substituição do aparente silêncio e morte que terminam a vida manifestada do *vau* pela vibração contínua de uma energia impessoal, da natureza de geração e conhecimento; a Lua Virgem e a Serpente além do mais operando para incluir na idéia de comemoração daquela tradição tão grosseiramente deformada na lenda Hebraica do Jardim do Éden, e ainda mais rebaixada pela sua falsificação naquele malicioso ataque sectário, o Apocalipse.

Um trabalho em harmonia com a ordem natural das coisas é comprovado por corolários que não haviam sido procurados pelo Qabalista. No caso presente, O MESTRE THERION ficou deleitado ao perceber que sua letra composta *MGN*, construída sob princípios teóricos a fim de incorporar as descobertas do Novo *Æon*, tinha o valor de 93 ($M=40, G=3, N=50$). 93 é o número da palavra da Lei – Thelema – Vontade, e do *Ágape* – Amor, que indica a natureza da Vontade. É além do mais o número da Palavra que vence a morte, como sabe os membros do Grau M.M.²⁸⁰ da O.T.O. e é também o número da fórmula completa da existência, qual expressada na Verdadeira Palavra do Neófito, onde existência é tomada como significando aquela fase do Todo que é a resolução finita do Zero Qabalístico.

Finalmente, a numeração total da Palavra *AUMNG* é 100, que como se ensina aos iniciados do Santuário da *Gnosis* da O.T.O., expressa a unidade sob a forma de completa manifestação através do simbolismo de puro número, sendo *Kether* por *Aiq Bkr*,²⁸¹ também *Malkuth* multiplicada por si mesma,²⁸² e assim estabelecida no universo fenomênico. Mas, além disso, este número 100 misteriosamente indica a fórmula Mágicka do Universo como uma máquina verberatória para a extensão do Nada através de opostos equilibrados.²⁸³

É além do mais o valor da letra *Qoph*, que significa “a parte de trás da cabeça”, o cerebelo, onde a força criadora ou reprodutiva está primariamente situada. *Qoph* no Tarot é “A Lua”, uma carta sugerindo ilusão, no entanto mostrando forças parciais e opostas operando na escuridão, e o Escaravelho Alado, ou Sol da Meia Noite, em seu barco, viajando através do Nadir. Sua atribuição *Yetziratic* é Peixes, símbolo das correntes positivas e negativas das energias fluidicas, o macho *ichthus* ou *pesce*²⁸⁴ e a fêmea *Vesica* buscando respectivamente o anodo e o catodo. O número 100 é portanto um glifo sintético das sutis energias empregadas na criação da Ilusão, ou Reflexo da Realidade, que nós chamamos de existência manifestada.

O que vai acima são as principais considerações sobre o assunto de *AUMGN*. Deveriam ser suficientes para mostrar ao estudante os métodos empregados na construção dos hieróglifos

²⁸⁰ Nota de *Frater* O.M.: [Mestre Magista, o III° da O.T.O.]

²⁸¹ Nota de *Frater* O.M.: Um método de exegese em que $1=10=100, 2=20=200$, e etc.

²⁸² Nota de *Frater* O.M.: $10^2 = 100$.

²⁸³ Nota de *Frater* O.M.: $pk=100 (20+80)$. $k=\kappa=ΚΤΕΙΣ$ [vulva em grego]; $p=\phi=Φαλλος$ [phallus (falo) em grego]; por *Notariqon*. [O leitor pode fazer uma correlação com o 0° O.T.O., o Grau Minerval relacionado ao número 61. Uma outra forte relação destes valores com o Grau de Minerval da Ordem esta no fato de que nele um Viajante que partindo de Korintho, alcança a liberdade na cidade de Atenas (ou Mitylene) a aliada de Mitylene (ou Atenas), e se dirige para Heliópolis, a Cidade do Sol. Pois bem, é curioso observar que o *notariqon* feito com as iniciais destas cidades *KHAM* que soma 61 ($20+5+1+40$). Além disso, o Iniciando faz o exato papel de Quinto Elemento, em relação as quatro Cidades apresentadas no Ritual. Aqui há uma relação “secreta”, que poderá ser vista bem mais adiante, no avanço de cada um, dentro da própria estrutura Iniciática da Ordem: O Iniciando parte (nasce) de Korintho (de *Yesod*, da Lua, da Vagina - *Kteis*) em direção a Heliópolis, a Cidade Solar (*Tiphereth*, o Sol, Pênis - *Phalus*). O *Notariqon* composto por *P* (*Phalus*) e *K* (*Kteis*) soma 100 ($80+20$), representado em algarismos Romanos por “C”, chamado por Crowley de “Vel *Ágape*” – veja aqui a instrução secreto do IX° O.T.O.].

²⁸⁴ Nota de *Frater* O.M.: Peixes.



da Magick, e para armá-lo com um *mantra* de tremendo poder, por virtude do qual ele pode aprender o Universo, e controlar em si mesmo as conseqüências Kármicas deste.

VI

Memória Mágicka^{xviii}

I

Não há tarefa mais importante que a exploração de nossas encarnações passadas.²⁸⁵ Como diz Zoroastro: “Explora o rio da alma, de onde e de que maneira tu vieste.” Não podemos executar nossa Verdadeira Vontade a não ser que saibamos o que ela é. “Liber Thisharb”²⁸⁶ dá instruções para descobrirmos isso pelo cálculo da resultante das forças que fizeram de nós o que somos. Mas esta prática está limitada a nossa encarnação presente.

Um dia, se despertássemos de repente num bote em um rio desconhecido, seria imprudente concluirmos que a seção visível do curso representa a corrente inteira. Seria de grande auxílio se pudéssemos nos lembrar das outras partes do rio, atravessadas antes de tirarmos nosso cochilo. Aliviaria ainda mais a nossa ansiedade se nos tornássemos cômicos de que uma força constante e uniforme era a determinante única de todas as curvas da corrente: a gravitação. Nós poderíamos nos regozijar sabendo que “mesmo o mais cansado dos rios por fim desemboca no mar”.

“Liber Thisharb” descreve um método de obter a Memória Mágicka. Isto consiste em aprendermos a nos lembrar das coisas em reverso. Mas a cuidadosa prática de *Dharana* talvez seja geralmente mais útil. À medida que impedimos que os pensamentos mais acessíveis surjam no consciente, nós tocamos camadas mais profundas – memórias da infância não despertadas. Ainda mais profundamente jaz uma classe de pensamentos cuja origem nos intriga. Alguns destes, aparentemente, pertencem a encarnações passadas. Cultivando esses departamentos de nossas mentes, nós podemos desenvolvê-los tornando-nos peritos. Formamos assim uma memória coerente desses elementos originalmente desconexos. A faculdade cresce com espantosa rapidez, uma vez que aprendemos a técnica.

É muito mais fácil (por vários motivos) adquirir a Memória Mágicka se estamos jurados desde muitas existências a reinar imediatamente. O maior obstáculo é o esquecimento freudiano;²⁸⁷ Isto consiste em que, se bem que um acontecimento desagradável possa estar fielmente registrado pelo mecanismo do cérebro, nós não conseguimos nos lembrar dele, ou recordamo-nos dele erroneamente, porque ele nos é penoso. *The psychopathology of Everyday Life*²⁸⁸ analisa e exemplifica este fenômeno em detalhe. Ora, o Rei dos Terrors sendo a Morte, é realmente difícil encara-lo face a face. Os homens têm criado uma quantidade de máscaras fantásticas; fala-se de “ir para o céu”, ou de “passar a um mundo melhor”, e assim por diante; bandeiras esteadas em torres de papel sem bases teóricas, açúcar sintético que não esconde o gosto amargo da pílula. Instintivamente evitamos nos lembrar de nossa última morte, tal

²⁸⁵ Nota de *Frater O.M.*: Já foi objetado contra a teoria da encarnação que a população do planeta tem estado aumentando rapidamente. De onde vêm as novas almas não é necessário inventar teorias sobre outros planetas; basta dizer que a Terra está passando por um período em que unidades humanas estão sendo formadas dos elementos com maior freqüência. A evidência disto é clara: Em que outra época houve tanta puerilidade, tanta falta de experiência racial, tanta confiança em formular incoerentes? (Contraste o emocionalismo infantil e a credulidade de cidadãos “cultos” com o arguto bom senso do camponês anglo-saxão.) Uma grande proporção da humanidade hoje em dia é composta de “almas” que estão vivendo a vida humana pela primeira vez. Note especialmente a incrível incidência de homossexualidade congênita, e deficiências sexuais em muitas outras formas. Essas são pessoas que ainda não compreenderam, não pensaram e nem usaram sequer a fórmula de Osíris. Semelhantes a eles são os “nascidos uma vez” de Willian James, que são incapazes a filosofia, Magick, ou até a religião, mas que instintivamente buscam refúgio do horror da contemplação da Natureza que ele não compreendem, em xaroposas afirmações como as da Ciência Cristã, do espiritismo, de todos os outros credos “ocultos” da charlatanice, assim como das formas mascaradas de Cristianismo.

²⁸⁶ Nota de *Frater O.M.*: [Originalmente em *Equinox I*(7). Note que Thisharb é o Berashith hebraico ao contrário.]

²⁸⁷ Nota de *Frater O.M.*: [Fenômeno que Freud chama de “bloqueio psicológico”.]

²⁸⁸ Nota de *Frater O.M.*: De Sigmund Freud.



como evitamos pensar em nossa próxima.²⁸⁹ O ponto de vista do iniciado é de uma ajuda imensa.

Tão logo se passa o *pons asinorum*, a prática se torna muito mais fácil. Dá muito menos trabalho rememorarmos a morte anterior à última. Familiaridade com a morte resulta em descanso por esta.

É de grande auxílio para o principiante se ele tiver algum motivo intelectual para se identificar com alguma definida pessoa do passado imediato. Um breve relato da boa sorte de Aleister Crowley nisto deverá ser instrutivo. Será visto que os pontos de contato variam muito em caráter.

1. A data da morte de Éliphas Lévi foi cerca de seis meses antes do nascimento de Aleister Crowley. Supõe-se que o ego se reencarnando toma posse do feto neste estágio de desenvolvimento.²⁹⁰
2. Éliphas Lévi possuía uma notável semelhança com o pai de Aleister Crowley. Isto, naturalmente, apenas sugere um certo Grau de aptidão do ponto de vista físico.
3. Aleister Crowley escreveu uma peça intitulada *A Força Fatal*²⁹¹ em uma ocasião em que ele ainda não havia lido nenhuma das obras de Éliphas Lévi. O motivo dessa peça é uma Operação Mágicka de um tipo muito especial. A fórmula que Aleister Crowley supusera ser sua idéia original, é mencionada por Lévi. Não pudemos traça-la em qualquer outra fonte com tão exata correspondência em tantos detalhes.
4. Aleister Crowley descobriu que um certo quarteirão de Paris lhe era incompreensivelmente familiar e atreante. Isto não era o fenômeno ordinário de um *déjà vu*, era principalmente o senso de estar em casa novamente. Ele descobriu, muito depois que Lévi vivera naquela vizinhança durante muitos anos.
5. Existiam muitas semelhanças curiosas entre os acontecimentos da vida de Éliphas Lévi e a de Aleister Crowley. A intenção dos pais de que seu filho seguisse a carreira religiosa; a inabilidade de usar muitos talentos notáveis de qualquer maneira regular; o inexplicável ostracismo que o seguiu, e cujo os autores pareciam de algum modo ter vergonha de si mesmos; os acontecimentos relativos ao casamento^{292 293} – tudo isso oferece paralelos surpreendente estreitos.
6. O temperamento dos dois homens é sutilmente idêntico em muitos pontos. Ambos parecem estar constantemente tentando reconciliar insuperáveis antagonismos. Ambos

²⁸⁹ Nota de *Frater* O.M.: Esta última, aliás, é uma excelente prática. Veja “Liber HHH”. Também leia as meditações budistas sobre as Dez Impurezas.

²⁹⁰ Nota de *Frater* O.M.: [A indicação é referida basicamente em referência a três meses de idade fetal. Mas pode-se adicionar que não só o ego reencarna. Tudo depende do trabalho do Magista em sua precedente vida. O assunto é extenso em demasia para ser tratado nesta nota de rodapé. Todavia, o estudante deve estar atento, no que se refere a reencarnação, a solarização de seus corpos sutis desde sua adentrada na A.:A.: como Probacionista e a rápida queima kármica do iniciado.]

²⁹¹ Nota de *Frater* O.M.: Veja *Collected Works*.

²⁹² Nota de *Frater* O.M.: Lévi, quando ela deliberadamente o abandonou, retirou sua proteção Mágicka de sua mulher; ela perdeu sua beleza e inteligência, e tornou-se vítima de um hediondo e idoso pitecóide. A esposa de Aleister Crowley insistiu em fazer sua própria vontade tal como ela a definia; isto o compeliu a deixá-la livre para seguir seu destino. O que aconteceu a Mme. Constant aconteceu a ela, se bem que de uma forma mais desastrosa e violenta

²⁹³ Nota de S.H. *Shakta Ádynátha Amánáska, 947*: Marcelo Motta enfatizou que Crowley poderia estar relativamente errado sobre este fato relacionado a Lévi. Sim, Crowley estava errado pois historicamente, sabe-se que a mulher de Lévi foi renomada como artista após alguns anos depois de sua separação inusitada do marido. Lévi em seus escritos menciona “um sábio seu conhecido” que pronunciou uma sentença sobre sua esposa má, “tirando-lhe a inteligência e a beleza”. Mas Lévi se refere a seu discípulo destacado, Bulwer Lytton, autor de *Zanoni*, que se separou de sua mulher em circunstâncias análogas aquelas em que Crowley foi forçado a se separar de Rose. A separação de Lévi e sua esposa foi amistosa; a esposa de Lytton o perseguiu durante anos, e veio a ser considerada mentalmente desequilibrada por toda a sociedade londrina. O fato de Lytton magicamente sentenciar sua ex-esposa significa que ele atingiu um Grau iniciático muito inferior ao de Lévi ou de Crowley, sua encarnação seguinte. Crowley nunca sentenciou Rose magicamente, e como na encarnação precedente, a separação forçada foi para ele uma grande amargura.



experimentam dificuldade em abandonar a ilusão de que as crenças e hábitos fixos dos homens podem ser radicalmente alterados por umas poucas explicações amistosas. Ambos demonstram uma curiosa predileção por conhecimentos exóticos, preferindo fontes recônditas de ciência; eles adotam aparências excêntricas. Ambos inspiram o que pode ser chamado de medo e pânico em perfeitos desconhecidos, que não podem dar qualquer explicação racional para uma repulsa que as vezes chega quase a ser uma insanidade temporária. A paixão dominante em cada caso é de ajudar a humanidade. Ambos demonstram um desinteresse por sua prosperidade pessoal, e até por seu conforto; no entanto ambos demonstram amor ao luxo e ao esplendor. Ambos são de um orgulho satânico.

7. Quando Aleister Crowley se tornou Frater □□□□ e teve de escrever sua tese para o Grau de *Adeptus Exemptus*²⁹⁴, ele já havia coligido seu material quando *Clef des grands mystères* de Lévi lhe caiu nas mãos. Foi notável que ele, tendo admirado Lévi durante anos, e mesmo começando a suspeitar de sua identidade, não tivesse se preocupado (se bem que era um extravagante comprador de livros) em adquirir este particular volume. Ele descobriu, para seu espanto, que quase tudo que tencionava dizer estava escrito ali. O resultado foi que ele abandonou sua tese, e em vez de concluí-la, traduziu para o inglês a obra prima em questão.²⁹⁵
8. O estilo dos dois homens é notavelmente semelhante em numerosos pontos sutis e profundos. A qualidade da ironia é a mesma. Ambos tem um prazer perverso em armar ciladas ao leitor. Em um ponto, acima de tudo, a identidade é absoluta – não existe um terceiro nome em literatura que possa ser colocado na mesma classe. O ponto é este: em uma sentença única são combinados sublimidade e entusiasmo com sardônica amargura, cepticismo, grosseria e desprezo. Evidentemente é o supremo prazer de ambos emitir um acorde composto de tantos elementos antagônicos quanto for possível. O prazer parece derivar da gratificação do senso de poder, o poder de compelir todo possível elemento de pensamento a contribuir ao espasmo.
9. A teoria da reencarnação, se geralmente fosse aceita, as considerações acima estabeleceriam um caso forte. *FRATER PERDURABO* estava completamente convencido em uma parte de sua mente quanto a esta identidade, muito antes de ter experimentado memórias diretas do assunto.²⁹⁶

II

A não ser que tenhamos uma base deste tipo, da qual começar, devemos retrair os acontecimentos prévios de nossa vida tão bem quanto possamos pelos métodos sugeridos

²⁹⁴ Nota de S.H. *Shakta Ádynátha Amánáska, 947*: Na A.:A.:, este é o último Grau da Segunda Ordem e o último antes do Abismo. A palavra latina *Exemptus* é participio passado de *eximo* e possui como significado “remover” “separar” “libertar”. Podemos resumir em “o adepto que torna-se livre”.

Como dito em *Uma Estrela à Vista*, “O Adepto deve preparar e publicar uma tese declarando Seu conhecimento do Universo e Sua proposta para o bem estar e progresso. Ele será assim conhecido como dirigente de uma escola de pensamento. (A Chave dos Grandes Mistérios de Éliphas Lévi, as obras de Swedenborg, von Eckartshausen, Robert Fludd, Paracelsus, Newton, Bolyai, Hinton, Berkeley, Loyola, Blavatsky, etc. etc. são exemplos de tais teses.)”.

Na história da A.:A.:, isso foi usado como motivo para o não reconhecimento de Graus posteriores no caso do Filho Mágico da Besta, Frater O.I.V.V.I.O. Neste Grau o iniciado pode assumir o cargo de Præmonstrator.

O *Adeptus Exemptus* possui a sua consciência em Chesed, o “rei no tempo de paz e generosidade”. Após a turbulenta Sephirah de Marte, onde o iniciado vence seu Karma, aqui ele atinge um nível ímpar: o adepto não mais reencarnará. Atravessou o Caminho de Kaph, a Roda do Renascimento. Ele saiu da Roda Samsara. O próximo passo, é a definitiva consecução da Grande Obra: o salto no Abismo de Daät, lar de Chorozon, o demônio da dispersão o colecionador de adeptos, ele solta a mão de seu anjo e mergulha na definitiva jornada interior. Com base no *Livro da Magia Sagrada de Abramelin o Mago*, ele invoca os Quatro Príncipes do Inferno deste plano e os domina. Se tiver “sorte”, renascerá na Terceira Ordem, a *Estrela de Prata a A.:A.:*.

Para uma melhor compreensão, ler a instrutiva carta de Marcelo Motta a Hermann Metzger que traça um perfeito panorama sobre o assunto, *AHA!, Liber Thisharb, Liber 418, 11°Æthyr*.

A tradução, editoração e publicação deste tratado é um ordálio para o Grau de *Adeptus Exemptus*.

²⁹⁵ Nota de Frater O.M.: [*Liber XLVI, The Key of Mysteries.*]

²⁹⁶ Nota de Frater O.M.: Aos após o acima ter sido escrito, a publicação da bibliografia de Éliphas Lévi por M. Paul Chacornac confirmou a hipótese em inúmeros pontos notáveis.



acima. Pode ser de algum auxílio se dermos alguma característica da genuína Memória Mágicka; se mencionarmos algumas fontes de erro, e estabelecermos regras críticas para verificação de nossos resultados.

O primeiro grande perigo é a vaidade. Devemos estar sempre de sobreaviso quando a “lembranças” de que fomos Cleópatra ou Shakespeare.

Também, semelhanças superficiais são em geral enganadores.

Um dos grandes testes para a genuinidade de qualquer lembrança é a recordação das coisas realmente importantes daquela existência, não das coisas de que a maioria comumente considera importantes. Por exemplo, Aleister Crowley não se recorda de quaisquer dos acontecimentos decisivos da vida de Éliphas Lévi. Ele se recorda de trivialidades íntimas da infância. Ele tem uma lembrança vívida de certas crises espirituais; particularmente uma que ocorreu enquanto Lévi caminhava de baixo para cima ao longo de uma seção de estrada solitária, em um distrito plano e desolado. Ele se recorda de incidentes ridículos, tais como freqüentemente ocorrem na hora da ceia, quando a conversação toma cursos em que uma palavra jovial ao acaso cala fundo em nós, e recebemos uma suprema revelação que no entanto é perfeitamente inarticulada. Ele esqueceu seu casamento e seus trágicos resultados,²⁹⁷ se bem que p plágio que o Destino ousou perpetrar em sua existência presente deveria, e poderíamos supor, reabrir naturalmente a ferida.

Existe uma sensação que nos assegura intuitivamente quando estamos na pista certa: Há uma *estranheza* na memória que de algum modo nos perturba. Dá-nos um sentimento de vergonha e culpa. Há uma tendência a nos ruborizarmos. Sentimo-nos como um garoto de escola, descoberto a rabiscar um poema. É a mesma sensação que ocorre quando encontramos uma fotografia desbotada, ou um anel de cabelos de vinte anos atas, no meio da quinquilharias de um baú velho. Este sentimento independe de que se a coisa em questão foi em si uma fonte de prazer ou de dor. Será que nos ressentimos da idéia de nossa “prévia condição de servidão”? Queremos esquecer o passado, por mais razão que haja para nos orgulharmos dele. É bem sabido que muitos homens educados sentem-se embaraçados na presença de um macaco.

Quando esta “perda de cara” não ocorre, desconfie da exatidão da recordação. As únicas lembranças legítimas que se apresentam serenamente são invariavelmente aquilo que os homens chamam de desastre. Ao invés de sentir que “nos pegaram” então, nós sentimos que o tiro errou o alvo. Temos a maliciosa satisfação de termos perpetrado uma tremenda tolice, e de termos escapado sem um arranhão. Quando vemos a vida de uma perspectiva, é um imenso alívio descobrir que coisas como a bancarrota, o casamento, e a força não fizeram, afinal de contas, nenhuma diferença. Foram apenas acidentes, como os que podem ocorrer com qualquer um; não influenciaram o que havia de real importância. Conseqüentemente nos lembramos de que nos cortaram as orelhas como se o fato fosse uma saída afortunada, enquanto a pilhéria casual de um marinheiro embriagado em um cabaré nos enche da vergonha de um novo rico vaidoso a quem um desconhecido bem trajado casualmente menciona uma renda maior, e herdada, ainda por cima.

O testemunho da intuição é, no entanto, puramente subjetivo, e exige provas colaterais. Seria um grande erro pedir demasiado. Em conseqüência do caráter peculiar das lembranças que estão sobre o microscópio, uma confirmação grosseira quase sugere perjúrio. Um patologista causaria suspeitas se afirmasse que seus bacilos haviam-se arranjado na lâmina de modo a soletrar *Staphylococcus*. Desconfiamos de um arranjo floral que nos diz que “Vale a pena viver em Detroid, Michigan”. Suponhamos que Aleister Crowley se recorda de ter sido Sir Edward Kelly. Não segue que ele será capaz de nos dar detalhes da cidade de Cracrow tal como ela era na época de James I da Inglaterra. Acontecimentos materiais são palavras de uma linguagem arbitrária; os símbolos de uma cifra escolhida de antemão. O que aconteceu a Kelly

²⁹⁷ Nota de *Frater* O.M. : Talvez seja significativo que, se bem que o nome da mulher lhe seja familiar desde 1898, ele nunca é capaz de mantê-lo na memória.



em Cracrow pode ter tido significado para ele; mas não há motivo para assumirmos que tenha qualquer significado para o seu sucessor.

Existe uma linha óbvia para avaliarmos qualquer lembrança. Ela não pode estar em conflito com fatos estabelecidos. Por exemplo, não podemos ter duas vidas que se interceptam, a não ser que haja motivo para supor que a primeira pessoa morreu espiritualmente antes de seu corpo parar de respirar. Isto poderia acontecer em certos casos, como insanidade.

Não é conclusivo contra uma encarnação prévia que nossa condição presente seja inferior à passada. Nossa vida presente pode representar as possibilidades integrais de um certo Karma parcial. Podemos ter devotado esta nossa encarnação à liquidação das dívidas de uma parte de nosso caráter prévio. Por exemplo, nós poderíamos dedicar uma existência a liquidar a conta acumulada por Napoleão de sofrimentos desnecessários causados a outros, a fim de recomeçarmos sem dívidas, uma existência dedicada a colher a recompensa dos imensos serviços que o curso prestou à raça.

O *MESTRE THERION*, de fato, se recorda de diversas encarnações de quase incompensada miséria, angústia e humilhação, incorridas a fim de que ele pudesse re-encetar seu trabalho espiritual sem oposição por parte de credores kármicos.²⁹⁸

Estas são as marcas. A memória se coaduna com os fatos observados da vida presente. Esta correspondência pode ser de dois tipos. É raro (e pelos motivos declarados acima, não tem importância) que nossa memória possa ser confirmada pelo que podemos chamar, não muito bem, de evidência externa. Foi realmente uma valiosa contribuição à psicologia que alguém tenha dito que uma geração adultera buscava um sinal. (Ainda sim, o valor permanente da observação é traçar a genealogia do fariseu – desde Caifás até o Cristão moderno.)

Sinais enganam, conduzem a caminhos errôneos. O fato de que qualquer coisa é inteligível prova que está endereçado à pessoa errada; porque a própria existência de linguagem pressupõe incapacidade de nos comunicarmos diretamente. Quando Sir Walter Raleigh estendeu seu manto sobre a estrada enlameçada, ele meramente expressou, em uma cifra possibilitada por uma combinação de circunstâncias, se desejo, outrossim inexprimível, de cair nas boas graças da Rainha Elizabeth I. O significado de sua ação foi determinado pelo concurso das circunstâncias. A realidade não pode se reproduzir exclusivamente desta forma especial. Não há motivo para nos lembrarmos de que um ritual tão extravagante era necessário à adulação naqueles dias. Portanto, por melhor que um homem se recorde de sua encarnação como Júlio Cezar, não é necessário que ele represente seu poder de colocar tudo em um lance de chance através do ato de imaginar um *Rubicon*. Qualquer estado espiritual pode ser simbolizado por uma infinita variedade de atos em uma infinita variedade de circunstâncias. Deveríamos nos recordar apenas desses acontecimentos que estejam imediatamente ligados às nossas tendências peculiares de imaginar uma coisa antes que uma outra.¹²⁹⁹

Lembranças genuínas quase sempre, invariavelmente, explicam a nós mesmos. Suponha, por exemplo, que você sinta uma repulsa instintiva por algum tipo particular de vinho. Por mais que tente, você não encontra motivos para sua idiossincrasia. Suponha então que quando você explora alguma encarnação prévia, se recorda que morreste por causa de um veneno administrado em um vinho daquele tipo; sua aversão é explicada pelo provérbio “gato escaldado têm medo até de água fria”. Pode ser protestado que em um determinado caso sua libido criou um fantasma de si mesma, da maneira explicada por Freud. Esta crítica é justa, mas seu valor diminui se você se tornou cômico da existência dessa repulsa depois que sua Memória Mágicka atraiu sua atenção para o fato. Realmente, a essência do teste consiste

²⁹⁸ Nota de S.H. *Shakta Ádynátha Amánáska*, 947.:Veja os diários de Crowley entre 1918-19 – “The Hermit of Æsopus Island”. *The Equinox* IV(3).

²⁹⁹ Nota de *Frater O.M.*: A exceção a esta regra é quando alguma circunstância ao acaso dá um nó de barbante no dedo de nossa memória. [Aqueles que praticarem *Liber Thisharb* compreenderão esta passagem.]



nisso: que sua memória lhe notifica de alguma coisa nesta vida que é a conclusão lógica das premissas postuladas pela encarnação passada.

Como exemplo, podemos citar certas memórias do MESTRE THERION. Ele seguiu uma cadeia de pensamentos que o levou a recordar de sua existência como um Romano chamado Marius de Aquila. Seria forçar a lei de probabilidade se presumíssemos uma conexão entre (α) este método hieróglificamente registrado de auto-análise e (β) a introspecção comum, realizada com princípios inteligíveis a ele mesmo. Ele se recorda diretamente de várias pessoas e diversos acontecimentos relacionados com essa encarnação; e aparentemente, tanto as pessoas quanto os acontecimentos realmente ocorreram. Não há motivo porque tais memórias, antes de quaisquer outras, tivessem penetrado ao acaso na mente de MESTRE THERION. Ele não encontra qualquer motivo para relacioná-las com qualquer em sua vida presente. Mas, um exame subsequente do registro indica que o resultado lógico da Obra de Marius de Aquila não ocorreu com aquele romântico patife; de fato, ele morreu antes que qualquer coisa pudesse ocorrer. Podemos supor que qualquer coisa que seja possa ser impedida em seu efeito? Unânime, o Universo inteiro o nega. Se então os exatos efeitos que poderíamos supor que resultariam daquelas causas estão manifestadas na carreira de MESTRE THERION; seguramente a explicação mais fácil e mais razoável é assumirmos uma identidade entre os dois homens. Ninguém se choca ao observar que a ambição de Napoleão diminuiu a estatura do Francês médio. Nós sabemos que de alguma forma ou de outra toda força tem de ser satisfeita; e pessoas que percebem o fato que acontecimentos externos são meros sintomas de idéias externas não encontra dificuldade em atribuir as correspondências de uns às identidades das outras.

Que nenhum defensor da Magick insista na validade objetiva de tais concatenações! Seria infantil apegarmo-nos a idéia de que Marius de Aquila realmente existiu; isso não nos deve importar mais do que importa ao matemático se o uso do símbolo X^{22} implica na “realidade” de 22 dimensões de espaço. O MESTRE THERION pouco se importa se ele foi realmente Marius de Aquila, ou se Marius de Aquila foi outra pessoa, ou se o Universo em peso é mais que um pesadelo que ele criou por uma excessiva ingestão de rum e água. A memória que o MESTRE THERION tem de Marius de Aquila, das aventuras dele em Roma e na Floresta Negra pouco importa, quer ao MESTRE THERION, quer a qualquer outra pessoa. O que importa é isto: Fato ou Ilusão, ele encontrou uma forma simbólica que o habilitou a se governar melhor para seus próprios propósitos. “*Quantum nobis prodest haec fabula Christi!*”³⁰⁰ A “falsidade” das fábulas de *Æsop’s* não diminui o valor delas para humanidade.

Está redução da Memória Mágicka ao nível de um artifício através do qual nossa sabedoria interna se exterioriza não deve ser considerada como cética a não ser em último caso. Nenhuma hipótese científica pode dar evidência mais forte de sua validade do que a confirmações de suas predições por evidência experimental. O que é objetivo sempre pode ser expressado por símbolos subjetivos, se necessário. A controvérsia, no fim, perde todo significado. Como quer que interpretemos a evidência, sua verdade relativa depende de sua coerência interna. Nós, portanto, podemos dizer que qualquer lembrança mágicka é genuína se explica as nossas condições externas ou internas. Qualquer coisa que esclareça o Universo para nós, qualquer coisa que nos revele a nós mesmos, deveria ser bem vinda neste mundo de enigmas.

A medida que nossa lembrança se estende no passado, a evidência e sua verdade se torna cumulativa. Toda encarnação de que nos lembramos deve aumentar nossa compreensão de nós mesmos. Qualquer obtenção de conhecimento deve indicar com acuridade certa a solução de algum enigma proposto pela Esfinge de nossa cidade nativa desconhecida, Tebas. A complicada situação em que nos encontramos é composta de elementos, e nenhum desses elementos saiu do nada. A Primeira Lei de Newton se aplica a todo o plano do pensamento. A teoria da evolução é uniforme. Há um motivo para a nossa predisposição para a gota, ou para o formato de nossa orelha, no passado. O simbolismo pode mudar; os fatos, não. De uma

³⁰⁰ Nota de *Frater O.M.*: “Como nos faz bem essa fábula de Cristo!”



maneira ou de outra, tudo quanto existe é derivado de alguma manifestação prévia. Acreditemos, se quisermos, que a memória de nossas encarnações passadas são sonhos; mas sonhos são determinados pela realidade, tanto quanto os acontecimentos da vida diária. A verdade deve ser apreendida pela correta tradução da linguagem simbólica. A última seção do Juramento do *Magister Templi* é: “Eu juro interpretar todo fenômeno como um trato particular entre Deus e minha alma.” A Memória Mágicka é (em última análise) uma maneira, e como a experiência testemunha, uma das maneiras mais importantes, de cumprir este voto.



CAPÍTULO VIII

Do Equilíbrio; e do Método Geral e Particular de Preparar o Templo e os Instrumentos da Arte

I

“ANTES que houvesse equilíbrio, a face não contemplava a face.”³⁰¹ Assim diz o mais santo dos livros da antiga Qabalah.³⁰² Uma das faces aqui mencionadas é o Microcosmo e a outra o Macrocosmo.

Como foi dito acima, o propósito de qualquer cerimônia mágicka é unir o Macrocosmo e o Microcosmo.³⁰³

É como uma ótica: os ângulos de incidência e reflexão são iguais. **Você deve equilibrar exatamente seu Macrocosmo e Microcosmo, verticalmente e horizontalmente, ou as imagens não coincidirão.**³⁰⁴

Este equilíbrio é afirmado pelo Magista quando arranja o interior do Templo. Nada deve estar assimétrico. Se você tem qualquer coisa no Norte, você deve por algo igual e oposto no Sul. **A importância disto é tão grande, e a verdade disto tão óbvia, que nenhuma pessoa com a mais medíocre capacidade para a Magick pode tolerar qualquer objeto fora de equilíbrio por um momento que seja. Seu instinto se revolta instantaneamente.**³⁰⁵ Por esta razão as armas, Altar, Círculo e Magus são todos cuidadosamente proporcionados um ao outro. Não serve se temos uma Taça do tamanho de um dedal e uma Baqueta do tamanho de um poste.³⁰⁶

Novamente, o arranjo das armas no Altar deve ser de maneira que elas pareçam equilibradas. Nem deve o Magista usar qualquer ornamento desequilibrado. Se ele empunha a Baqueta na mão direita, que ele tenha o Anel³⁰⁷ na esquerda, ou o Ankh, ou a Campainha,³⁰⁸ ou a Taça. E por motivos que ele se mova para direita, que ele faça este movimento por um motivo equivalente para a esquerda; ou se para frente, para trás; e **que ele corrija cada idéia indicando a contradição contida nessa idéia.** Se ele invoca Severidade, que ele declare que Severidade é o instrumento da Misericórdia,³⁰⁹ se Estabilidade, que ele mostre que a base

³⁰¹ Nota de *Frater* O.M.: O significado completo deste aforismo é um Arcano do Grau de Ipsissimus. Pode, porem, ser parcialmente compreendido pelo estudo de *Liber Aleph* e *d'O Livro da Lei* e os Comentários sobre este. Explica a Existência.

³⁰² Nota de S.H. *Shakta Ádynátha Amánáska*, 947: :“Siphra Dtzenioutha” I: 2. [Veja *The Kabbalah Unveiled* de Knorr von Rosenroth, traduzido para o inglês por S.L. MacGregor Mathers.]

³⁰³ Nota de *Frater* O.M.: Isto porque somos o Microcosmos, cuja Lei é “amor sob vontade”. Mas também é Magick para a Unidade que atingiu a Perfeição (em Nada Absoluto, 0°) dividir-se por “amor ao amor, pela chance de união.”

³⁰⁴ Nota de *Frater* O.M.: [Eis o Mistério do alinhamento dos Corpos nos Rituais da A.:A.: e da O.T.O., sem o qual seria impossível a realização de qualquer cerimônia mágicka;]

³⁰⁵ Nota de *Frater* O.M.: Isto é porque a essência do Ser dele como Magista é a sua percepção intuitiva dos princípios fundamentais do Universo. Seu instinto é uma asserção subconsciente da identidade estrutural entre o Macrocosmo e o Microcosmo. Equilíbrio é a condição da existência.

³⁰⁶ Nota de *Frater* O.M.: Veja o *Bagh-i-Muattar*, V, par. 2.

³⁰⁷ Nota de *Frater* O.M.: O Anel não foi descrito na Parte II deste livro, por motivos que podem, ou não, ser aparentes ao leitor. É o símbolo de Nuit, a totalidade das possíveis maneiras em que o Magista pode se representar e se cumprir a si mesmo.

³⁰⁸ Nota de *Frater* O.M.: [Leia-se Sino.]

³⁰⁹ Nota de *Frater* O.M.: Por exemplo, como quando firmeza com nós mesmos, ou com outra pessoa, é a maior bondade; ou quando uma amputação salva uma vida.



daquela Estabilidade é uma mudança continua, tal como a Estabilidade de uma molécula é assegurada pelo momento dos céleres átomos nela contida.³¹⁰

Desta maneira, que cada idéia forme uma espécie de triângulo baseado em dois opostos, sendo a própria idéia o ápice que transcende a contradição da base em uma harmonia mais alta.

Não é prudente utilizar qualquer pensamento em Magick, a não ser que o pensamento tenha sido previamente equilibrado e destruído.

Da mesma maneira com os instrumentos: a Baqueta deve estar pronta para se transformar em uma Serpente, e o Pantáculo na Suástica cíclica ou no Disco de Jave, como que para executar as funções da Espada. A Cruz é tanto a morte do “Salvador”³¹¹ quanto o símbolo fálico da Ressurreição.³¹² A Vontade deve estar pronta a culminar na entrega daquela Vontade;³¹³ a flecha da aspiração que é desfechada contra o Sagrado Pombo deve se transmutar na Virgem Maravilhada que recebe em seu útero aquele mesmo Espírito de Deus.

Qualquer idéia que seja em si mesma positiva e negativa, ativa e passiva, macho e fêmea, estar apta a existir acima do Abismo, qualquer idéia que não esteja equilibrada desta maneira, está abaixo do Abismo, contém em si uma inegável dualidade ou falsidade, e nisto, é perigosa e Qlipphotica.³¹⁴ Mesmo uma idéia como “verdade” é perigosa a não ser que seja compreendido que toda Verdade é, em um senso, falsidade. Pois toda Verdade é relativa; e se supormos absoluta, ela nos desencaminhará.³¹⁵ *O Livro das Mentiras*, falsamente assim chamado (*Liber 333*) merece cuidadoso estudo quanto a isto. O leitor deveria também consultar a “introdução” de *Konx Om Pax*, em “Thien Tao” no mesmo volume.

Tudo isso deve ser expressado nas palavras do próprio Ritual e simbolizado em cada ato executado.

II

É dito nos antigos livros de Magick que tudo o que o Magista usa deve ser “virgem”. Isto é: não deve nunca ter sido usado por qualquer outra pessoa ou para qualquer outro fim. Os Adeptos antigos davam a máxima importância a isto, o que tornava a tarefa do Magista bem difícil. Ele

³¹⁰ Nota de *Frater O.M.*: Veja *Liber 418 11° Æthyr*.

³¹¹ Nota de *Frater O.M.*: E a extensão, na matéria, do Ser Individual: o Ponto Indivisível determinado por referência dos Quatro Quadrantes. Esta é a fórmula que o habilita a expressar seu Ser Secreto; seu orvalho caindo sobre a Rosa é desenvolvido em um Eidolon d'Ele Mesmo, em sua devida estação.

³¹² Nota de S.H. *Shakta Ádynátha Amánáska, 947*: [Essa linha expressa todos os mistérios de L.V.X., a encarnação do homem na matéria. Cada sinal que envolve todo o conjunto dos sinais que formam o Sinal de L.V.X. é um ponto de incidência mostrando a Crucificação do Ser na matéria, o aterramento de Kether em Malkuth. Assim, Osiris morto nada mais é do que a viva representação desta Crucificação; Ísis em luto é o sofrimento do Ser ao estar preso a matéria, os ordálios que ele deve passar; Apófis e Tifon é quando o Iniciado é aprovado, domina seus Demônios Internos, é transcendido e finalmente; Osiris ressurrecto é a vitória do Ser pelo triunfo do Espírito sobre a matéria, o Despertar da Consciência Divina. É interessante notar o porque deste Sinal de L.V.X. estar relacionado com o Grau de Adeptus Minor da A.:A.:, onde há o Conhecimento e Conversação com o Sagrado Anjo Guardiã. Então podemos relacionar os Sinais de L.V.X. com tal ordálio mágicko onde, Osiris ressurrecto é a culminação do verdadeiro congresso com o Sagrado Anjo Guardiã. Um paralelo ainda pode ser feito com um Ritual Interno a O.T.O. onde é dito que o Magista, quando realiza os Sinais de L.V.X., “invoca Hadit para a materialização de Therion”.]

³¹³ Nota de *Frater O.M.*: Veja “*Liber LXV*” e “*Liber VII*”.

³¹⁴ Nota de *Frater O.M.*: Estude a Qabalah para o uso desta palavra. Estude a doutrina quanto aos Reis do Edom.

³¹⁵ Nota de *Frater O.M.*: Veja *Poincaré* para a prova matemática desta tese. Mas Experiência Espiritual vai ainda mais fundo, e destrói o Padrão da Lei da Contradição. Existe uma gama imensa de trabalhos do MESTRE THERION sobre este assunto; pertence especialmente ao seu Grau de 9°=2. Tais profundidades não são convenientes para o Estudante, e podem perturbá-lo seriamente. Será melhor que ele considere (provisoriamente) a Verdade no senso que a física aplica a palavra.



queria uma Baqueta, e afim de corta-la e apara-la ele necessitava de uma faca. Não era meramente suficiente comprar uma faca nova; ele achava que deveria fazer a faca. Para fazela, era requerido cem coisas mais, sendo que a requisição de cada uma poderia requerer mais cem; e assim por diante. Isto demonstra a impossibilidade de nos desvencilharmos do nosso meio ambiente. **Mesmo em Magick não podemos avançar sem o auxílio de outros.**³¹⁶

Havia, além disto, um outro propósito neste recomendação. Quanto mais trabalho e mais dificuldades a sua arma lhe custar, mais útil ela lhe será. “Se você quer que uma coisa saia bem feita, faça-a você mesmo.” Seria inútil levar este livro a uma loja de departamentos e solicitar aos funcionários que lhe forneçam um Templo de acordo com as especificações. Vale realmente a pena, ao Estudante que requer uma Espada, ir escavar minério de ferro, derrete-lo com carvão preparado por ele mesmo, forjar a arma com sua própria mão; e até dar-se o trabalho de sintetizar o Óleo de Vitríolo com o qual a lâmina será gravada. Ele terá aprendido várias coisas úteis na sua tentativa de fabricar uma Espada realmente virgem; ele compreenderá como uma coisa depende da outra; ele começará a apreciar o significado das palavras “a harmonia do Universo”, tão freqüentemente usadas, estúpida e superficialmente pelo apologista ordinário da Natureza; e ele também perceberá a verdadeira operação da lei do Karma.³¹⁷

Outra notável injunção da antiga Magick era que o que quer que pertencesse à Obra deveria ser o *único*. A Baqueta deveria ser cortada com um único golpe de faca. Não deveria haver qualquer corte errado ou repetido, nenhum desajeitamento ou hesitação. Se você golpeia, golpeie com toda sua força! “O que quer que tua mão faça, faça com todo o seu poder!” **Se você vai se dedicar a Magick, não faça compromissos.** Você não pode fazer revoluções com água de rosas, ou praticar luta romana usando cartola. Depressa descobrirá que, ou perde a luta ou perde a cartola. A maior parte das pessoas fazem ambas as coisas. Eles tomam o caminho da Magick sem suficiente reflexão, sem aquela determinação diamantina que faz o autor deste livro exclaimar, ao pronunciar seu primeiro juramento, “*PERDURABO*” – “Eu perdurarei até o fim!”³¹⁸ Eles começam a grandes passos, e de repente descobrem que seus sapatos estão se sujando na lama. Ao invés de persistirem, eles correm de volta para o rebanho e a convenção. Essas pessoas têm apenas que culpar a si mesmas se os próprios moleques de rua zombam delas.

Outra recomendação era esta: **Compra o que necessitas sem fazeres regateio!**

Você não pode estabelecer uma proporção entre os valores de coisas incomensuráveis.³¹⁹ **O mais ínfimo dos Instrumentos Mágickos vale infinitamente mais que tudo o que você possui,** ou melhor, que tudo o que você estupidamente pensa que possui. Quebre esta regra, e a Nênese usual dos mornos lhe aguarda. Não só você adquire instrumentos de qualidade inferior, mas você perde de alguma outra forma aquilo que você julgou que era bastante ladino para conservar. Lembre-se de Ananias!³²⁰

³¹⁶ Nota de *Frater* O.M.: É – e este fato é ainda mais importante – completamente fatal e desmoralizador adquirir o habito de depender dos outros. O Magista deve estar a par de todo o detalhe do seu trabalho, e estar pronto a regaçar as mangas e executar tal detalhe, não importa o quão trivial ou manual ele pareça. Abramelin (é verdade) proíbe o Aspirante de executar qualquer tarefa de um tipo humilhante; mas ele nunca poderá comandar perfeito serviço a não ser que ele tenha experiência do trabalho necessário, experiência adquirida no princípio do seu treino.

³¹⁷ Nota de *Frater* O.M.: Especialmente neste senso: que qualquer coisa envolve, e é envolvida em, outras coisas que em aparência lhe são completamente estranhas.

³¹⁸ Nota de *Frater* O.M.: “Pois, durando até o Fim, no Fim Nada havia para perdurar.” *Liber* 333, Cap. Z.

³¹⁹ Nota de *Frater* O.M.: Por mais que o quadro de qualquer fração se aproxime de 2, nenhuma fração é igual $\sqrt{2} \cdot \sqrt{2}$ está na série; é um tipo de número completamente diverso.

³²⁰ Nota de *Frater* O.M.: Observe que não há nunca qualquer verdadeira equivalência ou relação mensurável entre quaisquer duas coisas, pois cada uma delas é impregnavelmente Ela mesma. A troca de propriedades não é uma equação matematicamente calculável. A Baqueta é apenas uma expressão convencional da Vontade, tal como uma palavra é uma expressão do pensamentos. Não pode jamais ser qualquer outra coisa; assim, se bem que o processo



Por outro lado, se você compra sem regatear, perceberá que o vendedor juntou sua compra a bolsa de Fortunatus. Não importa em que emergência você pareça se encontrar, na última hora suas dificuldades serão solucionadas. **Pois não existe poder do firmamento e do éter, sobre a terra e sob a terra, na terra seca e na água; do ar rodopiante e do fogo crepitante, e todo encanto e flagelo de Deus que não seja obediente à necessidade do Magista!**³²¹ Aquilo que ele tem, ele não tem; mas aquilo que ele é, ele é; e aquilo que ele vai ser, ele será. E nem Deus e nem o Homem, nem toda a malícia de Choronzon, pode impedi-lo ou fazer com que ele se desvie um momento de seu Curso. Este comando e esta promessa têm sido dado por todos os *Magi* sem exceção. E onde este comando foi obedecido, esta promessa infalivelmente foi cumprida.

III

Em todos os atos, as mesmas fórmulas se aplicam. **Para invocarmos um Deus, isto é, para nos elevarmos ao plano de consciência representado por aquela divindade, o processo é triplo: PURIFICAÇÃO, CONSAGRAÇÃO e INICIAÇÃO.**

Portanto, toda arma mágicka, e até o mobiliário do Templo, deve passar por este triplo regime. Os detalhes variam apenas em pontos sem importância. Por exemplo, para se preparar, o Magista purifica-se mantendo sua castidade³²² e se abstendo de qualquer deturpação. Para preparar, digamos, a Taça, nós nos certificamos de que o metal nunca foi empregado para qualquer outro propósito – nós derretemos minério virgem e refinamos o metal com o máximo cuidado – ele deve ser quimicamente puro.

Para resumir isto tudo em uma frase: todo artigo empregado deve ser tratado como se fosse um candidato a iniciação; mas naquelas partes do ritual em que o candidato é vendido, nós embrulhamos a arma em um pano negro.³²³ O juramento que o candidato faz é substituído por uma injunção em termos semelhantes. Os detalhes do preparo de cada arma deveriam ser cuidadosamente planejados pelo Magista.

Além disto, a atitude do Magista para com suas armas deveria ser aquela do Deus para com o suplicante que O invoca. Deveria ser o amor do pai por seu filho, a ternura e o cuidado do noivo por sua noiva, e aquele sentimento peculiar que o criador de toda obra de arte experimenta por sua obra prima.

Onde isto tenha sido claramente compreendido, o Magista não experimentará dificuldade em observar o ritual apropriado; não só na atual consagração ritual de cada arma, mas na preparação da mesma, um processo que deveria iluminar esta cerimônia; por exemplo, o Magista cortará a Baqueta da árvore, tirará as folhas e brotos, removerá a casca. Ele aparará bem as pontas e aplainará os nós – isto é o banimento.

Ele então esfregará a Baqueta com Óleo consagrado até que ela se torne lisa, brilhante e dourada. Ele então a embrulhará em seda da cor apropriada: isto é consagração.

Ele então a empunhará, e imaginará que ela é aquele tubo com que Prometeu trouxe fogo do céu, formulando para si mesmo a passagem da Santa Influência através dela. Desta e

de fabricação da Baqueta implique em tempo, dinheiro e suor, a Baqueta é uma síntese espiritual e moral, e não pode ser medida em termos dos seus elementos.

³²¹ Nota de *Frater* O.M.: “Liber Samekh sub figura 800”.

³²² Nota de *Frater* O.M.: Veja *O Livro da Lei* e seus comentários para a verdadeira definição desta virtude.

³²³ Nota de *Frater* O.M.: Isto se refere a “fórmula do Neófito.” Há alternativas.



de outras formas ele executará a iniciação, isto é, ele repetirá o processo todo em uma cerimônia elaborada.³²⁴

Para tomarmos um exemplo totalmente diverso, o do Círculo: o Magista sintetizará o vermelhão requerido de mercúrio e enxofre sublimados por ele mesmo. Este puro vermelhão, ele mesmo misturará com Óleo consagrado, e enquanto ele aplica esta tinta ele pensará intensamente e com devoção nos símbolos que ele está desenhando. Este Círculo pode então ser iniciado por uma circumbulação, durante o qual o Magista invoca os nomes de Deus que ali estão pintados.

Qualquer pessoas sem suficiente capacidade para começar os métodos apropriados de preparação para os outros artigos, provavelmente nunca será um Magista; e nós apenas desperdiçaríamos nosso tempo se tratássemos em detalhe da preparação de cada instrumento.

Existe uma instrução definida em “*Liber A vel Armorum*” para o preparo da Lâmpada e das Quatro Armas Elementais.³²⁵

³²⁴ Nota de *Frater* O.M.: Eu não mencionei que o inteiro assunto da Magick é um exemplo de mitopéia naquela particular forma chamada de Doença da Linguagem. Thoth, Deus da Magick, foi meramente um homem que inventou a arte da escrita, como, claramente, seus monumentos declaram. “Gramarye”, a palavra medieval para Magick, é apenas o Grego *gramma* [“a carta”]. Assim também um velho nome para um ritual mágicko, “grimório”, simplesmente significando gramática. Pareceria maravilhoso aos ignorantes que os homens fossem capazes de se comunicarem uns com os outros à distância, e eles começaram a atribuir outros poderes, meramente inventados, a pessoas que eram capazes de escrever. A Baqueta é, pois, apenas a caneta; a Taça é o tinteiro; a Adaga é a faca que apara a pena; e o Disco (Pantáculo) é, ou o rolo de papiro, ou o peso que mantém o rolo na mesma posição, ou a caixa de areia para secar a tinta. E, claro, o *Papiro de Ani* não é mais que o Latim para papel higiênico.

³²⁵ Nota de *Frater* O.M.: Veja *The Equinox* I(4).



CAPÍTULO IX

Do Silêncio e do Segredo, e dos Nomes Bárbaros de Evocação

É VERIFICADO pela prática (confirmando a asserção de Zoroastro) que as mais potentes conjurações são aquelas em linguagens antigas e talvez esquecidas, ou as que estão em um jargão corrupto, até uma língua que possivelmente nunca teve significado. Destas, há diversos tipos principais. A “Invocação Preliminar” no “Goécia” é constituída principalmente com corruptelas de nomes Gregos e Egípcios. Por exemplo, “Osorronnophris” para “Asar Unnefer.”³²⁶ As conjurações dadas pelo Dr. Dee³²⁷ são uma linguagem chamada Angélica ou Enochiana.^{xxii} Sua fonte original até agora ainda não foi identificada por pesquisa, mas é uma linguagem e não um jargão, pois tem estrutura própria, e há traços de gramática e sintaxe.

Seja o que for, ela é *efetiva*. Mesmo o principiante descobre que “coisas acontecem” quando ele a emprega: e isto é uma vantagem – ou desvantagem! – que nenhuma outra linguagem conhecida tem. Para tudo isso é necessário perícia. Isto necessita prudência!

As invocações Egípcias são muito mais puras, mas seu significado não tem sido suficientemente estudado por pessoas magickamente competentes.¹ Nós possuímos um número de invocações em Grego de todo grau de excelência; em Latim apenas poucas, e estas de inferior qualidade. Será notado que em todos os casos as conjurações são muito sonoras, e há uma certa voz mágicka que deveriam ser recitadas. Esta voz especial foi nativa com MESTRE THERION; mas pode ser facilmente ensinada – para pessoas capazes de aprende-la.

Várias considerações impeliram-No a tentar conjurações na língua Inglesa. Existia já um exemplo, o encanto das feiticeiras em *Macbeth*; se bem que talvez não tenha sido escrito a sério, seu efeito é indubitável.³²⁸

Tetrâmetros iâmbicos enriquecidos com muitas rimas, tanto externas quanto internas, têm se mostrado muito úteis. “The Wizard Way”³²⁹ nos dá uma boa idéia deste tipo de construção na língua Inglesa. Assim também na “Evocação de Bartzabel”.³³⁰ Existem muitas invocações entremeadas nas obras poéticas do MESTRE THERION, em muitas variedades de metros, de muitos tipos de entes, e para muitos propósitos diversos.

Outros métodos de encantamentos estão relatados como eficazes. Por exemplo, Frater I.A., quando menino, ouviu dizer que poderia invocar o Demônio recitando o “Pai Nosso” ao contrário. Ele foi para o jardim e experimentou. O Demônio apareceu e quase o fez morrer de medo.³³¹

Não é, pois, bem certo, no que concerne a eficácia das conjurações. A peculiar excitação mental requerida pode ate ser provocada pela percepção da absurdidade do processo inteiro, e pela persistência nele a despeito desta percepção; como, em certa ocasião, *FRATER*

³²⁶ Nota de Frater O.M.: *Liber Samekh*; isto é, uma edição desta Invocação com elaborada rubrica, tradução, *scholia*, e instrução.

³²⁷ Nota de Frater O.M.: Veja *The Equinox* I(8), *Liber 84 vel Chanokh*, Parte II.

³²⁸ Nota de Frater O.M.: Um verdadeiro poeta não pode deixar de se revelar a si mesmo e à verdade das coisas em sua arte, quer ele esteja cômico do que está escrevendo ou não.

³²⁹ Nota de Frater O.M.: *The Equinox* I(1).

³³⁰ Nota de Frater O.M.: *The Equinox* I(9) e IV(2).

³³¹ Nota de Frater O.M.: [Frater Iehi Aur, Nome Mágicko de Allan Bennet na G.D. Anos mais tarde, como Budista, assumiu o nome de *Bhikkhu Ananda Metfeyya*.]



PERDURABO (após esgotar todos os seus recursos mágickos) recitou “From Greenland’s Icy Mountains” e obteve Seu resultado.³³²

Pode ser concedido, em qualquer caso, que **as longas linhas de formidáveis palavras de rugem e gemem através de tantas conjurações têm um real efeito de exaltar a consciência do Magista ao nível requerido** – que isso aconteça não é mais extraordinário que o fato que a música é capaz de uma influência análoga.

Magistas não se têm limitado ao uso da voz humana. A Flauta de Pã com suas sete notas, correspondendo aos sete Planetas, a matraca, o tom-tom, e mesmo o violino, têm sido usados, assim como muitos outros, dos quais o mais importante é o Sino,³³³ se bem que este não é usado tanto para conjurações quanto para marcar estágios na cerimônia. De todos estes instrumentos, verificar-se-á que o tom-tom é, mais geralmente, útil.³³⁴

Já que estamos no assunto dos nomes bárbaros de evocação, não podemos omitir a pronúncia de certas palavras supremas que encerram (□) a completa fórmula do deus invocado, ou (□) a cerimônia inteira.

Exemplos do primeiro tipo são Tetragrammaton, I.A.O., e Abrahadabra.

Um exemplo do segundo tipo é a grande palavra *StiBeTtChePhMeFShiSs*, que é uma linha traçada na Árvore da Vida (atribuições Coptas)³³⁵ de uma certa maneira.³³⁶

³³² Nota de *Frater O.M.*: Veja “Eleusis”, A. Crowley, *Obras Completas*, Vol. III, Epílogo.

³³³ Nota de *Frater O.M.*: Veja a Parte II. Deve ser dito que na prática, nenhum Sino, salvo Seu próprio Sino Tibetano de *Electrum Magicum* jamais soou satisfatoriamente ao MESTRE THERION. A maior parte dos Sinos desconcertam e repelem.

³³⁴ Nota de *Frater O.M.*: [A referência ao tom-tom no texto é relativa ao soar de um gongo.]

³³⁵ Nota de S.H. *Shakta Ádynátha Amánáska, 947*: É pensando desta maneira que temos no Enochiano uma ferramenta especial para nossos trabalhos. Uma das características mais originais da Magick Enochiana é que as invocações são recitadas em uma língua completamente original ao sistema. Esta língua foi nos entregue como o resultado dos trabalhos do Dr. John Dee e Edward Kelly, de acordo com seus registros, foi-lhes ensinado pelos Anjos eles mesmos Enochianos. Israel Regardie em seu trabalho maciço, o *The Golden Dawn System* faz os seguintes comentários:

A língua de Enochiana não possui registro antes das visões de Edward Kelly e John Dee. Não há nenhum registro de sua existência prévia, não obstante algumas teorias que foram inventadas para o esclarecer. A língua de Enochiana não é uma combinação ou compilação dos nomes divinos e angélicos extraídos das Tábuas. Aparentemente, é uma verdadeira língua, uma gramática e uma sintaxe. Somente um estudo superficial das invocações basta para indicar este fato. As invocações não são simples palavras e nomes bárbaros, mas são as sentenças que podem ser traduzidas de uma maneira significativa e não meramente serem transliteradas.

Eu acredito, ao invocar, que é de importância máxima recitar as chamadas em sua língua própria e não em qualquer outra língua. Não que isso seja sem importância para o Magista que saiba exatamente o que está sendo dito, mas é óbvio para mim a que as inteligências que entregaram esta língua a Dee e Kelly não o fizeram por um acaso qualquer. A recitação em Enochiano imediatamente muda a consciência do Magista e o induz a um estado alterado de consciência.

Imagine um rato passando em cima de seus pés e dizendo: *yan yan yan yan...* Você não compreenderia nada do que ele estaria dizendo e logo lhe daria um chute. Mas imagine novamente este mesmo rato em cima de seus pés. Porém, desta vez, imagine ele dizendo: *Oi! Meu nome é Nayara Miele Pimentel. Eu não consigo mais viver desta maneira. Você pode me ajudar?* Imediatamente você iria dar atenção ao rato e iria travar com ele um diálogo.

É assim que acontece com a linguagem Enochiana. Você é um simples rato tentando travar um diálogo com os Anjos. Basta saber se você conversará com eles em uma língua estranha a eles ou dialogará na língua a qual eles revelaram para a humanidade.

As chamadas ou as chaves ativam as Tábuas e os sub-anjos da mesma maneira que o botão da TV teria poder para ligá-la. Crowley enfatiza que as chaves são usadas em:

PRIMEIRA CHAVE



Use primeiramente em todas as invocações de alguns dos Anjos da Tábua da União, mas não é usada na invocação dos Anjos das Tábuas Elementais.

SEGUNDA CHAVE

Use como a invocação dos Anjos das letras **E H N B** da Tábua da União. Como a PRIMEIRA CHAVE nunca é usada na invocação dos Anjos das quatro Tábuas Elementais, as chaves da terceira, a quarta, a quinta e a sexta são usadas em determinadas invocações da Tábua da União e nas invocações das Tábuas Elementais. O que segue imediatamente é usado nas invocações da Tábua da União.

TERCEIRA CHAVE

Para invocações dos Anjos das letras da linha **EXARP** a seqüência das chamadas é 1, 2 e 3.

QUARTA CHAVE

Para invocações dos Anjos das letras da linha **HCOMA** a seqüência das chamadas é 1, 2 e 4.

QUINTA CHAVE

Para invocações dos Anjos das letras da linha **NANTA** a seqüência das chamadas é 1, 2 e 5.

SEXTA CHAVE

Para invocações dos Anjos das letras da linha **BITOM** a seqüência das chamadas é 1, 2 e 6.

AS TÁBUAS ELEMENTAIS

TERCEIRA CHAVE DO AR

Use primeiramente em todas as invocações dos Anjos da Tábua do Ar, porém ao invocar um sênior ou os Anjos do Ar do sub-ângulo do Ar esta é a única chamada necessária.

QUARTA CHAVE DA ÁGUA

Use primeiramente em todas as invocações dos Anjos da Tábua da Água, mas ao invocar um sênior ou os Anjos da Água do sub-ângulo esta é a única chamada necessária.)

QUINTA CHAVE DA TERRA

Use primeiramente em todas as invocações dos Anjos da Tábua da Terra, ao invocar um sênior ou os Anjos da Terra do sub-ângulo da terra esta é a única chamada necessária.

SEXTA CHAVE DO DOGO

Use primeiramente em todas as invocações dos Anjos da Tábua do Fogo, ao invocar um sênior ou os Anjos do Fogo do sub-ângulo do fogo esta é a única chamada necessária.)

SÉTIMA CHAVE

ÁGUA SUB-ÂNGULO DA TÁBUA DO AR

Para invocações dos Anjos do sub-ângulo da água da Tábua do Ar, a seqüência das chamadas é 3 e 7.

OITAVA CHAVE

TERRA SUB-ÂNGULO DA TÁBUA DO AR

Para invocações dos Anjos do sub-ângulo da terra da Tábua do Ar, a seqüência das chamadas é 3 e 8.

NONA CHAVE

FOGO SUB-ÂNGULO DA TÁBUA DO AR

Para invocações dos Anjos do sub-ângulo do fogo da Tábua do Ar, a seqüência das chamadas é 3 e 9.

DÉCIMA CHAVE

AR SUB-ÂNGULO DA TÁBUA DA ÁGUA

Para invocações dos Anjos do sub-ângulo do ar da Tábua da água, a seqüência das chamadas é 4 e 10.

DÉCIMA PRIMEIRA CHAVE

TERRA SUB-ÂNGULO DA TÁBUA DA ÁGUA

Para invocações dos Anjos do sub-ângulo da terra da Tábua da Água, a seqüência das chamadas é 4 e 11.

DECIMA SEGUNDA CHAVE

FOGO SUB-ÂNGULO DA TÁBUA DA ÁGUA

Para invocações dos Anjos do sub-ângulo do fogo da Tábua da Água, a seqüência das chamadas é 4 e 12.

DÉCIMA TERCEIRA CHAVE

AR SUB-ÂNGULO DA TÁBUA DA TERRA

Para invocações dos Anjos do sub-ângulo do ar da Tábua da Terra, a seqüência das chamadas é 5 e 13.

DÉCIMA QUARTA CHAVE

ÁGUA SUB-ÂNGULO DA TÁBUA DA TERRA

Para invocações dos Anjos do sub-ângulo da água da Tábua da Terra, a seqüência das chamadas é 5 e 14.

DÉCIMA QUINTA CHAMADA

FOGO SUB-ÂNGULO DA TÁBUA DA TERRA

Para invocações dos Anjos do sub-ângulo do fogo da Tábua da Terra, a seqüência das chamadas é 5 e 15.

DÉCIMA SEXTA CHAMADA

AR SUB-ÂNGULO DA TÁBUA DO FOGO

Para invocações dos Anjos do sub-ângulo do ar da Tábua do Fogo, a seqüência das chamadas é 6 e 16.

DÉCIMA SÉTIMA CHAVE

ÁGUA SUB-ÂNGULO DA TÁBUA DO FOGO

Para invocações dos Anjos do sub-ângulo da água da Tábua do Fogo, a seqüência das chamadas é 6 e 17.

DÉCIMA OITAVA CHAVE

TERRA SUB-ÂNGULO DA TÁBUA DO FOGO

Para invocações dos Anjos do sub-ângulo da terra da Tábua do Fogo, a seqüência das chamadas é 6 e 18.

A CHAMADA OU A CHAVE DOS TRINTA ÆTHYRS

A décima nona chamada, ou a chave dos trinta Æthyrs, é a única chamada necessária para operações com os Æthyrs. É somente necessário mudar o nome do Æthyr próprio perto do começo da chamada.

PROCEDIMENTOS OPERACIONAIS RECOMENDADOS PARA O TRABALHO

A pergunta levanta-se agora é como pode-se executar as informação acima para invocar os Anjos das Tábuas Elementais ou simplesmente explorar os Æthyrs?.



Em outros livros de Magick Enochiana, particularmente aqueles escritos nos últimos 10 anos, você encontrará as instruções elaboradas que diferem consideravelmente de o que é sugerido abaixo. Você se tornando mais familiar com o sistema, irá desenvolver seu próprio sentido apropriado. É muito importante durante o período de sua carreira de aprendizagem estar centrado em materiais sérios como *Liber Chanokh*.

Chanokh fornece instruções básicas, embora não sempre claramente. É óbvio que Crowley supôs que o leitor teria uma instrução mágicka básica e poderia prosseguir em sua própria compreensão. Estes livro pretende ajudarmos primeiro passo do noviço. Assim, é claro que um volume mais extenso e conciso será formulado. Mas nós não devemos ignorar o fato óbvio que a apresentação original de Crowley era muito curta e direta. Em nenhuma parte ele sugere que o Magista deve acoplar em uma série longa de ladainhas, teoremas e outros escritos mágickos que caracterizam outras filiais de Magick. O que é original sobre Magick Enochiana é a ausência de tal absurdo infantil.

As chamadas são dirigidas na língua dos seres envolvidos. Há uma hierarquia simples que necessita ser reconhecida. O descanso está entre você e os Anjos. Para fazer a simples os trabalhos Crowley fornece-nos as cinco aberturas construídas do Templo antes de recitar as chamadas. Assim você encontrará quase a metade de seu trabalho feito. Se você estiver de posse dos sinais apropriados, os Pentagramas ou os Hexagramas usados nas aberturas do Templo, já deu um grande passo.

ARRANJOS PRELIMINARES DO TEMPLO

Estes podem ser tão simples ou tão elaborados como você desejar. Um quarto limpo com um altar ou a Tábua no centro é perfeitamente adequado. Você pode desejar colocar suas Tábuas Elementais nas paredes do quatro (ar no leste, no fogo no sul, na água no oeste, e na terra no norte) ou você pode desejar arranjá-los em cima do altar. Não é essencial ter nenhuma das Tábuas no Templo o tempo todo.

SENTIDOS DO TRABALHO

Ao invocar, isso é quando você deseja lhe trazer o espírito, enfrenta o sentido micro-cósmico-elemental ditado pelos quatro ventos; operações do ar no leste, do fogo no sul, da água no oeste e da terra no norte. Quando você deseja visitar o espírito em seu próprio mundo você enfrenta o sentido macro-cósmico-elemental ditado pelo zodíaco; operações do fogo no leste (Áries), da terra no sul (Capricórnio), do ar no oeste (Libra) e da água no norte (Câncer). Para funcionamentos dos trinta Æthyrs não importa que o sentido você está enfrentando.

DETERMINE A HIERARQUIA DO ESPÍRITO NA PERGUNTA

Recorde as que aberturas do Templo devem conter as invocações dos três nomes Sagrados do Deus e do Rei elemental Maior. É desnecessário para você repetir estes nomes nas invocações subseqüentes.

ETAPA UM

EXECUTE O RITUAL MENOR DO PENTAGRAMA (BANINDO)

Isto é encontrado no capítulo sete. Em uma Operação Mágicka não importa quão simples ela seja, deve ser precedida por algum ritual de banimento.

ETAPA DOIS

ABERTURA DO TEMPLO E A RECITAÇÃO DA CHAMADA APROPRIADA

Todas as aberturas do Templo são encontrados no texto de *Liber Chanokh* antes da chamada apropriada.

EXEMPLO UM

Para invocar **EHNB** da Tábua da União:

1. Abra o Templo com a abertura do portal do véu dos adeptos.
2. Recite a primeira chave e a segunda chave.
3. Recite a Conjuração Enochiana que introduz o nome do Anjo, **EHNB**.

EXEMPLO DOIS

Para invocar **EXARP** da Tábua da União:

1. (repita 1 e 2 acima.) Abra o Templo com a abertura do Templo no Grau de 2°=9 .
2. Recite A Terceira Chave.
3. Recite a Conjuração Enochiana que introduz o nome do Anjo, **EXARP**.

EXEMPLO TRÊS

Para invocar o Anjo **TAAD** do Kerúbico sub-ângulo do ar da Tábua da Água:

1. Abra o Templo com a abertura do Templo no Grau de 3°=8 .
2. Recite a quarta chave (para abrir a Tábua da Água).
3. Recite a décima chave (para abrir o Sub-ângulo do ar).
4. Recite a Conjuração Enochiana que introduz o nome do Anjo, **TAAD**, os nomes dos seis Seniores da Tábua da Água: **SAIINOV, SOAIZNT, LAOAZRP, LIGDISA, SLGAIOL, LSRAHPM** e os nomes divinos da cruz de Calvario, do **OLGOTA** e do **AALCO**.

EXEMPLO QUATRO

Invocar o Anjo Menor **ACCA** do fogo Sub-ângulo da Tábua do Ar:

1. Abra o Templo com a abertura do Templo no Grau de 2°=9 .
2. Recite a terceira chave (para abrir a Tábua do Ar).
3. Recite a nona chave (para abrir o Sub-ângulo do Fogo).
4. Recite a Conjuração Enochiana que introduz o nome do Anjo, **ACCA**, os nomes dos seis Seniores da Tábua do Ar, **AAOXAIIF, AVTOTAR, HTMORDA, HIPOTGA, AHAOZPI, HABIORO** e os nomes divinos da Cruz de Calvário, do **AOURRZ** e do **ALOAI** e da linha **XGZD** Kerúbica.

CONJURAÇÃO ENOCHIANA



O Conjuração abaixo foi extraída da tradução de Crowley da primeira Conjuração do *Goécia*. Introduza simplesmente o nome do espírito que você deseja trabalhar e todos os nomes das Hierarquias superiores.

EM ENOCHIANO

OI vinu od zodakame, Ilasa, Gahe

(nome do Anjo)

od elanisahe vaoresagi laida,

gohusa pujo ilasa, darebesa!

Do – o – i – ape ____ od ____ od ____ od ____

Od ____ (use tantos nomes como necessário)

OI vinu-*ta* od zodameta,

Ilasa, gahe (nome do Anjo)

EM PORTUGUÊS

Eu invoco e movo-te, O tu, Espírito ____ e ser exaltado acima do poder do mais elevado, eu digo a Ti, obedecem! No nome do ____ e do ____ e do ____ e do ____ e do ____ eu invoco e invocando conjuro a Ti, Ó espírito ____.

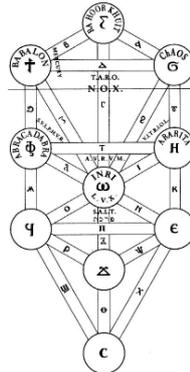
Ajustado agora ao trabalho que visão. Papel e lápis em um sustento acessível. É importante manter algum nível de consciência no objetivo. Se você cai adormecido provavelmente esquecer-se-á de sua visão. Se você trabalhar em qualquer *característica* espiritual que lhe dá uma sensação incômoda, teste-os primeiramente com os nomes Sagrados da Tábua que você está trabalhando. Se você estiver tendo ainda a sensação de dificuldades, faça um ritual de banimento apropriado, Pentagrama ou Hexagrama e retire-o de sua visão. Não se canse. Quando você sentir que está desgastado é a hora de parar e fechar com um banimento.

FIM

FECHAMENTO DOS TRABALHOS COM ALGUM RITUAL DE BANIMENTO

Eu encontrei no sistema Enochiano mais segurança, mais confiança e o mais lógica no que se refere a Magick prática que um Magista pode executar. Mas não é uma arte que requer somente estudo e prática mas também a inspiração e *amor sob vontade* de um relacionamento que todos os artistas têm com seu ofício. É minha esperança que este livro lhe deu algo a estudar, praticar e se inspirar.

^{XXIII} A transliteração de *StiBeTtChePhMeFShiSs* em Copta é *sou-beta-ti-hei-phi-me-ei-shai-semma*. Na Árvore da vida, as atribuições coptas estão na seguinte disposição:



Foi colocado (a seguir) atribuições Coptas, Hebraicas e Gregas a fim de consultas na área de Gematria. Tais foram retiradas do 777 e outros escritos *Qabalísticos*:



0 KEY SCALE	41 HEBREW LETTERS	42 [TRANSLITERATION OF HEBREW OF COLUMN 41]	43 ENGLISH VALUES OF HEBREW LETTERS	44 NUMERICAL VALUE OF COLUMN 41	45 THE ARABIC ALPHABET	46 [ARABIC ALPHABET NAMES]	47 ARABIC ALPHABET NUMERATION
1					Three Lost Fathers		
2							
3							
4					ث	<i>thä</i>	500
5					خ	<i>khä</i>	600
6					ذ	<i>dhäl</i>	700
7					ض	<i>däd</i>	800 [90]
8					ظ	<i>zä</i>	900 [800]
9					غ	<i>gäyn</i>	1000 [900]
10					غ	<i>gäyn</i>	
11	א	<i>aleph</i>	A	1	ا	<i>alif</i>	1
12	ב	<i>beth</i>	B	2	ب	<i>bä</i>	2
13	ג	<i>gimel</i>	G	3	ج	<i>jim</i>	3
14	ד	<i>daleth</i>	D	4	د	<i>däl</i>	4
15	ה	<i>he</i>	H	5	ه	<i>hä</i>	5
16	ו	<i>vau</i>	V or W	6	و	<i>wäw</i>	6
17	ז	<i>zain</i>	Z	7	ز	<i>zä</i>	7
18	ח	<i>cheth</i>	Ch	8	ح	<i>hä</i>	8
19	ט	<i>teth</i>	T	9	ط	<i>tä</i>	9
20	י	<i>yod</i>	Y	10	ی	<i>yä</i>	10
21	כ	<i>kaph</i>	K	20, 500	ك	<i>käf</i>	20
22	ל	<i>lamed</i>	L	30	ل	<i>läm</i>	30
23	מ	<i>mem</i>	M	40, 600	م	<i>mim</i>	40
24	נ	<i>nun</i>	N	50, 700	ن	<i>nün</i>	50
25	ס	<i>samekh</i>	S	60	س	<i>sîn</i>	60 [300]
26	ע	<i>ayin</i>	O	70	ع	<i>äyn</i>	70
27	פ	<i>pe</i>	P	80, 800	ف	<i>fa</i>	80
28	צ	<i>tzaddi</i>	Tz	90, 900	ص	<i>šäd</i>	90 [60]
29	ק	<i>qoph</i>	(K soft)	100	ق	<i>qäf</i>	100
30	ר	<i>resh</i>	R	200	ر	<i>rä</i>	200
31	ש	<i>shin</i>	Sh	300	ش	<i>shim</i>	300 [1000]
32	ת	<i>tau</i>	(T soft)	400	ت	<i>tä</i>	400
32 bis	ת	<i>tau</i>	[T soft]	400			
31 bis	ש	<i>shin</i>	[Sh]	300			
					LII, 14		CLXXXIV, 37



Com todas tais palavras, é da máxima importância que nunca sejam pronunciadas até o momento supremo; e mesmo assim, elas deveriam irromper o Magista quase a despeito dele mesmo – tão grande deveria ser sua relutância³³⁷ em pronuncia-las. De fato elas deveriam ser a voz do Deus nele, no primeiro instante da possessão divina. Pronunciadas desta forma, elas não podem deixar de ter efeito, visto que elas se tornam o efeito.

Todo Magista precavido terá construído (de acordo com os princípios da Sagrada Qabalah) muitas dessas palavras, ele deveria ter quintessencializado todas em Uma só Palavra, a qual última Palavra, uma vez ele tenha formulado, não deve jamais pronunciar conscientemente nem sequer em pensamentos, até, talvez, quando ele a pronuncia com seu derradeiro alento. **Realmente, uma tal Palavra deveria ser tão potente que, o homem não possa ouvi-la e ainda permanecer vivo.**

0	48	49	50	51	52	53	54
KEY SCALE	THE GREEK ALPHABET	(GREEK ALPHABET NAMES)	GREEK ALPHABET NUMERATION	THE COPTIC ALPHABET	(COPTIC ALPHABET NAMES)	(COPTIC ALPHABET NUMERATION)	(COPTIC "POWERS")
1	[ϸ]	stigma	[31]	ϸ	sou	6	st
2	{σ Σ}	sigma	200	Ϡ	gima		sz
3				ϡ	ti		tt
4	{σ Σ}	sigma		Ϣ	hêta	8	æ
5	{φ Φ}	phi	500	ϣ	phi	500	ph
6	ω Ω	omega	800	Ϥ	ô	800	ôô
7	{ε Ε}	epsilon		ϥ	ei	5	e
8				Ϧ	fai	90	v. f.
9	χ Χ	chi	600	ϧ	janjia		j
10	λ	sampi	900	Ϩ	sêmma	200	s. ss.
11	α Α	alpha	1	ϩ	alpha	1	a â
12	β Β	beta	2	ϩ	bêta	2	b
13	γ Γ	gamma	3	ϩ	gamma	3	g
14	δ Δ	delta	4	ϩ	dalda	4	d
15	ε Ε	epsilon	5	ϩ	hori		h
16	Ϝ Ϟ	digamma	6	ϩ	he	400	μ
17	ζ Ζ	zeta	7	ϩ	zêta	7	z
18	η Η	eta	8	ϩ	hei		ch
19	θ Θ	theta	9	ϩ	thêta	9	th
20	ι Ι	iota	10	ϩ	yôta	10	i. y. ee.
21	κ Κ	kappa	20	ϩ	kappa	20	k
22	λ Λ	lambda	30	ϩ	lauda	30	l
23	μ Μ	mu	40	ϩ	mê	40	m
24	ν Ν	nu	50	ϩ	ne	50	n
25	ξ Ξ {σ Σ}	xi sigma	60	ϩ	ksi	60	x
26	ο Ο	omicron	70	ϩ	ow	70	o
27	π Π	pi	80	ϩ	pi	80	p
28	ψ Ψ	psi	700	ϩ	psi	700	ps
29	ϱ	koppa	90	ϩ	khi	600	q
30	ρ Ρ	rho	100	ϩ	rô	100	r
31	λ	sampi	900	ϩ	shai	900	sh
32	τ Τ	tau	300	ϩ	taw	300	t
32 bis	υ Υ	upsilon	400				
31 bis							
	LIII, 14		CLXXXV, 37	LI, 14			

³³⁶ Nota de *Frater* O.M.: Representa a descida de uma certa influência. Veja a "Evocação de Taphtatharath" no *The Equinox* I(3). As atribuições são dadas no 777. Esta palavra expressa a corrente *Kether-Beth-Binah-Cheth-Geburah-Men-Hod-Shin-Malkuth*, a descida de 1 a 10 através do Pilar da Severidade.

³³⁷ Nota de *Frater* O.M.: Esta relutância é Freudiana, devido ao poder que estas palavras têm de despertar a libido subconsciente reprimida



Uma Palavra assim era, realmente, o Tetragrammaton perdido.³³⁸ É alegado que na pronúncia deste nome o Universo desaba em dissolução. **Que o Magista busque ardentemente esta Palavra Perdida, pois sua pronúncia é o sinônimo da consecução da Grande Obra.**³³⁹

Neste assunto da eficácia de palavras há novamente duas fórmulas de natureza extremamente oposta. Uma palavra pode se tornar potente e terrível em virtude de repetições constantes. **No princípio a asserção “Tal e tal é Deus” não desperta interesse. Persista, e você encontrará escárnio e ceticismo, possivelmente, perseguição. Persista, e a controvérsia se torna tão familiar que ninguém mais se preocupa em contradizer sua asserção.**

Nenhuma superstição é tão perigosa e tão viva quanto uma superstição explodida. Os jornais de hoje em dia (escritos e editados quase exclusivamente por homens sem nenhuma centelha de religião ou moralidade) não ousam sugerir que qualquer pessoa descreia no culto oficial prevalente; eles deploram o ateísmo – quase universal na prática e implícito na teoria de quase todas as pessoas com inteligência – como se fosse excentricidade de algumas poucas pessoas inconvenientes ou desagradáveis. Esta é a história ordinária da propaganda: o que é falso tem exatamente a mesma chance que o que é real. Persistência é a única qualidade requerida para o sucesso.

A fórmula oposta é a do segredo. Uma idéia é perpetuada porque não deve nunca ser mencionada. Um Maçom nunca esquece as palavras secretas que lhe são confiadas, se bem que estas palavras, na maioria dos casos, não significam absolutamente nada para ele; o único motivo porque ele se lembra delas é que foi-lhe proibido de menciona-las, se bem que elas têm sido repetidamente publicadas, e são tão acessíveis ao profano quanto ao iniciado.

Em uma obra prática de Magick, tal como a pregação de uma nova Lei, estes métodos podem ser vantajosamente combinados; de um lado infinita franqueza e presteza em comunicar todos os segredos; de outro lado a sublime e terrível certeza de que todos os segredos legítimos são incomunicáveis.³⁴⁰

De acordo com a tradição, é de certa vantagem, em conjurações, empregar mais que uma linguagem. Provavelmente o motivo é que qualquer mudança estimula a atenção oscilante. Um homem ocupado em intenso labor mental freqüentemente se interromperá e dará uma volta ao redor do aposento – podemos supor que por este motivo – mas é um sinal de fraqueza que isto seja necessário. Para o principiante em Magick, porém, é permissível³⁴¹ empregar quaisquer artifícios que assegurem o resultado.

Conjurações deveriam ser recitadas, não lidas;³⁴² e a cerimônia deveria ser tão perfeitamente executada que as pessoas não deveriam se tornar conscientes de qualquer esforço da memória. **A cerimônia deveria ser construída com tal fatalidade e lógica que um erro seria**

³³⁸ Nota de *Frater* O.M.: O MESTRE THERION recebeu esta Palavra; é comunicada por Ele aos devidos postulantes, no lugar e momento adequado, nas devidas circunstâncias.

³³⁹ Nota de *Frater* O.M.: Cada homem tem uma Grande Obra diversa, mesmo como quaisquer dois pontos da circunferência de um círculo não podem ser ligados ao centro pelo mesmo raio. A Palavra será correspondentemente única.

³⁴⁰ Nota de *Frater* O.M.: Não sendo desta maneira, a individualidade não seria inviolável. Nenhum homem pode comunicar sequer o mais simples pensamento a qualquer outro homem em um senso acurado e completo. Pois aquele pensamento é semeado em outro solo, e não pode produzir um efeito idêntico. Eu não posso colocar um pontinho vermelho sobre duas pinturas distintas sem altera-las de maneira diversa. Poderia ter pouco efeito em um pôr-do-Sol por Tuner, mas muito em um noturno por Whistler. A identidade dos dois pontinhos, *qua* pontinhos, seria assim uma falácia.

³⁴¹ Nota de *Frater* O.M.: Isto não quer dizer que seja aconselhável! Quão vergonhosa é a fraqueza humana! Mas me encorajador – seria inútil nega-lo – quando nós somos derrubados por um Demônio de cuja existência estávamos em dúvida.

³⁴² Nota de *Frater* O.M.: Mesmo isto é para os irmãos mais fracos. O Grande Magista fala e age com espontaneidade e força.



impossível.³⁴³ O ego consciente do Magista deve ser destruído, absorvido naquele do Deus que ele invoca; e o processo não deveria interferir com o autômato que esta executando a cerimônia.

Mas este ego de que aqui falamos é o verdadeiro e ultimal ego. O autômato deveria possuir vontade, energia, inteligência, razão e resolução. Este autômato deveria ser o homem perfeito, muito mais do que qualquer outro homem pode ser. É apenas o Ente divino dentro deste homem, um Ente tão acima da idéia de Vontade, ou de quaisquer outras qualidades, quanto o céu está acima da terra, que deveria se reabsorver naquela radiância ilimitável, da qual Ele é uma fagulha.³⁴⁴

A grande dificuldade para o Magista que trabalho só é se aperfeiçoar de tal maneira que estes múltiplos deveres do Ritual sejam adequadamente executados. A princípio ele verificará que a exaltação destrói a memória e paralisa os músculos. Isto é uma dificuldade primária do processo mágico, e pode apenas ser conquistada por prática e experiência.³⁴⁵

A fim de auxiliar a concentração, e aumentar o suprimento de energia, tem sido habitual que o Magista empregue assistentes ou colegas. É duvidoso se as óbvias vantagens deste plano contrabalançam a dificuldade de acharmos pessoas competentes,³⁴⁶ e a possibilidade de um conflito de vontade ou até mesmo de desentendimento no próprio Círculo. Em certa ocasião *FRATER PERDURABO* foi desobedecido por um assistente; se não fosse por Sua prontidão em usar a compulsão física da Espada, é provável que o Círculo tivesse sido quebrado. Tal como foi, felizmente, o incidente terminou sem um problema mais sério do que a destruição do culpado.

Porém, não há dúvidas de que uma assembléia de pessoas que realmente estejam em harmonia podem produzir um efeito com muito mais facilidade que um Magista trabalhando sozinho. A psicologia de “assembléias de Revivalismo” são conhecidas por quase todas as pessoas, e se bem que tais reuniões³⁴⁷ sejam dos mais sujos e mais degradados rituais de

³⁴³ Nota de *Frater* O.M.: Poesia realmente boa é facilmente memorizada, porque as idéias e os valores musicais correspondem a estrutura mental e sensória do homem.

[NOTA]: As três últimas notas de MESTRE THERION são de profundidade exuberantes no que diz respeito a conduta mágica do Magista. O Grande Magista – podendo se ler o Mestre Magista no sistema da O.T.O. – deveria ter seus resultados tão cientificamente estudados como um cientista aperfeiçoa sua tese de doutorado. Seria adequado que o principiante treinasse sua memória com boas poesias afim de se tornar Mestre de Si mesmo. Quando constituísse uma cerimônia para seus trabalhos pessoais, ele deveria estar com ela toda plantada em seu subconsciente para que, falasse, agisse e sentisse com firmeza e destreza dentro do Templo.

³⁴⁴ Nota de *Frater* O.M.: Isto é dito dos Trabalhos parciais, ou elementares de Magick. Este tratado é elementar; não podemos discutir Trabalhos mais avançados, como por exemplo, aqueles de “The Hermit of Æsopus Island”. [NOTA]: Veja nota de *Frater* Adynatha Amanaska de fim XXIV.]

³⁴⁵ Nota de *Frater* O.M.: Veja *O Livro das Mentiras*; há diversos capítulos sobre este assunto. Mas a reta exaltação deveria produzir espontaneamente as reações mentais e físicas apropriadas. Tão cedo o desenvolvimento seja assegurado, haverá um ajustamento automático reflexo, exatamente como em assuntos normais a mente e o corpo respondem, com livre inconsciente correção, o chamado da Vontade.

³⁴⁶ Nota de *Frater* O.M.: O progressivo desenvolvimento orgânico da Magick no mundo, devido à Vontade Criadora do MESTRE THERION, torna mais fácil com cada ano que passa encontrar cooperadores cientificamente treinados.

³⁴⁷ Nota de *Frater* O.M.: Veja, para um relato de um cerimonial congressional retamente conduzido, *The Equinox* I(9), “[Liber 811] Entusiasmo Energizado” e *The Equinox* III(1), “[Liber 15] Ecclesiæ Gnosticæ Canon Missæ.” As “Assembléias de Revivalismo” aqui mencionadas eram deliberadas explorações de histeria religiosa.

[NOTA de *Shakta* Adynatha Amánaska, 947]: As assembléias de Revivalismo citadas por MESTRE THERION são o que hoje em dia conhecemos pelos nomes genéricos de “assembléias de Deus”, “movimento evangélico para revitalização espiritual” e etc. São inúmeras reuniões onde a histeria religiosa é explorada. Simples casos, pelo menos a vista para o Magista treinado, de indução psicológica.



magia negra,³⁴⁸ as leis da Magick não são suspensas por isto. **As leis da Magick são as leis da Natureza.**

³⁴⁸ Nota de S.H. *Shakta* Ádynátha Amánáska, 947: Aqui Crowley usou o termo *black magic* para expressar a diferença entre *magic* e *Magick*.





Amrit
Thelema, Yôga & Magick
www.amrit.com.br
MMVI era vulgaris



